UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas

PÉRICLES TESONE DE SOUZA

Jogo de Espelhos:
uma análise da visão geopolítica de Zbigniew Brzezinski sobre a Rússia
NÍVEL: MESTRADO

São Paulo
2017

PÉRICLES TESONE DE SOUZA

Jogo de Espelhos:
uma análise da visão geopolítica de Zbigniew Brzezinski sobre a Rússia

Dissertação apresentada à Faculdade de
Filosofia, Letras e Ciências Humanas da
Universidade de São Paulo para obtenção
do título de Mestre em História Social

Área de Concentração: História Social

Orientador: Prof. Dr. Angelo de Oliveira
Segrillo

São Paulo
2017

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS	p. 4
RESUMO	p. 5
ABSTRACT	p. 6
INTRODUÇÃO	p. 7
CAPÍTULO 1: A GEOPOLÍTICA COMO GRAMÁTICA BÁSICA PARA A WELTANSCHAUUNG BRZEZINSKIANA	p. 15
CAPÍTULO 2: BIOGRAFIA E TRAJETÓRIA PROFISSIONAL DE BRZEZINSKI.....	p. 53
CAPÍTULO 3: DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO POSICIONAMENTO TEÓRICO E POLÍTICO DE BRZEZINSKI, ESPECIALMENTE EM RELAÇÃO À RÚSSIA/URSS.....	p. 101
CAPÍTULO 4: BRZEZINSKI SOB O OLHAR CRÍTICO DA LITERATURA ESPECIALIZADA	p. 195
CONCLUSÃO	p. 221
FONTES E BIBLIOGRAFIA	p. 239

AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador, Prof. Dr. Angelo de Oliveira Segrillo, pela constante confiança, apoio e sugestões na elaboração deste projeto.

Aos membros convidados da banca examinadora, pela disponibilidade da partilha deste momento.

Aos meus pais, que sempre me apoiaram e me ajudaram a superar obstáculos e enfrentar novos desafios.

RESUMO

O presente trabalho se propõe a refletir acerca da trajetória e pensamento geopolítico e estratégico do acadêmico e analista político Zbigniew Brzezinski, incluindo o período em que atuou como Conselheiro de Segurança Nacional do presidente norte-americano Jimmy Carter entre 1977 e 1980. Como estrategista focado na política externa dos EUA, sobretudo em relação à Eurásia, ele teve durante toda a sua carreira um posicionamento muito intenso e controverso em relação à União Soviética e à Rússia, sobretudo baseado nas teorias geopolíticas clássicas de John. H. Mackinder e Nicholas J. Spykman. O enfoque deste estudo é relacionado às continuidades e mudanças em seu pensamento estratégico, principalmente buscando compreender melhor suas percepções sobre o papel e alinhamento político global da Rússia. Pretende-se, desta forma, aprofundar o entendimento e posicionamento de Brzezinski em relação ao pertencimento cultural e estratégico da Rússia na Eurásia e no mundo.

Palavras-chave: Zbigniew Brzezinski; Geopolítica; Estratégia; Eurásia; Rússia; União Soviética.

ABSTRACT

This paper aims to reflect on the geopolitical and strategic thought and trajectory of the academic and political strategist Zbigniew Brzezinski, including his period as National Security Advisor of North-American President Jimmy Carter between 1977 and 1980. As a strategist focused on the foreign policy of the USA, particularly regarding Eurasia, he had during his whole career some very intense and controversial positions regarding the Soviet Union and Russia, especially based on the classic geopolitical theories of John H. Mackinder and Nicholas J. Spykman. The focus of this study is related to the continuities and changes of his strategic thought, seeking mainly to better understand his perceptions on the role and global political alignment of Russia. It is intended therefore to elaborate on Brzezinski's understanding and positions regarding Russia's cultural and strategic belonging in Eurasia and the world.

Keywords: Zbigniew Brzezinski; Geopolitics; Strategy; Eurasia; Russia; Soviet Union.

INTRODUÇÃO

Após o fim da Guerra Fria e o colapso da União Soviética no início dos anos 1990, alguns líderes políticos e autores, como por exemplo Fukuyama (1992) e Trenin (2002), previam uma nova ordem mundial baseada em um mundo multipolar, o fim do conflito Leste-Oeste e a propagação da democracia e livre mercado como vetores de uma maior cooperação global. Algumas destas visões e explicações, contudo, mostraram-se ao menos em parte insuficientes com a chegada do novo milênio, quando alguns temas geopolíticos importantes envolvendo a Rússia voltaram à tona. Duas frases relativamente recentes ilustram bem a importância desses temas no mundo atual.

Em 2005 o presidente russo Vladimir Putin disse em uma declaração na televisão que o colapso da União Soviética foi um enorme desastre geopolítico do século: “The collapse of the Soviet Union was a major geopolitical disaster of the century”.¹ Ele ainda se referiu ao fato de uma significativa população russa ter ficado fora da Rússia, enfraquecendo a unidade nacional e dificultando a capacidade de se proteger essas populações no exterior. À época alguns alegaram um saudosismo de Putin pela URSS, embora ele também possa ter aludido à questão de ter ocorrido um deslocamento da hegemonia de uma potência eurásiana para um eixo de poder atlântico liderado pelos EUA. Pelo outro lado, no início de 2012,² o candidato à presidência dos EUA, Mitt Romney, em uma entrevista à emissora televisiva CNN declarou que a Rússia era o inimigo geopolítico número um dos EUA: “This [Russia] is without question our number one geopolitical foe”.³ Ao ser contestado pelo jornalista, ele acrescentou que o Irã e a Coreia do Norte eram as grandes ameaças de segurança que os

¹ http://archive.kremlin.ru/eng/speeches/2005/04/25/2031_type70029type82912_87086.shtml, acessado em 17/07/2015

² <http://www.telegraph.co.uk/news/worldnews/us-election/9168533/Mitt-Romney-Russia-is-Americas-number-one-geopolitical-foe.html>, acessado em 03/12/2014

³ <https://www.youtube.com/watch?v=5weGTPkaL7o>, acessado em 03/12/2014.

EUA enfrentavam, mas que a Rússia permanecia o grande oponente geopolítico aos interesses norte-americanos em questões globais, evidenciando um tipo de rivalidade mais estrutural. Apesar de ter sido contestado e até ridicularizado na época pela mídia e por seu opositor Barack Obama, suas declarações ganharam nova atenção recentemente, sobretudo após as ações russas na Crimeia no início de 2014,⁴ e os conflitos separatistas nas províncias ucranianas orientais de Donetsk e Lugansk ao longo de 2014.⁵

A continuidade da importância de uma análise da Rússia de um ponto de vista geopolítico no mundo atual passa pelo entendimento que mesmo após o colapso da URSS, a Rússia segue sendo um ator internacional de grande importância, por seu tamanho, sua população, sua economia rica em recursos naturais e seu forte poderio militar de alcance regional em grande parte da Eurásia, além de um protagonismo proeminente em diversas questões globais, principalmente com outros Estados eurasiáticos de seu interesse. Mesmo com um período de forte crise nos 1990 após o colapso da URSS, a alta no preço de insumos energéticos e a ascensão de um líder forte como Putin nos anos 2000 contribuíram para a implementação de uma política externa russa mais assertiva em questões políticas, militares e econômicas, em especial quanto a seus interesses nos Estados da CEI e do que costumou-se chamar de seu “exterior próximo”.

As declarações de Putin e Romney inserem-se claramente em um viés de cunho mais estrutural, que independe de eventos circunstanciais e influenciaria na definição de interesses econômicos e de segurança de longo prazo, aludindo a uma tradição braudeliana de *longue durée*.⁶ Alguns importantes autores geopolíticos clássicos da escola ocidental, como Alfred T. Mahan (1890), John H. Mackinder (1904; 1919; 1943)

⁴ <http://www.bbc.com/news/world-europe-26686949>, acessado em 03/12/2014.

⁵ <http://www.bbc.com/news/world-europe-27360146>, acessado em 03/12/2014.

⁶ BRAUDEL & MATTHEWS, 1982.

e Nicholas J. Spykman (1944) reconheceram e destacaram a importância da geografia como um elemento perene ou de mudança muito lenta, cuja estabilidade estrutural influenciaria no comportamento dos atores políticos e estatais no cenário internacional. Um dos fatores estruturais mais relevantes que esses autores clássicos identificaram foi o antagonismo entre poder marítimo e poder terrestre, que remontaria por exemplo à rivalidade entre Atenas e Esparta na Grécia Antiga, entre a Grécia liderada por Atenas e o Império Persa, o “Grande Jogo” entre Reino Unido e Rússia no século XIX, e a Guerra Fria entre EUA e URSS durante a segunda metade do século XX.

Esse conflito entre potências marítimas e potências terrestres pela hegemonia regional ou global ao longo da história foi um tema central para esses autores ao desenvolverem e formularem suas análises geopolíticas durante o final do século XIX e a primeira metade do século XX, ressaltando particularmente a grande importância da URSS/Rússia na Eurásia como uma forte potência terrestre central com capacidade de perturbar o equilíbrio de poder na região em seu favor e desta maneira ameaçar a hegemonia global das principais potências marítimas do período, ou seja, Reino Unido e EUA.

Após o fim da Segunda Guerra Mundial e com início da Guerra Fria entre os EUA e a União Soviética, um novo autor geopolítico da escola ocidental prosseguiu na mesma linha atlantista iniciada por Mahan, Mackinder e Spykman. Como influente pesquisador e analista acadêmico nas áreas de geopolítica e geoestratégia, Zbigniew Brzezinski pode ser considerado como um dos mais renomados autores geopolíticos do ocidente na história recente, tendo atuado durante o governo democrata do presidente dos EUA Jimmy Carter como Conselheiro de Segurança Nacional e contribuído na formulação de muitas políticas implementadas durante a Guerra Fria em oposição à URSS. Até pouco tempo antes de sua morte em 26 de maio de 2017, ele seguiu atuando

academicamente na formulação de análises geoestratégicas e possuiu relativa influência na área de política externa do governo democrata do presidente Barack Obama, continuando a oferecer, em particular, análises estratégicas nas relações com a Rússia na conjuntura contemporânea.

Assim, do mesmo modo que as análises de Mahan, Mackinder e Spykman foram muito importantes para se ajudar a compreender a Rússia/URSS de um ponto de vista geopolítico no final do século XIX e primeira metade do século XX, o pensamento geopolítico de Brzezinski também se torna fundamental para melhor compreender a URSS/Rússia na história recente do período da Guerra Fria até a atualidade pós-soviética. Embora tenha havido outros importantes estrategistas da escola realista das relações internacionais contemporâneas, como por exemplo, Henry Kissinger, uma das particularidades de Zbigniew Brzezinski era seu embasamento teórico, especificamente nas vertentes geopolítica de Mackinder e Spykman, que colocavam a Rússia em evidência como centro estratégico da Eurásia.

Por isso pretende-se partir de uma análise histórica da evolução da *Weltanschauung* brzezinskiana, centrada em suas análises em relação à URSS/Rússia, incluindo sua participação e atuação política como conselheiro no governo de Jimmy Carter nos anos 1970 e 1980, de modo a analisar sua importância e validade, suas modificações e adaptações ao longo do tempo, a visão de alguns outros pensadores geopolíticos sobre ele, além de suas réplicas a críticos e a pensadores de escolas geopolíticas divergentes. Com isso, pretende-se enriquecer a pesquisa sobre essa influente figura acadêmica e política que foi Brzezinski, verificar a relevância e atualidade de seu pensamento geopolítico frente a correntes alternativas, além da importância da Rússia nas abordagens mais amplas de suas análises, como um dos principais expoentes do poder terrestre na Eurásia.

Desta maneira, o foco e principal objetivo deste trabalho é analisar a evolução do pensamento geopolítico de Brzezinski em relação à URSS/Rússia, desde o período da Guerra Fria até a atualidade, mostrando também sua atuação, influência e importância ao longo deste período, além da relação de suas ideias com seus principais críticos, visões divergentes e como alguns outros pensadores o veem.

Pretende-se desta maneira iniciar a pesquisa pela biografia e carreira de Brzezinski. Expondo-se resumidamente sua biografia, tenciona-se destacar dentre outras coisas, sua origem polonesa, o fato de seu pai ter sido diplomata e tê-lo acompanhado quando pequeno durante a ascensão da Alemanha nazista e durante os expurgos de Stalin na URSS, até finalmente ter sido enviado para o Canadá, onde realizou sua formação e seu mestrado, e depois sua ida para os EUA para cursar doutorado em Harvard, onde posteriormente também se tornou professor. Tanto seu mestrado quanto seu doutorado se focaram em estudos sobre a União Soviética. Em 1958 ele se tornou cidadão estadunidense, e apesar de residido muito tempo no Canadá e possuir parentes lá, nunca se tornou cidadão canadense. Durante o período da Guerra Fria, ele continuou escrevendo obras sobre a URSS e a hegemonia e intervenções soviéticas sobre o Leste Europeu.

Ele foi conselheiro de John F. Kennedy na campanha presidencial de 1960, defendendo uma política de não-antagonismo com os governos do Leste Europeu. Percebendo a URSS como tendo entrado em um período de estagnação econômica e política, previu, na expansão de sua tese de mestrado, o futuro colapso soviético por divisões de nacionalidade. Seguiu defendendo políticas de *détente* com a URSS e políticas de não antagonismo após a Crise dos Mísseis de Cuba. Em 1964, apoiou a campanha de Lyndon Johnson, enquanto percebeu o fim da criatividade da liderança soviética após a queda de Khrushchev. Brzezinski continuou com seu apoio a uma

maior aproximação com os governos do Leste Europeu, enquanto advertia contra a visão de de Gaulle de uma “Europa do Atlântico aos Urais”. Inicialmente apoiou a Guerra do Vietnam e expôs sua influência no governo Johnson ao servir como membro do Conselho de Políticas de Planejamento do Departamento de Estado. Nos anos 1970 ele se tornou um forte crítico da *détente* de Nixon-Kissinger e do pacifismo do candidato democrata McGovern.

Jimmy Carter proclamou-se como um estudante ávido de Brzezinski, sendo que ele se tornou o principal conselheiro sobre política externa de Carter ao fim de 1975. Durante a campanha à presidência, ele se tornou um forte crítico da confiança de Nixon-Kissinger na política de *détente*, que, segundo ele, era vantajosa à União Soviética, favorecendo por sua vez o processo de Helsinki, que se centrava em direitos humanos, direito internacional e atuação pacífica no Leste Europeu. Assim, Brzezinski foi considerado uma alternativa democrata ao republicano Henry Kissinger. Após a vitória presidencial em 1976, Carter nomeou Brzezinski Conselheiro de Segurança Nacional, o que o tornou extremamente influente na formulação e condução da política externa de seu governo, contribuindo para a normalização das relações com a China continental, a continuação dos acordos SALT II de redução de armamentos com a URSS, o uso dos direitos humanos como forma de minar a influência da URSS, sobretudo no Leste Europeu, e o financiamento e armamento dos mujahidins no Afeganistão em resposta à intervenção militar soviética no país, além da perda do Irã como aliado estratégico, que se tornou uma República Islâmica antiocidental. Após sua saída do poder, ele prosseguiu atuando na área acadêmica publicando obras ao mesmo tempo que seu pensamento continuou influente nos governos que se seguiram.

Em relação a seu pensamento geopolítico, se tentará destacar a posição em relação à URSS e o conflito Leste-Oeste em suas primeiras obras, além das estratégias

dos EUA em relação à Rússia e a Eurásia em suas obras após o fim da Guerra Fria. No período da Guerra Fria, suas análises gerais se focavam no clássico confronto entre potências marítimas e terrestres, acrescentando-se a isso o confronto ideológico do capitalismo versus o socialismo. O mundo era bipolar e o ganho de um dos lados representava perda para o outro. Assim, a estratégia básica era próxima à explicitada por George Kennan (1947), com uma doutrina de contenção, evitando-se, sobretudo, a expansão territorial e de influência da URSS pela Eurásia e mantendo-se o equilíbrio de poder e dissuasão para evitar que a União Soviética expandisse seu poder e influência ao redor do mundo, especialmente na Eurásia.

Quanto a seu pensamento após a Guerra Fria, este expressa-se sobretudo em *The Grand Chessboard*, que se destaca como uma de suas obras de maior importância. Nela, Brzezinski descreve o triunfo dos EUA na Guerra Fria e como utilizar seu poder e influência para manter a Eurásia sobre controle. Segundo ele, pela primeira vez uma potência não-eurasiana havia emergido como um árbitro central das relações de poder eurásianas. Ele declara o propósito do livro como a formulação de uma abrangente e integrada geoestratégia eurásiana.⁷ Embora as configurações de poder tivessem se alterado drasticamente, Brzezinski seguiu com a concepção de Spykman de que a Eurásia ainda figurava como um megacontinente e que tomado em conjunto, seu poder ofuscava em muito o dos EUA.

⁷ BRZEZINZI, 1997.

CAPÍTULO 1: A GEOPOLÍTICA COMO GRAMÁTICA BÁSICA PARA A WELTANSCHAUUNG BRZEZINSKIANA.

1. Introdução

É possível afirmar que a *Weltanschauung* de Zbigniew Brzezinski sobre o sistema internacional compõe-se a partir do conjunto de uma série de fatores. Além de um alto grau de pragmatismo para adaptar-se e tratar da conjuntura presente de acordo com as circunstâncias de cada momento, ele também segue muitos conceitos e pressupostos teóricos do pensamento estabelecido pela escola realista das relações internacionais. Contudo, como particularidade própria, que o diferencia de outros agentes pragmáticos e autores realistas, como Henry Kissinger, por exemplo, ele também baseia sua *Weltanschauung* fortemente nas premissas estabelecidas pela geopolítica tradicional da escola anglo-saxônica, sobretudo nas ideias expostas pelo autor britânico Halford J. Mackinder e o autor americano Nicholas J. Spykman. Assim, de modo a melhor compreender a história e evolução de suas posições e análises geoestratégicas desde a Guerra Fria até a atualidade, faz-se necessário realizar primeiramente uma breve exposição das principais vertentes geopolíticas e seus respectivos pressupostos teóricos, com uma ênfase especial à corrente seguida por Brzezinski como sua base de análise.

2. Definição de Geopolítica

Primeiramente faz-se necessário uma breve definição do que é a geopolítica. É importante ressaltar-se a necessidade de cautela ao definir esse ramo do conhecimento humano, uma vez que este se tornou extremamente estigmatizado após seu uso por

intelectuais, formuladores e aplicadores de política de acordo com os interesses do terceiro *Reich* durante o período da Alemanha nazista.

O vocábulo “geopolítica” foi cunhado e expresso pela primeira vez nas obras do professor sueco de História e Ciência Política, Johan Rudolf Kjellén, um autor germanófilo e discípulo do geógrafo alemão Friedrich Ratzel, que foi um dos primeiros a estabelecer e tentar formular parâmetros para esta disciplina, ao analisar fatores geográficos importantes para o Estado, como o solo, a posição, o espaço. Além disso, o fato de a obra principal de Ratzel ser intitulada *Geografia Política*, e Kjellén ter cunhado o termo “geopolítica”, faz com que apareçam ainda mais dúvidas e imprecisões a respeito da definição deste campo de estudo.

Devido à multiplicidade de definições encontradas, foi escolhida para este trabalho a definição dada por Jorge E. Atencio em seu livro *¿Que es la Geopolítica?*, por ter sido considerada ao mesmo tempo sintética e explicativa, além de ter sido depurada pela análise de outras anteriores para se obter uma definição mais crítica e abrangente. Segundo Atencio:⁸

“Geopolítica é a ciência que estuda a influência dos fatores geográficos na vida e evolução dos Estados, a fim de extrair conclusões de caráter político. Guia o estadista na condução da política interna e externa do Estado e orientadora ao militar na preparação da defesa nacional e na condução estratégica. Ao facilitar a previsão do futuro mediante a consideração da relativa permanência da realidade geográfica, lhe permite deduzir a forma concordante com esta realidade em que se podem alcançar os objetivos e, como consequência, as medidas de condução política ou estratégica convenientes”.⁹

⁸ Definição proferida na Cátedra de Geopolítica da Escola Superior de Estudos da Universidade Nacional de Cuyo, 1964.

⁹ ATENCIO, 1965, p. 41.

Embora haja divergências sobre se a geopolítica se trata de uma ciência, o autor ressalta que todos concordam que esta é ao menos um apanhado de conhecimentos geográficos, que podem ser utilizados academicamente nas análises de cientistas políticos (por isso sendo muitas vezes considerada um ramo ou instrumento analítico da Ciência Política) ou pelos próprios atores políticos como um guia ou ferramenta da condução de suas políticas internas e externas. Ele ainda explica que esta difere da Geografia Política, que é um ramo da Ciência Geográfica, de uso e finalidade unicamente acadêmico e teórico, não sendo considerada diretamente como ferramenta estratégica prática pelos atores políticos, devido a esta buscar apenas compreender a situação política passada e presente das sociedades humanas em determinado território, através de pontos de vista estáticos. A geopolítica por outro lado, deve avaliar a dinâmica do sistema, a interação e reação de cada um dos atores em conjunto ou oposição aos demais e suas implicações para novas reformulações decisórias.

Ainda segundo o autor, os fatores geográficos apenas influenciam, e não determinam a ação política dos Estados, além da geopolítica ser um instrumento de orientação política entre muitos outros possíveis. Ela possui sua relevância devido ao fato das condições geográficas apresentarem uma maior estabilidade ao longo do tempo do que outras, como, por exemplo, as de ordem psicológica ou espiritual, aludindo-se de certa maneira a uma tradição braudeliana de *longue durée*.¹⁰ Devido a essa estabilidade, seria possível propor e arriscar previsões com uma maior segurança ao se tentar formular estratégias ou políticas de longo prazo, tão necessárias à ação política ou militar.

Como em uma partida de xadrez, onde existe a necessidade de se prever a ação do outro jogador para se tomar uma decisão que seja mais favorável, assim o é também

¹⁰ BRAUDEL & MATTHEWS, 1982.

na política e na estratégia, e para isso é preciso que se busquem regularidades e fatores mais ou menos estáveis a partir dos quais se possam deduzir e formular políticas e estratégias mais favoráveis a longo prazo. Como no caso do xadrez, analisa-se o formato do tabuleiro, a importância do centro, a regularidade de movimento e os raios de ação das peças em certas posições. Mas isso não significa que o uso deste instrumento de ação seja sempre infalível ou correto, mas que possui sua relevância na realização de análises e descartá-la totalmente também seria incorrer em um erro. Portanto a geopolítica deve ser levada em conta em conjunto com outros fatores na realização de análises, para que se atinjam entendimentos e previsões mais acuradas da realidade.

Por mais que na atualidade cresça a importância de meios imateriais e virtuais, os seres humanos ainda vivem em um mundo físico e, portanto, ainda permanecem sujeitos a certas limitações espaciais e materiais que podem influenciar no desenvolvimento e prosperidade dos povos ou em seu desaparecimento e extinção, dependendo das decisões tomadas e aplicadas por suas autoridades e lideranças. Um exemplo atual disso pode ser dado com referência às questões ambientais, que são globais e necessitam de uma ação política conjunta para serem abordadas e solucionadas eficazmente.

3. As Quatro Grandes Escolas da Geopolítica

A geopolítica pode ser dividida em quatro grandes vertentes principais, que surgiram e se desenvolveram em seus espaços geográficos de origem, sendo elas: a escola germânica; a escola francesa; a escola anglo-saxônica; e a escola russa neoeurasianista. A geopolítica como campo de estudos teve sua origem na geografia alemã no final do século XIX e início do século XX, sendo que se formou pouco tempo

depois uma resposta crítica por parte da geografia francesa. Aproximadamente no mesmo período, desenvolveu-se na Grã-Bretanha e nos EUA a geopolítica anglo-saxônica. Comparativamente, a mais recente a surgir e se desenvolver foi a escola russa, que se baseou em parte no pensamento civilizacional de autores eurasianistas do início do século XX e se apropriou em parte dos preceitos da geopolítica anglo-saxônica clássica, para formar, contudo, um pensamento geopolítico prático e estratégico que se coloca em oposição às recomendações dos autores anglo-saxônicos.

Desta forma, pretende-se apresentar uma breve exposição das ideias desenvolvidas por alguns dos principais autores de cada uma destas escolas. Como a geopolítica foi um campo de estudo que se originou primeiramente na Alemanha, a apresentação se iniciará com a exposição dos principais expoentes da escola germânica, começando com Friedrich Ratzel, seu discípulo Johan Rudolf Kjellén, posteriormente o General Karl Haushofer, e como exemplo de um autor mais recente da escola germânica, o austríaco Heinrich Jordis von Lohausen. Depois se passará à escola francesa, que se desenvolveu inicialmente em resposta à escola germânica, e cujas principais contribuições partiram dos geógrafos Paul Vidal de la Blache, Élisée Reclus e Jacques Ancel, passando mais recentemente pelos autores geopolíticos Yves Lacoste, François Thual e Aymeric Chauprade. A partir daí, será enfocada a escola anglo-saxônica, cerne da *Weltanschauung* brzezinskiana, cujos principais autores são Alfred Thayer Mahan, Halford John Mackinder e Nicholas John Spykman. E por fim, será apresentada a escola russa neoeurasianista, cujo principal expoente é Aleksandr Dugin, que em parte segue o pensamento de alguns autores russos emigrados da escola eurasianista clássica, do início do século XX, como Nikolai S. Trubetzkoi e P. N. Savitsky, e que, apesar de também seguir muitos conceitos similares aos da escola

anglo-saxônica, os enxerga a partir do ponto de vista russo, surgindo como contraponto ao pensamento geopolítico anglo-saxônico.

4. A Escola Geopolítica Germânica: o surgimento da disciplina

A área de geopolítica como uma disciplina acadêmica propriamente dita não teve sua origem entre os cientistas políticos, e sim a partir de geógrafos que se preocupavam com as implicações políticas da geografia. Na Alemanha alguns geógrafos concentraram-se no estudo de uma biogeografia, como por exemplo, Alexander von Humboldt e Friedrich Ratzel. Dentre esses dois, destaca-se sobretudo o autor alemão Friedrich Ratzel, que formulou os primeiros conceitos relacionados ao que ele denominou de uma geografia política, embora atualmente sua obra possa ser classificada como de geopolítica. Inicialmente com uma formação em zoologia e biologia, ele transformou-se posteriormente em geógrafo e aproveitou alguns conceitos biológicos, organicistas e da biogeografia em seus pressupostos na tentativa de relacionar a ação política com os fatores geográficos de um Estado, ao mesmo que tempo que procurou utilizar-se de diversos exemplos e referências históricas para fortalecer sua teoria e formular o que ele considerava como leis verificáveis na história do mundo.¹¹

A base da sistematização da área de estudo que ele desenvolvia partia, por exemplo, do pressuposto de que o Estado era como um organismo, profundamente ligado ao solo e ao território. O mesmo ocorre com as sociedades humanas, sendo que o Estado atua como mediador entre o solo e seu povo, dependendo de como definem seu “sentido espacial” (*Raumsinn*). Além disso, condições geográficas favoráveis ou desfavoráveis podem influenciar no desenvolvimento ou no atraso dos Estados. Com

¹¹ RATZEL, 1987, p. 10-11.

isso, de modo a sobreviver e possuir melhor acesso a matérias primas e outros recursos naturais, ele postulou uma lei segundo a qual existiria uma necessidade natural de os Estados se expandirem para além de suas fronteiras (*Grenzen*), buscando atingir o que ele definiu como um “espaço vital” (*Lebensraum*), capaz de satisfazer todas as necessidades de um Estado e seu povo. Ele também estabeleceu uma diferença entre a geografia política que fosse usada para análises estratégicas internas daquelas que fossem utilizadas para as análises externas dos Estados. Em relação à sua concepção interna, ele adotou o conceito de “espaço” (*Raum*), enquanto que em sua concepção externa, foi designado conceito de “posição” (*Lage*).¹²

No caso interno se concentrariam as análises de como o Estado deve aumentar a integração e circulação dentro de seu território, ou seja, como facilitar a circulação de pessoas, bens e mercadorias, em detrimento de dificuldades geográficas como distância, relevo, hidrografia, terreno, entre outros. Também mostra como se deve explorar e extrair os recursos naturais do território e transportá-los da origem ao destino com maior eficiência, além de formular políticas de defesa e segurança de recursos, locais e bases estratégicas, dependendo de sua posição dentro do território.¹³

Na sua concepção externa, definiria a posição de um determinado Estado com relação aos demais, definindo-se sua capacidade de poder e influência, sua liberdade de ação no sistema, sua facilidade de acesso a mercados e recursos que não se encontram sob sua soberania. Isso faria com que os Estados tivessem a necessidade constante de se expandirem,¹⁴ o que naturalmente pode ser realizado de diferentes maneiras, mas a mais comum, principalmente no período de Ratzel, seria através da conquista direta e

¹² RATZEL, 1987.

¹³ Ibid., p. 109-111.

¹⁴ Ibid., p. 119-125

colonização de territórios por meio da guerra.¹⁵ Ele também se aproveitou do conceito de poder marítimo do geoestrategista norte-americano Alfred T. Mahan, escrevendo sobre as aspirações da Alemanha em possuir um grande alcance naval, e concordando com a ideia de que ao contrário do poder terrestre, o poder marítimo seria autossustentável uma vez que o lucro do comércio financiaria a marinha mercante e naval.¹⁶

Como seu discípulo, Kjellén adotou muitos das concepções de Ratzel, enfatizando fortemente a natureza orgânica do Estado, a necessidade de expansão e busca de seu espaço vital para atingir uma autossuficiência política e econômica. Na principal obra de Kjellén, *O Estado como Forma de Vida*, ele delineia cinco conceitos que dariam forma à *Geopolitik* alemã, quais sejam: *Reich* era um conceito territorial consistindo de *Raum* (entendido como *Lebensraum*) e formato estratégico militar; *Volk* era uma concepção racial do Estado; *Haushalt* (Lar) era um chamado à autarquia baseado na terra, formulado em reação às vicissitudes dos mercados internacionais; *Gesellschaft* (sociedade) era o aspecto social da organização e do apelo cultural de uma nação; *Regierung* (governo) era a forma de governo cuja burocracia e exército contribuiriam para a pacificação e coordenação do povo. Ele também desenvolveu os conceitos das três principais características de um Estado como *Topopolitik*, *Physiopolitik* e *Morphopolitik*, sendo que os dois primeiros correspondem às noções de *Lage* e *Raum* estabelecidas por Ratzel, enquanto a última estaria ligada à forma e desenho do território de um Estado.¹⁷

Algumas das ideias geopolíticas desenvolvidas por Ratzel, Kjellén e Mackinder foram posteriormente aproveitadas e adotadas pelo General alemão Karl Haushofer, e

¹⁵ RATZEL, 1987, p. 92-94, p. 146-147.

¹⁶ Ibid., p. 173-187

¹⁷ KJELLÉN, 1917.

formaram o corpo prático e estratégico do que se convencionou chamar de *Geopolitik* alemã, que foi largamente utilizada na política externa alemã do período nazista, principalmente pela influência sobre seu aluno Rudolf Hess, que foi secretário de Hitler. Os cinco principais conceitos geopolíticos expressos por Haushofer utilizados pelo terceiro *Reich* foram: a ideia do Estado como uma entidade orgânica; a necessidade da busca de um espaço vital; o estabelecimento do Estado como uma autarquia autossuficiente; a existência de pan-regiões no mundo, ou seja, áreas de influência controladas e geridas por respectivas grandes potências; e a dicotomia entre potências marítimas e potências terrestres.¹⁸ Essa influência acadêmica sobre a política externa do Estado alemão sob o regime nazista fez com que a *Geopolitik* alemã se tornasse estigmatizada e marginalizada, sendo que após a Segunda Guerra Mundial poucos autores germânicos de expressão ousaram voltar a escrever sobre geopolítica, ao menos por meio deste vocábulo.

Dentre alguns dos relativamente poucos autores de origem germânica que procuraram abordar temas geopolíticos após a queda do nazismo, podem-se citar exemplos modernos como Heinz Brill e o General Heinrich Jordis von Lohausen. Sobre este último convém destacar que ele defende a constituição de um império europeu conservador e independente. De acordo com Lohausen, o sentido e a relação com o espaço, os povos e suas necessidades, assim como suas paixões, são os motores da história do mundo, sendo que nenhuma religião ou ideologia seria capaz de deter. Seriam constantes que escapam ao poder do globalismo e dos direitos humanos.¹⁹ Para Lohausen, uma potência europeia passaria pela união de uma grande comunidade de povos europeus no centro de um espaço continental que fosse de “Madrid a Vladivostok”, ou seja, através da construção de uma “grande Europa eurásiana”. Para

¹⁸ HAUSHOFER, 1934.

¹⁹ LOHAUSEN, 1985, p. 15-18

ele, a Alemanha desempenha um papel vital nesta missão, como mediadora e ponte entre a Rússia continental e a Europa marítima, assim como ocorreu com a aliança franco-germânica para a construção da união da Europa ocidental após a Segunda Guerra Mundial.²⁰

5. A Escola Geopolítica Francesa: uma resposta crítica à geopolítica alemã

Da mesma maneira que a geopolítica alemã, a francesa também se desenvolveu primariamente entre geógrafos, sendo que alguns dos principais representantes que podem ser citados são Paul Vidal de la Blache, Élisée Reclus, Camille Vallaux e Jacques Ancel. Esta, porém, surgiu em reação e crítica ao marcado determinismo da geopolítica alemã, contra-argumentando com o que se convencionou chamar de *possibilismo*, baseado em uma abordagem social da geografia e no princípio de espaços polimórficos que dependem de diversos fatores como a humanidade, cultura e ideias. Expresso originalmente por Vidal de la Blache, e adotado por muitos outros geógrafos e geopolíticos franceses, esse conceito buscava apontar os fatores geográficos como influentes, contudo não determinantes das ações políticas. Apesar de crítica em relação à geopolítica alemã, a concepção de Vidal foi muito influenciada pelo pensamento alemão, sobretudo de Ratzel, com quem Vidal tinha se encontrado na Alemanha. Além disso, a geografia francesa defende também que as evoluções geográficas e territoriais são produto das ações da humanidade e levam em consideração longos períodos de tempo em detrimento de eventos específicos.

Inspirado pelas obras de Vidal, este último elemento também foi amplamente utilizado pelo historiador Fernand Braudel, que empregou o conceito de *longue durée*, que diminuía a importância de eventos específicos em favor de elementos mais estáveis

²⁰ LOHAUSEN, 1985, p. 227-240.

e duradouros, e utilizava-se de uma visão mais ampla com *insights* de outras ciências sociais.²¹ Reclus, considerado um dos fundadores da geopolítica francesa, de forma semelhante a Ratzel, considera a geografia por meio de uma visão global. Ele, no entanto, em completa oposição a Ratzel, defende que a geografia não é algo imutável, supondo que esta evolui concomitantemente ao desenvolvimento da humanidade.²² Destaca-se sua frase no exergo de seu livro *L'Homme et la Terre*: “A geografia não é outra coisa que a história no espaço, assim como a história é a geografia no tempo”.²³ O geógrafo e geopolítico Jacques Ancel também é tido como um dos primeiros teóricos da geopolítica francesa, tendo proferido diversas palestras e publicado o livro *Géopolitique* em 1936. Ele também rejeitava as visões deterministas da geopolítica alemã, incluindo as doutrinas de Haushofer.²⁴

Apesar de suas claras diferenças e críticas, devido à notada influência e associação da *Geopolitik* alemã com o pensamento geopolítico francês, este campo de estudos ficou marginalizado nos trabalhos acadêmicos por vários anos. Foi apenas por volta da segunda metade dos anos 1970 que o geógrafo Yves Lacoste, inspirado diretamente por Ancel, Braudel, e Vidal de la Blache, escreveu seu famoso livro *A Geografia - Isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra*, em 1976. No fim dos anos 1980 ele fundou o Instituto Francês de geopolítica, que publica a revista *Heródote*, focada em artigos relacionados à geopolítica. Embora rejeite generalizações e abstrações amplas empregadas pelas tradições alemãs e anglo-saxônicas, ele também defende a dimensão espacial dos assuntos geopolíticos, enfatizando a importância da utilização de mapas em múltiplos níveis de análise. Ele propôs que todos os conflitos (locais ou globais) podem ser considerados a partir de uma perspectiva baseada em três

²¹ BRAUDEL, 1949, 1977.

²² RECLUS, 1885, 1905.

²³ Id., 1905, exergo.

²⁴ ANCEL, 1936.

pressupostos, quais sejam: a *representação*, em que cada indivíduo ou grupo é o produto de uma educação e se caracteriza por representações específicas do mundo ou outros grupos e indivíduos, fazendo com que crenças sociais básicas fundamentam-se em etnia ou localização, conectando-se com a obra de Henri Lefebvre; a *diacronia*, com a análise histórica comparando longos períodos e curtos períodos, conforme a tradição braudeliana; e a *diatopia*, ou seja, a condução de pesquisas cartográficas por meio de mapeamentos em múltiplas escalas. Muitas de suas obras focam-se em uma geopolítica do subdesenvolvimento e terceiro-mundista, além da questão pós-colonial.²⁵

Por outro lado, uma vertente mais conservadora é defendida por François Thual, um especialista em geopolítica e ex-oficial do Ministério de Defesa Civil. Ele lecionou sobre a geopolítica das religiões e escreveu diversos livros sobre o método geopolítico e sua aplicação à várias partes do mundo. Ele possui interesse sobretudo nas religiões ortodoxa, xiita e budista e em regiões conflituosas, como o Cáucaso. Em uma linha semelhante, Aymeric Chauprade, um discípulo de Thual e membro do partido de extrema direita *Front National*, propõe uma nova escola francesa de geopolítica que advoga um retorno de conceitos pragmáticos, como a Realpolitik e elementos civilizacionais, como o “choque de civilizações”, de maneira semelhante à proposta por Samuel Huntington. Ele exprime seu apoio a uma Europa das nações, defendendo uma União Europeia sem a participação da Turquia e uma situação de entendimento e acordo com a Rússia na forma de uma aliança eurásiana, apoiando a ideia de um mundo multipolar, incluindo relações de equilíbrio entre a China e os EUA.²⁶

6. A Escola Geopolítica Anglo-Saxônica: o poder marítimo

²⁵ LACOSTE, 1988.

²⁶ CHAUPRADE, 2007.

A escola geopolítica anglo-saxônica tem como alguns de seus principais expoentes os autores Alfred Mahan, Halford Mackinder e Nicholas Spykman. Segundo Mello, Brzezinski é o sucessor e herdeiro direto desta escola, ao atuar e analisar as condições geopolíticas da Guerra Fria e da atualidade.²⁷ E embora não existam referências diretas às fontes primárias nas obras de Brzezinski, sua visão geopolítica e estratégica inspira-se e alude claramente a conceitos-chave das obras de Mackinder e Spykman, como o *Heartland* e o *Rimland*.²⁸ Daí a importância de uma breve introdução aos principais autores desta escola geopolítica para melhor compreender sua influência na *Weltanschauung* brzezinskiana. Apesar de algumas variações, as interpretações de todos estes autores concentram-se principalmente na rivalidade entre poder terrestre e poder marítimo, e, em muito devido à origem e nacionalidade dos autores, preocupam-se, sobretudo com a manutenção da hegemonia do poder marítimo sobre o poder terrestre no sistema internacional.

6.1 A Geopolítica de Alfred Mahan: a influência do poder marítimo na história

O Almirante Alfred Thayer Mahan da marinha dos EUA, um historiador e analista de geoestratégia norte-americano, expunha frequentemente suas posições sobre assuntos diplomáticos e estratégicos navais, e defendia que a grandeza nacional de um Estado estava intrinsecamente associada com o mar, sobretudo em relação a seu uso comercial nos períodos de paz e seu controle durante as guerras. Seu arcabouço teórico geopolítico inspirou-se em Antoine-Henri Jomini, que enfatizava que localizações estratégicas, como gargalos, canais e postos avançados, assim como níveis quantificáveis de poder de combate naval eram cruciais para o controle dos mares.

²⁷ MELLO, 1999, p. 135

²⁸ Ibid., p. 137-139

Desta forma, ele propôs seis condições necessárias para uma nação ser uma potência marítima: uma posição geográfica vantajosa; litorais bem aproveitáveis, com recursos naturais abundantes e clima favorável; a extensão do território; uma população grande o suficiente para defender seu território; uma sociedade empreendedora comercialmente e com aptidão para o mar; e um governo com influência e inclinação para dominar o mar.²⁹

Como historiador, ele utilizava eventos históricos como lições das quais se pudessem extrair elementos teóricos gerais. Assim, as posições de Mahan se baseavam nas análises históricas dos conflitos do século XVII entre Holanda, Inglaterra, França e Espanha,³⁰ e das guerras navais do século XIX entre França e Inglaterra, em que a superioridade britânica superou a França e impediu a invasão e bloqueio napoleônico.³¹ Por outro lado, a ênfase da teoria de Mahan no poder marítimo como causa da ascensão da Inglaterra não levava em conta o papel da diplomacia e dos exércitos, sendo incapaz de explicar o sucesso de impérios terrestres, como a Alemanha de Bismarck. Contudo, como o bloqueio britânico ao Império Alemão foi responsável em parte pelo colapso alemão, suas teorias também foram utilizadas para explicar a Primeira Guerra Mundial. Ainda na conjuntura de seu tempo, Mahan apoiava uma retomada do Destino Manifesto através do imperialismo marítimo, como forma de assegurar a hegemonia dos EUA frente ao poderio naval britânico. Desta maneira, ele defendia que para garantir sua posição como potência marítima, os EUA deveriam adquirir bases defensivas no Caribe e no Pacífico, inclusive com a posse do Havaí, além da construção do canal do Panamá para permitir e facilitar aos EUA uma navegação interoceânica entre o Atlântico e o

²⁹ MAHAN, 1890, p. 14-42.

³⁰ Ibid.

³¹ Id., 1892.

Pacífico.³² Isso ocorreu em um período em que os EUA lançaram um grande programa de construção de navios de modo a colocar o país entre as três maiores potências navais do mundo por volta de 1900. Suas análises e teorias sobre o poder marítimo também influenciaram o governo do presidente dos EUA Theodore Roosevelt, estimulando uma série de políticas expansionistas e imperialistas no Caribe e no Pacífico.

6.2 A Geopolítica de Mackinder

O segundo dos três principais autores da escola geopolítica anglo-saxônica, e talvez o de maior importância entre os três, é o geógrafo britânico Halford Mackinder, um dos primeiros a formular uma teoria geopolítica concreta de cunho externo, baseada nas condições geográficas específicas do planeta Terra em conjunção com as necessidades e ações das sociedades presentes nesse espaço geográfico mundial.

Primeiramente convém dividir a evolução das teorias de Mackinder em três períodos históricos: um primeiro momento com o lançamento de suas ideias, em 1904; um segundo com a primeira revisão dessas ideias em 1919, após a 1ª Guerra Mundial; e a revisão final de suas teorias em 1943, durante a segunda metade do decorrer da 2ª Guerra Mundial.

6.2.1. 1904: O Pivô Geográfico da História

Em seu primeiro trabalho, intitulado *The Geographical Pivot of History* proferido na Real Sociedade Geográfica de Londres em 1904, Mackinder mostrou sua nova projeção cartográfica do mundo, que se opunha à clássica projeção eurocêntrica de Mercator, a qual centralizava e realçava com destaque o continente europeu no mundo.

³² MAHAN, 1890, p. 14-42.

Em sua projeção, ele conferiu à Europa o papel de uma península, um pequeno apêndice integrante do continente asiático. A partir daí, dividiu o mundo de uma maneira diferente da difundida pela ciência geográfica tradicional. Nessa estava arraigada a ideia de que o mundo possuía quatro oceanos (Atlântico, Pacífico, Índico e Ártico), seis continentes (Europa, Ásia, África, América, Austrália e Antártida) e inúmeros mares, penínsulas e arquipélagos anexos aos anteriores.³³

Segundo Mackinder, havia somente o Grande Oceano (*Great Ocean*), ou seja, um único conjunto de águas contínuas e integradas que recobriam três quartos do globo terrestre. Do um quarto restante, formado por terras emersas, quase dois terços (87 dos cerca de 150 milhões de km²) correspondiam aos continentes da Europa, Ásia e África que, na visão do geógrafo britânico, formavam um único grande continente. Para ele, essa grande aglomeração de terras, formada pela Eurásia-África, constituía uma grande Ilha Mundial, a qual ele denominou de *World Island*. O outro terço era formado pelas Américas (42 milhões km²), a Austrália (7 milhões km²) e a inabitada Antártida (13 milhões km²), que orbitavam ao redor da Ilha Mundial, e que ele denominou de *Outer* ou *Insular Crescent* (Crescente Externo ou Insular).³⁴

Com essa alteração da percepção de centralidade da Europa no mundo, desviando-a para a Ásia, Mackinder denotou que a Eurásia possuía um grande núcleo mediterrâneo, denominada Área-Pivô, e posteriormente *Heartland*, o coração continental da *World Island*, em torno do qual havia quatro grandes penínsulas: a Europa, O Oriente Médio, a Índia e a China. A essa região ele classificou de *Inner* ou *Marginal Crescent* (Crescente Interno ou Marginal). Então, com base nesta alteração de percepção geográfica, Mello divide a teoria de Mackinder em três conceitos principais que merecem ser destacados: o do mundo como um sistema político fechado, o da

³³ MACKINDER, 1904, p. 435.

³⁴ Ibid., p. 435.

causalidade geográfica da história e o da luta pela supremacia entre o poder marítimo e o poder terrestre.³⁵

6.2.2. O Mundo como Sistema Político Fechado

Quanto ao primeiro dos elementos, é preciso ressaltar que quando Mackinder proferiu sua conferência em 1904, a expansão das grandes potências europeias já havia sido praticamente concluída. Segundo o geógrafo, terminava assim a era denominada por ele de colombiana, iniciada há quatro séculos por dois movimentos expansionistas simultâneos a partir de pontos extremos da Europa: a ocidental, realizada inicialmente pelas potências europeias portuguesa e espanhola e posteriormente pelos ingleses, franceses e holandeses (esta expansão se deu com o périplo africano, com a procura por um caminho para as Índias e com a descoberta da América); e a expansão oriental, feita pelo Grão-Ducado de Moscou através dos Montes Urais, até os vastos e gélidos espaços pouco habitados da Sibéria (também chegando até o continente americano pelo Alasca). Embora pouco divulgada no Ocidente por ficar historicamente obscurecida pela epopeia das grandes navegações, a expansão russa em direção às estepes siberianas mostrou-se tão importante e inovadora quanto as descobertas da rota do Cabo e do Novo Mundo.³⁶

Assim, através do controle dos mares pelos europeus ocidentais e a posse da mais extensa massa territorial contínua do planeta pelos russos, essa dupla expansão definiu nos séculos seguintes a oposição oceanismo *versus* continentalismo e evidenciou o cenário do embate entre o poder marítimo e o poder terrestre pela hegemonia mundial.³⁷ E esse surto expansionista acabou ganhando um terceiro e último impulso no fim do século XIX, na África e na Ásia, completando a integração de todas as regiões

³⁵ MELLO, 1999, 27-40.

³⁶ MACKINDER, 1904, p. 421-422.

³⁷ Ibid.

do planeta numa sociedade internacional unificada. Isso levou a uma era pós-Colombiana, na qual todos os oceanos e continentes já haviam sido explorados. Conforme descrito por Aron: “No plano político, a sociedade internacional encontrava-se fragmentada num sistema interestatal anárquico e oligopolista e no plano econômico, estava integrada num mercado único de dimensão planetária”.³⁸ E com o auxílio dos novos e mais velozes meios de transporte, como o barco a vapor e a locomotiva, navegando e se locomovendo por canais interoceânicos e ferrovias transcontinentais, o mundo havia ficado bem menor, provocando uma interligação e interdependência política e econômica num grau e extensão nunca antes experimentados.

Em um sistema cujo cenário de ação era todo o planeta, acontecimentos isolados e eventos de repercussão localizada estavam se tornando cada vez mais raros. Ao contrário da era Colombiana, a partir de então uma crise ocorrida em regiões distantes poderiam provocar graves impactos no epicentro da ordem internacional. Nas palavras do próprio Mackinder:

De agora em diante, na era pós-Colombiana, novamente devemos nos defrontar com um sistema político fechado, e a sua esfera de ação será nada menos do que mundo inteiro. Todas as explosões de forças sociais que se produzam, em vez de se dissiparem num circuito circunvizinho de espaço desconhecido no qual dominam a barbárie e o caos, serão profundamente refletidas desde os mais distantes cantos do globo e, devido a isso, os fracos elementos do organismo político e econômico do mundo serão consequentemente estilhaçados.³⁹

Vistas na perspectiva atual, as concepções de Mackinder parecem simplesmente afirmar quase que uma obviedade, depois de duas guerras mundiais, do confronto Leste-Oeste e do advento da globalização. Mas o que atualmente é visto como uma constatação de senso comum, era em 1904 uma formulação arrojada e pioneira, que

³⁸ ARON, 1987, p. 18-34.

³⁹ MACKINDER, 1904, p. 422.

ultrapassava em muito a mentalidade eurocêntrica vigente na era Vitoriana. Portanto, Mackinder já antevira que o mundo não poderia mais ser tratado como vários sistemas políticos regionais e independentes uns dos outros, nos quais os eventos ocorridos no interior de cada um não surtiem efeitos que se propagavam até regiões mais distantes, permanecendo exclusivamente como efeitos locais. O planeta agora passaria a ser formado por um sistema internacional global e fortemente interdependente, no qual as ações e decisões dos atores mais influentes ou de um conjunto grande de atores reverberam no sistema como um todo.

6.2.3. A Causalidade Geográfica da História Universal

Essa segunda concepção-chave de Mackinder parte de uma visão materialista, unicausal e teleológica da história. Da mesma forma que Marx realiza sua análise baseada em um “determinismo econômico da história”, Mackinder faz o mesmo baseado em um “determinismo geográfico da história”, ou seja, tenta explicar o desenvolvimento histórico do ser humano através das limitações geográficas como causa direta e mais relevante, para não se dizer como uma das únicas. Marx procura mostrar em sua teoria como a história humana baseou-se na luta de classes, mas que devido às próprias contradições desse sistema econômico, levaria necessariamente à destruição das economias capitalistas avançadas e ao surgimento de uma sociedade comunista, formada pela revolução social proletária. De forma análoga, Mackinder divide sua história geográfica pré-determinada nas eras Colombiana e pós-Colombiana, sendo que na primeira, as vantagens de hegemonia permaneciam com o poder marítimo, enquanto que na segunda, as condições propiciariam a supremacia mundial ao poder terrestre.

Sobre os limites impostos às ações humanas pelos condicionamentos econômicos ou geográficos, encontram-se duas afirmações que expressam os pensamentos elementares de cada um dos autores sobre a questão. Na visão de Marx: “Os homens fazem sua própria história, mas não a fazem como querem, não a fazem sob circunstâncias de sua própria escolha, e sim sob aquelas diretamente encontradas, transmitidas e herdadas”.⁴⁰ E na visão de Mackinder: “É o homem e não a natureza que inicia, mas é a natureza que controla, em grande medida”.⁴¹

Portanto, o geógrafo britânico acreditava que a história das coletividades humanas estava fortemente condicionada pelos dados geográficos do meio ambiente, como o espaço, a posição, o relevo, o clima e os recursos naturais de um território, pois a geografia física era algo mais perene que outras características e que, embora tenha sofrido alterações devido às inovações tecnológicas, estas não foram radicais o suficiente para tornar o ser humano completamente independente das limitações geográficas.

De acordo com esse materialismo geográfico de Mackinder, países insulares ou que possuíam um alto grau de maritimidade estariam mais propensos a desenvolver uma vocação oceânica natural em seus cidadãos, quase que como os predestinando e impulsionando-os às atividades navais e mercantis. Poderiam dar-se como exemplo os fenícios e gregos na Antiguidade, assim como os portugueses, espanhóis, holandeses e ingleses na Era Moderna. E em oposição a isso, países mediterrâneos ou de formação predominantemente terrestre propiciariam uma vocação continental em seus habitantes, que os estimularia a desenvolver tendências expansionistas aos territórios adjacentes. Poderiam ser citados como exemplos os persas no Mundo Antigo, os germanos e os mongóis na Era Medieval, bem como os alemães e russos na Época Moderna. E entre

⁴⁰ MARX, 1869, p. 1.

⁴¹ MACKINDER, 1904, p. 422.

esses dois tipos de sociedades, estariam também países intermediários, que possuiriam um equilíbrio mais ou menos equitativo entre sua massa territorial e sua fachada litorânea, de modo a imprimir a tais povos um caráter híbrido ou anfíbio, podendo-se condicionar um desenvolvimento alternado ou concomitante de ambas as vocações. Neste grupo poderiam ser incluídos os cartagineses e romanos no Mundo Antigo, os bizantinos e sarracenos na Idade Média, bem como os franceses e norte-americanos na Era Contemporânea.

A partir dessas constatações, Mackinder receava que devido aos imensos avanços nas áreas do transporte e capacidade de mobilizações terrestres, o auge do poderio marítimo poderia estar chegando ao fim, sendo substituído pelo poder terrestre. A questão, segundo Mackinder, era que se o poder terrestre conseguisse desfrutar simultaneamente de uma sólida base continental e uma ampla frente oceânica, este poderia tender a se utilizar dos recursos disponíveis para se transformar também em um poder marítimo, sem, no entanto, querer abdicar de sua antiga vocação terrestre. E devido a essa nova adaptabilidade anfíbia, as potências terrestres ganhariam ascendência sobre as potências marítimas, iniciando uma nova era da hegemonia mundial. Essa constatação também adveio dos exemplos de que mais potências terrestres se transformaram em anfíbias, do que potências marítimas, em uma posição insular, conseguiram ascender à condição de potências terrestres. Ou seja, eram bem mais propícias as condições para o poder terrestre construir uma esquadra e lançar-se ao oceano a partir de sua plataforma continental, do que para o poder marítimo organizar um exército e lançar-se à terra a partir de sua base insular. Para Mackinder, essa transposição do poder mundial para as mãos das potências terrestres marcaria a passagem da era Colombiana para a era pós-Colombiana, evidenciando os traços da causalidade histórica em suas teorias.

6.2.4. A Rivalidade Oceanismo *versus* Continentalismo

O último conceito-chave das teorias geopolíticas de Mackinder é a já comentada rivalidade secular que haveria entre o poder marítimo e o poder terrestre. Na visão do geógrafo britânico, muitos dos processos históricos da humanidade poderiam ser interpretados à luz do antagonismo existente entre oceanismo *versus* continentalismo. Os exemplos históricos permitiam delinear um modelo dessa oposição, baseado nas duas concepções estratégicas mutuamente excludentes: a oceânica e a continental. As potências terrestres se utilizavam de sua posição central e de suas linhas interiores para se expandir em direção às regiões periféricas e conseguir saídas para os mares e oceanos. As potências marítimas, por outro lado, se apoiavam em suas posições insulares e linhas exteriores para também se expandirem, visando a dominar as regiões litorâneas e manter as potências terrestres encurraladas dentro dos limites de sua posição mediterrânea.

Conforme esse modelo, podem ser apresentados inúmeros exemplos. Na Antiguidade, as guerras greco-pérsicas representavam um confronto do poder naval grego contra o poder terrestre do império persa pelo controle do Mediterrâneo Oriental. Outro exemplo seria o da Guerra do Peloponeso, um embate entre o poder naval da liga de Delos, liderada pelos atenienses e o poder terrestre da liga do Peloponeso, liderada pelos espartanos. Na Época Moderna, a Guerra dos Sete Anos foi a confrontação entre a Inglaterra, uma potência naval e a França, uma potência continental por possessões coloniais. Com a vitória britânica em 1763, conquistando o Canadá e a Índia, a Inglaterra consolidou definitivamente sua posição de “rainha dos mares”. As guerras napoleônicas também são mais um exemplo do prolongado conflito entre a França continental e a Inglaterra insular. A primeira aspirava ao domínio do Velho Continente,

enquanto que para a segunda era indispensável a manutenção do equilíbrio de poder europeu como forma de manter sua preponderância marítima mundial. A vitória final do poder marítimo britânico deveu-se em grande parte, à aliança desta com a Rússia, outra grande potência terrestre, capaz de se opor à tentativa francesa de colocar todo o continente europeu sob seu domínio.⁴²

Além disso, durante todo o século XIX, a rivalidade anglo-russa representou um verdadeiro cabo-de-guerra entre o poder continental czarista e o poder marítimo britânico, que chegou a ficar conhecido como o *Big Game* (Grande Jogo). Operando através das bases interiores de sua posição central, a Rússia buscava romper seu isolamento geopolítico mediterrâneo e se expandir com o objetivo de conquistar saídas para os “mares quentes”. Mas a Inglaterra em oposição a isso, manobrava a partir de suas bases exteriores para expandir seus domínios por todas as regiões costeiras e ilhas da periferia eurásiana, vedando como podiam o acesso ao Mediterrâneo, Índico e Pacífico. Entretanto, na virada do século, esse conflito arrefeceu frente ao agravamento da rivalidade anglo-germânica, cujos antagonismos navais, comerciais e coloniais prenunciavam o confronto entre a grande potência marítima e a maior potência continental europeia. E esse embate foi ainda mais exacerbado após 1898, quando a Alemanha iniciou uma corrida armamentista naval que transformou a marinha germânica na segunda maior esquadra do planeta, superada apenas pela *Royal Navy*. E esse confronto anglo-germânico acabou sendo um dos principais desencadeadores da 1ª Guerra Mundial. Da mesma forma podem também ser incluídos nesses exemplos a 2ª Guerra Mundial e a Guerra Fria, sendo que esta última foi imortalizada na metáfora de Raymond Aron, da luta entre a baleia norte-americana contra o urso polar soviético.⁴³

⁴² MACKINDER, 1904, p. 436-437.

⁴³ ARON, 1986, p. 487-488.

Portanto são fartos e reiterados os exemplos da história antiga e recente que, devidamente analisados sob a ótica geográfica, poderiam fornecer uma sólida base factual e empírica em relação à oposição oceanismo *versus* continentalismo, postulada teoricamente pela fórmula elaborada por Mackinder.

6.2.5. 1919: A Zona-Tampão e o Cordão Sanitário Europeu

Após o fim da 1ª Guerra Mundial, Mackinder realizou uma primeira revisão de suas teorias, visando a tentar explicar a derrota do poder terrestre germânico, além de propor formas de se evitarem novas investidas dos poderes terrestres pela hegemonia mundial. Para ele, o erro estratégico alemão foi ter primeiramente atacado na frente ocidental e só depois na oriental. Se a Alemanha tivesse primeiro conquistado a Rússia, principal detentora do *Heartland* eurasiático, teria posse dos recursos materiais e humanos da região-pivô, ficando em condições de travar uma guerra prolongada e impor aos ingleses uma paz hegemônica cujo prêmio seria o controle virtual do continente europeu.⁴⁴ Segundo suas próprias palavras:

Tivesse a Alemanha escolhido ficar na defensiva em sua curta fronteira com a França e tivesse ela atirado sua força principal contra a Rússia, não é improvável que o mundo estivesse hoje nominalmente em paz, mas obscurecido por uma Europa Oriental alemã no comando de todo o *Heartland*. Os povos insulares britânico e americano não teriam percebido o perigo estratégico até que fosse tarde demais”.⁴⁵

Essa análise hipotética feita após a 1ª Guerra reforçou a convicção de Mackinder sobre os postulados básicos de sua teoria de superioridade do poder terrestre na era pós-Colombiana. Ele, em sua revisão teórica, apenas alterou um pouco sua percepção do

⁴⁴ MACKINDER, 1942, p. 105-106.

⁴⁵ Ibid., p. 106.

Heartland, que era uma concepção estratégica e, portanto, nunca teve limites geográficos rigorosamente definidos. Nessa revisão o *Heartland* passou a ter uma área ainda maior que sua *Pivot Area* original. Além da Sibéria, Mongólia, Tibete e Pérsia, o *Heartland* também passou a incorporar a Europa Oriental até as margens do rio Elba, ou seja, a parte oriental da Alemanha. Assim, o poder político-militar que conseguisse controlar todo o *Heartland*, fosse ele alemão ou russo, poderia utilizar os recursos do coração continental e desenvolver uma força naval nos portos de seus mares fechados, como os mares Báltico, Negro e Cáspio, a salvo dos ataques das potências insulares. Essa esquadra, respaldada por uma sólida base continental poderia se utilizar do mar do Norte que dispunha a Alemanha Ocidental para se consolidar como um poder anfíbio capaz de satelitizar as ilhas britânicas diante do imenso poderio terrestre da Eurásia.

A possibilidade dessa conjuntura adversa levou o geógrafo britânico a concluir que era essencial que a Inglaterra isolasse a Rússia e a Alemanha, impedindo uma aliança entre ambas ou a conquista de uma pela outra. Essa perspectiva foi sintetizada por Mackinder numa fórmula lapidar que se transformou em um axioma do pensamento geopolítico subsequente: “Quem domina a Europa Oriental, controla o *Heartland*; quem domina o *Heartland*, controla a *World Island*; quem domina a *World Island*, controla o mundo”.⁴⁶ Como assessor da diplomacia britânica durante as negociações de paz de Versalhes, Mackinder propôs a criação na Europa Oriental, de uma cadeia de Estados-tampão desde o mar Báltico até os mares Negro e Adriático, um cordão sanitário estratégico que tinha como função colocar uma barreira entre a Alemanha vencida e a recém-surgida União Soviética, para impedir uma futura aliança da potência terrestre situada no centro da Europa com aquela que detinha controle da região-pivô da Eurásia. Esses novos países surgiram do desmembramento dos quatro grandes impérios

⁴⁶ MACKINDER, 1942, p. 106.

destruídos pela guerra: russo, alemão, austríaco e turco. Aos sete países que compunham originalmente a área de contenção proposta por Mackinder (Polônia, Tchecoslováquia, Hungria, Iugoslávia, Bulgária, Romênia e Grécia), somaram-se depois os três Estados Bálticos (Estônia, Letônia e Lituânia) e a Finlândia. Mas infelizmente, esse cordão sanitário acabou se mostrando muito frágil para conseguir isolar a Rússia e a Alemanha, o que resultou na 2ª Guerra Mundial.

Portanto essa primeira revisão teórica não acrescentou muitas inovações, a não ser uma pequena alteração da percepção do autor sobre o tamanho do *Heartland*. Constituiu-se mais de uma série de propostas estratégicas práticas de ação contra os impulsos expansionistas das potências terrestres para a época, embora não tenha tido *a posteriori* bons resultados e tenham se mostrado como ações insuficientes para conter a ação do poder terrestre.

6.2.6. 1943: *Heartland* x *Midland Ocean*

Em 1943, quando os rumos da 2ª Guerra começavam a caminhar a favor dos aliados, Mackinder publicou na *Foreign Affairs* o artigo intitulado *The Round World and the Winning of Peace*, realizando um último balanço de sua teoria do poder terrestre. Nele o geógrafo fez novos adendos em sua teoria, modificando-a em alguns aspectos e corrigindo-a em outros, mas reafirmando veementemente a relevância e atualidade de seu conceito estratégico do *Heartland*.

Após o impacto da batalha de Stalingrado, da ruptura do cerco de Leningrado e da contraofensiva soviética na frente ocidental, Mackinder novamente expressou suas apreensões quanto às consequências da expansão do Estado-pivô soviético:

Considerando-se todas as coisas, é inevitável a conclusão de que se a União Soviética emergir desta guerra como conquistadora da

Alemanha, ela deve ser classificada como a maior potência terrestre do globo. Ademais, ela será a potência colocada estrategicamente na posição mais vantajosa do ponto de vista defensivo. O *Heartland* é a maior fortaleza natural do planeta. Pela primeira vez na história está guarnecida por uma força suficiente tanto em número quanto em qualidade.⁴⁷

No artigo, o *Heartland* teve seu tamanho reduzido em comparação com sua extensão espacial das obras anteriores. No sentido norte-sul, a região-pivô ainda se estendia das costas árticas aos desertos centro-asiáticos. A oeste, continuou englobando o vasto território entre os mares Báltico e Negro. Mas a leste, o coração continental sofreu uma grande amputação, sendo subtraído todo o território siberiano a leste do rio Ienissei. Enquanto a *Pivot Area* de 1904 abrangia 23 milhões de km², o *Heartland* de 1943 havia sido reduzido a 13 milhões de km². Entretanto, como foi dito anteriormente, o *Heartland* era essencialmente uma ideia estratégica, que englobava certos aspectos físicos fundamentais, mas sem delimitações geográficas rigorosamente definidas. A redução de seu perímetro espacial não modificou a natureza de suas características elementares: amplitude continental, topografia plana, isolamento mediterrâneo e alta concentração de recursos naturais, que favoreciam ampla capacidade defensiva e mobilidade do poder terrestre dominante no interior do coração continental eurasiático.

Em seu artigo, “o mundo redondo” também permitiu que ele fizesse importantes ajustes em sua teoria, ao substituir a visão plana do mapa-múndi pela do globo terrestre. Ao comparar a perspectiva entre as massas continentais e superfície líquida do planeta, Mackinder desenvolveu o conceito do *Midland Ocean*, que seria o equivalente marítimo do *Heartland*. Em termos descritivos, o conceito abarcava toda a bacia do Atlântico Norte, com seus mares subsidiários (Caribe, Báltico e Mediterrâneo), suas áreas insulares (Inglaterra, Islândia e Groenlândia) e suas regiões marginais (Europa

⁴⁷ MACKINDER, 1943, p. 201.

Ocidental e Leste da América do Norte).⁴⁸ Metaforicamente, o *Midland Ocean* é descrito por Mello como o outro rosto de Jano, o deus mitológico de dupla face: O Oceano Central seria o equivalente marítimo da Terra Central.⁴⁹

Vistas num globo esférico, ambas estavam situadas no hemisfério norte e circundadas por um extenso cinturão de areia e gelo, habitado por uma escassa população, começando no Saara, passando pelas regiões áridas e montanhosas da Arábia, Tibete e Mongólia, até atingir as áreas polares da Sibéria. Assim, essa última região deixava o *Heartland* para incorporar o arco envolvente das unidades continental e oceânica. Além disso, esse cinturão agia como uma zona-tampão entre o hemisfério norte e as regiões mais subdesenvolvidas do hemisfério sul, na qual estavam a oeste as grandes florestas tropicais da América do Sul e África, e a leste as vastas e superpopulosas regiões monçônicas da Índia e China.⁵⁰ Mackinder delineou sinteticamente da seguinte forma os contornos dessa nova descoberta:

Desta proposta segue meu segundo conceito geográfico, o do Midland Ocean – O Atlântico Norte – e seus mares dependentes e bacias fluviais. Sem aprofundar-me nos detalhes deste conceito, deixe-me ilustrá-lo novamente em seus três elementos – Uma cabeça de ponte na França, um aeródromo protegido na Inglaterra, e uma reserva de agricultura, indústrias e mão-de-obra treinada no leste dos EUA e Canadá. No que diz respeito ao potencial bélico, tanto os EUA quanto o Canadá são países atlânticos, e enquanto houver em vista a possibilidade de guerras terrestres, tanto a cabeça de ponte quanto o aeródromo protegido são essenciais para o poder anfíbio”.⁵¹

Com esses novos conceitos, o geógrafo antecipou teoricamente duas grandes disputas ideológicas do pós-2ª Guerra. A primeira foi a que aconteceu logo após a morte de Mackinder em 1947, quando teve início o conflito Leste-Oeste, ao se estruturarem os

⁴⁸ MACKINDER, 1942, p. 204-205.

⁴⁹ MELLO, 1999, p. 65

⁵⁰ MACKINDER, 1942, p. 202.

⁵¹ Ibid., p. 204.

novos blocos de poder em torno de seus dois grandes eixos: o *Midland Ocean* e o *Heartland*. E a segunda, quando o geógrafo estabeleceu a zona-tampão entre o hemisfério norte e o sul, que por sua separação e isolamento viria a estabelecer os antagonismos e disputas nas relações Norte-Sul. Logo, são inegáveis as contribuições geoestratégicas da teoria do geógrafo como base para a realização de análises geopolíticas, até mesmo na atualidade.

6.3. A Geopolítica de Nicholas Spykman

O terceiro autor da escola anglo-saxônica a ser apresentado é o geógrafo norte-americano Nicholas Spykman. Vivendo na complicada época do entreguerras, ele se via entre os antagonismos intelectuais das correntes do idealismo e realismo político das relações internacionais, além das oposições entre os defensores do isolacionismo e do intervencionismo na política externa dos EUA. Professor da Universidade de Yale, ele participou abertamente e posicionou-se sem ambiguidades sobre os temas em suas obras, situando-o claramente como adepto do realismo em relações internacionais e do intervencionismo em política externa norte-americana.⁵²

Para ele o sistema internacional é essencialmente anárquico e belicoso, carecendo de governo mundialmente centralizado, e no qual a força é exercida em caráter de livre-concorrência pelos Estados nacionais, considerados por ele os atores mais relevantes. No entanto, a ordem externa tem como contrapartida a ordem interna dos Estados, nos quais reina a força da lei, enquanto que externamente persiste a lei da força. E embora esse sistema seja anárquico, não é necessariamente caótico. Nele, a ordem é assegurada por um seleto grupo de grandes potências que, pela diplomacia ou pela força, controlam e subordinam as médias e pequenas potências, contrabalançando

⁵² SPYKMAN, 1944a, p. 3-7

em parte a anarquia internacional e conferindo alguma estabilidade e previsibilidade ao sistema. Além disso, para ele, poder compensado é poder neutralizado, enquanto que poder não compensado é excedente de poder que pode ser projetado livremente ao exterior. Por isso, além do poder necessário para garantir a ordem interna e a independência externa, o Estado deve buscar uma margem de poder excedente para ser utilizado na política externa, tendo em vista a obtenção da supremacia internacional ou ao menos uma melhor posição na hierarquia de poder.⁵³

6.3.1. A Geopolítica do *Rimland*

No que se refere à concepção geral das teorias geopolíticas, Spykman concorda com Mackinder sobre a ideia da unicidade da superfície líquida do planeta e a divisão da superfície terrestre em grandes blocos insulares formados por ilhas-continente. No entanto, para o geógrafo norte-americano, a abertura dos canais de Suez e Panamá dividiu as massas terrestres em cinco grandes ilhas continentais, sendo duas no hemisfério boreal (América do Norte e Eurásia) e três no austral (América do Sul, África e Austrália). Ele também aceitava a existência da região-pivô e os crescentes Marginal e Insular, com a diferença que ao invés da *World Island*, existiam duas ilhas continentais, a Eurásia e a África.

Mas sua maior inovação às teorias geopolíticas foi a introdução do conceito do *Rimland*. Circundando o *Heartland*, está o que Mackinder chamou de *Inner Crescent*, formado pela Europa, Oriente Médio, Índia e China. *Rimland* foi o termo que Spykman utilizou para substituir a noção de *Inner Crescent* e definir com maior precisão essas regiões costeiras, que se situavam entre o semicírculo marítimo que contornava o continente eurasiático e o anel desértico e montanhoso que as separava do *Heartland*. Em

⁵³ SPYKMAN, 1944a, p. 23-28, 431-433

virtude dessa região possuir um caráter anfíbio, o *Rimland* compunha-se essencialmente de uma zona-tampão entre o poder marítimo e o poder terrestre. Nas palavras de Spykman:

O *Rimland* da massa terrestre eurasiática deve ser visto como uma região intermediária situada entre o *Heartland* e os mares marginais. Ele funciona como uma vasta zona amortizadora no conflito entre o poder marítimo e o poder terrestre. Com vistas para ambas as direções, ele tem uma função anfíbia e deve defender-se em terra e no mar. No passado, ele teve de lutar contra o poder terrestre do *Heartland* e contra o poder marítimo das ilhas costeiras da Grã-Bretanha e do Japão. É na sua natureza anfíbia que está a base de seus problemas de segurança.⁵⁴

Como já foi mencionado, Mackinder sustentava que o avanço tecnológico dos transportes terrestres abriria a possibilidade de unificação e integração de toda a região central, que impulsionaria um crescimento demográfico e econômico siberiano, que por sua vez daria condições ao poder terrestre de conquistar a periferia eurasiática e construir um poder anfíbio capaz de vencer o poder marítimo. Spykman, no entanto, demonstra que a planície central siberiana não se transformara num polo de poder mundial, permanecendo a Rússia europeia o ecúmeno do poder terrestre soviético. E que seria difícil no curto e médio prazo o regime comunista conseguir integrar, explorar e transformar em poder perceptível as virtuais potencialidades da região-pivô da Eurásia.⁵⁵

Ele também duvidava da validade global do confronto entre poder terrestre e marítimo. Embora o conflito anglo-russo tenha sido um caso concreto desse antagonismo, Spykman aponta que nos dois últimos séculos, os três grandes conflitos europeus não foram casos desse tipo e sim, alianças entre Rússia e Inglaterra contra um terceiro poder ascendente, proveniente do *Rimland*, que pretendia dominar todo o

⁵⁴ SPYKMAN, 1944b, p. 43.

⁵⁵ Ibid., p. 38-40.

continente europeu, fosse a França napoleônica ou a Alemanha guilhermista ou hitlerista. Além disso, algo semelhante ocorria no Rimland asiático, na qual EUA e China forjaram uma aliança para impedir o domínio do Extremo Oriente por outro poder ascendente, o Japão. Portanto para Spykman, o perigo de unificação da Eurásia não provinha de um poder terrestre do *Heartland* e sim, de potências ascendentes do *Rimland* ou de uma das ilhas costeiras, como a Alemanha, França e Japão, que pretendiam unificar pela força a Europa ou a Ásia Oriental.

Assim, Spykman conclui sua análise geopolítica invertendo a célebre fórmula de Mackinder, a qual sintetizava os elementos básicos de sua teoria do poder terrestre:

Em outras palavras, nunca houve na realidade uma esquemática oposição de poder terrestre *versus* poder marítimo. O alinhamento histórico sempre foi de alguns membros do *Rimland* com a Grã-Bretanha contra outros membros do *Rimland* com a Rússia, ou então Grã-Bretanha e Rússia juntas contra um poder dominante do *Rimland*. O ditado de Mackinder ‘Quem controla a Europa Oriental domina o *Heartland*; quem controla o *Heartland*, domina a *World Island*; quem controla a *World Island* domina o mundo’ é falso. Se é para ter um *slogan* para a política de poder no Velho Mundo, este deve ser ‘Quem controla o *Rimland*, domina a Eurásia; quem domina a Eurásia controla os destinos do mundo’.⁵⁶

Mas durante a Guerra Fria, a confrontação Leste-Oeste assumiu novamente os contornos da rivalidade entre um império continental e um império insular, que procuravam conquistar satélites ou aliados nos países da periferia eurasiática, resultando em alguns conflitos e guerras por procuração nos países da fimbria asiática. Assim, as teorias de Mackinder pareciam ter-se novamente reafirmado sobre as de Spykman. Mas na verdade, a Guerra Fria tem feições de combinação e síntese dos principais aspectos das teorias do *Heartland* e do *Rimland*, numa situação intermediária já apontada por Spykman: os EUA com o apoio de alguns países do *Rimland*, contra a URSS, apoiada

⁵⁶ SPYKMAN, 1944b, p. 43.

por outros países do *Rimland*. Nem o clássico equilíbrio de poder regional, nem a típica oposição oceanismo *versus* continentalismo, mas um modelo misto que combinava os aspectos essenciais dos dois modelos anteriores, no qual o equilíbrio bipolar e regional de Spykman passava a ser mundial e o domínio do *Heartland* da fórmula de Mackinder cedia lugar ao controle do *Rimland* como centro nevrálgico da disputa americano-soviética.⁵⁷ Além disso a estratégia de segurança aplicada pelos EUA contra a URSS baseava-se nos princípios antagônicos de expansão-contenção. O primeiro caso (expansão) tratava da visão mackinderiana da tendência do expansionismo russo de pressionar e satelitizar os países da periferia eurásiana para finalmente atingir os mares quentes. O segundo (contenção) tratava do intervencionismo spykmaniano que advogava a presença de um poder anfíbio americano nas regiões marginais e ilhas costeiras eurásianas como único meio de manter os russos encurralados no interior do continente.

Concluindo, percebe-se que, embora Spykman seja muitas vezes caracterizado como um dos principais críticos de Mackinder, principalmente em relação à divergência sobre a importância do *Heartland* em relação ao *Rimland*, ele adota muitos dos elementos do arcabouço teórico introduzido inicialmente por Mackinder e apenas altera um pouco o foco de sua análise, readaptando-o e reinterpretando-o segundo suas próprias perspectivas. Spykman concedeu que Mackinder foi um dos primeiros a estudar em detalhe “as relações entre poder terrestre e marítimo em uma escala verdadeiramente global”,⁵⁸ reconhecendo sua importância e vanguarda sobre questões geopolíticas globais, de modo que sem a teorização prévia de Mackinder, ele próprio não teria como formular sua própria reinterpretação. Ambos também concordavam plenamente em um ponto crucial, o de que um desequilíbrio de poder na Eurásia poderia

⁵⁷ SPYKMAN, 1944b, p. 43.

⁵⁸ Ibid., p. 35.

ameaçar a segurança da Inglaterra e dos EUA. Mackinder certamente concordaria com a conclusão de Spykman em seu principal livro *The Geography of the Peace*, que “Os Estados Unidos devem reconhecer mais uma vez, e permanentemente, que a constelação de poder na Europa e na Ásia é algo de eterna preocupação para si, tanto em tempos de guerra quanto em tempos de paz”.⁵⁹ Isso permite afirmar que as duas abordagens não são necessariamente antagônicas, nem excludentes, como parecem à primeira vista, podendo até mesmo ser complementares, e por isso ambos ajudam a formar também o cerne do pensamento geopolítico de Brzezinski.

7. A Escola Geopolítica Russa

Entre os autores russos, a abordagem da geopolítica fora dos assuntos governamentais se iniciou por volta de 1920 entre russos emigrados que fizeram parte do movimento eurasianista, sendo considerado como o período do aparecimento da escola geopolítica russa. Alguns dos principais proponentes desta escola foram Nikolai Trubetzkoy e Pyotr N. Savitsky. O filósofo Georgi V. Florovsky inicialmente era um membro, mas se afastou declarando que o movimento “coloca as questões certa” porém “apresenta as respostas erradas”. Esse movimento político e filosófico se aproximava em parte do movimento eslavófilo que defendia que a Rússia era uma civilização própria, formada a partir da mistura de diversas outras como as europeias e asiáticas, porém não fazendo parte exclusivamente de nenhuma delas. Essa filosofia política também se baseava na multipolaridade de civilizações, anti-imperialismo, antimodernismo e em uma estrutura cultural da Rússia formada por elementos eslavos e de sociedades asiáticas iniciada com o período domínio mongol sobre a Rússia (nos séculos XIII-XV). Uma das mais importantes obras desse movimento, de Trubetzkoy,

⁵⁹ SPYKMAN, 1944b, p. 60.

intitulou-se *O Legado de Genghis Khan*. Eles disseram não à ideia de progresso linear, percebendo o desenvolvimento social como cíclico e não em termos capitalistas de desenvolvimento. Eles clamavam por uma economia orgânica e agrícola, não materialista, e por ideocracia (poder das ideias). Eles também disseram não à democracia, dando preferência à monarquia com apoio popular. Eles rejeitavam a noção de liberdade individual superficial e advogavam por responsabilidade social e liberdade espiritual interior. Eles também enxergavam estruturas eurásianas russas dentro do bolchevismo, contudo somente em uma forma muito perversa e ocidentalizada (marxismo).⁶⁰

Contudo, a escola geopolítica russa só se difundiu mais proeminentemente na academia e com respectiva influência nos círculos governamentais após o colapso da União Soviética. A partir de então diversas correntes se desenvolveram nessa escola, das quais algumas se destacam, como a ocidentalista, defendida sobretudo por Trenin (2002); a civilizacional, defendida por Zyuganov, que se assemelha ao conceito do “choque de civilizações”; e a mais influente atualmente na Rússia, a neoeurásianista, desenvolvida e defendida por Aleskandr Dugin, a qual merece um destaque especial por seu antagonismo à escola anglo-saxônica adotada por Brzezinski.

7.1. A Geopolítica Neoeurásianista de Aleksandr Dugin

O colapso da URSS, que provocou uma alteração drástica na distribuição do poder global e afetou enormemente o poder geopolítico da Rússia, fez com que emergisse também uma escola geopolítica russa, que se fundamentou por um lado nos mesmos conceitos trazidos pelos autores geopolíticos clássicos do espaço anglo-americano, e por outro lado em autores eslavófilos e eurásianistas do final do século

⁶⁰ DUGIN, 2014a, p. 10.

XIX e início do XX, que defendiam a Rússia como uma civilização própria e independente da europeia. Essa vertente geopolítica se designou como o neoeurasianismo, que é basicamente a aplicação dos mesmos conceitos das teorias geopolíticas ocidentais clássicas, porém vistas e reinterpretadas do ponto de vista de uma civilização russa eurasiática. Como o próprio Dugin escreve:

A geopolítica clássica (tanto a anglo-saxônica e a europeia) nos fornecem alguns elementos fundamentais para a construção de uma geopolítica russa. Contudo, neste caso um fator importante interfere, cuja significância é grande na física não-clássica (tanto para Einstein quanto para Bohr), mas ainda mais relevante na geopolítica: o sistema geopolítico depende da posição do observador e intérprete. Não basta concordar com as características que a geopolítica clássica atribui à Rússia; nós devemos aceitar essas características e enxergar nossa história e cultura como confirmação... Em uma palavra, nós devemos compreender a nós mesmos não como um observador neutro, mas como um observador inserido em um contexto histórico e espacial.⁶¹

Sua visão defende a existência de um mundo multipolar, acompanhada de um relativismo cultural, no qual existem diferentes tipos de civilizações, sem que nenhuma seja naturalmente melhor, mais avançada ou mais universal do que outras. Ele estabelece desta forma dois tipos principais de civilizações, formadas naturalmente a partir de suas posições geográficas predominantes, de modo que decorre disso o surgimento de um conflito estrutural perene entre as civilizações do mar (talassocracias) e as civilizações da terra (telurocracias), as quais são atualmente representadas e lideradas, respectivamente, por EUA e Rússia, em um antagonismo também denominado por Dugin de Atlantismo *versus* Eurasianismo.⁶² A Rússia, pertencendo ao grupo das telurocracias, é vista como a defensora dos valores tradicionais, de um Estado forte (expressão conhecida como *gosudarstvennost'* em russo) baseado no coletivismo e de um mundo multipolar e multicultural, fazendo frente às talassocracias que defendem

⁶¹ DUGIN, 2015, p. 3.

⁶² Id., 2014a, p. 11.

o liberalismo, o individualismo, a supremacia global e a imposição de um universalismo eurocêntrico sobre as demais culturas. A Rússia como principal líder desse tipo de civilização e defensora dos valores tradicionais, coletivistas e idealistas, possui uma missão de fazer frente à hegemonia dos EUA e mantê-los longe de suas áreas de influência na Eurásia, além de buscar alianças estratégicas com outros importantes atores eurásianos.⁶³ Dugin é atualmente o mais ilustre autor e atuante defensor desta corrente geopolítica na Rússia, tendo inclusive influenciado, em certa medida, a política externa da Rússia nos últimos anos.

8. A Gramática Básica da *Weltanschauung* Brzezinskiana frente a seu Espelho Neoeurásiano Russo

Concluindo, após esta breve introdução teórica dos principais autores clássicos do pensamento geopolítico, é possível reafirmar que a *Weltanschauung* brzezinskiana baseia-se fortemente na corrente realista das relações internacionais e na escola geopolítica anglo-saxônica, podendo ser considerado como o principal herdeiro do pensamento de Mackinder e Spykman. De modo geral, ele defende a responsabilidade da principal potência marítima da atualidade, os EUA, em administrar o equilíbrio de poder na Eurásia e manter sua influência hegemônica no mundo. Por outro lado, o neoeurásianismo de Dugin pode ser traçado como um espelho reverso da *Weltanschauung* brzezinskiana, sendo que cada um possui diferentes visões sobre o papel e missão da Rússia no mundo atual.

Apesar de se encontrarem posições antagônicas do mesmo espectro geopolítico, tanto Brzezinski quanto Dugin seguem os preceitos das teorias realistas das relações internacionais, muitas vezes também a partir de um realismo estrutural, além de

⁶³ DUGIN, 2015, p. 1-11.

partirem das mesmas premissas formuladas pelos autores geopolíticos clássicos, que também apresentam explicações estruturais, que deixam pouco espaço e margem de manobra para os agentes políticos. Contudo, em suas obras mais recentes, apesar de ainda basear suas análises no estruturalismo geopolítico e realista das relações internacionais, Brzezinski tem apresentado propostas que deixam uma maior possibilidade de *agency* na definição de estratégias de política externa, o que diverge de Dugin, que segue um estruturalismo mais rígido.

Enquanto Dugin acredita que a Rússia possui uma identidade cultural própria que inclui elementos europeus, eslavos e asiáticos (mas que é mais do que a simples soma das partes), e deve defender a diversidade cultural e um mundo multipolar, opondo-se ao universalismo e hegemonia do Ocidente devido ao antagonismo estrutural entre civilizações do mar e da terra, Brzezinski escreveu mais recentemente que o Ocidente deve se esforçar em convencer a Rússia a se tornar uma nação europeia e deve ser trazida e incluída no Ocidente para que este se fortaleça e contribua desta forma com o aumento da estabilidade e paz mundial.⁶⁴

Mesmo após os eventos recentes e desentendimentos em relação à Ucrânia, Brzezinski defende a possibilidade do fim dos antagonismos entre Rússia e EUA por meio de uma acomodação e possível posterior aproximação russa em direção ao Ocidente, dependendo da saída de Putin e sua elite política do poder e da ascensão de um líder mais pró-Ocidente. Essa mudança de posição mais recente de Brzezinski também aborda a interessante questão da evolução da visão acadêmica e pessoal de Brzezinski sobre a Rússia e sua identidade cultural e política, o que será tratado em maior ênfase e profundidade ao longo do próximo capítulo.

⁶⁴ BRZEZINSKI, 2012.

CAPÍTULO 2: BIOGRAFIA E TRAJETÓRIA PROFISSIONAL DE BRZEZINSKI

1. Introdução

Antes de analisar o pensamento teórico e a *Weltanschauung* de Brzezinski, faz-se necessário arrolar também uma breve biografia de sua vida pessoal e suas atividades profissionais. Por questões didáticas, pretende-se desta forma dividir esta biografia em cinco partes. A primeira parte abordará infância e juventude, procurando mostrar como suas origens polonesas e vivências em diferentes tipos de países contribuíram em parte para moldar sua visão de mundo. Em seguida será abordada sua vida pessoal e profissional até antes de sua atuação no governo dos EUA, mostrando sua formação acadêmica inicial, sua atuação e influência crescente na política externa norte-americana e um pouco de seus relacionamentos, casamentos e filhos. A terceira parte mostrará sua atuação no governo do presidente Jimmy Carter como conselheiro de segurança nacional, um dos períodos mais bem documentados e importantes de sua carreira, destacando sua importância na formulação e implementação de muitas das políticas adotadas durante este período. A quarta parte lidará com sua vida após a saída do poder, seu retorno aos círculos acadêmicos e a continuidade de sua influência e prestígio até o final da Guerra Fria. Por fim, a última parte apresentará sua atuação profissional no período do pós-Guerra Fria até o momento atual, sobretudo em algumas importantes instituições e *think tanks* em Washington D.C que lidam com análises e estudos estratégicos.

2. Infância e Juventude (1928-1945)

Apesar de ser uma figura de bastante renome e importância internacional, sobretudo por sua atuação direta no governo dos EUA entre o final dos anos 1970 e início da década de 1980, existem até hoje poucas obras que pesquisaram a fundo a biografia de Brzezinski, principalmente sua infância e juventude, havendo escassez de fontes, dados e informações disponíveis sobre este período de sua vida. Por isso para estes dois primeiros períodos de sua vida buscou-se utilizar, como fontes, memórias e lembranças expressas pelo próprio Brzezinski em entrevistas. Apesar de mostrarem impressões pessoais e emocionais sobre um passado algo distante, espera-se que os fatos e informações fornecidas nessas entrevistas e livros possam ajudar em parte a evidenciar e melhor compreender como sua origem e formação contribuíram para o estabelecimento de suas posições políticas e visão de mundo, especialmente em relação à Polônia e o Leste Europeu, à União Soviética e a Rússia, e aos EUA e o Ocidente em geral.

Zbigniew Kazimierz Brzezinski nasceu em 28 de março de 1928, em Varsóvia, na Polônia, filho de Leonia Roman Brzezińska e Tadeusz Brzeziński, e irmão de Lech Brzeziński. Existem poucas fontes oficiais e informações disponíveis sobre seus pais e seu irmão, algumas das quais serão explicitadas mais adiante. Sua família descendia de uma linha da *szlachta* (“nobreza”) originária da região da Galícia do leste da então Polônia, atualmente Lviv, na Ucrânia. Apesar do fato de que os privilégios da *szlachta* terem sido legalmente abolidos na Segunda República polonesa pela constituição de março de 1921, o próprio Brzezinski afirmou em uma entrevista que a noção de “nobreza na Polônia era um termo muito difundido”.⁶⁵ Seu pai atuou como voluntário no movimento de independência da Polônia e chegou a atuar em Lvov e lutar contra forças

⁶⁵ AL JAZEERA ENGLISH, 2010.

soviéticas na campanha final de Varsóvia em 1920.⁶⁶ Ele posteriormente entrou no serviço consular diplomático da nova república polonesa, servindo como membro do Ministério de Relações Exteriores da Polônia, durante o breve período entre guerras em que a Polônia foi um país soberano e independente do jugo de potências externas, como a Alemanha e a Rússia.

Em 1931 ele foi enviado como côsul-geral a Berlim, onde ficou até 1935, levando consigo sua família. Assim, em seus primeiros anos, Brzezinski e sua família vivenciaram a ascensão de Hitler e do regime nazista na Alemanha. Durante este período, enquanto esteve em serviço diplomático em Leipzig, seu pai Tadeusz envolveu-se com esforços de resgatar não apenas judeus poloneses, mas também judeus alemães de campos de concentração nazistas e ajudá-los a escapar do país emitindo passaportes poloneses, sendo que em 1978 ele recebeu uma carta de agradecimento do primeiro-ministro israelense Menachem Begin em reconhecimento a esses esforços.⁶⁷ Sobre as ações e o caráter de seu pai, Brzezinski comentou em uma entrevista a Charles Gati:

Não muito tempo atrás, eu recebi uma carta de uma mulher que vive perto de Washington, em Bethesda, Maryland. Ela começou dizendo, “eu tenho 93 anos e pretendia lhe escrever muito antes, mas eu o faço agora, antes de eu falecer. Eu quero que você saiba que seu pai [um côsul polonês na Alemanha, 1931-1935] salvou a mim e meu marido ao emitir a meu pai passaportes para a nossa família. Ele certificou que nós éramos cidadãos poloneses”. As ações de meu pai eram contrárias a seu status diplomático... Ele era uma pessoa profundamente liberal que se sentia ofendida pelas manifestações semifascistas de antissemitismo polonês. Quanto aos passaportes que ele emitiu, quando eu era criança eu na verdade não sabia que ele os estava emitindo. Eu fiquei sabendo porque o governo israelense deu-lhe reconhecimento e há alguns anos ele foi homenageado por seus feitos.⁶⁸

⁶⁶ ASSOCIATED PRESS NEWS, 1990.

⁶⁷ Ibid.

⁶⁸ GATI, 2013, p. 333.

Entre 1936 e 1938, seu pai foi enviado à Ucrânia, na União Soviética, exatamente durante o período dos Grandes Expurgos stalinista. Este breve período, entre os 7 e 10 anos de idade, foram os únicos anos que Brzezinski passou em sua terra natal com sua família, antes de se mudar definitivamente da Europa. Em uma entrevista a Aleksandra Ziolkowska-Boehm, Brzezinski descreve algumas de suas memórias deste período:

Minhas lembranças da Polônia são múltiplas. Eu era uma criança muito patriótica, e eu tinha muito orgulho do desenvolvimento do país. Agradou-me muito ver Gdynia [porto na baía de Gdańsk, no mar báltico e na região conhecida como corredor polonês, que dividia a Prússia Oriental do resto da Alemanha] ser construída do nada e sentia muito orgulho da Polônia ter um porto tão moderno... Eu me lembro do campo, do rio San em Przemyśl, onde eu costumava tomar banho, minha avó morava lá. Eu me lembro em particular dos desfiles militares anuais, especialmente os de 3 de maio e 11 de novembro. Eu tinha um orgulho enorme do exército polonês, eu gostava de vê-lo desfilar pelas ruas de Varsóvia, e como muitas pessoas da minha geração, eu tinha muita confiança em suas capacidades militares.⁶⁹

Em 1938, um ano antes da invasão da Polônia pela União Soviética e Alemanha, o pai de Brzezinski foi enviado como cônsul-geral a Montreal, e assim sua família mudou-se junto com ele para o Canadá, onde ele cresceu e estudou enquanto acompanhava de longe a Segunda Guerra Mundial e os destinos da Europa e de sua terra natal. Ele também mantinha um diário neste período e destacava sua preocupação com a guerra e o destino de seu país:

Eu seguia a guerra com interesse passional, intenso. Soubemos cedo na manhã de 3 de setembro, e daí em diante, seguimos os eventos da guerra diariamente. Então quando eu tinha 10 anos de idade, eu seguia os jornais religiosamente. Eu costumava ler os

⁶⁹ ZIOLKOWSKA-BOEHM, 2004.

despachos diários que meu pai trazia do escritório, em particular os despachos da PAT (Polska Agencja Telegraficzna). Eu visitava os quartéis militares em Windsor como convidado do general Duch que era um comandante polonês das recém formadas unidades na América do Norte, e quando eu olhei novamente as páginas do diário que eu mantinha quando criança me impressionei pelo fato de eu ter registrado não tanto o que eu ou meus irmãos ou meus pais faziam, mas o que aconteceu ou teria acontecido naquele dia específico levando em consideração os eventos da Segunda Guerra Mundial. Eu simplesmente registrava em meu próprio diário os eventos do dia e o que estava acontecendo nas frentes de batalha. Eu ficava especialmente fascinado pelo que estava acontecendo na Polônia e seguia com grande dedicação e senso de envolvimento pessoal as atividades do exército nacional.⁷⁰

Brzezinski ainda relata sobre seus sentimentos sobre a Polônia e o Canadá após o fim da guerra:

Eu me lembro vividamente do fim da guerra. Nós corremos para fora da escola e marchamos pela rua principal de Montreal. Todos estavam acenando com bandeiras, a maioria americanas, britânicas e soviéticas. Curiosamente naquele paroxismo de alegria, eu me senti essencialmente triste. Eu senti que a Polônia estava novamente ocupada, e antecipei uma celebração, eu apenas segui com a leva. Eu não tinha sentimentos de alegria. Com relação ao Canadá, eu não comecei a me sentir parte desta nação até depois do fim da guerra. A guerra me absorveu tão por inteiro que eu estava emocionalmente e intelectualmente envolvido em primeiro lugar com a Polônia. Foi depois de 1945 que eu comecei a me identificar com o Canadá, apreciar sua liberdade, suas enormes oportunidades, e a decência fundamental de seu povo e seu sistema.⁷¹

Como pode-se perceber, a Segunda Guerra Mundial impactou profundamente Brzezinski e sua maneira de enxergar o mundo, sobretudo devido aos eventos que afetaram e continuaram a afetar seu país natal após o fim da guerra, sendo que ele ainda chegou a comentar em outra entrevista:

⁷⁰ ZIOLKOWSKA-BOEHM, 2004.

⁷¹ Ibid.

Com a Segunda Guerra Mundial e o desaparecimento da Polônia, a extraordinária violência que foi perpetrada contra a Polônia realmente afetou minha percepção do mundo, e me sensibilizou bastante ao fato de que uma grande parte da política mundial é fundamentalmente feita de contendas.⁷²

Ainda sobre algumas das memórias de suas adaptações e vivências pessoais no Canadá durante e após a guerra, Brzezinski descreve ainda em outra entrevista:

Minhas primeiras experiências em Montreal foram associadas com nossa estada em St. Sulpice Road em Westmount e ter frequentado a Newman House School, uma escola preparatória de língua inglesa. Foi um novo desafio linguístico e cultural, embora eu possa dizer com orgulho, que logo me saí relativamente bem. Nós costumávamos ir para os Montes Laurentides no verão, vários lugares que eu não me lembro muito precisamente, mas o nome Val de Bois vem à mente, e algum lugar perto de St. Agathe, e finalmente meus pais me levaram no fim da Segunda Guerra Mundial a uma fazenda perto de Morin Heights. Eu considerava Montreal uma cidade muito bonita, embora conforme ficasse mais velho, também me conscientizei de seus aspectos mais provinciais. A comunidade de língua inglesa em Westmount era uma espécie de ilha, e a comunidade franco-canadense se encontrava relativamente distante. Foi somente através do fluxo de imigrantes do pós-guerra que a cidade adquiriu um caráter cosmopolita mais vivaz.⁷³

Desde o estabelecimento de sua família em Montreal até o final da guerra, de 1938 a 1945, ele viveu e estudou sem deixar de acompanhar os eventos violentos que definiriam o destino da Europa. Lá passou o final de sua infância e alguns anos de sua juventude, obtendo sua formação no ensino médio com 17 anos em 1945 no Colégio Loyola de Montreal, no mesmo ano do fim da guerra. A partir daí, entraria na faculdade e começaria a redefinir suas percepções de mundo, passando a adquirir um perfil mais internacionalista, mais focado nas grandes questões mundiais, e em particular, suas

⁷² AL JAZEERA ENGLISH, 2010.

⁷³ GRAVENOR, 2007.

preocupações e interesses com relação aos estudos e análises sobre a Guerra Fria e a União Soviética, seu regime, seu *modus operandi* e *Weltanschauung*, seus nacionalismos, e principalmente seus defeitos, fraquezas e inconsistências.

3. Vida Acadêmica e Pessoal (1945-1975)

Após o final da guerra e sua formatura de ensino médio no Colégio Loyola, Brzezinski ingressou logo em seguida na Universidade McGill em 1945, também em Montreal. Graduou-se e recebeu seu diploma de bacharelado em 1949 e logo em seguida, em 1950, também terminou e recebeu seu diploma de mestrado, escrevendo uma dissertação sobre *Nacionalismos Russo-Soviéticos*, na qual ele argumentou que a União Soviética não era uma entidade monolítica, e sim um caldeirão de nacionalidades conquistadas, consolidado brutalmente ao longo de séculos de expansão russa, algo que dificilmente conseguiria se sustentar por um período de tempo muito longo. Em uma entrevista com o correspondente em Washington Tang Yong, do periódico chinês *People's Daily*, Brzezinski comentou como em certa medida previu em sua dissertação de mestrado o possível futuro colapso da União Soviética devido aos conflitos e fragmentações nacionalistas internas. Tang Yong: “Você chegou a prever o colapso da União Soviética ao longo das linhas de nacionalidade em sua dissertação de mestrado... Como você conseguiu fazer uma previsão tão perspicaz?”. Brzezinski: “Essa não foi uma previsão muito difícil para mim uma vez que eu tinha plena consciência da importância da história... Eu senti que a União Soviética fingia ser um Estado unitário, mas na verdade era um império multinacional em meio à era do nacionalismo. Por isso a

União Soviética entraria em colapso. Posteriormente em minha vida eu me encontrei em uma posição capaz de advogar políticas designadas a acelerar esse processo”.⁷⁴

Foi a partir dessa época que ficou clara sua vocação para os estudos internacionais e seu interesse pela Rússia/União Soviética. Segundo suas próprias palavras:

O que eu diria é que minha experiência canadense, especialmente minha educação secundária e pós-secundária ajudou a me preparar para lançar uma carreira bem-sucedida nos Estados Unidos. Foi exatamente aqui, na Universidade McGill, que eu defini/desenvolvi meus interesses políticos e comecei a estudar a União Soviética. Foi onde eu encontrei um novo propósito na vida. Minha orientação mudou: passou a ser menos focada na Polônia e expandida para incluir questões internacionais, que eu fui achando cada vez mais cativante. Também o fato de Harvard ter recebido boas referências de McGill sobre mim foi de suma importância para minha direção futura.⁷⁵

Entretanto, ele ainda relata que inicialmente desejava ter estudado na Inglaterra e para depois seguir carreira diplomática no Canadá, mas a falta da cidadania canadense e outros fatores acabaram levando-o para Harvard e os EUA:

Quando eu estava estudando no Canadá, decidi ingressar no Serviço de Relações Canadense. Quando me formei na universidade McGill, planejava estudar na Inglaterra e até obtive uma bolsa da McGill para estudar lá. Eu, sem dúvida, teria voltado de lá para o Canadá e seguido a carreira diplomática. Contudo, no último minuto ocorreu que eu não ser cidadão canadense significava que eu não podia aproveitar a bolsa à qual tinha direito e tinha ganho. Em consequência, decidi estudar nos EUA e fui para Harvard. Daí em diante minha carreira subsequente, em certo sentido, tomou um novo rumo ditado em grande parte pelas enormes oportunidades que primeiramente Harvard e depois os EUA me ofereceram.⁷⁶

⁷⁴ YONG, 2006.

⁷⁵ ZIOLKOWSKA-BOEHM, 2004.

⁷⁶ Ibid.

Com esta oportunidade que surgiu para que estudasse em Harvard, deixou sua família no Canadá e se mudou para os EUA, onde novas portas foram se abrindo para ele. Lá, pôde iniciar em seguida seu programa de doutorado na Universidade Harvard em Cambridge, nos EUA. Em 1953, recebeu seu PhD em Ciência Política por Harvard, e começou a trabalhar como professor na mesma universidade. Contudo, em sua entrevista para Ziolkowska-Boehm, enfatiza a importância do Canadá em sua formação, sem esquecer-se da Polônia como sua terra natal e das consequentes vantagens e oportunidades oferecidas pelos EUA:

Você subestima a minha conexão com o Canadá. Realmente me tornei parte do Canadá, e pensei que o Canadá seria o meu segundo lar. Foi realmente uma questão do acaso que acabei indo para Harvard e vi as enormes oportunidades que se abriram para mim nos Estados Unidos. Eu me tornei ativamente envolvido na vida americana. Ademais, na medida em que sempre me interessei por questões internacionais, senti que me identificava cada vez mais com os Estados Unidos. Senti que a América tinha uma capacidade maior de influenciar as questões mundiais para fazer o bem, e desta maneira ajudar a moldar um sistema internacional mais justo que consequentemente também ajudaria a Polônia. Entretanto, desde o início sempre senti um profundo afeto pelo Canadá, e um senso de identificação com o país. A Polônia é o lar da minha juventude, a fonte da minha identidade histórica e cultural, mas o Canadá é o lugar onde pela primeira vez passei por um amadurecimento psicológico, onde formei minhas primeiras amizades maduras e tive minhas primeiras experiências românticas; é o lugar onde eu realmente cresci. E isso é algo muito precioso... Sou realmente um produto moldado pelos Estados Unidos, pelo Canadá e, em grande medida, pela Polónia.⁷⁷

A Harvard em que Brzezinski ingressou era um produto da Guerra Fria. Com as responsabilidades globais da Guerra Fria, os EUA se viram na urgente necessidade de conhecimento em uma variedade de questões: diplomáticas, econômicas, de segurança,

⁷⁷ ZIOLKOWSKA-BOEHM, 2004.

nucleares. Para tanto, o governo americano investiu expressivas verbas em universidades como Harvard, Columbia e Stanford e, através da criação de centros de estudos especializados, consolidou-as como importantes instituições de pesquisa, por vezes em detrimento do ensino, mas proporcionando um impressionante avanço internacional para os EUA em muitas ciências. Em particular, o campo de estudos regionais nasceu da necessidade de travar guerras e manter a paz em países distantes e desconhecidos, combinando habilidades linguísticas e conhecimentos multidisciplinares de uma determinada região mundial. Como consequência da Guerra Fria, foi se desenvolvendo nos EUA o campo específico da soviétologia (no qual Brzezinski viria a se especializar) com o consequente surgimento de agências acadêmicas especializadas nessa área. Em 1948, o Instituto Russo foi criado na universidade de Columbia e em 1948 fundou-se o Centro de Pesquisas Russas da universidade de Harvard.

No verão de 1950, após terminar seu mestrado na universidade McGill no Canadá e não conseguir usufruir de sua bolsa de estudos na Inglaterra, Brzezinski inicialmente conseguiu dinheiro suficiente para ir para Harvard. Contudo, suas conexões com Merle Fainsod, um renomado professor do campo de estudos soviéticos, lhe permitiram conseguir um emprego como seu assistente de pesquisa com Alex Inkeles, conceituado sociólogo no Centro de Pesquisas Russas, na universidade de Harvard em Cambridge, nos EUA. Desta forma ele conseguiu iniciar doutorado sob a orientação de Fainsod, concluído em 1953. Sua tese, intitulada *The Permanent Purge* (“O Expurgo Permanente”), que foi posteriormente publicada em 1956, baseava-se na pressuposição de que o expurgo era a essência do totalitarismo soviético. Enquanto alguns analistas consideravam os expurgos como consequência de caos e irracionalidade, Brzezinski os enxergava como uma técnica utilizada para “alcançar objetivos políticos e socioeconômicos específicos”. Da mesma forma, as delações eram “esforços calculados

para atingir ambições de mobilidade e ascensão política e social”. Assim, como os expurgos serviam a propósitos práticos, eles não iriam desaparecer. Além disso, Brzezinski atribuía aos expurgos a transformação da economia e a transformação do partido em stalinista. Assim como já havia feito em sua dissertação de mestrado, Brzezinski se interessava em explorar as funções desempenhadas até mesmo por eventos extremos como os expurgos. Ele utilizou os expurgos como uma metáfora para a sociedade soviética, não para provar sua irracionalidade, mas para medir sua utilidade. Ele reconhecia o declínio de expurgos e espetáculos públicos desde os anos 1930, porém argumentava que estes haviam sido substituídos pelo que ele chamou de “expurgos silenciosos”, e que “esperar... um abrandamento fundamental no sistema político da URSS era mostrar uma grande falta de compreensão do totalitarismo e subestimar perigosamente a atraente lógica do governo totalitário”.⁷⁸

No mesmo ano da publicação de sua tese de doutorado, também foi lançado o livro *Totalitarian Dictatorship and Autocracy* (“Ditadura Totalitária e Autocracia”), do qual ele foi coautor juntamente com seu orientador e mentor em Harvard, o cientista político Carl Friedrich, formado sobretudo a partir dos estudos de Friedrich sobre o totalitarismo ao longo dos últimos anos. Carl Friedrich era um teórico político de origem alemã que lecionava em Harvard e era amigo de Hannah Arendt, que havia publicado em 1951 sua obra precursora sobre o assunto, *As Origens do Totalitarismo*. Ele elaborou sua própria definição sobre o totalitarismo, reformulando algumas das ideias de Arendt de modo que a que pudessem levar melhor em consideração a URSS. Contudo, a Segunda Guerra Mundial interferiu com as tentativas de Friedrich esboçar suas ideias de uma comparação dos sistemas políticos comunistas e nazistas ao longo dos anos 1930. Ele retomou o assunto em 1953, enumerando em um artigo cinco

⁷⁸ BRZEZINSKI, 1956.

características distintivas das sociedades totalitárias: uma ideologia oficial, um partido único de massa liderado por um ditador e formado por fiéis seguidores, o monopólio dos meios de violência, assim como o monopólio dos meios de comunicação de massa, e um sistema de terror e controle policial. Assim como Arendt e a Escola de Frankfurt, Friedrich caracterizou o totalitarismo como uma síndrome da modernidade. Contudo ele se diferenciou de Arendt ao deixar de lado a questão da atomização e enquanto Arendt via poucas formas de uma sociedade totalitária se modificar, Friedrich admitiu uma possibilidade de evolução, ainda que improvável. O livro escrito com Brzezinski diferia pouco do artigo original, sendo o totalitarismo um fenômeno moderno que tomou formas semelhantes na Alemanha, Itália e União Soviética no período entre guerras. Às cinco características originais foi acrescentada uma sexta, qual seja, o controle completo e central do Estado sobre a economia.⁷⁹ Uma das inovações do livro, ausente do artigo original de Friedrich, pode ser certamente atribuída a Brzezinski. O livro oferece um esquema para a evolução do totalitarismo ao longo do tempo, inspirado nos estudos de Merle Fainsod, colega de Friedrich e o outro mentor chave de Brzezinski. Segundo essa ideia, embora o totalitarismo fosse inevitável na URSS após 1917, a consolidação totalitária não ocorreu senão ao final dos anos 1920. Contudo, uma vez estabelecido o totalitarismo, os estados totalitários só poderiam evoluir em direção a “se tornarem cada vez mais totais”.⁸⁰

Assim como sua dissertação, o volume publicado com Friedrich recebeu fortes críticas. Em relação a sua tese, por exemplo, foi apontada a insistência de Brzezinski em enfatizar que o sistema era a unidade apropriada de análise, ao invés de seu líder individual, Stalin.⁸¹ Contudo, mostrava-se evidente que apesar de importantes

⁷⁹ BRZEZINSKI & FRIEDRICH, 1965.

⁸⁰ Ibid., p. 367-378

⁸¹ SLUSSER, 1956.

semelhanças, a abordagem de Brzezinski quanto ao totalitarismo se diferenciava da de seu mentor. Brzezinski estava interessado nas implicações do governo totalitário e nas estruturas e funções das instituições paradigmáticas, como os expurgos. Desta forma, os rumos dos acontecimentos na URSS e Leste Europeu, associado com a continuação de seus estudos no campo da soviologia, levaram Brzezinski e Friedrich a diferentes caminhos.

O livro seguinte de sua autoria, último a ser publicado sob a tutela de Harvard e talvez um dos mais importantes de seu período de estudos de soviologia intitula-se *The Soviet Bloc: Unity and Conflict* (“O Bloco Soviético: Unidade e Conflito”), que juntamente com sua dissertação e o livro com Friedrich, fizeram com que ele se destacasse cada vez mais no campo de soviologia. Neste livro, que ainda permanece como um clássico mais de meio século após sua publicação, Brzezinski descreveu as tentativas iniciais de Stalin de criar um império comunista unificado, mostrando então como posteriormente ocorreram diversas mudanças e transformações no bloco soviético, fazendo que este deixasse de ser relativamente monolítico e evoluísse em direção a um mundo comunista cada vez mais diversificado e fragmentado. De modo a demonstrar essas ideias, ele explorou tanto a ruptura soviética com a Iugoslávia durante o período de Stalin e as divisões ríspidas e espinhosas entre URSS, China e Albânia durante o governo de Khrushchev, como também apontou um processo de diminuição da satelitização do Leste Europeu, no qual esses países abandonaram uma posição de quase total subordinação à potência soviética da era stalinista a uma postura menos subserviente a por vezes refratária frente à URSS após a morte de Stalin.⁸² Este foi seu último grande estudo dos sistemas políticos comunistas sem a proposição e defesa explícita de políticas práticas. Outros de seus livros e artigos publicados nos anos 1960

⁸² BRZEZINSKI, 1967.

e 1970, embora também fossem fundados em pesquisas acadêmicas, visavam mais claramente influenciar a política externa dos EUA.

Brzezinski sempre foi muito fascinado por ideias e conceitos teóricos, porém ao contrário de muito acadêmicos, ele também desejava poder transformá-las em políticas palpáveis, passando-as da teoria à prática. Essa orientação, assim como seu interesse profundo pela União Soviética, podem ser vistos como resultado direto de sua biografia e experiências de vida. Como filho de imigrantes poloneses, ele passou a juventude e início da vida adulta observando de longe a dominação soviética sobre seu país natal. Conforme ele mesmo descreve:

Meus escritos sempre estiveram conectados com alguma premissa filosófica e política. Comecei por me focar na União Soviética. Eu considerava a URSS uma ameaça da mesma categoria que o hitlerismo. A partir daí, ampliei a abordagem para refletir sobre quais eram as implicações disso para a política externa dos EUA.⁸³

Desde quando chegou nos EUA, Brzezinski revelou-se ambicioso e competitivo. Ele almejava ascender rapidamente na hierarquia de Harvard, deixar sua marca e ter também um impacto político para além da academia. Por isso os centros universitários especializados com canais diretos com Washington e seus posteriores estudos orientados para a formulação e proposição de políticas foram um ótimo meio que permitiu aflorar o vínculo entre os interesses e ambições pessoais de Brzezinski e os do governo norte-americano. Embora muitos estudantes se contentassem somente com a vida acadêmica e teórica, para alguns estudantes mais ambiciosos da época, como Brzezinski, somente o meio acadêmico não era inteiramente satisfatório, sendo que ele aspirava a se aproximar do poder, de modo a participar da ação política propriamente

⁸³ SZABO, 2013, p. 317.

dita. Além disso, outro fator que o tornava diferente no mundo acadêmico era seu desprezo por métodos quantitativos abstratos e abordagens conceituais muito distantes de qualquer relação com o mundo real, as quais eram defendidas pela maioria dos departamentos de ciência política nas universidades americanas. Conforme o próprio Brzezinski observou:

Se você olhar a *[American] Political Science Review*, é muito difícil discernir como se pode aplicar aquilo à vida real. Alguns teóricos postulam que os Estados Unidos e a China precisam entrar em guerra. A minha visão é de que não precisam entrar em guerra. Se eles estão errados, uma nova teoria precisa ser desenvolvida e teorias são sempre retroativas. Se as condições mudam e as escolhas certas são tomadas, a teoria tem de ser aperfeiçoada.⁸⁴

Para Brzezinski, o momento que lhe permitiu realizar uma guinada em direção a abordagens mais práticas ocorreu em 1960, quando ele decidiu ir para a universidade de Columbia, após lhe ter sido negado um cargo permanente em Harvard. Ele admite:

É claro que eu gostaria de ter sido efetivado, mas não fiz campanha por isso, o que em retrospecto percebi ter sido ingenuidade minha. Porém quando soube de minha rejeição, decidi que não ia deixar isso abalar a mim e minha esposa, e então promovi uma grande festa à fantasia chamada “Naufrágio”, e foi uma das melhores festas daquele ano em Harvard.⁸⁵

A rejeição em Harvard foi um momento de provação na vida de Brzezinski. Ele tinha passado a década mais constitutiva de sua carreira acadêmica em Cambridge, desenvolvendo tanto ideias quanto amizades. Foi lá que ele aprendeu o que realmente significava ser um acadêmico e um analista político, assim como a tensão existente

⁸⁴ SZABO, 2013, p. 317-318

⁸⁵ Ibid., p. 318.

entre esses dois mundos. Até então, ele tinha conseguido trilhar seu caminho acadêmico com relativa facilidade, de modo que essa negativa chegou a surpreendê-lo. Harvard sempre havia transbordado com talentos, sendo que seu departamento de Estudos Governamentais incluiu pessoas de renome como Henry Kissinger e Samuel Huntington, além do próprio Brzezinski. Contudo, Harvard também sempre foi notória em negar cargos permanentes imediatos a seus estudantes talentosos em nome do combate à endogenia, obrigando-os a seguir carreiras brilhantes em outros lugares.

Apesar dos muitos esforços de seu orientador Merle Fainsod para manter Brzezinski em Harvard, o reitor não conseguiu criar um novo cargo de docência para Brzezinski em 1959. Deste modo, ele se mudou para a universidade de Columbia em 1960, rejeitando posteriormente duas outras ofertas de retornar. Ele então chegou em Columbia em 1960, onde dirigiu o Instituto de Pesquisas sobre Questões Comunistas (Research Institute on Communist Affairs, ou RICA). Ele permaneceu em Columbia até entrar no governo em 1977, como conselheiro de segurança nacional do Presidente Jimmy Carter, tendo retornado para lá após o término de seu mandato em Washington em 1981. Em Nova York, ele rapidamente descobriu seus pontos de interesse na cidade, que incluíam o distinto Conselho de Relações Exteriores e a revista *Foreign Affairs*. Em março de 1962, ele apareceu como o primeiro palestrante em uma série de televisão organizada pela universidade de Columbia sobre problemas mundiais. A crítica do *New York Times* sobre a série afirmava que “O significado das tensões que assolam o comunismo... foram discutidas pelo Professor Brzezinski com uma lucidez que consistentemente prendia a atenção”.⁸⁶ Ele chegou a ficar bastante dividido após Harvard ter tentado por duas vezes nos anos 1960 atraí-lo de volta para seu *campus* em Cambridge, Massachusetts, inclusive com uma oferta de docência integral com metade

⁸⁶ GOULD, 1962.

do tempo livre para pesquisa. Seus comentários quanto a sua mudança de Harvard para Columbia refletem bem sua indecisão inicial, assim como seus profundos anseios quanto a ter um envolvimento político mais prático para além de apenas análises e estudos conceituais e teóricos abstratos:

Eu pensei comigo mesmo, olhe, Harvard é uma universidade melhor do que Columbia, assim como Oxford é melhor do que Sorbonne, mas Oxford fica em Oxford e Sorbonne fica em Paris. Harvard fica em Cambridge e Columbia fica em Nova York. Se tivessem me efetivado em Harvard, eu teria me contentado e ficado por lá, e teria me tornado mais um intelectual. Mas então eu pensei, o que realmente desejo me tornar? Disse para mim mesmo, será que realmente quero daqui a 20 anos cruzar o pátio de Harvard ano após ano usando uma jaqueta de lã e carregando uma pasta com a versão mais atualizada de uma palestra, a “piada de abertura usada no ano passado”, a “reação da sala” abaixo em colchetes? Eu queria influenciar o mundo, moldar a política americana. E Nova York ficou melhor por conta disso.⁸⁷

Em relação a aspectos de sua vida pessoal durante este período, não existem muitos dados e informações disponíveis, além de alguns eventos de bastante importância. Em 1955, enquanto ainda estava estudando em Harvard, Brzezinski se casou com a jovem e recém-formada escultora Emilie Anna Benes, pouco após ela ter se formado em Artes na faculdade de Wellesley, Massachusetts, perto de Boston. Assim, ela se tornou Emilie Benes Brzezinski, sendo com frequência apelidada carinhosamente por ele de Muska. Nascida em Genebra, na Suíça em 1932, ela provinha de uma família bastante influente na Tchecoslováquia, sendo neta de Vojta Beneš renomado educador e líder político tchecoslovaco, e sobrinha-neta de Edvard Beneš, um dos líderes do movimento de independência tchecoslovaco, Ministro do Exterior e Presidente do país nos períodos de 1935 a 1938 e 1940 a 1948, tendo sido presidente em

⁸⁷ SZABO, 2013, p. 319.

exílio durante o período da Segunda Guerra Mundial. Após se casar, ela produziu esculturas por muitos anos enquanto cuidava de sua família, tendo realizado sua primeira exposição solo em Washington DC, em 1981. Desde 1980, a maioria de suas obras tem sido em madeira, realizando até os dias atuais exposições em museus, espaços culturais e bienais.

Em relação aos seus conhecimentos de idiomas, não é possível encontrar muitas fontes oficiais sobre seus estudos linguísticos, porém é possível afirmar que além do inglês e do polonês, ele também compreende e lê relativamente bem o russo e o ucraniano. Embora não haja fontes oficiais disponíveis sobre seus estudos de idiomas, é provável que Brzezinski tenha estudado russo durante seu período de formação acadêmica, tanto devido a seu próprio interesse intenso pela União Soviética e a Rússia, quanto pela necessidade de ler determinadas fontes em russo utilizadas em seus livros. Também existem algumas fontes secundárias que atestam que Brzezinski fala russo,⁸⁸ e uma fonte de uma entrevista com um general ucraniano, Konstyantyn Morozov, em que relata que Brzezinski não se sentiu confortável o suficiente para conversar em russo, então ele conversou em ucraniano, enquanto Brzezinski falava em polonês, com ambos se entendendo mutuamente.⁸⁹ De qualquer forma, é possível afirmar que Brzezinski é capaz de pelo menos ler e entender bem a língua russa e ucraniana, o que lhe confere uma compreensão ainda maior das questões russas e soviéticas, que eram necessárias a seus trabalhos e pesquisas.

Em 1957, Brzezinski realizou uma viagem à Europa e pôde visitar a Polônia pela primeira vez desde a infância. Quando questionado sobre o que essa viagem proporcionou em termos da relação dele com a Polônia, devido a sua breve passagem de apenas alguns anos como criança, seus comentários expressam por um lado a nostalgia

⁸⁸ ROTHKOPF, 2009, p. 160.

⁸⁹ PLOKHY, 2014, p. 652-653.

de estar novamente em sua terra natal, e por outro, a sensação de não pertencer mais àquele lugar, devido às diferentes conjunturas políticas e do cenário global:

Bem, isso é difícil de definir. Por um lado, você sentia que era de lá. De alguma forma os cheiros, as paisagens meio que faziam lembrar-se de coisas da sua infância. Porém por outro lado você também se dá conta de que, politicamente, globalmente, você não é mais de lá. Então é uma espécie de dualidade de sentimentos.⁹⁰

Em 1958, dois anos antes de se mudar definitivamente para Nova York, ele se tornou cidadão dos EUA em Boston. Quanto a esse evento, ele descreve uma particularidade curiosa após o momento do juramento no Tribunal de Justiça:

Tenho uma memória vívida do sentimento que tive no dia em que me tornei um cidadão americano, que foi bastante traumático porque quando fomos saudados por um juiz que recebia pessoas de diferentes origens e deixamos a Corte de Justiça, as “filhas da revolução americana” vieram até nós para prender broches da bandeira americana nos nossos casacos, e lembro que no meu caso, ela [prende com tanta força que] acabou tirando bastante sangue. Daí disse para mim mesmo, bem, agora posso dizer que realmente dei o meu sangue pelos Estados Unidos.⁹¹

O jovem casal teve ainda três filhos durante a década de 1960, quando já estavam instalados em Nova Jersey. Em 1963 nasceu seu primeiro filho, Ian Brzezinski. Dois anos depois, nasceu seu segundo filho Mark Brzezinski em 1965, e em 1967 nasceu sua filha mais nova, Mika Brzezinski. Desta forma, enquanto Muska e Zbigniew Brzezinski criavam em Nova Jersey seus filhos, Ian, Mark e Mika, ele trabalhava em Nova York ao mesmo tempo que mantinha os olhos atentos em Washington. Seu principal objetivo era se utilizar de todos os canais e conexões possíveis com

⁹⁰ AL JAZEERA ENGLISH, 2010.

⁹¹ Ibid.

Washington para se tornar influente junto aos principais centros de poder e atores políticos. Ao dominar a arte de preparar argumentos resolutos e categóricos, ele entrou em contato com quase todos os aspirantes a presidente do partido Democrata, oferecendo-lhes assistência e conselhos sobre questões de política externa. Deste modo, ele se manteve em contato com John F. Kennedy, Hubert H. Humphrey, Lyndon B. Johnson, Henry Jackson e Edmund Muskie, mas foi especialmente mais próximo a Humphrey, o vencedor das primárias de 1968.

Contudo, apesar de seu envolvimento crescente em questões políticas e de governo, Brzezinski também se manteve bastante ativo no campo acadêmico, redigindo livros e artigos, embora agora adotassem abordagens propositivas e práticas alinhadas com seus interesses e crescente influência no meio político. Em 1962, foi publicado o livro *Ideology and Power in Soviet Politics* (“Ideologia e Poder na Política Soviética”). Neste livro, Brzezinski destaca a íntima inter-relação entre ideologia e poder na política comunista, tanto doméstica, quanto internacional. Segundo esta lógica, ele argumenta não ser possível para os líderes comunistas manterem um regime totalitário sem o compartilhamento e defesa de certos valores entre seus líderes, as elites e as massas. Ele também discute a questão da racionalidade nas sociedades comunistas industriais, o papel do partido e da ideologia e a evolução do sistema. Por último, ele também analisa o papel da ideologia nos aspectos internacionais da política soviética, desenvolvendo seu conceito original de estágios de relativização e erosão ideológica, ilustrando-os com os exemplos das mudanças no bloco soviético após a morte de Stalin e as tribulações das relações sino-soviéticas.⁹²

O livro *Political Power: USA/USSR* (“Poder Político: EUA/URSS”), escrito em parceria com o cientista político Samuel Huntington e publicado em 1965, discute a

⁹² BRZEZINSKI, 1962.

teoria de convergência entre os sistemas político e econômico de EUA e URSS, bastante popular neste período. Curiosamente, o livro começou a ser elaborado quando Brzezinski estava em Harvard e Huntington em Columbia, e foi terminado quando Brzezinski tinha se mudado para Columbia e Huntington tinha retornado a Harvard. No entanto, a estrutura principal do trabalho foi realizada quando ambos estavam em Columbia, entre 1960 e 1962. Apesar de reconhecerem algum grau de convergência entre os sistemas norte-americano e soviético, eles concluem discordando de que houvesse uma tendência a essa convergência, a menos que ocorresse uma transformação revolucionária na direção de desenvolvimento de um dos dois países. Eles reconheceram que ambos os sistemas continuariam evoluindo em seus caminhos próprios e sua convergência era improvável.⁹³

No livro *Alternative to Partition* (“Alternativa à Partilha”), também publicado em 1965, Brzezinski elaborou a ideia de um engajamento com a Europa oriental que ele tinha exposto na revista *Foreign Affairs* quatro anos antes.⁹⁴ Uma vez que os conceitos de “mudança de regime” e “libertação” eram uma utopia e a aceitação da divisão da Europa não era uma opção viável, ele argumentou que os Estados Unidos deveriam liderar uma aproximação com os países do Leste Europeu, incentivando intercâmbios econômicos e culturais, de modo a diminuir as tensões da Guerra Fria e aumentar as contradições internas e tendências centrífugas do bloco soviético.⁹⁵

Por fim, no livro *Between Two Ages* (“Entre Duas Eras”), publicado em 1970 e desenvolvido a partir de um artigo de dois anos antes, ele explora a natureza do que denominou de era “tecnocrônica”, uma era na qual a sociedade é moldada de maneira cultural, psicológica, social e econômica pelo impacto da tecnologia e dos aparelhos

⁹³ BZEZINSKI & HUNTINGTON, 1965, p. 436.

⁹⁴ BRZEZINSKI & GRIFFITH, 1961.

⁹⁵ BRZEZINSKI, 1965.

eletrônicos, em particular a área de computadores e comunicações. Ele também descreve o papel dos EUA nesta era, a natureza mutável das crenças e ideologias políticas e os principais desafios que os EUA enfrentam, sobretudo a Guerra Fria e a competição com o bloco soviético. Seu principal argumento é que os governos e as sociedades do bloco soviético se mostraram ineficientes na era tecnocrônica e tenderiam a se defasar tecnologicamente cada vez mais das sociedades capitalistas avançadas.⁹⁶

Retornando ao seu intento de ampliar seu prestígio e atuação na política externa, convém mencionar brevemente uma série de episódios que culminaram com sua aproximação a Jimmy Carter e sua posterior indicação como seu conselheiro de segurança nacional. Assim que se mudou para a universidade de Columbia em 1960, ele se dispôs a aconselhar a campanha presidencial de John F. Kennedy. Em 1961, ele se tornou membro do Conselho de Relações Exteriores em Nova York. Em 1964, atuou como chefe dos “Jovens Americanos” para Lyndon Johnson, e foi escolhido pela Câmara Júnior de Comércio dos EUA como um dos “10 proeminentes jovens de 1963”. Dois anos depois, ele se juntou ao Conselho de Planejamento de Políticas para o Departamento de Estado dos EUA. Um de seus mais importantes momentos, que poderiam tê-lo levado mais cedo à Casa Branca, ocorreu em 1968, quando contribuiu diretamente como o principal conselheiro de política externa para a campanha presidencial de Hubert H. Humphrey, vice-presidente de Lyndon Johnson. Humphrey e Brzezinski, no entanto, acabaram sendo derrotados pelos republicanos Richard Nixon e Henry Kissinger. Ao receber uma bolsa de estudos da Ford Foundation em 1971, ele passou seis meses no Japão, o que o ajudou a fundar os alicerces do que seria posteriormente a Comissão Trilateral. Em 1974, ele se juntou ao grupo de estudos do

⁹⁶ BRZEZINSKI, 1970.

Oriente Médio no Instituto Brookings, que reuniu esforços para lançar um relatório com a exposição de um plano extensivo para a paz no Oriente Médio.

Contudo, o início de sua ascensão de fato ao poder ocorreu em 1972, quando ele ajudou a criar a Comissão Trilateral. Devido a seu prestígio crescente, Brzezinski passou a possuir uma extensa rede de contatos que por sua vez o auxiliavam a se tornar mais influente politicamente. Um desses impulsos veio de seu trabalho como diretor do Projeto de Estudos Especiais do Rockefeller Brothers Fund, assim como sua associação com o governador de Nova York e potencial candidato presidencial Nelson Rockefeller. No entanto, foram suas conexões e parceria com o irmão de Nelson, David Rockefeller, então presidente do Chase Manhattan Bank e do Conselho de Relações Exteriores, que possibilitaram a Brzezinski criar a Comissão Trilateral em 1972, juntamente com outros atores influentes. Essa comissão compunha-se de um grupo privado de elites da Europa, América do Norte e Japão, que tinha como objetivo principal influenciar de modo coletivo sobre os desafios globais advindos das relações de interdependência política e econômica crescentes entre essas regiões. Foi durante a atuação de Brzezinski como diretor executivo, que ele acabou convidando o então Governador da Geórgia Jimmy Carter a se juntar à Comissão Trilateral em 1973, o que levou a um progressivo estreitamento de laços de parceria e amizade entre os dois, e posteriormente, acabou por levá-los à Casa Branca.

4. Influência e Atuação no Governo Carter (1975-1981)

A presença de Carter nas reuniões da Comissão Trilateral e o consequente contato e posterior amizade com Brzezinski fez com que ele começasse a aconselhar oficialmente Carter sobre política externa em 1975 e depois durante sua campanha para presidente. Sobre esse período inicial, Carter comenta:

Eu sabia o que esperar de Zbig. Eu o tinha conhecido pela primeira vez em 1973, quando eu me juntei à Comissão Trilateral, na qual ele era diretor executivo. Esse grupo tinha cinquenta membros da América do Norte, Europa ocidental e Japão. Fui convidado como um governador que tinha indicado que uma das prioridades era o crescimento do comércio. Também estava interessado em ampliar meus conhecimentos sobre questões internacionais, e prestava muita atenção nas reuniões das quais participei. No ano seguinte, após ter anunciado minha candidatura a presidente, Zbig me escreveu oferecendo ajuda. Ele não deve ter tido grandes expectativas em relação a isso, porque eu definitivamente era considerado um azarão pela imprensa nacional, porém me aproveitei ao máximo da oferta. Durante 1975, ele se tornou meu conselheiro chefe de política externa. Após vencer a eleição de 1976, pedi-lhe conselhos sobre o meu futuro conselheiro de segurança nacional. Ele me deu alternativas, mas sabia que era ele que queria para este cargo.⁹⁷

Como voluntário, Zbig me auxiliou durante a campanha presidencial. Estudava seus documentos de posicionamento sobre relações exteriores de modo a desenvolver minhas respostas às perguntas com que todos os candidatos se deparavam. Ele se tornou um visitante frequente em Plains [cidade natal de Carter] e veio a São Francisco me instruir para meu segundo debate televisivo com o Presidente Ford, que era centrado em defesa e política externa.⁹⁸

Em suas memórias, Carter apresentou ainda sua descrição sobre o perfil marcante de Brzezinski:

Zbigniew Brzezinski era talvez o membro mais controverso de minha equipe... Zbig era um pensador de primeira linha, muito competente em sua escolha de membros da equipe e capaz de trabalhar em sintonia com eles (Não me lembro de qualquer desavença). Ele às vezes era provocador na dimensão e maneira que se expressava – irrepreensível nos momentos difíceis, e exuberante nos bons... era astuto em suas análises, particularmente bem informado sobre tendências históricas amplas que afetavam nações industrializadas, e um defensor tenaz de uma defesa forte para nosso país e do aprimoramento da liberdade e princípios democráticos tanto aqui quanto no exterior. Suas propostas eram

⁹⁷ CARTER, 2013, p. 9.

⁹⁸ Id., 1995, p.54-55.

inovadoras e muitas vezes provocadoras, e eu concordava com elas – na maioria das vezes. Originário da Polônia, ele realizou um estudo aprofundado da União Soviética e da Europa oriental. Ele se interessava pela China, o Oriente Médio e a África; eu também. Eu era um aluno ávido, e me aproveitei plenamente do que Brzezinski tinha a oferecer. Como professor de faculdade e autor, ele era capaz de expressar ideias complicadas de maneira simples. Tivemos a chance de conhecer bem um ao outro... Para mim, Zbigniew Brzezinski era interessante. Ele explorava constantemente novas maneiras de atingir um objetivo, por vezes disposto a seguir um rumo considerado imprudente – porém sempre conjecturando. Tínhamos discussões sobre história, política, eventos internacionais, e política externa – muitas vezes com discordâncias intensas e fundamentais – contudo ainda assim nos entendíamos bem.⁹⁹

Após surpreender e vencer as eleições de 1976, Carter decidiu nomear Brzezinski para o cargo de Assistente Presidencial para Questões de Segurança Nacional, mais conhecido como Conselheiro de Segurança Nacional. Atuando próximo ao presidente, diretamente na Casa Branca e com uma equipe compacta e eficiente do Conselho de Segurança Nacional (NSC), Brzezinski exerceu uma forte influência sobre muitas das decisões de política externa do governo Carter, uma vez que este tinha pouca experiência nesta área, embora se interessasse sempre em aprimorar seus conhecimentos. Apesar da forte personalidade de Brzezinski, Carter o escolheu porque desejava ter a seu lado um intelectual resoluto que lhe fornecesse diariamente conselhos e orientações sobre política externa, uma vez que pretendia reservar para si as grandes decisões, ao invés de delegá-las ao Secretário de Estado, Cyrus Vance. Ele revela porque preferiu nomear Brzezinski, apesar de todas as opiniões que pediam cautela sobre seu comportamento:

Ele recebeu boas recomendações de muitas fontes, porém alguns daqueles que o conheciam bem me advertiram que Zbig era

⁹⁹ CARTER, 1995, p. 54, p. 57.

agressivo e ambicioso, e que em questões controversas, ele poderia estar disposto a se impor energicamente. Enquanto tomava as decisões finais sobre minha equipe da Casa Branca, e o cogitava como Conselheiro de Segurança Nacional, uma nota adicional de cautela me foi expressa: o Dr. Brzezinski poderia não demonstrar deferência adequada a um Secretário de Estado... Conhecendo Zbig, eu percebi que algumas dessas avaliações estavam corretas, mas elas condiziam com o que desejava: as decisões finais sobre política externa básica seriam tomadas por mim no Salão Oval, e não no Departamento de Estado. Eu ouvi cuidadosamente a todos os comentários sobre ele, ponderei os fatores envolvidos, e decidi que eu o queria comigo na Casa Branca (Olhando minhas antigas anotações, achei interessante que Vance recomendou Brzezinski para o cargo, e Zbig recomendou Cy para Secretário de Estado. Ambas foram boas sugestões).¹⁰⁰

Contudo, por vezes ocorreram fortes antagonismos entre a atitude de “falcão” de Brzezinski de focar-se nas relações Leste-Oeste em meio a um governo em que a maioria, incluindo o presidente, desejava centrar-se em questões de direitos humanos e relações Norte-Sul. Desta forma, a política externa do governo Carter foi fortemente marcada pelas intensas divergências e disputas que se deram entre o Departamento de Estado e o Conselho de Segurança Nacional, especialmente entre o Secretário de Estado (como é chamado, nos EUA, o ministro das Relações Exteriores) Cyrus Vance e Brzezinski. Ao contrário de Brzezinski, Vance possuía um perfil mais diplomático, jurídico e menos estratégico. Apesar desses problemas, agradava a Carter manter uma competição saudável entre o Departamento de Estado e o Conselho de Segurança Nacional ocasionada por esses diferentes perfis:

Havia algumas diferenças inerentes no caráter da equipe do Conselho de Segurança Nacional da Casa Branca e no Departamento de Estado. Procurei extrair os elementos mais fortes de cada um conforme as circunstâncias exigiam... As diferentes aptidões de Zbig e Cy se encaixavam nos papéis que eles desempenhavam, e também permitiam a competição natural entre

¹⁰⁰ CARTER, 1995, p. 54-55.

as duas organizações para mantê-las vibrantes. Eu valorizava essas diferenças. Ao tomar as decisões finais sobre política externa, eu precisava ponderar o maior número de pontos de vista possíveis.¹⁰¹

Embora tenha havido sérias divergências entre Vance e Brzezinski em muitos pontos, em suas memórias Carter e Brzezinski procuraram minimizar as rixas que ocorreram, citando as tentativas da mídia de destacar e exacerbar esses conflitos, apontando ora a dominância de um, ora a imposição de outro. Sobre isso, Carter menciona ainda que muitas das disputas ocorriam pelo entusiasmo de Brzezinski de aparecer e se pronunciar na mídia, enquanto Vance possuía menos disposição a esse desgaste:

Por vezes, Cy reagia a notícias sobre a disputa por poder entre a Casa Branca e o Departamento vindo até mim em nome de sua burocracia. Na maioria dos casos, os relatos eram imprecisos ou exagerados; eles tinham sido precipitados por uma diferença honesta de opinião, um vazamento de um oficial subordinado do Departamento de Estado, ou um discurso ou entrevista de Zbig sobre filosofia diplomática ou um item específico de interesse público... Minha preferência pessoal era que um dos papéis do Secretário de Estado fosse a instrução do público sobre política externa. O Secretário Vance não estava particularmente disposto a assumir essa tarefa com regularidade; exige muito tempo e nem sempre é agradável... Zbigniew Brzezinski estava sempre pronto e disposto a explicar nossa posição em assunto internacionais, analisar uma inter-relação estratégica básica ou comentar sobre um evento atual. Ele e eu reconhecíamos o problema gerado quando ele se pronunciava sobre uma questão, e ele o fez com muito menos frequência do que se tivesse seguido suas propensões naturais... Devido a sua atitude e conduta, Zbig era um eixo natural de atenção pública. Essa circunstância era exacerbada por sua disposição a servir como um para-raios – levar a culpa por decisões impopulares tomadas por terceiros... Durante os momentos difíceis por que passamos, eu nunca vi Zbig tentar evitar críticas passando a culpa para seus superiores.¹⁰²

¹⁰¹ CARTER, 1995, p. 55, p. 57.

¹⁰² Ibid., p. 56-57.

Brzezinski, por sua vez, relata que o início de sua relação com Vance foi promissor, mas que logo as diferenças começaram a aparecer:

O início foi em geral encorajador... Nesse período inicial, Cy não parecia preocupado com minha proximidade com Carter, ou com meu papel em geral... Que algumas diferenças entre nós surgiriam com o tempo, era inevitável. Por um lado, nossos pontos de vista impeliam a ênfases diferentes: a dele era em diplomacia, a minha, na segurança nacional. Isso significava que nossas prioridades provavelmente divergiriam, sem falar em preocupações ou ressentimentos mais pessoais. Sua relutância em falar em público, fornecer uma explicação conceitual ampla para o que o governo tentava fazer, e a falta de preparação de Carter para fazê-lo pessoalmente me empurrou para a linha de frente (não vou dizer, contudo que ofereci muita resistência). Isso por sua vez fomentou ressentimentos.¹⁰³

Mais importante, durante a primavera e verão de 1978, algumas diferenças políticas substanciais surgiram. Embora tanto Cy quanto eu tenhamos tentado confiná-las a discussões intracasa, os pontos de vista foram filtrados pela burocracia, tornaram-se cada vez mais objeto de conflitos e fofoca entre agências, e então começaram a vaziar. Esse foi o caso, primeiro sobre a questão do papel cubano-soviético no Chifre da África e o provável impacto disso nos acordos SALT; depois veio a questão da China; e no último ano e meio, diferimos sobre como reagir à crise iraniana.¹⁰⁴

Brzezinski também enfatiza como a mídia procurava exacerbar e acirrar os reais conflitos entre os dois:

A imprensa se apegava a essas discordâncias com sentimento de paixão e vingança... Por volta de 1978 começaram a aparecer muito na imprensa, comunicados quase semanais, na forma de relatos altamente exagerados da “disputa Vance-Brzezinski”, sobretudo no *Washington Post*. “Vance ganhou”, seria a manchete em um dia, seguido por “Brzezinski domina a política externa”, em outro dia – cada um irritando nossos colegas, cada um prejudicando ainda mais a relação direta entre nós.¹⁰⁵

¹⁰³ BRZEZINSKI, 1983, p. 36-37.

¹⁰⁴ Ibid., p. 38.

¹⁰⁵ Ibid., p. 38.

Contudo, ao contrário da imagem de inimigos que a imprensa tentava transmitir, Brzezinski afirma como seu relacionamento com Vance era, em geral, cordial:

Ademais, apesar de nossos três maiores desacordos – e não quero minimizar sua importância – no fim das contas conseguimos, ou pelo menos creio, discordar de maneira honrada e civilizada. Nem por um momento senti que éramos, de alguma forma, inimigos. Nunca achei que Vance tivesse feito algo desonroso para mim.¹⁰⁶

No entanto, Brzezinski se queixa de algumas histórias vazadas pela imprensa por subordinados de Vance com o objetivo de apresentar uma imagem negativa sua, além de contribuir com a impressão de que o governo estava ziguezagueando continuamente.¹⁰⁷ Por outro lado, em suas memórias, Cyrus Vance expôs enfaticamente suas irritações e divergências com relação a algumas atitudes do Conselheiro de Segurança Nacional e sua equipe, apesar de sua disposição inicial em trabalhar com Brzezinski e também descrever a relação entre eles inicialmente como de base cordial:

Ele me perguntou se eu tinha alguma objeção a Zbigniew Brzezinski... como conselheiro para questões de segurança nacional da Casa Branca. Disse que não conhecia bem Brzezinski, mas acreditava que poderíamos trabalhar juntos. Exigi duas condições: primeiro, que ficasse claro que seria eu o porta-voz do presidente em política externa; segundo, que não tinha objeção que Brzezinski oferecesse a Carter conselhos independentes sobre política externa – na verdade, encorajei o presidente a buscar uma variedade de opiniões – mas que deveria ser capaz de apresentar-lhe minhas próprias opiniões espontâneas antes que ele tomasse qualquer decisão de política externa. Carter concordou prontamente.¹⁰⁸

¹⁰⁶ BRZEZINSKI, 1983, p. 39.

¹⁰⁷ Ibid., p. 40.

¹⁰⁸ VANCE, 1983, p. 34.

Posteriormente Vance descreveu suas críticas em relação às aparições públicas de Brzezinski e também da impressão de indecisão e confusão dentro do governo pela exposição pública de divergências de posição entre os dois:

[Expressei que] somente o Presidente e o seu Secretário de Estado deveriam ter a responsabilidade de definir publicamente a política externa do governo. Conforme o tempo foi passando, desenvolveu-se cada vez mais uma grave violação desse entendimento. Apesar de sua aceitação expressa desse princípio, e apesar de instruções explícitas do presidente, Brzezinski tentou cada vez mais tomar o papel de porta-voz das políticas. Primeiramente, suas aparições públicas, entrevistas com a imprensa, e informes anônimos a jornalistas eram simplesmente uma fonte de confusão. Conforme as divergências entre minhas declarações públicas e seus discursos sobre políticas se acentuaram com o tempo, a prática de Brzezinski se tornou um grave impedimento à conduta de nossa política externa. Também se tornou um risco político, deixando o congresso e governos estrangeiros com a impressão de que faltava resolução ao governo. Eu adverti o presidente sobre esse perigo e da confusão que estava causando.¹⁰⁹

Por fim, Vance expôs um dos primeiros momentos de divergência entre os dois no governo, mostrando como suas discordâncias advinham muitas vezes das diferentes visões e concepções de mundo no período da Guerra Fria:

No início de 1978, surgiram as primeiras discordâncias graves dentro do governo sobre as ações soviéticas e cubanas no Chifre [da África] e como deveríamos reagir. Essas diferenças foram primariamente entre Brzezinski e eu. O desacordo se centrou em como interpretar as ações soviéticas no Chifre... Zbig estava cada vez mais convencido de que as ações soviéticas faziam parte de uma estratégia mais ampla e bem definida. Ele argumentou que o comportamento soviético era incompatível com nossa política de balancear competição com cooperação. Nós e nossos aliados, ele pensou, deveríamos tomar o que eu acreditei serem medidas mal definidas de tornar o aventurismo soviético mais “custoso”. Zbig estava convencido de que outros teriam a impressão de que

¹⁰⁹ VANCE, 1983, p. 35-36.

estávamos fracassando em combater o expansionismo soviético, e que essa percepção enfraqueceria a confiança internacional nos Estados Unidos e prejudicaria politicamente o governo. É verdade que havia preocupação crescente do congresso e do público sobre o comportamento internacional soviético. Eu sentia, contudo, que muito advinha das sessões de imprensa de bastidores realizadas pelos funcionários do conselheiro de segurança nacional, e eram autoinfligidas. Eu não acreditava que as ações soviéticas na África faziam parte de um grande plano soviético, e sim de tentativas de explorar alvos de oportunidade. Não é que as ações soviéticas não fossem importantes, mas eu senti que o realismo exigia que lidássemos com esses problemas no contexto local em que estavam enraizados. A questão crítica era qual estratégia factível política e militarmente combateria com maior eficácia as ações soviéticas, enquanto ao mesmo tempo avançasse nossos interesses mais amplos. Isso estava em sintonia com as intenções do presidente, com as quais eu concordava, de que não nos deixaríamos ficar tão preocupados com os soviéticos que perderíamos o foco em nossos objetivos políticos básicos na África.¹¹⁰

Exceto no início, as disputas entre Vance e Brzezinski permearam praticamente todo o governo de Jimmy Carter, que em questões de política externa se caracterizou por muitas adversidades, desafios e questões controversas. Uma das principais divergências que persistiram ao longo de todo o governo foram as relações e posicionamento em relação à URSS, incluindo a política de *détente* desenvolvida ao longo da administração Nixon/Kissinger e os acordos SALT de redução de armamentos. Enquanto Vance apoiava uma intensificação das negociações e aproximação maior com a União Soviética, Brzezinski defendia uma estratégia de contenção e enfraquecimento da URSS.

Os primeiros dois anos do governo Carter se caracterizaram por uma predominância diplomática maior promovida por Vance, como por exemplo, a conclusão e assinatura em setembro de 1977 do controverso acordo de devolução da soberania sobre o canal do Panamá até o final do século em 1999, firmado com o líder autoritário Torrijo, que tinha tomado o poder por golpe e liderou o país de 1968 a 1981.

¹¹⁰ VANCE, 1983, p. 84-85.

Outra importante conquista diplomática de Vance foi os acordos de Camp David em setembro de 1978, entre o presidente egípcio Sadat e o primeiro ministro israelense Begin, que levariam ao tratado de paz entre os dois países em março de 1979, com a normalização das relações, reconhecimento mútuo e retirada israelense da península do Sinai. Significativa também foi a promoção de políticas focadas em direitos humanos, democracia e liberdades civis, sobretudo nos países de terceiro mundo. Embora defendesse essas políticas, Brzezinski colateralmente se aproveitou dessa ênfase em direitos humanos como forma de colocar a URSS na defensiva em termos ideológicos.

Após esse período inicial, a atuação de Brzezinski passou a predominar e se destacar, levando a uma intensificação das divergências com Vance. Além disso, os momentos de crise que se desenrolaram na segunda metade do governo só acirraram ainda mais esse antagonismo. Um momento importante para Brzezinski foi a eleição fortuita do cardeal polonês Karol Wojtila como Papa João Paulo II em outubro de 1978. Devido aos laços poloneses, Brzezinski viu nele um provável aliado na luta contra a URSS e a favor da possível emancipação da Polônia.¹¹¹ Sobre ele, Brzezinski descreveu na entrevista com Charles Gati:

Ele endossava uma noção de justiça social. Não era contra o sistema de livre mercado, mas não era admirador do capitalismo. Enfatizava a responsabilidade social e algum tipo de equilíbrio na distribuição de riqueza, o que também é o meu ponto de vista. O papa era uma combinação fascinante de espiritualidade e sensibilidade política. Era contagiante em suas convicções políticas, que eram espontâneas e sentidas intensamente... Fui a sua coroação como representante dos EUA, em parte por razões simbólicas, devido ao vínculo polonês... Ao mesmo tempo, ele era muito político e certamente rejeitava o comunismo. Ele entendia, naquele contexto, o papel dos Estados Unidos como um contrapeso à União Soviética, porém não necessariamente glorificava, digamos, o Comando Aéreo Estratégico. Espiritualmente,

¹¹¹ VAUGHAN, 2013, p. 204-227.

estávamos todos do mesmo lado. E naquele contexto, era muito fácil conversar com ele tanto sobre política, quanto em certa medida sobre teologia e fé... Eu costumava visitá-lo sempre que estava em Roma.¹¹²

Com o tempo, o poder de Brzezinski foi se expandindo progressivamente para questões operacionais, chegando a assumir o papel de emissário presidencial. Em 1978, por exemplo, ele viajou até Pequim para lançar os alicerces que fundamentariam o reestabelecimento e normalização plena das relações com a China continental, processo iniciado em por Kissinger 1972, com a visita de Nixon à China. Com isso, o papel de Vance no governo começou a ficar marginalizado. A continuidade da política de reconhecer a legitimidade da China continental, apesar do custo político de romper relações oficiais com Taiwan, foi uma importante conquista de Brzezinski. Com a China não mais sendo considerada parte de um bloco comunista mais amplo, e sim um terceiro polo de poder após a ruptura sino-soviética, ele constantemente enfatizava a prioridade dessa aliança como uma forma de contrabalançar e enfraquecer o poder soviético.

A invasão militar soviética do Afeganistão em dezembro de 1979 prejudicou ainda mais a relação já deteriorada entre Vance e Brzezinski. Vance responsabilizou Brzezinski por ter estimulado Brezhnev a realizar a invasão pelas políticas de abandono da *détente* e os obstáculos criados aos acordos do SALT. Um dos grupos de trabalho da NSC já havia emitido relatórios sobre a piora da situação no Afeganistão, porém Carter os ignorou até a eclosão da intervenção soviética. A partir daí Carter decidiu abandonar a ratificação do SALT II e seguiu com políticas antissoviéticas propostas por Brzezinski.

Por fim, a revolução iraniana foi considerada a última gota na disputa entre Vance e Brzezinski. Conforme o levante se desenrolava, os dois mais uma vez emitiram

¹¹² GATI, 2013, p. 335-336.

posições divergentes. Brzezinski propôs controlar a revolução e sugeriu algum tipo de ação militar para impedir o Aiatolá Khomeini de chegar ao poder, enquanto Vance queria entrar em acordo com a nova República Islâmica do Irã. Como resultado, Carter não conseguiu desenvolver uma ação coerente. Com a atmosfera crescente de crise devido à situação de reféns, a invasão soviética no Afeganistão e o aprofundamento de uma forte crise econômica, as visões antissoviéticas de Brzezinski ganharam influência e popularidade, mas não foram capazes de reverter o mal-estar gerado no fim do governo Carter. A renúncia de Vance após a missão fracassada de resgatar os reféns americanos em março de 1980, realizada apesar de suas objeções, foi o ponto culminante do conflito entre Brzezinski e Vance. A soma de todos esses fatores acabou custando a Carter a reeleição: acabou derrotado por Ronald Reagan em 1980.

5. Da Saída do Poder até o Fim da Guerra Fria (1981-1991)

Após a derrota de Jimmy Carter nas eleições presidenciais de em 1980, Brzezinski retomou sua carreira acadêmica na Universidade de Columbia logo após deixar o cargo de conselheiro presidencial no início de 1981. Antes, ele recebeu ainda, em solenidade, a Medalha Presidencial da Liberdade em homenagem e agradecimento aos serviços prestados durante o período como conselheiro do presidente. Contudo, mesmo após deixar o governo, Brzezinski ainda desejava prosseguir influenciando a política externa, embora agora mais à distância. Foi então que sua participação em *think tanks* lhe ofereceu a oportunidade, segundo suas palavras, de mudar “da tomada de decisões políticas para a análise e promoção de políticas”.¹¹³ Por isso, ele se filiou no mesmo ano ao Centro para Estudos Estratégicos e Internacionais (Center for Strategic International Studies ou CSIS) em Washington DC, onde ele permanece atuando até a

¹¹³ SZABO, 2013, p. 316.

atualidade. A partir de então, retornou à sua antiga posição de observador ativo da política internacional.

Brzezinski ainda via a União Soviética como um grande desafio a ser enfrentado e continuava preocupado com a situação política e econômica dos países do bloco soviético, particularmente com a de seu país natal após a deterioração da situação na Polônia pela imposição da lei marcial entre 1981 e 1983. Por isso, embora continuasse na área acadêmica, estudando, lecionando e realizando análises, continuou propondo e formulando políticas, além de prosseguir aconselhando e influenciando importantes atores políticos.

Apesar de ter sido democrata de longa data e tradicionalmente liberal em suas visões sobre política doméstica, Brzezinski também adotava uma posição realista em questões de relações internacionais e política externa. Por isso, manteve relações amistosas com o presidente republicano Reagan, que era visto como um “falcão” em suas relações com a URSS, a qual nomeou como um “império do mal” que precisava ser vencido por meio do fim da política de *détente* de uma intensificação da Guerra Fria, o que estava de acordo com os interesses de Brzezinski. Nas eleições presidenciais de 1988, ele também chegou a apoiar publicamente George H. W. Bush, porque considerava o candidato democrata Michael Dukakis como sendo muito de esquerda, e uma reencarnação do candidato democrata George McGovern, o qual Brzezinski também se recusou a apoiar em 1972. Assim, de maneira geral, Brzezinski esteve envolvido em diferentes graus com quase todos os presidentes a partir de Carter, com exceção de George W. Bush, a quem se opôs com veemência.

Desta maneira, participou e foi responsável por diversas atribuições importantes durante este período predominantemente republicano. Citando-se alguns exemplos, ele foi nomeado como membro da Comissão de Armas Químicas instituída por Reagan em

1985. Dois anos depois, participou da Comissão do Departamento de Defesa no Conselho de Segurança Nacional sobre Estratégia Integrada de Longo Prazo, atuando também no Conselho Consultivo de Inteligência Externa do Presidente. No entanto, apesar de ter apoiado a eleição de Bush em detrimento de Dukakis em 1988 e ter até atuado como copresidente da Força Tarefa de Segurança Nacional de Bush no início de seu mandato, Brzezinski se opôs fortemente à Guerra do Golfo em 1990.

Também prosseguiu escrevendo artigos e publicando alguns livros durante este período, dos quais convém destacar sua autobiografia do período de governo, de 1983, intitulada *Power and Principle* (“Poder e Princípio”), *Game Plan* (“Plano de Jogo”), de 1986, e *The Grand Failure* (“O Grande Fracasso”), de 1989. Apesar de seus livros e artigos após sua saída do governo terem se dirigido a um público mais amplo que o acadêmico, a maioria dos escritos também contêm muitos *insights* importantes para especialistas. O primeiro desses livros se concentra especificamente no período em que atuou como conselheiro de segurança nacional de Carter, oferecendo documentos e arquivos, além de seus relatos e visões pessoais. O segundo livro formulava um guia com orientações básicas para a ação dos EUA frente à União Soviética na Guerra Fria, sobretudo baseadas em análises estratégicas de seu pensamento geopolítico, e que serão expostas mais detalhadamente no próximo capítulo. Já o terceiro livro, publicado dois anos antes do colapso da União Soviética, foi visto em certa medida por muitos analistas como uma premonição do fim iminente da URSS e do bloco soviético. Na verdade, Brzezinski continuou reiterando e expandindo sobre suas ideias expostas originalmente em sua tese de mestrado em 1945 e no livro *The Soviet Bloc*, de 1960. Na época em que ele escreveu esse livro, o ambiente na URSS e no bloco soviético passava por importantes mudanças, sendo que eventos que pareciam inconcebíveis quando ele escreveu *The Soviet Bloc* agora tinham se tornado, de certa forma, ordinários. O viés de

uma maior liberalização política e até mesmo democratização na URSS e na Europa oriental estavam tão latentes que deram a Brzezinski a oportunidade de discorrer sobre o fracasso do marxismo-leninismo.

No livro, terminado em agosto de 1988, ele previu que “até o próximo século, o declínio histórico irreversível do comunismo terá tornado sua prática e dogma fortemente irrelevante para a condição humana” e o “comunismo será lembrado amplamente como uma das mais extraordinárias aberrações políticas e intelectuais do século XX”.¹¹⁴ Mais uma vez, ele voltou à questão da configuração multiétnica da União Soviética, descrevendo a “questão nacional” como o “calcanhar de Aquiles da perestroika”, e argumentando que a dominância histórica dos “grandes russos” na URSS tinha criado uma situação insustentável. Um processo de descentralização geraria inevitáveis demandas nas repúblicas não russas por um tratamento mais igualitário, porém o “controle central russo está tão incrustado nas instituições existentes que a correção necessária requereria um grande levante”.¹¹⁵ Em sua visão, o resultado era um “círculo vicioso”, no qual “a ausência de reformas gera ressentimentos nacionais, mas a implantação de reformas provavelmente nutriria um apetite ainda maior dos não russos por poder”. Ele esperava particularmente “atitudes separatistas por parte dos países bálticos e dos muçulmanos soviéticos, estes últimos estimulados pelo ressurgimento do islã e pelo fracasso militar no Afeganistão”.¹¹⁶ Brzezinski conjecturou que a insustentabilidade da questão nacionalista muito provavelmente arruinaria os programas conduzidos por Gorbachev:

¹¹⁴ BRZEZINSKI, 1989, p.1.

¹¹⁵ Ibid., p. 97-98.

¹¹⁶ Ibid., p. 87-92.

O medo dos grandes russos de conflitos nacionalistas crescentes, ao impedir as reformas necessárias, aumenta a probabilidade do comunismo soviético ter uma decadência debilitante e não uma evolução construtiva. Um sucesso verdadeiramente renovador – um que resulta em uma sociedade soviética criativa, inovadora e automotivada – poderia ocorrer somente através da dissolução da doutrina, a dispersão do poder do partido, e a gradual emancipação dos não russos do controle centralizado de Moscou. É altamente improvável que a liderança da elite governante, não importa o quão ávida por uma recuperação econômica, estará preparada para se arriscar a ir tão longe politicamente.¹¹⁷

Brzezinski também observou a mudança de status do comunismo na Europa oriental, caracterizando o “marxismo-leninismo como uma doutrina estrangeira imposta nessa região por uma potência imperial, cujo governo é culturalmente repugnante para os povos dominados”. Ele também comparou como “processo de rejeição orgânica do comunismo pelas sociedades do Leste Europeu... semelhante à rejeição de um órgão transplantado pelo corpo humano”.¹¹⁸ Em uma importante palestra sua ocorrida em 1988, que transmitiu muitas das ideias do que viriam a ser publicado em *The Grand Failure*, Brzezinski comentou que cinco dos seis países do Pacto de Varsóvia na Europa oriental (com a exceção da Alemanha oriental) “estavam amadurecidos para uma explosão revolucionária”.¹¹⁹ Contudo, ele expressou novamente suas preocupações de que as tropas soviéticas interviriam se uma “explosão social das massas” ocorresse em um ou mais países do Leste Europeu e, portanto enfatizou a importância de se buscar uma mudança gradual que evitasse o surgimento de levantes com um desfecho violento na Europa oriental:

Eu não acredito por um minuto que seja de nosso interesse um levante revolucionário das massas na região. Se isso ocorresse em um futuro previsível, ainda creio que, apesar do que [Alexander] Dubček disse em uma entrevista recente, a União Soviética não teria outra escolha a não ser intervir. É quase igualmente certo que

¹¹⁷ BRZEZINSKI, 1989, p. 99.

¹¹⁸ Ibid., p. 105.

¹¹⁹ Id., 1988, p. 14.

o Ocidente apenas observaria impotente, e que a reforma na região e a perestroika na União Soviética seriam as vítimas. Portanto, não acredito que uma explosão é algo que deveríamos fomentar, ou simplesmente esperar, ou comemorar. Uma mudança gradual, creio, é desejável. Deve ser encorajada, facilitada e é algo factível.¹²⁰

Na palestra, Brzezinski ainda aconselhou uma estratégia cautelosa do Ocidente que evitasse a impressão de tentar trazer os países do Leste Europeu para o campo ocidental. “Nosso objetivo estratégico não deve ser a absorção do que era chamado de Europa oriental no que ainda é chamado de Europa ocidental”. Ao invés disso, ele defendeu “a emergência progressiva de uma Europa central verdadeiramente independente, culturalmente autêntica, e provavelmente neutra *de facto*”. Ele enfatizou que não estava propondo a eliminação do Pacto de Varsóvia ou a retirada das tropas soviéticas: “Quando digo neutra *de facto*, quero dizer sobretudo neutra em substância, porém não em forma. Isso emergiria no contexto da existência continuada do sistema de alianças que definem a realidade geopolítica contemporânea da Europa”.¹²¹ Embora ele tenha subestimado o quão rápido e decisivamente o comunismo entraria em colapso na Europa oriental, seu diagnóstico das tribulações que surgiram na região e sua conexão com a crise fundamental na URSS se sustentou bem de modo geral, incluindo sua principal previsão de que o comunismo estava em seu “final agonizante” e que praticamente desapareceria até o final do século XX.

Suas análises aprofundadas sobre a União Soviética em si, que se focavam em explicar e melhor compreender a essência e evolução soviéticas, demonstram as preocupações históricas de Brzezinski em enfraquecer a URSS como forma de libertar gradualmente o Leste Europeu em geral, e a Polônia especificamente, do jugo soviético, porém evitando ao mesmo tempo o uso da força ou a instabilidade e propagação da

¹²⁰ BRZEZINSKI, 1988, p. 15.

¹²¹ Ibid., p. 15-16.

violência nesses países. Com o fim pacífico da “Cortina de Ferro”, do Pacto de Varsóvia, e por fim, da própria União Soviética, Brzezinski se sentiu realizado e com uma sensação de dever cumprido, após tantos anos atuando como um ativo combatente da Guerra Fria e buscando dentro do possível, a libertação e independência polonesa do bloco soviético, de preferência por meios estratégicos e não violentos. No entanto, ao mesmo tempo, também advertiu contra a afobação e exaltação ocasionada pelo pós-Guerra Fria. A partir de então, suas preocupações se voltariam para a manutenção da hegemonia dos EUA no mundo e como melhor utilizar o poder norte-americano para, em suas palavras, promover mais paz, liberdade e segurança em um mundo que se torna cada vez mais multipolar, interdependente e complexo no alvorecer no século XXI.

6. História Recente e os Últimos Anos (1991-2017)

Por volta de 1989, Brzezinski deixou a universidade de Columbia para lecionar na Escola de Estudos Internacionais Avançados (School of Advanced International Studies ou SAIS) da Johns Hopkins University em Washington D.C. Embora sempre tivesse permanecido fiel à universidade de Columbia, começou a procurar um novo lar acadêmico em Washington, onde poderia ficar ainda mais próximo dos centros de poder, embora ainda dentro do espaço universitário. Além da SAIS, ele também tinha sido cortejado pela Escola de Serviços Exteriores (School of Foreign Service) da Georgetown University. Contudo, Brzezinski era amigo do reitor da SAIS, e costumava jogar tênis com ele com frequência. Durante uma partida, mencionou como estava exausto com a necessidade de viajar semanalmente até Nova York. O reitor então lhe ofereceu uma cadeira na SAIS, sendo que Brzezinski ficou muito satisfeito, uma vez que não precisaria comparecer a reuniões e ficar envolvido em intermináveis políticas do corpo docente, algo que ele sempre tinha tentado evitar durante sua carreira. Ele

ainda disse ao reitor que queria alunos brilhantes e fazer parte de uma instituição de primeira linha.¹²²

No final das contas, Brzezinski decidiu se mudar para a SAIS em vez de Georgetown também porque achava que esta era muito acadêmica, enquanto a SAIS era mais orientada para políticas. Ele lecionou na SAIS de 1989 a 1997, dando um seminário por ano e de vez em quando um curso mais extenso. Ele se mostrou um professor bastante popular, com suas aulas sempre muito procuradas. Após ter lecionado para uma turma de 56 alunos, limitou seus seminários a não mais que vinte, os quais tinham que passar por um rígido processo seletivo. Levava suas obrigações docentes a sério e apesar de continuar muito requisitado e ter uma agenda muito ocupada, nunca faltava a suas aulas. Muitos de seus alunos na SAIS tiveram boas memórias dele como professor, inclusive Madeleine Albright que foi aluna de Brzezinski ainda em Columbia, e viria a se tornar Secretária de Estado do governo Clinton.¹²³

De maneira geral, apesar de sempre ter desejado se envolver na definição e implementação de políticas e estar próximo das tomadas de decisão, Brzezinski permaneceu em certa medida essencialmente um acadêmico. Charles Gati, que foi colega de Brzezinski na SAIS e produziu uma biografia sua, retratou suas habilidades docentes da seguinte maneira:

Seja falando com um grupo de especialistas em política externa ou uma plateia de executivos ou universitários, nos EUA ou no exterior, ele os atrai expondo em suas apresentações alguns detalhes razoavelmente bem conhecidos – mas o conteúdo é atual, as análises lógicas, as formulações perspicazes, e a apresentação disciplinada. Suas palestras de quarenta a quarenta e cinco minutos

¹²² SZABO, 2013, p. 319-320.

¹²³ Ibid., p. 321-323.

são sempre diretas, com palavras bem escolhidas; discursa em parágrafos perfeitos. Inicia geralmente com uma estória que serve para ilustrar sua mensagem principal.¹²⁴

Stephen Szabo, outro colega de Brzezinski na SAIS, redigiu um capítulo no livro de Gati no qual também o descreveu de maneira análoga:

Ele sempre foi estudioso e preciso. Em palestras e entrevistas, sempre discursou em parágrafos perfeitos. Por mais que achasse que a “ciência política” fosse vazia de conteúdos sérios, suas análises e promoção de políticas eram desenvolvidas a partir de estudos acadêmicos sérios e sistemáticos, algo que ele tinha aprendido bem em seus principais lares acadêmicos.¹²⁵

Brzezinski parou de lecionar na SAIS em tempo integral em 1998, embora ele não tenha chegado a abandonar completamente sua carreira acadêmica. Ainda manteve um gabinete na SAIS, onde por algum tempo ainda continuou a encontrar com seus colegas e alunos. De certa maneira, passou a expandir suas atividades e público através de palestras ocasionais sempre lotadas na SAIS, assim como através de seus livros, artigos, e comentários televisivos.¹²⁶ Após uma carreira bem-sucedida em Harvard, Columbia e na SAIS, Brzezinski trabalha atualmente no CSIS, um importante *think tank* de Washington, onde continua a ganhar a vida como escritor e palestrante. Muitos de seus livros neste período mais recente abordaram as questões e desafios estratégicos e geopolíticos enfrentados pelos EUA como única superpotência após a Guerra Fria: suas principais ideias serão tratadas no próximo capítulo. Dentre os mais importantes, destacam-se o livro *Out of Control*, de 1992; *The Grand Chessboard*, de 1997; *The*

¹²⁴ GATI, 2013, p. 15.

¹²⁵ SZABO, 2013, p. 316.

¹²⁶ Ibid., p. 325.

Choice, de 2004; *Second Chance*, de 2008. E *Strategic Vision*, seu mais recente livro, de 2012.

Com relação a sua vida pessoal e familiar mais recente, Ziolkowska perguntou a Brzezinski em uma entrevista em 1997 sobre a situação da geração mais jovem de sua família, como seus filhos, seu irmão, seu sobrinho. Em sua resposta, Brzezinski mostrou como muitos deles acabaram seguindo linhas de atuação profissional semelhantes à dele, concentrando-se em geral em carreiras internacionalistas ou jornalísticas:

Quanto à geração mais jovem, você pode se interessar em saber que meu filho mais velho, Ian passou quase dois anos na Ucrânia como voluntário, ajudando com seus problemas de segurança nacional, e agora está trabalhando como conselheiro de política externa do Senador Roth, presidente do Comitê de Finanças do Senado e recentemente eleito presidente da Assembleia do Atlântico Norte. E tem estado particularmente ativo com a expansão da OTAN, especialmente em relação à Polônia e a Ucrânia. Meu segundo filho, Mark passou dois anos na Polônia como estudante, ocasionalmente também ensinando na universidade de Varsóvia. Ele então foi para Oxford, onde completou doutorado focado na introdução do constitucionalismo na democracia polonesa. Sua tese em breve será publicada. Ele é formado em advocacia e acabou de retomar sua carreira legal aqui em Washington. Minha filha Mika é casada, acabou de dar à luz nosso neto e possui muita visibilidade em Connecticut, onde ela é coâncora nacional do programa televisivo da CBS *Up To The Minute News*. Ela aparece com seu nome de solteira e é convidada com frequência por comunidades americano-polonesas para discursar em ocasiões especiais. Seu marido, James Hoffer, é um Repórter da ABC-TV, que recentemente ganhou vários prêmios Emmy. E como você sabe, meu irmão mais novo, Lech Brzezinski continua a viver em Montreal, onde trabalha como chefe de uma grande empresa de engenharia, enquanto sua esposa, Wanda, da Polônia, exerce medicina. O filho mais velho deles, Matthew, tornou-se repórter jornalístico, passou dois anos na Polônia, e atualmente é correspondente em Kiev do *Wall Street Journal*. Ele escreveu alguns artigos muito polêmicos e interessantes.¹²⁷

Por fim, quanto a sua vida pública e seus posicionamentos mais recentes, convém destacar a continuidade de seu renome e influência política e internacional,

¹²⁷ ZIOLKOWSKA-BOEHM, 2004.

além de seu desencanto mais recente em relação à hegemonia e posição dos EUA no mundo atual, a qualidade e capacidade de algumas de suas lideranças, e as complexidades do sistema internacional atual. Em geral, ele foi bastante crítico durante o governo Clinton, especialmente sobre a hesitação deste em intervir contra as forças sérvias durante a guerra da Bósnia. Preocupado com um revigoramento do poder russo, foi contra as guerras na Chechênia e a ascensão de Putin ao poder na Rússia. Desta forma, ele se tornou um dos principais defensores da expansão da OTAN, escrevendo em *The Grand Chessboard* em 1997, que “sem a Ucrânia, a Rússia deixa de ser um império eurasiático”.¹²⁸ Posteriormente, também apoiou os bombardeios da OTAN na Sérvia durante a guerra do Kosovo em 1999. Após a comoção inicial em relação aos atentados terroristas de 2001 nos EUA, a partir de 2002, Brzezinski se tornou um dos principais opositores à Guerra do Iraque e ao governo de George W. Bush. Em uma entrevista recente a Charles Gati, ele comenta como sua posição atual sobre o governo Bush permanece igual à daquela época:

O que eu achava dele em 2001 não é fundamentalmente diferente do que acho dele agora. A única diferença é que agora existem muito mais evidências que amparam o meu ponto de vista. Acredito que ele contribuiu muito diretamente ao fato de que o status dos Estados Unidos como a única superpotência mundial durou no máximo vinte anos.¹²⁹

Em 2007, ele apoiou com bastante entusiasmo inicial a campanha de Barack Obama para a presidência. Contudo, desencantou-se posteriormente com a capacidade dele de restaurar o prestígio e a influência dos EUA no mundo, apesar de sua eloquência:

¹²⁸ BRZEZINSKI, 1997, p. 46.

¹²⁹ GATI, 2013, p. 342.

Fiquei impressionado que ele possuía um entendimento muito perspicaz de como a realidade internacional se alterou e como o cenário mundial se tornou mais complexo... ele compreendeu por uma série de razões que a hegemonia global por uma única potência não era mais possível. Houve um deslocamento de poder do Ocidente para o Oriente dentro do sistema internacional. O despertar político mundial que testemunhamos nos anos recentes criou uma situação que é tão volátil que os EUA precisam ser tanto inteligentes quanto envolventes, de modo a serem mais eficientes. Tendo a ser mais crítico agora, porque embora ele tenha comprovado que tem uma boa oratória, não demonstrou ser um bom estrategista.¹³⁰

Em uma de suas últimas entrevistas, Brzezinski ainda fez suas considerações sobre o novo governo de Donald Trump. Questionado sobre a linha de Trump, mais voltada ao hard power do que ao soft power, Brzezinski respondeu:

O *hard power* faz sentido em algumas circunstâncias. Mas não há uma única solução universal para os problemas globais. Antes de tudo, um país importante como os EUA precisa ter um programa de concepção ampla para ações, influência e cooperação internacional efetivas com os demais países. Eu não vejo nada do tipo surgindo desse governo, e menos ainda do presidente, que em minha opinião não fez nem um discurso sério sobre o mundo e questões internacionais.¹³¹

Indagado pela entrevistadora sobre se a destruição do Estado Islâmico (ISIS) poderia ser vista como um objetivo de política externa, ele replicou:

Pode até ser, mas certamente não é importante e central para uma potência com a capacidade e ambições históricas dos EUA e em quem grande parte do mundo confia. Sim, o ISIS é uma ameaça. É mais do que um incômodo. Trata-se também em muitos aspectos de

¹³⁰ GATI, 2013, p. 343.

¹³¹ MORNING EDITION, 2017.

violência criminosa. Mas não é, do meu ponto de vista, uma questão estratégica central que a humanidade enfrenta.¹³²

Por fim, ele também apontou a falta de foco e planejamento do governo Trump, com uma política externa que tem se mostrado com pouca ou nenhuma substância e consistência:

Bem, voltando ao início da sua pergunta sobre como eu entendo, minha resposta é que eu não entendo. Eu não vejo nenhum senso de direção e um conjunto de objetivos a serem atingidos, nenhum alerta contra perigos em potencial que devem ser enfrentados. E seus discursos não fornecem nenhuma visão geral... E se você se lembra, o que eu tenho dito nos últimos minutos, nosso jeito de lidar com os assuntos externos está caótico, confuso, sem foco... Eu estive envolvido ou fui um observador em umas mudanças de governo, incluindo algumas discordâncias muito básicas na política externa. Mas essas eram serias discordâncias com propósitos claros em mente, mesmo se esses propósitos eram diferentes ou conflitantes... Eu não enxergo nada disso. Eu acho que os EUA é atualmente um tipo de país das maravilhas, com o presidente falando de assuntos de sua escolha, alguns dos quais são divertidos, mas nenhum é muito substancial de um ponto de vista estratégico.¹³³

Concluindo esta breve biografia pessoal de Brzezinski, é possível afirmar que sua vida se destacou bastante por seu internacionalismo e protagonismo. Sensibilizado pelo soturno destino de seu país natal durante e após a Segunda Guerra Mundial, ele desejou em sua formação uma compreensão melhor dos motivos e consequências dos grandes acontecimentos internacionais. A partir daí, decidiu se aprofundar na análise e entendimento da União Soviética, que considerava como o principal antagonista à segurança e liberdade do mundo ocidental. Com a oportunidade que teve de estudar e residir nos EUA, a principal superpotência que tinha capacidade de se opor à URSS, e posteriormente se tornar cidadão norte-americano, conseguiu o prestígio e as conexões

¹³² MORNING EDITION, 2017.

¹³³ Ibid.

necessárias para ajudar a moldar os eventos globais em favor do enfraquecimento soviético e da gradual emancipação da Polônia e do Leste Europeu do bloco soviético. Seus estudos e análises estratégicas e geopolíticas evidenciaram a gravidade da URSS como coração continental da Eurásia e como sua expansão poderia ameaçar os EUA, a Europa, e seus aliados. Após o fim da Guerra Fria, o contexto mundial se alterou bastante, porém ele ainda prosseguiu avaliando as estratégias dos EUA em termos geopolíticos, afirmando que muitos das preocupações e objetivos de longo prazo permanecem basicamente os mesmos, apesar das mudanças conjunturais. Perguntado em uma entrevista recente sobre o que achava que havia mudado no cenário global e na política internacional em relação ao passado que vivenciou, respondeu:

Esta é uma pergunta muito desafiadora. Para ser honesto, e com algum constrangimento, eu diria que muito pouco. Acredito que o mundo tenha de fato mudado, obviamente e, portanto, você precisa adaptar o seu pensamento estratégico às circunstâncias. Porém algumas das preocupações subjacentes, alguns dos princípios básicos, e por fim alguns dos objetivos ainda permanecem essencialmente os mesmos.¹³⁴

O próximo capítulo buscará focar-se especificamente na história e evolução de seu pensamento geopolítico, expondo as principais ideias e conceitos estratégicos que Brzezinski formulou e desenvolveu ao longo de sua carreira acadêmica, incluindo a evolução e de seu pensamento em relação à União Soviética/Rússia.

¹³⁴ MORNING EDITION, 2017.

CAPÍTULO 3:

DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO POSICIONAMENTO TEÓRICO E POLÍTICO DE BRZEZINSKI, ESPECIALMENTE EM RELAÇÃO À RÚSSIA/URSS

1. Introdução

Após apresentação das principais escolas e vertentes geopolíticas, com suas respectivas ideias e pressupostos, e a exposição da biografia e carreiras acadêmica e política de Brzezinski, analisaremos agora a evolução do pensamento geopolítico brzezinskiano propriamente, abordando alguns dos principais conceitos e elementos presentes ao longo de suas obras, com especial ênfase nos posicionamentos sobre a Rússia e União Soviética. Concomitantemente introduziremos alguns comentários de especialistas e críticos sobre partes de sua obra de modo a oferecer contrapontos na realização do balanço de seu pensamento.

Primeiramente, apresentaremos um sucinto panorama geral de seus principais conceitos e abordagens geopolíticas, o foco fundamental de suas análises e quais são os principais objetivos estratégicos de longo prazo que ele defende a partir do ponto de vista dos Estados Unidos, sobretudo em relação ao poder, influência, disposição e capacidade dos EUA em moldar e implementar seus interesses e objetivos políticos, econômicos e estratégicos no exterior.

A partir daí, por questões didáticas, a exposição da evolução de seu pensamento será dividida cronologicamente em três intervalos históricos principais: o período da Guerra Fria, que vai aproximadamente de 1950 a 1991, e que mostra as posições geopolíticas de Brzezinski principalmente em relação à União Soviética, tida como o principal antagonista político, ideológico e militar dos EUA durante o período; a década imediatamente posterior ao final da Guerra Fria, que vai aproximadamente até os atentados terroristas de 11 de setembro de 2001 e as consequentes guerras do

Afganistão e do Iraque, em que se mostrou evidente a forte hegemonia dos EUA como a única superpotência de alcance global remanescente após o colapso da URSS; e o momento após a ascensão do terrorismo global marcado pelos atentados de 2001 até a atualidade, em que a hegemonia dos EUA gradualmente se enfraqueceu, e embora o poder norte-americano ainda persista a nível mundial, ocorreu também a ascensão de outros variados polos de poder capazes e dispostos a buscar um maior protagonismo internacional, de modo a contrabalançar o poderio e influência dos EUA no mundo.

Por fim, será realizado um breve balanço das principais revisões e inflexões ocorridas em seu pensamento teórico ao longo das transformações políticas ocorridas durante um extenso período histórico.

2. Breve Panorama Geral do Pensamento Geopolítico Brzezinskiano

De acordo com o que já foi apresentado no capítulo 1, grande parte do pensamento de Brzezinski se inspirou fortemente na escola geopolítica anglo-saxônica, sobretudo nos conceitos e pressupostos de Mackinder e Spykman, porém adaptando-os a cada nova realidade política com a qual se defrontou ao longo de sua vida. Embora fortemente empenhado na manutenção do poder norte-americano e na elaboração de estratégias que garantissem a efetivação dos principais interesses e objetivos de segurança e política externa dos EUA, é com a Eurásia especificamente que parte significativa de sua obra se preocupa e aborda com maior ênfase.

No início do livro *The Grand Chessboard*, ele escreve: “Desde quando os continentes iniciaram a interagir politicamente, há cerca de quinhentos anos, a Eurásia tem sido o centro do poder mundial”.¹³⁵ Conforme ele mesmo aponta em seus livros, o

¹³⁵ BRZEZINSKI, 1997, p. xiii.

continente eurasiático é a maior das massas continentais do planeta, no qual habita a maioria da população, concentra a maior parte das riquezas e recursos naturais, e contém parte significativa de Estados com economias dinâmicas e políticas assertivas.¹³⁶ Ele ainda prossegue, acrescentando:

Após os EUA, as próximas seis maiores economias e as próximas seis maiores despesas militares estão localizadas na Eurásia. Todas as potências abertamente nucleares exceto uma e todas as potências veladamente nucleares menos uma se localizam na Eurásia. Os dois mais populosos aspirantes à hegemonia regional e influência global são eurasiáticos. Todos os potenciais pretendentes políticos e econômicos à primazia norte-americana são eurasiáticos. Somado, o poder da Eurásia vastamente ofusca o dos Estados Unidos. Contudo, felizmente para os EUA, a Eurásia é grande demais para ser politicamente unida.¹³⁷

Desta forma, ele descreve a importância da composição e distribuição de poder político, militar e econômico na Eurásia para a definição das estratégias na região que garantam aos EUA e ao mundo maior segurança, paz, estabilidade e equilíbrio. Portanto, Brzezinski defende que “para os Estados Unidos, o prêmio geopolítico capital é a Eurásia. Durante meio milênio, as questões mundiais foram dominadas por potências e povos eurasiáticos que lutavam entre si pela dominação regional com vias de alcançar o poder global”. Ainda segundo ele, “a primazia dos Estados Unidos depende diretamente do tempo e eficácia com que sua preponderância possa ser sustentada no continente eurasiático”.¹³⁸

Em muitos livros (porém explicitados mais detalhadamente em *Game Plan* e *The Grand Chessboard*), Brzezinski expõe claramente sua visão geopolítica da Eurásia. Em *Game Plan*, de 1986, pouco antes do colapso soviético, ele define o espaço

¹³⁶ BRZEZINSKI, 1997, p. 31.

¹³⁷ Ibid., p. 31.

¹³⁸ Ibid., p. 30.

soviético como o “Centro Geoestratégico Eurasiano”. Além disso, ele delimita o que chama de Três Frentes Estratégicas Centrais, marcando os principais pontos de contenção de eventuais expansões soviéticas: uma “Península Eurasiana do Extremo Ocidente”, que corresponde à Europa Ocidental e em geral membros europeus da OTAN daquele período; uma “Extremidade Eurasiana do Extremo Oriente”, que corresponde à parte insular do Extremo Oriente servindo como um “perímetro de segurança militar”, enquanto a China continental é representada como um “perímetro de segurança política”; e a terceira frente, que ele estabelece como uma “Região Populosa Eurasiana Meridional”, correspondente ao sul e sudoeste asiático.¹³⁹

Posteriormente, em *The Grand Chessboard*, de 1997, após a queda da URSS, ele renomeou essas regiões respectivamente de “Espaço Médio”, “Ocidente”, “Oriente” e “Sul”. O “Espaço Médio” retrocedeu em relação a seu livro anterior, incorporando aproximadamente o espaço russo. O “Ocidente” passou a incorporar a maior parte da península europeia e excluir a Turquia, que então passou a fazer parte do “Sul”, em conjunto com o restante do sul e sudoeste asiático. E o “Oriente” passou a agregar definitivamente a China continental, juntamente com o sudeste asiático, a península coreana e as regiões insulares adjacentes.¹⁴⁰

Assim, apesar das leves alterações realizadas em decorrência das transformações ocasionadas pelo fim da Guerra Fria e o colapso da URSS, os principais conceitos, definições e delimitações gerais permaneceram basicamente semelhantes, de forma análoga a Mackinder quando este elaborou suas revisões na demarcação do Heartland na primeira metade do século XX. Essa divisão da Eurásia em zonas compõem os principais preceitos do pensamento geopolítico brzezinskiano que serão utilizados para expor e analisar as variadas políticas e estratégias que ele propôs em diferentes

¹³⁹ BRZEZINSKI, 1986, p. 42.

¹⁴⁰ Id., 1997, p. 34.

momentos, dependendo do contexto da época analisada e da posição de influência e poder dos EUA no sistema internacional, a serem avaliados nas próximas partes do capítulo.

3. O Período da Guerra Fria (1950-1991)

O primeiro período do pensamento de Brzezinski a ser analisado ocorre no contexto da Guerra Fria, marcado pelos constantes atritos e disputas globais entre EUA e URSS, as duas maiores potências do período. Sendo Brzezinski considerado por muitos a contraparte democrata do republicano Henry Kissinger em questões de política externa, ambos foram vistos durante seus momentos de atuação política como “falcões” e ativos combatentes da Guerra Fria. Conforme já notado no capítulo anterior, a origem polonesa do personagem, seu estabelecimento no Canadá e posteriormente nos EUA e a forte hegemonia soviética sobre o Leste Europeu (em particular sobre seu país natal) durante a Guerra Fria contribuíram significativamente para seu ávido interesse acadêmico pela Rússia e União Soviética. Tendo se especializado na promissora área nascente de soviologia, seu foco foi se modificando ao longo das décadas, porém sempre dedicado a compreender melhor os variados aspectos da sociedade, economia e política soviética. Contudo, apesar de focar suas análises na URSS, elas partiam do ponto de vista dos EUA, que ele percebia como a potência mais bem preparada para enfrentar os desafios suscitados pelas ações e políticas soviéticas, sobretudo em diferentes pontos de pressão estratégicos circunvizinhos na Eurásia.

Durante os anos 1950, no início da carreira acadêmica, o foco principal foi uma compreensão aprofundada do conceito de totalitarismo em geral, e do totalitarismo soviético em específico, fenômeno que surgiu e se consolidou de diferentes maneiras e com diversos matizes em muitos países da Europa após a primeira Guerra Mundial. Sua

intenção era definir os aspectos comuns em todos os tipos de totalitarismo em termos de origens, motivações e perspectivas futuras. Um dos principais livros sobre esse assunto foi realizado em parceria com o orientador Carl Friedrich, além da tese de doutorado sobre a importância política dos expurgos e outro livro sobre as questões ideológicas na política soviética, cujos principais pontos foram abordados sucintamente no capítulo anterior.

Na década de 1960, o foco retornou aos estudos sobre os nacionalismos presentes no interior da URSS, iniciados durante a tese de mestrado, aliados agora também às discordâncias e divergências dentro do bloco soviético, sobretudo no Leste Europeu. Nestes estudos, ele novamente buscou demonstrar como a estrutura imperial soviética e as tentativas de abafar, ocultar e até mesmo suprimir os nacionalismos não russos dentro da União Soviética, além das intervenções contra dissidências no bloco soviético, poderiam acabar resultando em um enfraquecimento do poder central russo e, até mesmo, em uma possível fragmentação, a menos que fossem controlados e contidos por meio de severa coerção e repressão. Por fim, ele escreveu em 1970 sobre a relativa incapacidade da URSS em avançar economicamente para além da fase industrial, no que ele denominou de era “tecnocrônica”, o que faria com que a econômica soviética fosse progressivamente se defasando em relação à dos EUA e do restante do Ocidente. A partir de então houve um hiato na publicação de livros, sobretudo devido ao envolvimento mais intenso e empenhado na política externa dos EUA, com a eventual ascensão ao cargo de conselheiro do presidente Carter.

Em meados dos anos de 1980, particularmente após a saída do governo, com o retorno ao mundo acadêmico, Brzezinski buscou apresentar um plano estratégico prático para os EUA em relação às políticas expansionistas da URSS na Eurásia, baseado em seus próprios conceitos e pressupostos geopolíticos, que foram fortemente

inspirados pelos autores geopolíticos clássicos, particularmente Mackinder e Spykman, embora este último não seja citado nominalmente em suas obras. No livro *Game Plan*, uma de suas mais significativas obras geopolíticas do período da Guerra Fria, ele expõe minuciosamente seus conceitos e sua abordagem geoestratégica na Eurásia, como forma de ilustrar aos EUA as possíveis estratégias de contenção à expansão soviética no continente eurasiático.

3.1. A Colisão Imperial

Brzezinski inicia o livro esclarecendo os principais objetivos, indicando que não se trata de apontar especificamente os males do sistema soviético comparado com os méritos da democracia norte-americana, e sim propor um “guia prático para a ação”. Ele ainda ressalta que embora a rivalidade americano-soviética seja global em escopo, ela possui claras prioridades geopolíticas e, de modo a prevalecer, os EUA devem travá-la com base em uma ampla e consistente perspectiva estratégica.¹⁴¹ Logo no primeiro capítulo, Brzezinski elucida como diferentes projeções cartográficas do globo terrestre podem alterar a visão estratégica de determinadas regiões, assim como a posição de um país que é projetado no mapa, de modo que pode tanto instruir quanto iludir. Ele cita o caso de Andrei Gromyko, importante ministro das relações exteriores russo de 1957 a 1985, que possuía em seu gabinete um mapa com projeção centrada em Moscou na Rússia, e relatou que reservava alguns momentos por semana observando e refletindo sobre esse mapa.¹⁴²

Segundo Brzezinski, esse mapa representava a URSS no centro do imenso supercontinente eurasiático e do resto do mundo, alterando a perspectiva de centro e

¹⁴¹ BRZEZINSKI, 1986, p. xiii.

¹⁴² Ibid., p. 3.

periferia, colocando o restante da Eurásia para os soviéticos como uma área “natural” de influência, deixando a África quase como um apêndice, e mantendo a Eurásia bastante separada pelos vastos mares do continente americano, da Oceania, e de outras ilhas menores. Ele pondera como Gromyko e outros líderes soviéticos interpretavam como “não natural, talvez até provocativo um Estado norte-americano estar tão profundamente envolvido em questões políticas e econômicas daquele continente central eurasiático que se estendia de Kamchatka a Gibraltar”.¹⁴³ Ele continua, dizendo que “aos olhos do reflexivo estadista russo, somente um projeto agressivo poderia explicar a determinação desse distante Estado de manter as periferias – Europa Ocidental, Extremo Oriente e Sul Asiático – fora da esfera de influência de Moscou, coisa obviamente calculada para prejudicar os interesses continentais legítimos da URSS”.¹⁴⁴ Brzezinski ainda acrescenta que “ele certamente deve ter contemplado que o mapa claramente revelava certas ‘leis pétreas’ da política global: a água deve separar o intruso norte-americano das periferias desviantes desse continente central, provendo dessa maneira uma divisão geopolítica ‘natural’ do mundo”.¹⁴⁵

Contudo, para Brzezinski, essa projeção feita pelos líderes soviéticos tanto por questões ideológicas quanto por facilitar a formulação de políticas a partir da visão de Moscou, não se trata de uma representação precisa do mundo, podendo também induzir a equívocos por suas distorções de tamanho relativo, distribuição de poder e um senso arbitrário de centralidade geográfica.¹⁴⁶ Para Brzezinski, uma avaliação de um globo em vez de um mapa achatado pode produzir outros diferentes e importantes *insights*:

Por um lado, a América do Norte (que inclui os Estados Unidos e Canadá), se equipara mais em tamanho à URSS do que o mapa soviético deixa transparecer. Por outro, os oceanos efetivamente

¹⁴³ BRZEZINSKI, 1986, p. 4-5.

¹⁴⁴ Ibid., p. 5.

¹⁴⁵ Ibid., p. 5.

¹⁴⁶ Ibid., p. 6.

mais conectam do que separam (conforme aparece no mapa) as grandes ilhas flutuantes chamadas continentes. As imensas extensões aquáticas servem como objetos para o exercício de controle estratégico pelas forças dominantes, como vias navegáveis para o comércio, e como avenidas para a expansão cultural.¹⁴⁷

Ele também enfatiza que “um mapa não transmite uma noção de poder econômico, nem avalia a vitalidade e tamanho de uma população, além de outros fatores qualitativos intangíveis, como criatividade social, inovação em alta tecnologia e dinamismo cultural”.¹⁴⁸ Brzezinski ainda supõe que seria “surpreendente se Gromyko e seus herdeiros ignorassem essas outras considerações, sendo que a experiência deve ter-lhe ensinado a respeitar tais elementos, pois contribuíram para frustrar o determinismo geopolítico que teria conferido a Moscou o controle total do continente central dominante”.¹⁴⁹ Contudo, ele afirma que “outros estadistas frequentemente cometem o erro oposto, ao descartar muito rapidamente uma visão territorial da política externa, cuja perspectiva também foca atenção na conexão entre geografia e poder político, território e população, impulso histórico e prioridades geopolíticas”.¹⁵⁰ Ele ainda acrescenta que embora a competição ideológica ainda desempenhe um papel significativo, essa dimensão se enfraqueceu nos anos mais recentes com o declínio do apelo ideológico e fervor revolucionário soviético, sendo que, neste período com conflito, se expressou sobretudo pelo incremento de poder militar destinado a intimidar ou conter o oponente. Para ele, considerações de cunho geopolítico e estratégico são vitais ao determinar o foco, a substância e o resultado deste conflito histórico.¹⁵¹

Brzezinski define então as relações entre EUA e URSS de três maneiras: como um clássico conflito histórico entre grandes potências, porém mais do que um simples

¹⁴⁷ BRZEZINSKI, 1986, p. 7.

¹⁴⁸ Ibid., p. 7.

¹⁴⁹ Ibid., p. 7.

¹⁵⁰ Ibid., p. 7-8.

¹⁵¹ Ibid., p. 11.

conflito entre nações; uma disputa entre dois sistemas imperiais; e, pela primeira vez na história, um conflito entre duas nações que envolve nada menos que o predomínio global.¹⁵² Contudo, ainda segundo ele, o novo sistema emergido das cinzas da 2ª Guerra Mundial ainda seguia os mesmos traços de conflitos tradicionais anteriores entre potências baseadas na terra e no mar:

Mesmo envolvendo novos participantes, ainda foi um legado da antiga luta tradicional e certamente geopolítica, entre as grandes potências oceânicas e as potências terrestres dominantes. Os Estados Unidos foram de certo modo os sucessores da Grã-Bretanha (e, anteriormente, da Espanha ou da Holanda) e a União Soviética da Alemanha nazista (e, antes, da Alemanha imperial, da França napoleônica). Os Estados marítimos projetavam seu poder ao explorar rotas oceânicas acessíveis para estabelecer enclaves transoceânicos de influência política e econômica. As potências terrestres buscavam dominação continental como ponto de partida para desafiar a hegemonia do intruso transoceânico. A história ensina que tais conflitos tendem a ser prolongados, não suscetíveis a uma solução rápida, seja por vitória ou acomodação, como colisões entre pares de nações marítimas ou pares de potências territoriais”.¹⁵³

Para ele, fatores geopolíticos já poderiam ter sido causa suficiente para impulsionar as duas maiores potências do pós-guerra a uma colisão. Mas, somado a isso, ainda havia o fato de que os EUA e a URSS diferiam profundamente em diversos fundamentos e em uma extensão maior do que quaisquer rivais históricos anteriores. Dessa forma, Brzezinski enumerou dez características diferentes:¹⁵⁴

1) Os imperativos de suas respectivas situações geopolíticas, conforme já enunciado.

2) A experiência histórica que moldou o subconsciente político de cada nação. EUA: sociedade aberta, livre e expansiva, de imigrantes voluntários que não

¹⁵² BRZEZINSKI, 1986, p. 8.

¹⁵³ Ibid., p. 12.

¹⁵⁴ Ibid., p. 12-15.

compartilhavam de um passado comum, mas aspiravam a um futuro compartilhado. URSS: sociedade sempre subordinada ao Estado, arregimentada por ele e expansiva por meio de conquistas militares organizadas e assentamentos penais comandados a partir do centro.

3) Os valores filosóficos que moldam a percepção nacional ou são formalizadas por uma ideologia. EUA: enfatiza a primazia do indivíduo. URSS: institucionalizou o conceito e prática de subordinação do indivíduo ao Estado.

4) A organização e cultura política que determinam como decisões são discutidas, tomadas e revisadas. EUA: sistema de competição política aberta, reforçado por meios de comunicação livres e formalizado por voto secreto, eleições livres e separação deliberada de poderes executivo, legislativo e judicial. URSS: poderes concentrados de maneira monopolista sob uma liderança fechada e disciplinada que se autosseleciona e se autoperpetua, exercendo censura total dos meios de comunicação e enfatizando a doutrinação política deliberada de sua população.

5) A relação do espiritual com o político, que ajuda a definir o conteúdo interior do ser humano. EUA: separação deliberada de Igreja e Estado de modo a maximizar a liberdade religiosa e minimizar o papel espiritual do Estado. URSS: subordinou a Igreja ao Estado, não para inculcar valores religiosos, mas para promover ateísmo patrocinado pelo Estado e confinar estritamente o escopo de práticas religiosas.

6) A organização econômica. EUA: um sistema que, por mais imperfeito que seja, provê oportunidade econômica e estimula a iniciativa pessoal, propriedade privada, tomada de riscos e a busca de lucros, e gerou um alto padrão de vida para a maioria da população. URSS: a liderança política comanda a direção da atividade econômica, com os meios de produção predominantes centralizados por meio de propriedade estatal, e

com a livre iniciativa e a propriedade privada deliberadamente limitadas, em um cenário de contínua privação econômica e relativo atraso.

7) Os estilos de vida, que expressam a busca pessoal por autorrealização. EUA: sociedade fluida, orientada para o consumo e altamente móvel, com uma cultura de massa que é dada a modas variáveis e experiências artísticas frequentes. URSS: promove uma existência mais formal, confinada e controlada dentro de uma cultura decretada, da qual os cidadãos se refugiam em laços familiares e grupos de amizade mais profundos que nos EUA, porém sujeitos a pesadas demandas de patriotismo socialista e militarização até de educação precoce.

8) O apelo ideológico externo de cada sistema, que define como são percebidos ao redor do mundo. EUA: uma sociedade que influencia o mundo por meio de comunicações e mídia, “americanizando” a cultura da juventude. URSS: atrai os países pobres do mundo como exemplo de autodesenvolvimento social justo. Apresenta-se como a vanguarda da revolução mundial, embora essa imagem esteja sendo ofuscada por uma percepção global crescente da estagnação social soviética, ineficiência econômica e burocratização política.

9) Os ciclos históricos que essas grandes nações vivenciaram conforme ascenderam, atingiram o auge, e declinaram em vitalidade e poder. EUA: uma nação claramente no seu auge (segundo alguns, já superado), mas ainda a principal potência mundial. URSS: uma nação que ainda aspira historicamente a ser a Terceira Roma, e assim provavelmente motivada a buscar a supremacia e mais preparada que seu rival a fazer os sacrifícios necessários.

10) A definição de vitória histórica, que indiretamente afeta o formato dos objetivos imediatos. EUA: vago anseio de “um mundo de paz” e democracia mundial, assim como uma tendência patriótica, e sem dúvida em benefício próprio, de associar

essa condição global com uma contínua primazia norte-americana. URSS: possui um desejo mais focado de “sobrepular os Estados Unidos”, tornar-se o centro de um mundo com cada vez mais Estados socialistas aliados e de um continente eurasiático do qual seu rival tenha sido terminantemente excluído.

Com a exposição desses conceitos, Brzezinski afirma que nunca uma disputa entre duas potências teve diferenças tão fundamentais, nem mesmo durante a guerra dos EUA com a Alemanha nazista, acrescentando que rivalidades deste tipo, intensificadas por diferenças sistêmicas, normalmente resultam em guerra. E apesar de isto ter sido quase a realidade em algumas ocasiões, ambos restringiram os impulsos devido ao componente de destruição nuclear. O máximo que ocorreu foram guerras indiretas, como no caso da Coreia. Esta autolimitação evita as consequências de um confronto direto, contudo também nega os benefícios tradicionais de uma vitória militar, perpetuando o conflito. Além disso, a hostilidade se mistura com grande insegurança, com cada lado fazendo o necessário para garantir que o outro não ganhe uma vantagem militar decisiva.¹⁵⁵

Ademais, Brzezinski também afirma que a rivalidade americano-soviética não se trata apenas de uma mera disputa entre duas nações, mas também um conflito entre dois sistemas imperiais de alcance global, formados em parte desde antes da 2ª Guerra, porém tendo sua importância ampliada e intensificada estrategicamente após a colisão resultante. Brzezinski considera o conceito de “império” como moralmente neutro, descrevendo um sistema hierárquico de relações políticas que irradiam de um centro. Contudo, a moralidade de um império, segundo ele, é definida pela maneira como seu poder imperial é exercido, qual grau de consentimento existe por parte daqueles dentro

¹⁵⁵ BRZEZINSKI, 1986, p. 15.

de seu alcance e para quais fins. Quanto a isso, ele aponta como nesse ponto as diferenças entre os dois tipos de impérios são mais acentuadas.

Brzezinski divide primeiramente o império soviético em três camadas: a primeira abrange o império dos grandes russos, com uma população de cerca de 135 milhões que dominam por volta de 140 milhões de súditos imperiais não russos, incluindo aproximadamente 50 milhões de muçulmanos centro-asiáticos e 50 milhões de ucranianos. A segunda compreende o império soviético, a partir do qual Moscou controla Estados-satélites com cerca de 120 milhões de europeus orientais, 15 milhões de afegãos e 2 milhões de mongóis. A terceira, por fim, compõe o império comunista, que inclui clientes imperiais como Cuba, Nicarágua, Vietnã, Angola, Etiópia, Iêmen do Sul e Coreia do Norte, os quais dependem de Moscou como mentor político, para apoio militar e econômico e possui uma população com cerca de 130 milhões. Isso resulta em um sistema imperial de aproximadamente 545 milhões espalhados pelo continente eurasiático e em outras dependências de além-mar.¹⁵⁶

Contudo, o império soviético é formado predominantemente por territórios contíguos e é produto de um impulso histórico persistente e prolongado em grande parte liderado pelos grandes russos. Assim, o sistema imperial russo emergiu de maneira bastante diferente de outros impérios mais recentes, que ocorreram através de expansões navais para terras remotas com a introdução inicial de assentamentos exíguos. Brzezinski salienta que o processo ocorreu de modo muito mais “orgânico”, por meio da infiltração constante em territórios adjacentes, com um instinto de sobrevivência ditando a necessidade de adquirir mais terras. Esse sentimento de insegurança traduziu-se em uma expansão persistente, resultando em uma Rússia historicamente muito mais agressora do que vítima de agressão, pressionando a partir do centro em uma ou outra

¹⁵⁶ BRZEZINSKI, 1986, p. 16.

direção sempre que se mostrava oportuno. Para ele, as agressões cometidas nos últimos duzentos anos contra a Rússia se apequenam em relação aos movimentos predatórios de expansionismo russo contra seus vizinhos.¹⁵⁷

Brzezinski ainda define a consciência imperial dos grandes russos a partir de uma complexa rede de elementos, como a do messianismo religioso, associado com a ideia de Moscou como a terceira Roma; da percepção de se autoenxergarem como o “irmão mais velho” dos povos dominados; de instintos nacionalistas de sobrevivência e poder; e mais recentemente, de um pensamento ideológico universal. As atitudes paranoicas com relação ao mundo exterior também foram reforçadas pela obsessão comunista com inimigos internos e externos. Brzezinski também frisa que ao contrário da perspectiva norte-americana, que enfatiza a diversidade como algo normal, o componente ideológico da visão de mundo soviética ressalta a noção de que toda a humanidade é regida por certas “leis pétreas da história”, que somente os líderes soviéticos conseguiram interpretar corretamente. Isso fez com que todos aqueles do mundo exterior que não compartilhassem de sua visão fossem vistos como sendo inerentemente hostis, sobretudo os EUA.¹⁵⁸

Por outro lado, embora inicialmente a expansão territorial dos EUA tenha ocorrido de maneira bastante tradicional e semelhante à experiência do império russo, o império marítimo norte-americano se consolidou somente após este ter saído relativamente ileso da 2ª Guerra Mundial. Ao contrário da continentalidade russa, o império dos EUA é relativamente poroso, composto em essência de territórios

¹⁵⁷ BRZEZINSKI, 1986, p. 16.

¹⁵⁸ Ibid., p. 20-21.

ultramarítimos não contíguos e que se mantêm unidos em grande parte por convergência de interesses, coassociação e outros laços indiretos.¹⁵⁹ Nas palavras de Brzezinski:

Embora formalizado por meio de tratados que efetivamente reconhecem o status da Europa Ocidental, Japão e Coreia do Sul como protetorados norte-americanos, esse sistema imperial é muito mais um mosaico de interesses compartilhados, além de laços comerciais e étnicos informais. A propensão democrática dos EUA com relação a tomada de decisões consensuais acabou por mitigar sua dominação política, militar e econômica. Os aliados mais importantes são a Europa Ocidental, Canadá, Japão e Coreia do Sul, mas também possui dependências no Oriente Médio (Israel e Egito), Sudoeste Asiático (Paquistão) e Sudeste Asiático (Tailândia e Filipinas). O sistema imperial incorpora uma população de mais de 780 milhões, em comparação com 545 milhões do império soviético, contudo carece da homogeneidade ideológica, a centralização política e a contiguidade territorial do rival soviético. Desta forma, o império norte-americano não é tão fácil de delinear com precisão”.¹⁶⁰

Brzezinski por fim aponta esses contrastes como as principais diferenças entre esses dois sistemas imperiais, evidenciando também como o império soviético, apesar de aparentemente mais centralizado, compacto e uniformizado que o norte-americano, também apresenta um caráter mais frágil, instável, e mais sujeito a dissidências e defecções, sobretudo de países e povos limítrofes, a menos que estes sejam subjugados e reprimidos:

Devido ao caráter transoceânico do poder norte-americano, suas dependências tendem a se ver como aliados legítimos [...] Isso não ignora a realidade de diferenças políticas e conflitos econômicos com os EUA, mas tal dissensão ocorre dentro de uma estrutura de interesses compartilhados, com a distância geográfica gerando atração política (o vizinho do meu vizinho é meu amigo, mas não meu vizinho!). Em contraste, o caráter territorial contíguo do império soviético implica que Moscou é visto por seus vizinhos como inerentemente ameaçador e dominador. Desta maneira, mesmo aliados formais podem guardar rancores e ser pouco confiáveis. Enquanto países vizinhos como China e Iugoslávia

¹⁵⁹ BRZEZINSKI, 1986, p. 23-24.

¹⁶⁰ Ibid., p. 24.

romperam com o Kremlin, algumas das principais lealdades têm vindo de aliados distantes, como Cuba e Vietnam.¹⁶¹

3.2. A Luta pela Eurásia: Frentes Estratégicas e Regiões Vulneráveis

Após expor as principais definições e diferenciações entre esses dois sistemas imperiais, Brzezinski inicia a análise geopolítica propriamente dita, no que ele define com o conceito de uma “luta pela Eurásia”.¹⁶² Mais uma vez ele salienta que, embora o conflito americano-soviético possua um escopo global, sua prioridade primária é a Eurásia, o continente central do mundo, que contém a maior parte da população, território e riqueza mundial. Trata-se do principal foco geoestratégico da disputa e o prêmio geopolítico fundamental. Impedir a dominação soviética da Eurásia é uma condição essencial para os EUA atingirem um resultado aceitável da disputa, enquanto que expulsar os Estados Unidos da Eurásia por meio de um avanço político ou militar bem-sucedido em uma ou mais das chamadas frentes estratégicas centrais é o pré-requisito para um sucesso histórico decisivo para a URSS.¹⁶³ Segundo Brzezinski:

Assim como os líderes do Kremlin devem ver a presença norte-americana no continente eurasiático como um obstáculo chave para atingir suas aspirações políticas, os Estados Unidos devem ver suas posições transoceânicas como linhas avançadas de defesa que lhe poupam da necessidade de organizar uma defesa direta da América do Norte.¹⁶⁴

Dessa forma, Brzezinski define a posição geográfica da Rússia como paradoxal. Embora o sistema imperial russo ocupe uma localização central no maior dos continentes e seja militarmente dominante, ao mesmo tempo revela-se no mapa que a URSS sofre também um relativo isolamento, e até mesmo um cerco. Apesar de suas

¹⁶¹ BRZEZINSKI, 1986, p. 25-26.

¹⁶² Ibid., p. 30.

¹⁶³ Ibid., p. 30.

¹⁶⁴ Ibid., p. 23.

proporções continentais, sendo o maior país do mundo, Brzezinski demonstra como na verdade a URSS carecia de um acesso efetivo ao mar. Conforme sua própria descrição:

Em uma das pontas, a Europa Ocidental bloqueia efetivamente a entrada ao Mar Mediterrâneo e ao Oceano Atlântico. O alcance da Rússia ao Atlântico e além é impedido por gargalos estratégicos, como os estreitos de Dardanelos entre o Mar Negro e o Mediterrâneo, os estreitos de Kattegat e Skagerrak ligando o Mar Báltico ao Mar do Norte, e a passagem entre a Noruega e Spitsbergen (que de, todo modo, leva a portos soviéticos que são forçados a fechar durante o inverno). Ao Sul, o acesso ao Golfo Pérsico e ao Oceano Índico é negado por uma orla de Estados, passando por Turquia, Irã, Paquistão, Índia, e terminando com a China. A fronteira chinesa também se torna o limite do império soviético no Extremo Oriente, com a Coreia do Sul e o litoral do Japão como os entrepostos limítrofes finais. Aqui também, a União Soviética está desprovida de circulação marítima. O acesso ao Oceano Pacífico limita-se a uma estreita faixa do Extremo Oriente soviético, com o porto de Vladivostok vulnerável a um gargalo no estreito de Tsushima, que leva para fora do Mar do Japão. Por fim, o norte é bloqueado por uma barreira de gelo quase permanente, praticamente inavegável.¹⁶⁵

Ele então prossegue ilustrando através de diversos exemplos históricos como tanto líderes czaristas como soviéticos buscaram historicamente atingir certos objetivos estratégicos por meio de um expansionismo persistente que alterasse sua posição geográfica, de modo a atingir uma preponderância continental.¹⁶⁶ Sobretudo nos últimos dois séculos, a Rússia atuou política e militarmente a leste, oeste ou sul, expandindo-se quando encontrava condições favoráveis ou pouca resistência, e consolidando sua posição ou ao menos tentando impedir avanços inimigos quando se via ameaçada. Ainda de acordo com Brzezinski, as demandas territoriais soviéticas, particularmente após a 2ª Guerra Mundial, revelaram um impulso consistente em três direções: “a oeste através do coração da Europa, com um alcance ao flanco noroeste pelas ilhas Spitsbergen e tentativas pelos Dardanelos e até mesmo Tanger; a leste nas ilhas Curilas

¹⁶⁵ BRZEZINSKI, 1986, p. 31.

¹⁶⁶ Ibid., p. 31.

e pela Manchúria aos portos no Mar Amarelo; e a sul pelo Irã e em direção ao Golfo Pérsico”.¹⁶⁷ Mais uma vez ele relembra como o expansionismo de potências terrestres e a consequente reação de potências marítimas representa um conflito geopolítico histórico, do qual a Guerra Fria constitui apenas a encarnação mais moderna:

Essa oposição era um marco histórico. De fato, representou a fase mais recente da antiga disputa pelo domínio do continente mais ativo do mundo – um conflito que surgiu desde o colapso do Império Romano do Ocidente, passando por diversas tentativas de formar um Sacro Império Romano englobando toda a Europa, até conflitos prolongados entre impérios oceânicos, como a Grã-Bretanha, e potências predominantemente terrestres, como a França napoleônica, a Alemanha nazista e a Rússia. Agora esse confronto colocava as duas sobreviventes bem-sucedidas da 2ª Guerra Mundial – a potência transoceânica dominante e a potência dominante do continente central – em uma rota de colisão.¹⁶⁸

O conflito entre a Rússia e os Estados Unidos emergiu logo após o fim da guerra, gerando atritos entre o contínuo expansionismo russo e as tentativas norte-americanas de manter o cerco à Rússia, buscando negar-lhe o acesso a mares quentes, gargalos estratégicos e zonas econômicas industriais desenvolvidas capazes de lhe proporcionar uma preponderância continental. Assim, de acordo com Brzezinski, três pontos de atrito principais eclodiram na Eurásia no decorrer da Guerra Fria, denominadas de frentes estratégicas centrais e resultantes da colisão entre o expansionismo russo-soviético e a política de contenção dos EUA por meio de alianças e postos avançados. A primeira dessas frentes despontou no flanco ocidental, quando os norte-americanos viram-se forçados a permanecer engajados na Europa Ocidental e em países próximos de grande importância estratégica como Grécia e Turquia, de modo a impedir os avanços de tropas russas além das regiões da Europa já se encontravam efetivamente ocupadas. Não muito tempo depois, esse confronto acabaria gerando uma

¹⁶⁷ BRZEZINSKI, 1986, p. 41.

¹⁶⁸ Ibid., p. 41.

segunda frente estratégica ao se estender para o Extremo Oriente, com a irrupção da Guerra da Coreia após a decisão do Presidente Truman de bloquear o avanço comunista na península coreana, resultando no posterior engajamento norte-americano, sobretudo na Coreia do Sul, Japão, Taiwan e Filipinas, de modo a conter possíveis avanços soviéticos e chineses. Por fim, a terceira frente estratégica, formada pelo Sudoeste Asiático, emergiu no conflito somente bem mais tarde como ponto direto de atrito, sobretudo após o colapso do regime pró-EUA no Irã e a intervenção soviética no Afeganistão no final da década de 1970, tornando-se, segundo Brzezinski, a mais volátil e instável das três frentes.¹⁶⁹

Ainda sobre as frentes estratégicas, Brzezinski acrescenta as respectivas importâncias de cada uma no conflito. A Europa, a primeira frente estratégica central, é considerada geopoliticamente crítica, uma vez que abrange a região mais vital e industrializada da Eurásia, além de controlar as principais saídas para o Oceano Atlântico. O Extremo Oriente, a segunda frente estratégica, também é geopoliticamente importante por controlar as principais saídas para o Oceano Pacífico. E o Sudoeste Asiático, a terceira frente estratégica, é colocada como vital por Brzezinski, uma vez que um avanço soviético nessa frente traria graves implicações ao conflito, conferindo à URSS uma imensa margem de manobra na competição global com os EUA e garantindo-lhe uma grande vantagem na disputa pelas outras duas frentes.¹⁷⁰

Ainda dentro de cada frente estratégica, Brzezinski aponta alguns países que ele considera relativamente vulneráveis para ambos os lados. Apesar de a maioria dos aliados dos EUA e da URSS em cada frente estratégica estarem fortemente alinhados e polarizados, existem também alguns países que ele denomina de Estados chave (*Linchpin States*), ou seja, países que são estrategicamente importantes, porém

¹⁶⁹ BRZEZINSKI, 1986, p. 41-52.

¹⁷⁰ Ibid., p. 41-52.

inconstantes e mais suscetíveis a serem convertidos, conquistados militarmente ou a se aliarem com um ou outro lado do conflito. Em suas próprias palavras, Estados que estariam propensos a ser “abiscoitados”.¹⁷¹ Embora alguns outros países pudessem ter uma importância estratégica maior, eles estavam mais firmemente ancorados em um dos lados do conflito, enquanto esses Estados chave estariam mais predispostos a transformações e reviravoltas. Para ele, esses países podem ser determinantes na definição dos conflitos em cada uma das frentes estratégicas, dependendo de quem conseguisse obter ou manter controle sobre eles, devendo portanto receber atenção especial por sua volatilidade. Segundo Brzezinski, esses Estados seriam a Polônia e a Alemanha Ocidental na frente oeste, Coreia do Sul e Filipinas na frente leste, e Irã ou uma combinação de Paquistão e Afeganistão na frente sudoeste.¹⁷²

Além desses países, ele também aponta outras zonas periféricas vulneráveis de ambos os sistemas imperiais, formadas por regiões relativamente instáveis capazes de traçar novos contornos no conflito. Para ele, essas áreas são o Leste Europeu e a América Central, cujas respectivas relações com a União Soviética e os Estados Unidos possuem um caráter nitidamente imperial. No primeiro caso, mesmo após quarenta anos de doutrinação forçada, os regimes comunistas na Europa Oriental permaneceram no poder por meio de um severo controle policial, aliado à ameaça potencial de intervenções militares soviéticas. No segundo, as crises constantes na América Central decorreram de estruturas políticas e sociais antiquadas, reforçadas pela chegada de uma potência ideológica estrangeira através das revoluções em Cuba e na Nicarágua. Para Brzezinski, as instabilidades inerentes dessas regiões são intensificadas pela

¹⁷¹ BRZEZINSKI, 1986, p. 52.

¹⁷² Ibid., p. 52-65.

incapacidade das potências dominantes produzirem um forte magnetismo social e cultural, fazendo dessas regiões domínios imperiais ainda menos seguros.¹⁷³

Ainda mais especificamente, Brzezinski se atém às relações entre a União Soviética e Polônia e entre EUA e México, vistas por ele como particularmente problemáticas, devido às tensas inimizades históricas ocasionadas por intervenções e perdas territoriais infligidas em ambas as potências menores. Segundo ele, a URSS enfrentava a ameaça de ressentimentos da Polônia causados pela subordinação político-ideológica, tornando-a mais suscetível à atração pelo Ocidente. Por sua vez, os EUA sofriam o risco de os fracassos políticos e econômicos internos do México potencializarem sentimentos antiamericanos latentes e somá-los a uma crise maior na América Central.¹⁷⁴

Com isso ambos os lados procuraram agir com cautela nessas regiões, pois embora soubessem que podiam infligir sérios estragos e perdas às regiões contíguas do adversário, também temiam que ocorresse o mesmo em seus próprios domínios. Nesse sentido, os EUA foram cuidadosos em não contestar diretamente o domínio da URSS sobre a Europa Oriental, concentrando esforços em uma estratégia de infiltração indireta e sorrateira para tentar diluir gradualmente o controle soviético. Por sua vez, a União Soviética mostrou-se estrategicamente ousada, embora também taticamente cautelosa, ao perceber que os conflitos na América Central e Caribe ocasionariam enormes danos geográficos, logísticos e econômicos aos EUA. De acordo com Brzezinski, caso os problemas internos da América Central se misturassem com uma explosão doméstica maior no México capaz de inflamar as relações com os EUA, a URSS certamente

¹⁷³ BRZEZINSKI, 1986, p. 76-84.

¹⁷⁴ Ibid., p. 85-92.

buscaria tirar vantagem disso, potencializando os riscos de se configurar uma quarta frente estratégica.¹⁷⁵

3.3. A Geoestratégia Soviética e as Prioridades Geopolíticas dos EUA

Em meio ao conflito vigente nas três frentes estratégicas, Brzezinski buscou expor as diferentes estratégias soviéticas, aconselhando em seguida quais deveriam ser as reações norte-americanas. Ele inicia ressaltando que os elementos defensivos e ofensivos da estratégia soviética são inseparáveis, ou seja, o debate sobre se os soviéticos são inseguros (defensivos) ou agressivos (ofensivos) é sem sentido. No contexto geoestratégico, ambas as motivações produzem o mesmo resultado. Além disso, os russos têm sido persistentes e pacientes, não havendo urgência em seu comportamento, movendo-se tenazmente através de expansões graduais, atrito contínuo com o adversário, cautelosa consolidação de ganhos e constante sondagem por aberturas. Ele acrescenta ainda que espaço e profundidade conferem aos russos uma confiança que faltava a outras potências terrestres, como a Alemanha, por exemplo.¹⁷⁶

Na frente ocidental, Moscou buscou uma estratégia de atrito político destinada a neutralizar lenta, porém progressivamente a Europa Ocidental. Essa estratégia visava contrapor-se ao grande receio de Moscou de uma Europa Ocidental unificada que se tornasse revitalizada política e militarmente, aliada aos EUA e que exercesse forte atração sobre a Europa Oriental. Na frente oriental, os soviéticos se concentraram mais em táticas de diplomacia e propaganda do que em pressão militar ou subversão, procurando impedir o surgimento de um triângulo estratégico formado por EUA, Japão e China, devido ao temor de que essa possível aliança conferisse poder suficiente a estes

¹⁷⁵ BRZEZINSKI, 1986, p. 92-98.

¹⁷⁶ Ibid., p. 65.

dois últimos para impor pressão sobre os vastos e frágeis territórios escassamente povoados da Sibéria soviética. Por fim, na frente sudoeste os instrumentos de política soviética foram respectivamente pressão militar, subversão, diplomacia e propaganda, acrescentando que naquele momento as perspectivas de um êxito soviético nesta frente eram muito maiores do que nos outros dois, com o agravante de ser capaz de desestabilizar o conflito nas outras frentes.¹⁷⁷ Assim, de modo a opor-se aos objetivos e ações soviéticas, Brzezinski aconselha que os EUA devam buscar atingir diversos objetivos geopolíticos nas três frentes estratégicas, de modo a transformar o conflito global em uma relação menos antagônica.¹⁷⁸

Na frente ocidental, ele argumenta que os EUA deveriam incentivar uma Europa Ocidental mais autoconfiante, integrada política e militarmente, menos dependente dos EUA, porém ainda ligada à aliança estratégica. Deveriam também promover uma maior cooperação franco-germânica no campo de defesa, com uma maior contribuição europeia para sua própria segurança coletiva, com a consequente retirada gradual dos EUA para que assim estes pudessem redirecionar esforços para outros objetivos geopolíticos.¹⁷⁹ Já em relação ao bloco comunista europeu, ele argumenta que os EUA deveriam suscitar no longo prazo uma aproximação maior entre a Europa Ocidental e a Oriental, além de promover o desenvolvimento de uma opinião pública independente e assertiva no Leste Europeu como forma de propiciar mudanças no bloco oriental e quiçá modificar o caráter e escopo do poder soviético dentro da própria URSS. Brzezinski argumenta que isso poderia levar a um eventual desengajamento tanto da Rússia quanto dos Estados Unidos de seu confronto atual no coração da Europa, pois conforme a cooperação econômica se expandisse e o declínio da ideologia comunista se

¹⁷⁷ BRZEZINSKI, 1986, p. 67-75

¹⁷⁸ Ibid., p. 195.

¹⁷⁹ Ibid., p. 196-210

intensificasse, proposições de tratar de questões de segurança na Europa Central poderia estimulá-los a pressionar mais assertivamente por uma retirada das tropas soviéticas ou ao menos ampliar a implementação no longo prazo de um modelo de neutralidade austríaca a outras regiões da Europa.¹⁸⁰

Na frente oriental, Brzezinski defende a formação de um “triângulo do Pacífico”, com os EUA consolidando uma maior cooperação política e econômica com o Japão e a China, de modo a alavancar uma poderosa aliança trilateral geopolítica no Extremo Oriente. Também subscreve que os EUA devem naturalmente manter suas bases militares na Coreia do Sul de modo a dissuadir qualquer tentativa de ataque norte-coreano. Em particular, ele aconselha uma participação mais ativa do Japão na região, sugerindo, por exemplo, que ao invés de simplesmente aumentar seus gastos com defesa, o Japão deveria ser estimulado a contribuir para a segurança coletiva regional fornecendo um auxílio econômico estratégico a países em desenvolvimento nas quais as democracias ocidentais possuem particular interesse. Além disso, o Japão poderia promover, em parceria com os EUA, a modernização econômica da China, sobretudo em regiões críticas como a Manchúria e Xinjiang, assim como expandir discretamente consultorias informais de segurança. E também nas Filipinas, o Japão e os EUA deveriam encontrar maneiras de reduzir as causas econômicas de inquietação, estando prontos para promover uma recuperação política e econômica de longo prazo.¹⁸¹

Por fim, na frente sudoeste, também denominada por Brzezinski de “ventre mole” da Eurásia, ele enfatiza que Washington deveria reforçar a resistência contra avanços soviéticos provendo mais assistência ao Paquistão e dispondo-se gradualmente a restabelecer relações com o Irã. Ele também propõe que os EUA mantenham a questão afegã viva apoiando a resistência, enquanto avaliam constantemente a

¹⁸⁰ BRZEZINSKI, 1986, p. 230-238.

¹⁸¹ Ibid., p. 210-220.

disposição soviética em restaurar uma neutralidade legítima e a autodeterminação interna. Por último, ele adverte que a possibilidade de uma arriscada guinada soviética em direção ao Oriente Médio deveria ser minimizada por meio de uma diplomacia norte-americana suficientemente capaz de impulsionar e concluir com êxito o processo de paz Israel-Palestina.¹⁸²

3.4. Prevalecendo frente a um Rival Unidimensional

Em relação às estratégias para contrapor-se diretamente à União Soviética, Brzezinski assinala que ao contrário dos EUA, a União Soviética é uma grande potência unidimensional, com quase todo o seu poder centrado em um único fator, o militar. Enquanto os EUA são uma potência hegemônica em diversos setores como o econômico, industrial, comercial, político, militar e tendo atingido a era “tecnocrônica”, a URSS ficou paralisada na era industrial, defasada econômica e tecnologicamente, além do declínio do apelo ideológico. Mesmo sendo altamente dependente de suas capacidades militares, Brzezinski admite que embora subestimar o poder soviético possa ser fatal, um exagero das capacidades soviéticas pode produzir reações desgastantes que enfraquecem a capacidade dos EUA de enfrentarem um conflito prolongado. Ele reforça que naquele momento perdurava uma condição de equivalência estratégica ambígua, sem que nenhum dos lados possuísse um alto grau de confiança sobre o resultado de um confronto nuclear. Contudo, ele adverte que seria possível que o contínuo fortalecimento dos sistemas estratégicos soviéticos defensivos e ofensivos alterasse drasticamente o equilíbrio em detrimento dos EUA por volta da metade da década de 1990, tornando-os vulneráveis a possíveis ataques e intimidação.¹⁸³

¹⁸² BRZEZINSKI, 1986, p. 220-230.

¹⁸³ Ibid., p. 100-121.

Por outro lado, fora do contexto militar, Brzezinski aponta que a URSS e o bloco soviético possuíam nítida fraquezas socioeconômicas. Ele afirma que, enquanto os EUA estavam mergulhando de cabeça na era tecnocrônica em meados dos anos 1980, a URSS ainda estava se esforçando para tornar sua economia industrial convencional mais eficiente e moderna, além do legado leninista-stalinista ainda continuar a sufocar a criatividade social. Ele acrescenta dizendo que “a estagnação econômica e social soviética poderia ser crítica, pois a menos que os meios militares se mostrem decisivos no longo prazo, é mais provável que a criatividade social seja determinante no resultado do conflito americano-soviético”.¹⁸⁴ Por isso, embora a Rússia pudesse superar os EUA em poder militar, nem a URSS ou o bloco oriental conseguiriam se tornar páreos aos EUA ou as democracias industrializadas em capacidade socioeconômica ou inovação tecnológica. Ademais, com o poder militar soviético sendo a única base para o status da URSS como superpotência, Brzezinski conjectura que os soviéticos provavelmente seriam incapazes de manter uma liderança construtiva e sustentável caso atingissem o status de primeira potência global.¹⁸⁵

Seguindo neste mesmo raciocínio, Brzezinski prossegue afirmando que o poder unidimensional soviético levou a URSS a seguir um padrão errático de acomodação e competição com os EUA na expectativa de uma convivência transitória com Washington, temendo no entanto acabar assumindo uma posição de meros parceiros subalternos. Isso também os impeliu a promover conflitos regionais, inibir uma maior cooperação intranacional, e até mesmo apoiar o terrorismo internacional. Ele conclui que, no longo prazo, um triunfo soviético no continente eurasiático provavelmente acabaria gerando mais caos global do que uma hegemonia soviética estável. Além disso, ele acredita que a União Soviética deixaria de ser um rival historicamente ameaçador

¹⁸⁴ BRZEZINSKI, 1986, p. 130.

¹⁸⁵ Ibid., p. 122-135.

uma vez que se contrabalançasse seu poder militar. Assim, de modo a neutralizar o poder militar soviético, ele aconselha os EUA a manter uma capacidade militar suficiente para barrar esforços soviéticos de intimidar aliados estratégicos dos EUA, bloquear o expansionismo soviético, privá-los de uma vitória convencional nas três frentes estratégicas da Eurásia e manter uma política de dissuasão nuclear eficaz.¹⁸⁶

Por fim, Brzezinski apresenta suas posições finais sobre como o EUA podem prevalecer no conflito a longo prazo. Ele inicia reafirmando o caráter unidimensional como a principal fraqueza soviética:

Para os EUA, não perder o conflito com a URSS significa prevalecer. Para a URSS, não prevalecer significa perder. Essa vantagem assimétrica norte-americana é inerente ao caráter unidimensional do desafio soviético. Para a Rússia, não sendo mais verdadeiramente competitiva ideologicamente e defasando-se cada vez mais tecnologicamente, o proclamado “inevitável triunfo do socialismo” restringiu-se a atingir uma superioridade militar nítida e politicamente decisiva.¹⁸⁷

Por outro lado, Brzezinski revela que os soviéticos possuem a vantagem de serem pacientes e persistentes, enquanto os EUA, a fraqueza de serem impacientes e inconstantes:

O público norte-americano, e mesmo sua elite política, tendem a alternar entre expectativas utópicas de paz permanente e receios apocalípticos de guerra terminal, entre a crença historicamente ignorante de que politicamente norte-americanos e russos pensam de maneira semelhante e a obsessão maniqueísta de que nenhuma acomodação é possível com o “império do mal”. Em contraste, a política de Moscou para com os Estados Unidos dirige-se para um arrastamento prolongado. Destinada a exaurir o rival por desgaste, a estratégia de Moscou conta com as consequências acumulativas do poder militar soviético e de turbulências regionais para tentar substituir os EUA como a principal potência estabilizadora do mundo.¹⁸⁸

¹⁸⁶ BRZEZINSKI, 1986, p. 135-144.

¹⁸⁷ Ibid., p. 239.

¹⁸⁸ Ibid., 1986, p. 239-240.

Ele conclui ressaltando que uma vez que vitória no sentido tradicional tornou-se anacrônica com o advento da era nuclear, e uma acomodação abrangente não chega a ser algo realista, os EUA devem buscar o objetivo de prevalecer historicamente sobre Moscou promovendo ativamente a descentralização interna da órbita soviética e a pacificação externa do comportamento soviético, pois são requisitos de longo prazo inevitáveis para uma paz duradoura. Por isso, devem buscar acordos regionais estratégicos para impedir ações arbitrárias soviéticas, sendo crucial que cada iniciativa seja cautelosamente formulada para contrabalançar o impulso expansionista do poder soviético e gradualmente alterar a própria natureza da URSS e a maneira com que esta conduz a rivalidade.¹⁸⁹

4. O Período do pós-Guerra Fria (1991-2001)

Com a queda do bloco soviético na Europa Oriental, o fim da Guerra Fria e até o colapso da própria URSS, os EUA acabaram por emergir do conflito como a única superpotência com capacidades militares, políticas e econômicas de alcance global. Em meio a esse cenário, é importante destacar que entre o final dos anos 1980 e início da década de 1990 predominou na comunidade internacional e principalmente no Ocidente um espírito de relativo otimismo, impulsionado pela ideia do possível surgimento de uma nova ordem mundial, mais democrática, consensual, estável, globalizada, regida por princípios de direito internacional e direitos humanos e, sobretudo, liderada pela superpotência norte-americana.

¹⁸⁹ BRZEZINSKI, 1986, p. 243-250.

4.1. O Vácuo Geopolítico e a Encruzilhada da Rússia

Contudo, em seu livro *Out of Control* de 1993, em um claro contraste com o clima de relativa euforia vigente na época, Brzezinski recomendou bastante cautela no novo cenário, devido às diversas instabilidades, rearranjo de forças e, sobretudo, o enorme vácuo de poder proporcionado pelo colapso soviético. Além disso, ele também receava a possibilidade de um eventual ressurgimento da Rússia como “uma fênix vingativa”,¹⁹⁰ que buscasse retomar seu império e reabilitar seu papel de predominância mundial.

Sobre o colapso soviético e a emergência de uma nova Rússia e outros Estados independentes advindos dessa fragmentação, Brzezinski aponta como a queda da URSS poderia acabar por gerar possíveis novas ameaças e conflitos no longo prazo, devido ao desaparecimento da potência hegemônica soviética e à fragmentação geopolítica do coração continental da Eurásia: “O colapso da União Soviética transformou o ‘heartland’ da Eurásia em um vácuo geopolítico... No curto prazo, essa condição remove a ameaça de segurança que a União Soviética representava a seus vizinhos mais ricos. No longo prazo, pode ser a fonte de grandes e novos perigos políticos”.¹⁹¹

Ele salienta o forte conflito interno russo formado por uma crise de identidade aliada a sensações de frustração e orgulho ferido após o melancólico fim do império soviético. A frase *ex oriente, lux* era especialmente significativa entre os intelectuais russos, além de frequentemente citada como expressão do papel de protagonismo russo no mundo. Na visão desses pensadores, a Rússia estava destinada a ser a portadora da “luz”, redimindo o Ocidente corrupto da própria depravação profundamente

¹⁹⁰ BRZEZINSKI, 1993, p. 167.

¹⁹¹ Ibid., p. 155.

disseminada. Por sua vez, o senso de missão e a fé relacionada justificariam para os russos o requisito de sacrifícios pessoais, incluindo a submissão humilde do indivíduo, e até mesmo do próprio livre arbítrio, a um chamado maior. Ligado a isso estava também um senso legítimo de orgulho no status de grande potência hegemônica da Rússia sustentado por cerca de 300 anos.¹⁹² Brzezinski ainda aponta o forte sentimento de desilusão russa com a nova ordem política e econômica, com o insólito status subalterno deteriorando a ideia missionária do povo russo para com o mundo:

Uma crise crescente do espírito russo é o produto inevitável do aprofundamento da crise econômica e da fragmentação geopolítica do império russo... Desilusão com slogans democráticos e desapontamento com a nova ordem econômica estão fazendo a população ansiar ainda mais por novas verdades que preencham o vazio deixado pelo desaparecimento do comunismo e pelo desencanto crescente com o liberalismo. Não se devem subestimar as implicações potenciais desse clima. O povo russo sempre teve um senso quase religioso e quase filosófico de seu destino histórico. A noção de Moscou como a terceira Roma não era um slogan qualquer; era a expressão de um senso profundamente internalizado de missão especial.¹⁹³

Quanto às visões surgidas sobre qual deveria ser o novo papel a ser desempenhado na ordem global nascida do pós-Guerra Fria, Brzezinski ilustra brevemente algumas das principais correntes, sem no entanto entrar propriamente em uma posição pessoal sobre qual seria o rumo mais indicado a ser tomado pela Rússia. A primeira proposta apresentada por ele defende uma ocidentalização da Rússia como o modo mais adequado de possibilitar uma modernização e democratização mais aceleradas:

A queda da União Soviética e a desintegração do império russo resultaram em um choque profundo... Que visão do futuro provavelmente será atraente e cativante? Uma minoria argumenta

¹⁹² BRZEZINSKI, 1993, p. 174.

¹⁹³ Ibid., p. 174.

com veemência que a Rússia deveria se tornar um Estado-nação normal, pós-imperial e cada vez mais europeu. Eles advogam, de fato, uma incorporação eventual na comunidade europeia emergente (de início, talvez, uma confederação), assim como aceitação da independência dos antigos súditos imperiais não russos. Na visão deles, a Rússia deve passar pelo mesmo processo que passa a Polônia: um Estado europeu que é parte integral da civilização europeia comum e mais ampla. Será de fato um processo lento, pois as fissuras objetivas e subjetivas que separam a Rússia e o Ocidente permanecem enormes. Mas, para seus defensores, não há outra maneira de a Rússia se tornar ao mesmo tempo moderna e democrática.¹⁹⁴

Em seguida, ele apresenta as visões opostas, podendo ser divididas em radicais ou moderadas. Essas posições argumentam em favor da singularidade russa, do papel especial e de liderança da Rússia no mundo. Por conta disso, o caminho da ocidentalização destruiria a importância da cultura, história e identidade russas, além de menosprezar sua propagada missão global:

Para muitos essa visão é impraticável e perversa, pois por muitas décadas a Rússia não será capaz de fechar as lacunas que a separam da Europa em questão de padrão de vida e modo de pensar, além de resultar no repúdio das características próprias de sua cultura, história e “alma”. Tornar-se parte da Europa significaria deixar de ser tipicamente russo, com um modo de vida, civilização e identidade próprias, reconhecíveis no mesmo grau de “Europa” e “Ásia” como identidades distintas (embora difíceis de definir com precisão).¹⁹⁵

As visões mais moderadas advogam que a Rússia deveria buscar para si uma posição global especial, buscando conquistar um papel de liderança, sobretudo entre os países em desenvolvimento. Além disso, possui também a obrigação de proteger os russos que vivem fora das fronteiras naturais da Rússia. As visões mais radicais por sua vez lamentam o colapso do império e a suposta orientação excessivamente pró-ocidental

¹⁹⁴ BRZEZINSKI, 1993, p. 175-176.

¹⁹⁵ Ibid., p. 176.

dos líderes pós-comunistas, defendendo a recriação da “União”, que Brzezinski define como um eufemismo para o império. Ele também alerta que a popularidade dessa corrente poderia impulsionar a emergência de uma nova forma de fascismo dentro das lideranças políticas, capaz de destruir a democracia recém-conquistada e levar a Rússia para um caminho perigoso.¹⁹⁶

Por fim, mesmo reconhecendo a difícil encruzilhada em que a Rússia se encontrava e expondo as possíveis correntes em disputa que poderiam definir seu futuro papel interno e externo, Brzezinski também admitiu a existência de grandes obstáculos e dificuldades para a Rússia ingressar na Comunidade Europeia e se tornar plenamente integrada, sobretudo devido a suas dimensões continentais e seus arraigados vínculos culturais eurásianos:

A Rússia apresentará à Europa um problema particularmente desconcertante. Qualquer que seja a evolução interna da Rússia, ela permanecerá muito grande – e muito “eurásiana” – para ser plenamente integrada à Europa. Além disso, seus problemas podem transbordar para a Europa, independentemente de onde se estabeleçam as fronteiras europeias orientais.¹⁹⁷

4.2. A Configuração Geopolítica do Pós Guerra Fria

Outra importante obra sua desse período foi o livro *The Grand Chessboard*, no qual Brzezinski buscou atualizar sua teoria e análise geopolítica baseando-se nas implicações da nova conjuntura do pós-Guerra Fria, com os EUA assumindo o papel de única superpotência hegemônica mundial. Ele inicia evidenciando como pela primeira vez na história uma grande potência viu-se no papel de supremacia global em todas as esferas, e além de se localizar fora do continente eurásiano e capaz de influenciar e arbitrar a configuração de forças e alianças no maior dos continentes:

¹⁹⁶ BRZEZINSKI, 1993, p. 177-181.

¹⁹⁷ Ibid., p. 144.

A última década do século vinte testemunhou um tremor tectônico nas questões mundiais. Pela primeira vez, uma potência não eurásiana emergiu não apenas como o principal árbitro das relações de poder na Eurásia, mas também como a potência mundial suprema. A derrota e colapso da União Soviética foi o passo final da rápida ascensão de uma potência do hemisfério ocidental, os EUA, como a única e de fato, a primeira potência verdadeiramente global.¹⁹⁸

No entanto, apesar do poder e protagonismo mundial dos EUA, ele também segue reconhecendo a grande importância geopolítica que o continente eurásiano representa no mundo, por suas dimensões, população, recursos naturais, capacidades militares e dinamismo econômico:

A Eurásia, contudo, conserva sua importância geopolítica. Não apenas sua periferia ocidental – a Europa – ainda a localidade de grande parte do poder político e econômico, mas sua região oriental – a Ásia – tornou-se recentemente um centro vital de crescimento econômico e influência política crescente... A Eurásia é assim o tabuleiro de xadrez no qual a disputa pela primazia global continua a ser jogada, e essa disputa envolve geoestratégia – o gerenciamento estratégico dos interesses geopolíticos.¹⁹⁹

Portanto, Brzezinski defende a continuidade de um engajamento ativo dos Estados Unidos nas complexas relações de poder eurásianas, especialmente na tarefa de impedir a emergência de uma potência eurásiana dominante e antagonista, de modo que estes exerçam um papel de principal árbitro político na coordenação de um equilíbrio de poder continental. Esse papel seria portanto análogo ao da Inglaterra no século XIX, uma potência insular de fora do continente que administrava um equilíbrio de poder no continente europeu sem deixar que nenhuma potência obtivesse o controle e supremacia continental capaz de ameaçar a posição hegemônica britânica. Contudo, apesar da importância de se coibir a ascensão de outra potência ou aliança capaz de se equiparar

¹⁹⁸ BRZEZINSKI, 1997, p. xiii.

¹⁹⁹ Ibid., p. xiii-xiv.

ou até mesmo superar o poder norte-americano, ele também advoga uma atuação benéfica, solidária e democrática:

É possível sustentar a primazia dos EUA na Eurásia, e para quais fins pode ser aplicada? O objetivo final da política dos EUA deve ser benigno e visionário: moldar uma comunidade global verdadeiramente cooperativa, norteando-se com tendências de longo prazo e o interesse fundamental da humanidade. Mas nesse meio tempo, é imperativo que não surja nenhum concorrente eurasiático capaz de dominar a Eurásia e desta forma desafiar os EUA. A formulação de uma geoestratégia abrangente e integrada é, portanto, o propósito deste livro.²⁰⁰

4.3. As Particularidades da Hegemonia Norte-Americana

Brzezinski inicia discorrendo sobre o caráter particular da primazia mundial dos Estados Unidos, afirmando que “a hegemonia é tão antiga quanto a humanidade. Mas a supremacia global dos EUA na atualidade distingue-se pela rapidez de seu surgimento, escopo global e na forma de exercê-la”.²⁰¹ Ele então realiza uma breve exposição da evolução histórica de seu papel internacional, transformando-se de um “país relativamente isolado no hemisfério ocidental a uma potência de alcance e domínio mundial sem precedentes”.²⁰²

Ele prossegue a exposição ilustrando como após a guerra hispano-americana de 1898 ter expandido os domínios ultramarinos dos EUA para além do Havaí até as Filipinas, estrategistas norte-americanos já estavam preocupados em desenvolver doutrinas para uma supremacia interoceânica, enquanto sua marinha começava a desafiar a noção de que a Inglaterra dominava os mares, em uma clara alusão a autores estrategistas do período, como Mahan. Ele prossegue afirmando que a reivindicação de um status como o guardião da segurança do hemisfério ocidental estabelecida pela

²⁰⁰ BRZEZINSKI, 1997, p. xiii.

²⁰¹ Ibid., p. 3.

²⁰² Ibid., p. 3.

doutrina Monroe e justificada pelo alegado “destino manifesto” foi reforçada pela construção do canal do Panamá, que viabilizou um papel de preponderância sobre os oceanos Atlântico e Pacífico. A base das crescentes ambições geopolíticas dos EUA também estimulou uma rápida e crescente industrialização e desenvolvimento econômico e tecnológico.²⁰³

A 1ª Guerra Mundial possibilitou uma grande projeção de poder militar norte-americano na Europa. No entanto, o evento foi ainda uma guerra predominantemente europeia, e o breve surto de liderança norte-americano não produziu um engajamento mais aprofundado dos EUA nas questões mundiais, preferindo permanecer como meros observadores da política global, enquanto forças totalitárias obtinham cada vez mais poder político no continente europeu. Brzezinski salienta que essa inclinação ao isolacionismo condizia com o conceito de segurança baseado na visão da América do Norte como uma ilha continental, com uma estratégia estritamente nacional concentrada sobretudo no domínio de suas próprias faixas litorâneas. A época europeia da política mundial chegaria ao fim com a 2ª Guerra Mundial, a primeira de caráter global. Travada em três continentes e nos oceanos Atlântico e Pacífico, a Europa e a Ásia tornaram-se um único campo de batalha. Brzezinski conjectura que caso a Alemanha nazista tivesse vencido a guerra, poderia ter emergido como a potência globalmente preponderante, enquanto acredita que o Japão provavelmente teria conquistado uma hegemonia apenas regional.²⁰⁴ Os cinquenta anos seguintes seriam por sua vez dominados pela disputa americano-soviética pela supremacia global:

De certa maneira, esse conflito representou a realização das teorias mais prezadas pelos autores geopolíticos, colocando a principal potência marítima, com domínio sobre tanto o oceano Atlântico quanto o Pacífico, contra a principal potência terrestre, soberana sobre o *heartland* eurasiático (com o bloco sino-soviético ocupando

²⁰³ BRZEZINSKI, 1997, p. 3-4.

²⁰⁴ Ibid., p. 5.

um espaço notavelmente semelhante ao do Império Mongol). A dimensão geopolítica não poderia ter sido mais clara: a América do Norte versus a Eurásia, com o mundo em jogo. O vencedor dominaria de fato o globo. Não haveria mais ninguém no caminho, uma vez que a vitória estivesse assegurada.²⁰⁵

Para Brzezinski, os principais instrumentos do conflito eram políticos, territoriais, ideológicos e militares. Segundo ele, cada rival era claramente dominante em seu próprio espaço, ao contrário dos aspirantes europeus à hegemonia global, que nunca conseguiram assegurar uma preponderância decisiva em toda a Europa. Cada um também projetou um apelo ideológico imbuído de otimismo histórico, utilizando ideologias para reforçar o domínio sobre seus vassalos e aliados, de maneira semelhante às guerras religiosas. E um fator adicional foi o advento das armas nucleares, coibindo a irrupção de uma guerra clássica e exigindo um alto comedimento de ambas as partes, devido à constante possibilidade de mútua destruição.²⁰⁶

Essa prudência militar obrigou o conflito geopolítico a ser travado sobretudo nas periferias da Eurásia. A América do Norte conseguiu se entranhar nos extremos ocidental e oriental do grande continente eurasiático, de modo conter a expansão soviética. A defesa dessas chamadas “cabeças de ponte”, simbolizadas pelo bloqueio de Berlim e pela Guerra da Coreia, foram os dois primeiros testes estratégicos da Guerra Fria, que em sua fase final também acrescentou uma terceira frente defensiva ao sul do continente, com a ocupação soviética do Afeganistão e a consequente reação dos EUA.²⁰⁷

A contenção bem-sucedida por parte da América do Norte contra os esforços hegemônicos do bloco soviético-eurasiático, ao mesmo tempo em que ambos os lados

²⁰⁵ BRZEZINSKI, 1997, p. 5-6.

²⁰⁶ Ibid., p. 6.

²⁰⁷ Ibid., p. 6-7.

permaneceram dissuadidos até fim de uma colisão militar direta pelo receio da eclosão de uma guerra nuclear, denotou para Brzezinski que o resultado do conflito ocorreu de maneira decisiva por meios não militares. Segundo ele, vitalidade política, flexibilidade ideológica, dinamismo econômico e apelo cultural foram as dimensões decisivas, concluindo que assim como muitos outros impérios no passado, a União Soviética eventualmente implodiu e se fragmentou, sendo vítima não de uma derrota militar direta, mas de uma desintegração acelerada por crescentes tensões econômicas e sociais.²⁰⁸

Em relação ao caráter do poder global norte-americano, Brzezinski classifica seu escopo e difusão como únicos. Não apenas os EUA passaram a controlar todos os oceanos e mares, como também desenvolveram uma capacidade militar para um controle litorâneo anfíbio que lhes permite projetar seu poder com relativa facilidade para o interior de outros territórios. Suas tropas permanecem firmemente assentadas nas extremidades ocidental e oriental da Eurásia, além de manterem também controle sobre o Golfo Pérsico. Aliados e vassalos norte-americanos, alguns dos quais ávidos por laços mais formais com Washington também permeiam todo o continente eurasiático. Além disso, o dinamismo econômico dos EUA forneceu uma pré-condição necessária para o exercício de sua primazia global, através particularmente da exploração constante de progressos científicos para fins militares, criando um aparelho militar tecnológico sem rivais, sendo o único de alcance global efetivo.²⁰⁹

Brzezinski conclui que EUA seguem supremos nos quatro domínios decisivos do poder mundial. Militarmente, possuem um alcance global incomparável. Economicamente, permanecem como a principal locomotiva do crescimento global, mesmo se desafiado em alguns aspectos por Japão e Alemanha, que não desfrutam no

²⁰⁸ BRZEZINSKI, 1997, p. 7, 9.

²⁰⁹ Ibid., p. 23.

entanto dos demais atributos do poder global. Tecnicamente, mantêm a liderança nas áreas de inovação de ponta. E culturalmente, apesar de alguma turbidez alegada por Brzezinski, desfrutam de um apelo sem igual, especialmente entre a juventude do mundo. A combinação de todos esses fatores confere aos EUA uma vantagem que nenhum outro Estado chega a se equiparar, garantindo-lhes a posição de única superpotência global.²¹⁰

Quanto ao sistema global dos EUA que se consolidou após o fim da Guerra Fria, Brzezinski reitera que embora a proeminência internacional dos EUA evoque semelhanças a sistemas imperiais anteriores, as diferenças são bastante pronunciadas, indo além de um nível puramente territorial. Ele afirma que em geral o poder global norte-americano é exercido por meio de um sistema mundial que procura espelhar a experiência doméstica, baseado no caráter mais pluralista de sua sociedade e sistema político.²¹¹

Para ele, enquanto impérios anteriores tinham sido construídos por elites políticas aristocráticas e na maioria dos casos eram governados por regimes absolutistas ou autoritários, com grande parte das populações politicamente indiferentes ou então infectadas por emoções e símbolos imperialistas, a atitude do público norte-americano por outro lado tem sido muito mais ambivalente. O sistema global dos EUA, muito mais do que em sistemas imperiais anteriores, enfatizaria técnicas de cooptação de rivais derrotados, como Alemanha, Japão e mais recentemente até a Rússia. Também tenderia a confiar na influência indireta sobre elites estrangeiras dependentes ao mesmo tempo em que se beneficia do apelo de seus princípios e instituições democráticas. Tudo isso ainda seria reforçado pelo impacto maciço, porém intangível do domínio norte-

²¹⁰ BRZEZINSKI, 1997, p. 24.

²¹¹ Ibid., p. 24

americano nas comunicações globais, entretenimento e cultura de massas, além das nítidas vantagens tecnológicas e alcance militar global dos EUA.²¹²

Ele também frisa que a supremacia dos EUA produziu uma ordem institucional que replica muitas características do próprio sistema norte-americano no exterior, como: um sistema de segurança coletiva, incluindo forças e comandos integrados, como a OTAN; blocos de cooperação econômica regional como APEC e NAFTA, e instituições econômicas especializadas como Banco Mundial, FMI, OMC; uma estrutura judicial e constitucional rudimentar, como a Corte Internacional ou outros tribunais especiais para julgar crimes de guerra; procedimentos que enfatizam tomadas de decisão consensuais, mesmo que dominadas pelos EUA e a preferência por participação democrática dentro de alianças chave. A maior parte desse sistema surgiu durante a Guerra Fria como parte dos esforços norte-americanos de conter seu grande rival soviético, estando já pronto para aplicação global uma vez que seu principal antagonista fosse derrotado ou cooptado.²¹³

Ele também enfatiza que ao contrário de outros impérios, esse vasto e complexo sistema global não seria uma pirâmide hierárquica. Os EUA se encontram no centro de um universo interligado, em que o poder é exercido por contínuas barganhas, diálogos e a busca por consenso formal, muito embora o poder se origine em última instância de um único núcleo, qual seja, Washington D.C., onde o jogo de poder deve ser jogado de acordo com suas regras domésticas próprias. Ademais, segundo Brzezinski, a evolução desse sistema complexo também serviu para “domesticar” as relações entre os principais Estados ocidentais. Embora tenham ocorrido conflitos tensos entre esses Estados de tempos em tempos, esses conflitos foram contidos dentro de uma ordem

²¹² BRZEZINSKI, 1997, p. 24-25.

²¹³ Ibid., p. 28-29.

política articulada e estável, com ameaças de guerra permanecendo algo fora de questão.²¹⁴

Por fim, Brzezinski reitera novamente que na atualidade a hegemonia global norte-americana não possui rivais à altura, porém questiona por quanto tempo esse poder conseguirá permanecer incontestado, propondo nos capítulos seguintes qual seriam as ações mais adequadas para os EUA conseguirem sustentá-lo no longo prazo.²¹⁵

4.4. O Tabuleiro de Xadrez Eurasiano

No segundo capítulo do livro, Brzezinski enfatiza como por mais de meio milênio a supremacia continental e mundial foram disputadas apenas por potências eurásianas. Agora pela primeira vez com uma potência não eurásiana predominante na Eurásia, ele afirma que a primazia global dos Estados Unidos depende muito de como sua hegemonia é sustentada sobre o continente. Embora se trate de uma condição temporária, ele corrobora uma afirmação de Samuel Huntington, segundo a qual o que ocorrerá no futuro é de importância crucial não apenas para o bem-estar dos EUA, como também para a paz e estabilidade internacional. Para Huntington, a emergência súbita de uma única potência global gerou uma delicada situação pela qual um fim igualmente rápido de sua supremacia, seja pela retirada da arena mundial ou pela ascensão repentina de um rival à altura, produziria um cenário de instabilidade internacional, violência, além de menos democracia e ausência de crescimento econômico sustentado.²¹⁶ Nesse contexto, a forma como os Estados Unidos “gerenciam” a Eurásia é algo vital para Brzezinski.

²¹⁴ BRZEZINSKI, 1997, p. 28-29.

²¹⁵ Ibid., p. 29.

²¹⁶ HUNTINGTON, 1993, p. 83.

Brzezinski destaca novamente os diversos aspectos que conferem grande importância ao maior dos continentes. Segundo ele, uma potência que domina a Eurásia controlaria duas das três regiões mundiais mais avançadas e economicamente produtivas. Ele afirma também que o mapa sugere uma fácil subordinação da África, com o hemisfério ocidental e a Oceania ficando em uma posição geopoliticamente periférica. Ele apresenta dados mostrando como a Eurásia contém cerca de 75% da população mundial, assim como a maior parte das riquezas econômicas naturais, industriais e empresariais, abrangendo por volta de 60% do PIB mundial e $\frac{3}{4}$ dos recursos energéticos. Também é onde estão os Estados mais dinâmicos e assertivos. Excetuando-se os EUA, lá se encontram as seis maiores economias, os seis maiores gastos militares e todas as demais potências nucleares. Todos os potenciais aspirantes políticos e econômicos à supremacia dos EUA são eurásianos, incluindo os dois países mais populosos do mundo. Embora a Eurásia tomada como um todo exceda em muito o poder norte-americano, Brzezinski ressalta que, felizmente para os EUA, o continente é grande demais para unificar-se politicamente.²¹⁷

Assim, Brzezinski caracteriza a Eurásia como um enorme tabuleiro de xadrez sobre o qual a luta pela hegemonia global continua a ser jogada. Definindo a geoestratégia como o gerenciamento estratégico dos interesses geopolíticos, ao compará-la ao xadrez ele ressalta, contudo, que o tabuleiro eurásiano possui um formato oval e envolve não apenas dois, mas diversos jogadores, cada qual dispondo de diferentes capacidades. Segundo ele, os principais “jogadores” do tabuleiro estão localizados a oeste, leste, centro e sul. Tanto as extremidades ocidental e oriental do tabuleiro contêm regiões densamente povoadas, compostas por diversos Estados poderosos. Seguindo sua descrição da configuração do “jogo”, enquanto o poder norte-

²¹⁷ BRZEZINSKI, 1997, p. 31.

americano está diretamente assentado sobre a reduzida periferia ocidental, a porção oriental do continente é o núcleo de um “jogador” cada vez mais poderoso, independente e detentor de uma enorme população. Nesta região, o poder norte-americano está estabelecido em entrepostos localizados na metade meridional de uma pequena península e nas principais ilhas adjacentes pertencentes a outro poderoso aliado econômico. Ainda de acordo com essa definição, estendendo-se por entre as extremidades oeste e leste, encontra-se um grande “espaço intermediário” escassamente povoado, porém fragmentado politicamente, que já foi ocupado por um poderoso antagonista dos EUA, determinado em expulsá-los da Eurásia. Ao sul desse grande platô central eurasiático localiza-se ainda uma região politicamente anárquica, porém abundante em recursos energéticos de grande importância potencial para os Estados eurasiáticos ocidentais e orientais, incluindo-se também na região mais a sul um populoso aspirante à hegemonia regional.²¹⁸ Após essa breve exposição geral dos espaços eurasiáticos, ele circunscreve algumas das condições necessárias básicas que podem sustentar a manutenção da hegemonia norte-americana no continente:

Esse enorme tabuleiro de xadrez eurasiático de formato excêntrico – que se estende de Lisboa a Vladivostok – fornece a ambientação para “o jogo”. Se o espaço do meio puder ser atraído cada vez mais para a órbita crescente do Ocidente (onde os EUA predominam), se a região sul não for sujeitada ao domínio de um único ator, e se o Oriente não se unificar de uma maneira que provoque a expulsão das bases litorâneas norte-americanas, seria então possível assegurar uma preponderância dos Estados Unidos. Mas se o espaço do meio repelir o Ocidente e se tornar uma única entidade assertiva, seja ganhando controle sobre o Sul ou formando uma aliança com o maior ator do Oriente, então a primazia norte-americana na Eurásia encolheria de forma dramática. O mesmo ocorreria caso os dois maiores atores orientais se unissem de alguma forma. Por fim, uma expulsão dos EUA pelos parceiros ocidentais de sua posição estratégica automaticamente definiria o fim de sua participação no jogo de xadrez do tabuleiro eurasiático, embora isso provavelmente também ocasionasse uma eventual

²¹⁸ BRZEZINSKI, 1997, p. 34-35.

subordinação da extremidade ocidental a um ator renascido que ocupa o espaço do meio.²¹⁹

Embora ele destaque a dimensão do escopo da hegemonia global norte-americana, aponta algumas limitações domésticas e externas, além de realçar que o enfoque seja no grau de influência e não no controle direto. Devido à própria escala e diversidade da Eurásia, assim como o poder de alguns de seus Estados, o alcance da influência e controle dos EUA sobre o curso dos eventos no continente torna-se fortemente limitado. Brzezinski frisa que esse megacontinente é simplesmente grande demais, populoso e culturalmente diversificado demais, além de abranger muitos Estados assertivos e ambiciosos para serem condescendentes com uma potência global, por maior que seja seu poder militar, político e econômico. Essa condição favoreceria, portanto, um maior tato geoestratégico e uma cuidadosa mobilização e gestão de recursos sobre o grande tabuleiro eurasiático.²²⁰

Do ponto de vista doméstico, ele também enfatiza que os EUA seriam democráticos demais internamente para agirem de maneira autocrática no exterior, o que limitaria o uso de seu poder, sobretudo a capacidade de intimidação militar. Além disso, apresenta duas visões distintas advindas do sucesso na Guerra Fria: por um lado, isso seria justificativa suficiente para uma significativa redução de seu engajamento global, independentemente das consequências de sua posição internacional. Por outro lado, haveria perspectiva para um maior multilateralismo internacional, através do qual os EUA deveriam até mesmo ceder alguma soberania.²²¹

Aliadas a esses dilemas da liderança norte-americana estão também mudanças recentes no caráter da própria situação global, com o uso direto de poder tendendo a ser

²¹⁹ BRZEZINSKI, 1997, p. 35.

²²⁰ Ibid., p. 35.

²²¹ Ibid., p. 35-36.

mais restrito do que no passado. Para Brzezinski, isso se deve em parte ao fato de as armas nucleares terem reduzido dramaticamente a utilidade da guerra como ferramenta de política e intimidação, mas também devido à crescente interdependência econômica entre nações, que tem tornado menos atraentes abusos políticos e chantagens econômicas. Desta forma, ele salienta que manobras estratégicas, diplomacia, cooptação e construção de coalizões, além da própria mobilização deliberada de recursos políticos tornaram-se alguns dos ingredientes centrais para se exercer o poder geoestratégico.²²²

Retornando à questão geopolítica, Brzezinski atenta novamente para a relevância da geografia no trato das questões estratégicas, considerando que a atuação norte-americana também deve manter-se sensível ao fato de como a geografia política ainda retém relevância crítica em questões internacionais. Ele evoca uma frase supostamente expressa por Napoleão que dizia que conhecer a geografia de uma nação era conhecer sua política externa. Brzezinski adverte, no entanto, que o entendimento da importância da geografia política também deve se adaptar a novas realidades do poder. Ele recorda que durante a maior parte da história das questões internacionais, o controle territorial foi um dos principais focos dos conflitos políticos, responsável por guerras sangrentas em nome de autogratificação nacional ou pelo senso de privação de terra pátrias. O imperativo territorial também foi o impulso basilar dos impérios, construídos através da conquista e conservação de pontos geográficos vitais que serviam de sustentáculos e gargalos estratégicos do controle imperial.²²³

Ele afirma que os Estados nacionais seguem sendo as unidades básicas do sistema mundial e embora tenha havido um declínio do nacionalismo, da ideologia e uma maior restrição do uso da força devido às armas nucleares, a competição baseada em territórios ainda domina as questões mundiais. A localização geográfica continua

²²² BRZEZINSKI, 1997, p. 36.

²²³ Ibid., p. 37.

sendo o ponto de partida para a definição das prioridades externas e o tamanho do território nacional também permanece como um dos critérios primários de status e poder. No entanto, para a maioria dos Estados nacionais, a questão da posse territorial em si tem se atenuado, com importantes disputas territoriais ainda existentes em situações de ressentimento pela negação de autodeterminação a etnias nacionais minoritárias ou apartadas de seu Estado natal. Embora ele reconheça que cada vez mais outros fatores além do territorial ajudem a determinar o status e influência internacional de um Estado, a localização geográfica ainda tende a definir as prioridades imediatas. Deste modo, quanto maior são as capacidades militares, econômicas e políticas, maior a projeção externa de seu poder, com a respectiva expansão do raio de influência, envolvimento e interesses geopolíticos vitais para além de seus vizinhos mais próximos.²²⁴

Brzezinski resgata os debates de autores geopolíticos sobre o predomínio ou não do poder terrestre sobre o poder marítimo e qual região específica da Eurásia seria vital para se obter controle sobre todo o continente, citando conceitos e ideias como o *heartland* de Mackinder e o *Lebensraum* de Haushofer. Também cita alguns outros pensadores europeus da primeira metade do século XX, como o geógrafo político francês Paul Demangeon que teria antecipado a transposição do centro de gravidade geopolítico para o leste, em países da região do Pacífico como EUA e Japão. Ele assinala como esse autor defendeu, juntamente com outros autores geopolíticos franceses, uma maior união dos Estados europeus antes mesmo da 2ª Guerra Mundial, como forma de frear essas mudanças.²²⁵

Brzezinski defende que as questões geopolíticas atualmente não tratam mais de qual região geográfica da Eurásia seria o ponto de partida para o domínio continental,

²²⁴ BRZEZINSKI, 1997, p. 37-38.

²²⁵ Ibid., p. 38-39.

nem se o poder terrestre é mais significativo que o poder marítimo. Com a mudança da geopolítica de uma dimensão regional para uma global, a preponderância sobre todo o continente eurasiático tornou-se a base central para a supremacia mundial. Os EUA desfrutam dessa posição por meio de seu poder ancorado nas periferias do continente, de onde exercem uma poderosa influência sobre os Estados que ocupam seu interior. Brzezinski sustenta, entretanto, que é também na própria Eurásia que um rival potencial pode emergir. Desta forma, ele sugere que um foco nos atores centrais e uma avaliação adequada do terreno devam ser o ponto de partida para a formulação da geoestratégia norte-americana para um gerenciamento de longo prazo.²²⁶

Assim, ele recomenda identificar Estados geoestratégicos dinâmicos capazes de causar uma redistribuição de poder internacional e prever seus principais objetivos externos e as prováveis consequências. Em seguida, devem-se rastrear os Estados geopolíticos críticos, cuja localização e existência produzam efeitos catalisadores, seja sobre os atores geoestratégicos mais ativos ou sobre as condições regionais. A partir disso, sugere a formulação de políticas específicas para contrabalançar, cooptar ou controlar os Estados acima. Em resumo, para Brzezinski a geoestratégia dos Estados Unidos envolveria o gerenciamento premeditado de Estados geoestratégicos dinâmicos e uma cuidadosa condução de Estados geopolíticos catalisadores, equilibrando o duplo interesse de uma preservação de curto prazo do poder global norte-americano com a transformação de longo prazo em uma cooperação global institucionalizada. Traçando um paralelo com a era dos antigos impérios, ele remete aos grandes imperativos da geoestratégia imperial como coibir conluios e manter os vassallos dependentes de sua

²²⁶ BRZEZINSKI, 1997, p. 39.

segurança, manter protegidos e complacentes os tributários e impedir um agrupamento dos bárbaros.²²⁷

Brzezinski define os atores geoestratégicos ativos como Estados que possuem capacidade e disposição de exercer poder ou influência para além de suas fronteiras, de modo a alterar o status geopolítico a ponto de afetar diretamente os interesses dos EUA. Procuram atingir o domínio regional ou um protagonismo global por inúmeras motivações, como a busca por grandeza nacional, realização ideológica, messianismo religioso ou engrandecimento econômico. Avaliam cuidadosamente o poder dos EUA, moldam seus objetivos eurásianos mais restritos, ora em acordo, ora em conflito com as políticas norte-americanas. Por isso, ele alerta que se deve dar especial atenção a esses atores devido a sua volatilidade potencial.²²⁸

Por outro lado, aponta pivôs geopolíticos como Estados cuja importância deriva não de seu poder e motivação, mas da localização sensível e das consequências de seu posicionamento e vulnerabilidade em relação ao comportamento dos atores geoestratégicos. O que os define com frequência é sua geografia particular, ao fornecer acesso a áreas importantes ou ao negar recursos a um ator significativo. Em certos casos podem agir como um escudo defensivo a um Estado ou região vital e, em outros, sua própria existência pode ter consequências políticas e culturais para um ator geoestratégico vizinho mais ativo. Ele adverte que identificar e proteger esses pivôs centrais do pós Guerra Fria também é um aspecto crucial para os EUA.²²⁹

Brzezinski identificou no novo mapa político eurásiano do pós Guerra Fria ao menos cinco atores geoestratégicos e cinco pivôs geopolíticos, dos quais dois provavelmente também poderiam ser parcialmente qualificados como atores. França,

²²⁷ BRZEZINSKI, 1997, p. 39-40.

²²⁸ Ibid., p. 40-41.

²²⁹ Ibid., p. 41.

Alemanha, Rússia, China e Índia são atores ativos e importantes, enquanto que Grã-Bretanha, Japão e Indonésia não se qualificam, muito embora sejam sem dúvida países de manifesta importância. Ucrânia, Azerbaijão, Coreia do Sul, Turquia e Irã também possuem grande relevância geopolítica dentro de suas capacidades mais limitadas.²³⁰

Na extremidade ocidental da Eurásia, os atores geoestratégicos dinâmicos para Brzezinski são França e Alemanha, com poder e assertividade suficiente para exercer influência em um grau regional mais amplo. Ambos são motivados pela visão de uma Europa unida e capaz de alterar em algum grau o status quo, embora diverjam sobre como e em que medida esta Europa deve permanecer aliada aos EUA. A Alemanha também se sente responsável pela recém-emancipada Europa Central e ambos os países se consideram no direito de representar os interesses europeus ao lidar com a Rússia, sobretudo em uma relação de acomodação. A Grã-Bretanha, por outro lado, não é mais um ator geoestratégico, sem visões ambiciosas para com a Europa e com capacidade reduzida em seu papel tradicional de fiel da balança europeia, ficando de fora do jogo continental, embora ainda detenha algum grau de influência global através da Commonwealth e continue sendo um parceiro econômico e militar importante dos EUA. Ele ainda observa que outros Estados europeus de médio porte acabam por seguir os EUA ou o eixo franco-germânico, enfatizando o caso da Polônia, que seria muito fraca para ser um ator geoestratégico e possui como única opção integrar-se ao ocidente, conferindo-lhe uma segurança sem precedentes apesar de restringir em parte suas escolhas estratégicas.²³¹

A Rússia também permanece claramente como um grande ator geoestratégico para Brzezinski, que afirma que, mesmo tendo perdido algumas de suas “peças” e espaços críticos no tabuleiro, segue sendo um “jogador” de grande importância. Apesar

²³⁰ BRZEZINSKI, 1997, p. 41.

²³¹ Ibid., p. 41-44.

de seu estado de enfraquecimento, sua própria presença já produz impacto considerável sobre o antigo espaço soviético. Também possui objetivos geopolíticos ambiciosos que proclama abertamente e ele afirma que uma vez que tivesse recuperado plenamente suas forças, afetaria também de modo significativo todos os seus vizinhos ocidentais e orientais. Além disso, ele evidencia a intrincada decisão geoestratégica a ser tomada pela Rússia sobre as consequências de ser um aliado ou um adversário dos EUA. Ele afirma que muito depende de como sua política interna se desenvolverá e particularmente se a Rússia se transformará em uma democracia europeia ou novamente em um império eurasiático.²³²

No extremo oriental, a China também é claramente uma potência regional chave com aspirações globais mais amplas. Brzezinski alerta que suas escolhas já afetam a distribuição de poder na Ásia enquanto seu *boom* econômico enriquece suas ambições, podendo reavivar a questão adormecida de Taiwan, assim como despertar interesses no antigo espaço soviético. Isso certamente tenderia a afetar a posição norte-americana no Extremo Oriente, assim como a influência da Rússia na Ásia Central. Mais ao sul, a Índia consolida-se como uma potência regional, buscando também tornar-se um grande ator global. Seu arsenal nuclear visou não apenas intimidar o Paquistão como também contrabalançar militarmente a China. Contudo, Brzezinski frisa que por enquanto suas ambições e visões geoestratégicas regionais invadiriam apenas periféricamente os interesses eurasiáticos dos EUA, não chegando a preocupar na mesma proporção que China e Rússia. O Japão, por sua vez, desempenharia um papel semelhante ao da Grã-Bretanha, preferindo não se engajar diretamente na política da Ásia continental e desfrutando da proteção fornecida pelos EUA, embora possa se tornar rapidamente um

²³² BRZEZINSKI, 1997, p. 44.

ator geoestratégico ativo se assim o desejar ou caso as relações com EUA e China se alterem drasticamente.²³³

Em relação aos pivôs geopolíticos, Brzezinski afirma que a própria existência da Ucrânia como país independente poderia ajudar a transformar a Rússia, sem a qual deixaria de ser um país eurasiático. A Rússia sem a Ucrânia ainda poderia buscar atingir um status imperial, mas acabaria se tornando um Estado imperial predominantemente asiático, envolvido em conflitos debilitantes na Ásia Central. Contudo, ele adverte que se a Rússia readquirisse controle sobre a Ucrânia, rica em população, recursos e acesso ao Mar Negro, a Rússia automaticamente retomaria meios para se tornar um poderoso Estado imperial abrangendo Europa e Ásia. O fim da independência ucraniana acabaria transformando a Polônia em um pivô geopolítico bem na fronteira de uma Europa unida. De maneira análoga, o futuro do Azerbaijão e da Ásia Central também é crucial na definição do que a Rússia poderia ou não se tornar. Como uma porta de entrada para uma região rica em recursos energéticos, a independência dos Estados da Ásia Central poderia ser anulada facilmente se o Azerbaijão for subordinado à Rússia, enquanto que se este se mantiver independente e ligado ao Ocidente por oleodutos e gasodutos que não passam por territórios controlados pela Rússia, a capacidade de influência desta última sobre a região seria fortemente reduzida.²³⁴

Brzezinski admite que Turquia e Irã também poderiam ser considerados atores geoestratégicos por tentarem estabelecer algum grau de influência na Ásia Central após a retração do poder russo. Contudo, como sofrem de graves problemas domésticos, suas capacidades são mais limitadas, além de se anularem mutuamente pela forte rivalidade. Para ele, no entanto, ambos são pivôs geopolíticos importantes. A Turquia estabiliza a região do Mar Negro, controla o acesso ao Mediterrâneo, oferece um contrapeso ao

²³³ BRZEZINSKI, 1997, p. 44-47.

²³⁴ Ibid., p. 46-47.

fundamentalismo islâmico no Oriente Médio e à Rússia no Cáucaso, além de servir como uma âncora meridional da OTAN. E o Irã, apesar da ambiguidade em relação ao Azerbaijão e da hostilidade aos EUA, fornece um apoio estabilizador à Ásia Central e uma barreira à Rússia em relação aos interesses norte-americanos no Golfo Pérsico. Por fim, a Coreia do Sul também é um pivô geopolítico no Extremo Oriente. Seus laços com os EUA permitem salvaguardar o Japão sem sobrecarregar a presença norte-americana, além de evitar a necessidade de este último ter de cuidar de sua própria segurança e se transformar em uma grande potência militar independente. O crescente poder econômico coreano também tende a tornar o controle sobre seu espaço cada vez mais valioso. Contudo, ele adverte que qualquer mudança significativa no status coreano, seja por unificação ou subordinação à crescente esfera de influência chinesa, poderia alterar dramaticamente o papel norte-americano na região, assim como o japonês.²³⁵

Brzezinski ressalta que essa lista não é permanente nem fixa, podendo haver a incorporação ou subtração de alguns Estados. Ele acrescenta que em alguns aspectos Taiwan, Tailândia, Paquistão e talvez Cazaquistão e Uzbequistão certamente poderiam ser incluídos como pivôs, embora isso não parecesse adequado de acordo com a conjuntura daquele momento. Mudanças no status de qualquer um desses países poderiam representar grandes eventos e envolveriam uma forte redistribuição de poder, porém ele considera duvidoso que as consequências catalisadoras fossem de longo alcance, com a possível exceção da questão de Taiwan, no caso de a China desafiar os EUA e fazer uso da força para conquistar a ilha. Ele estima, entretanto, que essa probabilidade parece pequena, embora também não possa ser completamente descartada.²³⁶

²³⁵ BRZEZINSKI, 1997, p. 47-48.

²³⁶ Ibid., p. 48.

A identificação dos atores e pivôs centrais ajuda a definir os grandes dilemas políticos dos EUA e antecipar os desafios no supercontinente eurasiático. Sobre isso, Brzezinski procura formular cinco questões amplas: que tipo de Europa os EUA preferem e deveriam promover; que tipo de Rússia interessaria aos EUA e o que poderiam fazer a respeito; quais seriam as perspectivas para a emergência na Eurásia Central de “novos Bálcãs” e o que deveriam fazer para minimizar os riscos resultantes; qual papel a China deveria ser encorajada a assumir no Extremo Oriente e quais as implicações para os EUA e o Japão; e quais novas coalizões eurasiáticas poderiam ser mais perigosas para os EUA e o que deveria ser feito para inibi-las.²³⁷

Sobre a primeira questão, ele admite que, embora os EUA sempre tenham defendido oficialmente a causa de uma Europa unida e capaz de compartilhar as responsabilidades e fardos da liderança global, na prática isso tem se mostrado ambíguo e inconsistente. Sem ter desencorajado a postura dividida da Grã-Bretanha, os EUA têm demonstrado uma clara preferência pela liderança alemã, embora isso tenha favorecido ocasionalmente um contrapeso franco-britânico. Ele assinala que uma verdadeira escolha em favor de uma Europa unida obrigaria um reordenamento da OTAN, inevitavelmente reduzindo a hegemonia dos EUA na aliança. A geoestratégia para a Europa deveria abordar as questões da unidade europeia e a parceria com os EUA. Também deveria abordar a questão do escopo geográfico, ou seja, qual deveria ser a extensão a leste e sua relação com as fronteiras da OTAN. Com o crescente consenso em admitir nações da Europa Central na UE e na OTAN, a questão naturalmente enfocaria o status futuro das repúblicas bálticas e a Ucrânia.²³⁸

Passando para a segunda questão, Brzezinski aponta uma importante sobreposição do dilema europeu com o da Rússia. A clara preferência dos EUA deveria

²³⁷ BRZEZINSKI, 1997, p. 48-49.

²³⁸ Ibid., p. 48-51.

ser por uma Rússia democrática, intimamente ligada à Europa e que presumivelmente seria mais simpática aos valores europeus e norte-americanos, além de disposta a se tornar um parceiro associado para moldar uma Eurásia mais estável e cooperativa. No entanto, ele adverte que as ambições russas vão além do reconhecimento e respeito democrático, havendo um anseio por um papel eurasiático especial que consequentemente leve à subordinação dos novos Estados pós-soviéticos. Nesse contexto, até mesmo políticas ocidentais amistosas poderiam ser percebidas como artimanhas para negar-lhe um merecido status global. Ele questiona até que ponto a Rússia deveria ser ajudada economicamente, uma vez que isso consequentemente também a fortaleceria política e militarmente, levantando a questão sobre se a Rússia poderia ser poderosa e democrática ao mesmo tempo. E caso se tornasse poderosa novamente, se buscaria consequentemente readquirir seus domínios imperiais, levantando ainda outra questão sobre a possibilidade de também ser um império e uma democracia. No outro lado do espectro a questão seria sobre até que ponto os Estados pós-soviéticos também deveriam receber auxílio para consolidar sua independência. Isso demandaria especial atenção aos pivôs Ucrânia e Azerbaijão, gerando um difícil dilema entre equilíbrio tático e propósito estratégico. A recuperação interna russa seria essencial para a democratização e eventual europeização, contudo qualquer recuperação de seu potencial imperial seria prejudicial a ambos os objetivos. Ele alerta ainda para possíveis tensões conforme a UE e a OTAN se expandirem, indagando se a Rússia deveria ser considerada candidata a um eventual ingresso e concluindo que os custos de sua exclusão poderiam ser bastante altos, devido ao delicado tema da Ucrânia.²³⁹

A terceira questão concentra-se nas grandes incertezas do espaço altamente instável da extensa Ásia Central, maximizada pela vulnerabilidade potencial dos pivôs

²³⁹ BRZEZINSKI, 1997, p. 51-52.

turco-iranianos. Composta por 25 Estados pouco estáveis e uma população muito heterogênea de cerca de 400 milhões, essa região volátil poderia levar a muitos conflitos étnicos, religiosos e políticos. Brzezinski adverte que a posição da Índia poderia afetar a finalidade desses conflitos, caso atuasse para estabilizá-los ou instigá-los para obter vantagens sobre o Paquistão. Ele também adverte que os problemas domésticos de Turquia e Irã poderiam reduzir seu papel estabilizador e afetar a segurança norte-americana do Golfo Pérsico. Relacionado a isso, assinala o desafio do fundamentalismo islâmico que busca explorar a hostilidade religiosa de modo a derrubar governos pró-Occidente e prejudicar os interesses dos EUA no Golfo Pérsico. Contudo, aponta que sem coesão política e na ausência de um poderoso Estado muçulmano, o fundamentalismo careceria de um núcleo geopolítico e se expressaria mais provavelmente através de violência difusa.²⁴⁰

Brzezinski aborda na quarta questão a importância geoestratégica da emergência da China como uma grande potência. Ele considera como resultado mais atraente a democratização e cooptação de uma China de livre mercado em um cenário de cooperação. No entanto, ele alerta que caso o poder econômico e militar chinês continue progredindo, uma “Grande China” poderia despontar, resultando em possíveis tensões como resultado de esforços para impedi-la, sobretudo nas relações entre EUA e Japão. Brzezinski considera incerta a disposição japonesa em conter a China, podendo resultar em um fim da presença norte-americana do Extremo Oriente. Por outro lado, adverte sobre o preço de uma acomodação e aquiescência da China como potência regional, indagando qual amplitude da esfera de influência chinesa os EUA estariam dispostos a aceitar. Nesse contexto, a manutenção da presença norte-americana na Coreia do Sul se tornaria particularmente importante, sem a qual seria difícil a continuidade do arranjo de

²⁴⁰ BRZEZINSKI, 1997, p. 52-54.

defesa com o Japão, forçando uma maior autossuficiência militar desse último. Por outro lado, uma reunificação coreana também poderia perturbar a base para a presença militar dos EUA. Deste modo, ele destaca que o gerenciamento da China poderia ter consequências diretas sobre a estabilidade da relação triangular entre EUA, Japão e Coreia.²⁴¹

Por fim, Brzezinski apresenta algumas contingências envolvendo futuros alinhamentos que devem ser notadas em relação a possíveis coalizões que visem expulsar os EUA da Eurásia, ameaçando seu status global. Para ele, o cenário mais perigoso seria uma possível grande coalizão “anti-hegemônica” entre China, Rússia e talvez o Irã. Mas ao contrário do bloco sino-soviético, desta vez a China provavelmente assumiria a liderança, com a Rússia como seguidora. Outros desafios possíveis, porém menos prováveis para ele, seriam um eixo sino-japonês ou um grande realinhamento europeu capaz de gerar uma acomodação com a Rússia e uma consequente expulsão dos EUA. Ele enfatiza que naquele momento todas essas variantes seriam improváveis, exigindo grandes falhas políticas dos EUA ou dramáticas reorientações estratégicas.²⁴²

4.5. As Novas Frentes Estratégicas: a Cabeça de Ponte Democrática, a Âncora do Extremo Oriente e os Bálcãs Eurasianos

Seguindo a divisão da Eurásia estabelecida em seu livro anterior, Brzezinski estabelece analogamente três novas frentes estratégicas do pós Guerra Fria. Enquanto na periferia ocidental se encontra a Europa, que ele denomina de cabeça de ponte democrática dos EUA, no Extremo Oriente os EUA possuem um firme suporte ancorado nas regiões insulares do Japão e no sul da península coreana. No sul da

²⁴¹ BRZEZINSKI, 1997, p. 54-55.

²⁴² Ibid., p. 55-56.

Eurásia os EUA mantêm seu poder através da defesa do Golfo Pérsico, embora Brzezinski destaque a delicada questão do que ele chama de “Balcãs Eurasianos”, fazendo analogia com os Balcãs Europeus, uma região que ficou conhecida após a Guerra Fria pela heterogeneidade étnica e religiosa, instabilidade e propensão à fragmentação.

Considerada por Brzezinski como a primeira e mais importante frente estratégica, ele aponta a Europa como um aliado natural dos EUA, compartilhando muitos dos mesmos valores ocidentais. Também é antes de tudo uma cabeça de ponte norte-americana assentada em uma região vital da Eurásia. Ao contrário dos laços com o Japão, a aliança atlântica consolida o poder militar e a influência política dos EUA diretamente sobre o continente eurasiático. Como pioneira de um processo de integração supranacional, o sucesso de uma unificação política criaria inevitavelmente uma potência global. Ele argumenta que uma Europa maior também serviria de trampolim para uma expansão democrática no interior da Eurásia, exercendo atração sobre os Estados mais orientais e tornando-se um dos pilares de uma estrutura mais ampla de segurança e cooperação eurasiática patrocinada pelos EUA. Contudo, ele salienta que uma Europa politicamente unida ainda não existe, permanecendo um grande protetorado norte-americano. Segundo ele, o problema se agrava pelo declínio da vitalidade europeia, com muitos países passando por uma crise de confiança e por perspectivas isolacionistas que anseiam por fugir dos grandes dilemas do mundo. Para ele, não estaria claro se a maioria dos europeus deseja ser uma grande potência ou se estariam preparados para fazer o necessário para se tornarem uma. Ele também questiona o antiamericanismo europeu como cínico, ao deplorar a hegemonia dos EUA enquanto se confortam pela segurança que lhes é fornecida.²⁴³

²⁴³ BRZEZINSKI, 1997, p. 57-60.

Se por um lado ele aponta que o ímpeto da unificação europeia era motivado pelos impulsos da memória de duas guerras destrutivas, do desejo de recuperação econômica e da insegurança gerada pela ameaça soviética, por outro, essas motivações haviam se enfraquecido muito na metade da década de 1990. A recuperação havia sido atingida, contudo sua vitalidade econômica foi limitada por um oneroso sistema de bem-estar, cujas reformas propostas despertam a oposição de variados grupos de interesse. A ameaça da URSS havia desaparecido, enquanto o desejo de alguns europeus de obter independência da tutela norte-americana não se traduziu em um impulso atraente à unificação continental. Segundo ele, a causa europeia tem sido cada vez mais sustentada pelo impulso burocrático gerado pelo grande maquinário institucional. A ideia de união ainda possui amplo apoio popular, porém lhe faltam entusiasmo e rumo, tendo sido percebida como um mero processo e não mais uma causa.²⁴⁴

Ainda assim, ele ressalta que as elites políticas de França e Alemanha continuam fortemente comprometidas em moldar uma Europa realmente unida, podendo em conjunto construir uma Europa digna de seu passado e potencial. Contudo, ele adverte que cada uma possui projetos e visões divergentes, sem nenhuma sendo forte o suficiente para prosperar sozinha. Isso criaria uma oportunidade especial para os EUA, contudo seria necessário definir se é de interesse norte-americano que a Europa seja um parceiro em pé de igualdade ou um parceiro subalterno.²⁴⁵

Ele assinala que o mapa do vasto continente eurasiático realça como a cabeça de ponte europeia possui forte significância geopolítica para os EUA, apesar da geografia modesta. Para ele, sua preservação e expansão como um impulso para a democracia conectam-se intimamente com a segurança dos EUA. Ele assinala a necessidade de se encerrar a lacuna existente entre a preocupação norte-americana por estabilidade e

²⁴⁴ BRZEZINSKI, 1997, p. 60.

²⁴⁵ Ibid., p. 60-61.

democracia, e a indiferença europeia por essas questões, defendendo que isso só poderia ser atingido se a Europa assumir um caráter mais confederado. Ele justifica essa escolha argumentando que não seria possível que a Europa se torne um único Estado nacional devido à tenacidade de suas tradições nacionais, porém poderia se tornar uma entidade cujas instituições políticas comuns reflitam valores democráticos e exerçam atração sobre os coabitantes do espaço eurasiático. Ele receia que o compromisso norte-americano com a união da Europa continuará parecendo vazio, a menos que declare sem ambiguidades que estão preparados para aceitar as consequências de uma Europa unificada, que seria uma verdadeira parceira e não um aliado subalterno. Ele considera concebível que em algum momento uma Europa verdadeiramente unida e poderosa pudesse se tornar um rival político e econômico global dos EUA, com interesses divergentes em algumas regiões do planeta, como o Oriente Médio. Contudo, para ele essa visão não seria provável no curto prazo. Ao contrário das condições que prevaleceram nos EUA durante sua formação, persiste uma profunda resistência nacional histórica, além de um declínio do entusiasmo por uma Europa transnacional. Segundo ele, as únicas alternativas plausíveis para as próximas duas décadas seriam: uma Europa em expansão perseguindo com certa hesitação o objetivo de união continental; uma Europa paralisada, com a Europa Central abandonada geopoliticamente; ou uma Europa em fragmentação com a retomada de antigas rivalidades. Ele supõe que uma Europa paralisada provocaria uma inevitável desilusão da Alemanha com a Europa, fazendo-a buscar uma redefinição mais nacionalista de seus interesses. Ele defende que a primeira opção seria claramente a melhor para os EUA, porém exigiria um apoio mais produtivo de sua parte.²⁴⁶

²⁴⁶ BRZEZINSKI, 1997, p. 72-75.

O que estaria em jogo para ele no final das contas é o papel norte-americano de longo prazo na Europa, devendo haver uma expansão essencial da OTAN de modo a manter o espaço geopolítico euro-atlântico como meio para uma expansão de sua política eurásiana. Um fracasso poderia colocar a liderança dos EUA e a expansão europeia em cheque, desmoralizando a Europa Central e reacendendo aspirações geopolíticas russas na região. Assim, ele sustenta que uma colaboração mais aprofundada entre França, Alemanha e Polônia deve ser o núcleo de um arranjo de segurança europeu que eventualmente poderia incorporar a Ucrânia, e dependendo do caso, também a Rússia. A questão crucial para ele é se esse cenário ocorreria de um modo pacífico ou em um contexto de tensões crescentes com a Rússia. Por isso, ele considera necessário promover laços cooperativos com a Rússia de modo a criar condições para o surgimento de um novo sistema de cooperação trans-eurásiano. Se a Europa for capaz de se unificar e expandir, e se a Rússia consolidar sua democracia e modernização, em algum ponto poderia haver uma intensificação de relações, até a fusão do sistema de segurança transatlântico com um eurásiano transcontinental.²⁴⁷

Ele conclui sustentando que o fim da cortina de ferro na Europa não deveria significar um retrocesso, e sim um ponto de partida para uma Europa mais integrada, uma OTAN reforçada e a formação de relações de segurança mais construtivas com a Rússia. Desta forma, ele estabelece como objetivo geopolítico central dos EUA a consolidação da parceria transatlântica para que uma Europa em expansão pudesse projetar uma ordem internacional mais democrática e cooperativa pela Eurásia.²⁴⁸

Em relação à frente estratégica do Extremo Oriente, Brzezinski sustenta que uma firme ancoragem norte-americana na região também é algo essencial para a consolidação de sua supremacia no continente eurásiano. Isso requer a manutenção da

²⁴⁷ BRZEZINSKI, 1997, p. 80, 84-86.

²⁴⁸ Ibid., p. 86.

aliança com o Japão, mas também relações mais cooperativas com a China. Ele sustenta que as implicações dessa realidade devem ser enfrentadas, pois a contínua interação entre essas três potências poderia acabar gerando um complexo e perigoso dilema regional capaz de causar fortes impactos geopolíticos. Por um lado, ele argumenta que os EUA deveriam ser um aliado natural da China, devido à ausência de projetos diretos em suas esferas de interesse, além da oposição histórica às transgressões japonesas e russas sobre uma China enfraquecida, caracterizando a percepção chinesa de que o Japão foi o principal inimigo durante o século anterior, a Rússia sempre foi vista com desconfiança e a agora a Índia emerge como rival potencial. Por outro lado, os EUA também são aliados do Japão, Taiwan e das nações do Sudeste Asiático, ao mesmo tempo em que os chineses também são bastante sensíveis às ressalvas norte-americanas a seu regime político.²⁴⁹

Deste modo, a China enxergaria os EUA como o principal obstáculo a suas ambições, tanto globais como regionais, fazendo Brzezinski questionar se uma colisão direta seria inevitável. Para ele, seria tarefa da diplomacia norte-americana assegurar que o Japão se posicionasse e que a ascensão chinesa não excluísse um equilíbrio triangular do poder no leste da Ásia, exigindo considerável esforço diplomático de administrar Japão e China e manter uma interação tripartite envolvendo os EUA. Segundo ele, a chave seria canalizar a energia japonesa na direção internacional e direcionar o poder chinês para uma acomodação regional. Somente assim os EUA conseguiriam forjar um sistema oriental equivalente ao da Europa, ou seja, uma estrutura de poder regional baseada em interesses comuns. Contudo, ele considera improvável que uma cabeça de ponte democrática no oriente surja no curto prazo. Ao invés disso, uma aliança redirecionada com o Japão no Extremo Oriente deveria servir

²⁴⁹ BRZEZINSKI, 1997, p. 151-152.

como base para uma acomodação norte-americana com a superpotência regional chinesa.²⁵⁰

Ele conclui que para os EUA, o Japão deveria ser um parceiro vital na construção de um sistema cooperativo global, porém não como um aliado militar no arranjo regional destinado a contestar a primazia regional chinesa. No longo prazo, a China deveria se tornar uma âncora dos EUA no Extremo Oriente na esfera mais tradicional da política de poder, ajudando a manter um equilíbrio de poder eurasiático, com a China assumindo um papel comparável ao de uma Europa expandida no extremo ocidental da Eurásia.²⁵¹

A última frente estratégica é comparada por Brzezinski à região dos Balcãs na Europa, por invocar a ideia de conflitos étnicos e rivalidades regionais de grandes potências. Para ele, a Eurásia também possui seus “Balcãs”, porém muito maiores, populosos e até mais heterogêneos do ponto de vista religioso e étnico. Localizados em uma região central de instabilidade global que inclui porções do Sudeste da Europa, Ásia Central, Golfo Pérsico e Oriente Médio, os Balcãs Eurasianos formam o núcleo continental da região do sul da Eurásia acometida por um grande vácuo de poder. Ele ressalva que embora a maioria dos Estados do Golfo Pérsico e Oriente Médio também seja instável, o poder norte-americano atua como o principal árbitro. Por outro lado, os Balcãs Eurasianos além de instáveis também são uma região tentadora e convidativa à invasão por vizinhos mais poderosos e determinados a impedir a dominação por parte de outras potências.²⁵²

Nesse cenário, a Rússia aparece como um dos principais interessados na região por questões históricas e geopolíticas. Contudo, possui um sério dilema por ser fraca

²⁵⁰ BRZEZINSKI, 1997, p. 152, 185.

²⁵¹ Ibid., p. 193.

²⁵² Ibid., p. 123-124.

demais para vedar toda a região do exterior e pobre demais para promover seu desenvolvimento por conta própria. Além disso, as experiências com o Afeganistão e a Chechênia poderiam se repetir ao longo de toda a sua fronteira meridional, desde o Mar Negro até a Mongólia, sobretudo devido ao ressurgimento islâmico e nacionalista entre povos anteriormente subjugados. A questão principal para Brzezinski é que a Rússia precisaria encontrar formas de se acomodar à nova realidade pós-imperial enquanto busca conter a presença iraniana e turca, evitar a gravitação dos novos Estados em direção a seus principais rivais, desestimular a formação de qualquer cooperação regional independente na Ásia Central e limitar a influência geopolítica dos EUA. A questão não seria mais de restauração imperial, que seria fortemente rechaçada e muito dispendiosa, mas tecer uma nova teia de relações que forçariam os novos Estados a aceitar uma posição econômica dominante da Rússia. Ele cita análises estratégicas declarando explicitamente que a Rússia percebe essa região como um espaço geopolítico especial, mesmo não sendo mais parte integral de seu império. Segundo Brzezinski, o instrumento preferido tem sido a Comunidade dos Estados Independentes (CEI), embora em alguns casos o uso de habilidades militares e diplomáticas de “dividir e governar” também tenha servido aos interesses russos. Por esses meios, a Rússia tem buscado o máximo de aquiescência pela visão de uma comunidade cada vez mais integrada, utilizando-se de sua forte atuação nesses países.²⁵³

Brzezinski considera que os EUA estão muito distantes para serem dominantes nessa parte da Eurásia, porém poderosos demais para não se envolverem, sendo que todos esses Estados veem a participação norte-americana como fundamental para sua sobrevivência. Por outro lado, a Rússia está muito fraca para readquirir domínio sobre a região ou excluí-la de outros, mas também muito próxima e forte para ser excluída. A

²⁵³ BRZEZINSKI, 1997, p. 141-142.

Turquia e o Irã também são muito influentes, porém possuem muitas vulnerabilidades internas e rivalidades que dificultam uma atuação mais ativa. A China é poderosa demais para não ser temida pela Rússia e os Estados da Ásia Central, no entanto sua presença e dinamismo econômico facilitaria um auxílio global mais amplo à região. Para Brzezinski, o interesse primário dos EUA seria assegurar que nenhuma potência controle esse espaço geopolítico e a comunidade internacional obtenha acesso financeiro e econômico a ele sem obstruções. Para ele, um pluralismo geopolítico só se concretizaria se uma rede de dutos e rotas de transporte ligasse a região diretamente aos grandes centros econômicos através dos mares Mediterrâneo e Árábico, de modo que qualquer esforço russo de monopolizar o acesso devesse sofrer oposição e ser encarado como nocivo à estabilidade regional.²⁵⁴

Entretanto, para ele, a exclusão russa também não seria desejável e nem factível, assim como estimular hostilidades entre os novos Estados e a Rússia. Na verdade, ele sustenta que a participação russa seria essencial para o desenvolvimento e estabilidade da região, e tê-la como parceira e não dominadora poderia resultar em benefícios econômicos significativos. Isso também contribuiria para o bem-estar russo e daria significado à ideia de comunidade prometida pela CEI. Contudo, Brzezinski adverte que essa opção cooperativa só seria adotada pela Rússia quando projetos mais ambiciosos e anacrônicos fossem abandonados. Ele também sustenta que os interesses norteamericanos na região são compartilhados com uma Turquia estável e pró-Occidente, mas também com o Irã e a China. A crescente presença chinesa na região e seu interesse pela independência desses países são compatíveis com as políticas dos EUA, da mesma forma que uma melhora nas relações com os iranianos facilitaria o acesso global à região e reduziria a ameaça imediata à sobrevivência do Azerbaijão. Se a Turquia

²⁵⁴ BRZEZINSKI, 1997, p. 148-149.

prosseguir no caminho para a Europa e esta não recusá-la, os Estados do Cáucaso também provavelmente gravitariam para a órbita europeia, enquanto que se a europeização da Turquia for paralisada por razões internas ou externas, o Cáucaso acabaria tendo de se adaptar aos desígnios russos. Seu futuro então dependeria dos possíveis desenvolvimentos nas relações da Rússia com uma Europa em expansão.²⁵⁵

Brzezinski conclui que o futuro da Ásia Central seria moldado por um conjunto complexo de circunstâncias, com seu destino determinado pela interação de interesses da Rússia, Turquia, Irã e China, assim como as condições em que se dariam as relações dos EUA com a Rússia a respeito da independência dos novos Estados. Ele defende que isso deve excluir a possibilidade de domínio ou monopólio da região por qualquer um dos envolvidos, estimulando-se um equilíbrio regional delicado capaz de integrar esses países à economia mundial e permitindo-lhes uma maior consolidação política e religiosa. Do contrário, ele alerta para a possibilidade de conflitos étnicos, fragmentação política e hostilidades ao longo das fronteiras meridionais da Rússia.²⁵⁶

4.6. Rússia: O Buraco Negro do *Heartland*

Brzezinski afirma que a desintegração do maior Estado territorial do mundo criou um “buraco negro” bem no centro da Eurásia, como se o *heartland* geopolítico fosse repentinamente arrancado do mapa global. Com isso, ele sustenta que a tarefa imediata dos EUA seria reduzir a probabilidade de anarquia política ou correr o risco de uma Rússia enfraquecida reverter a uma ditadura hostil que ainda detém um poderoso arsenal nuclear. Para ele, o desafio de longo prazo seria estimular uma transformação democrática e recuperação econômica da Rússia enquanto evita o ressurgimento de um

²⁵⁵ BRZEZINSKI, 1997, p. 149-150.

²⁵⁶ Ibid., p. 150.

império eurasiático capaz de obstruir a construção de um sistema euro-atlântico expandido de segurança e estabilidade ao qual a própria Rússia poderia estar relacionada.²⁵⁷

Brzezinski estabelece que o colapso da União Soviética foi o estágio final de uma fragmentação progressiva do vasto bloco comunista sino-soviético que por um breve período se equiparou e em alguns aspectos superou o domínio de Genghis Khan. Ele relata como no curto período de duas semanas, a URSS foi dissolvida pelos líderes russo, ucraniano e bielorrusso e substituída por uma entidade mais vaga chamada de Comunidade de Estados Independentes (CEI), compreendendo todas as repúblicas soviéticas com exceção dos Estados bálticos. Um Estado nacional predominantemente russo com metade da população soviética surgiu como sucessor de fato da antiga união, enquanto as outras repúblicas asseguraram sua própria soberania em diferentes graus.²⁵⁸

Brzezinski reitera que a derrocada soviética gerou uma gigantesca confusão geopolítica, criando um enorme vácuo de poder bem no coração da Eurásia. Os russos haviam deixado de dominar um império transcontinental para se contentar com fronteiras que regrediram para aquelas de meados do século XIX na Ásia Central, início do XIX no Cáucaso e início do século XVII no Ocidente, logo após o reino de Ivan o Terrível. Ele acrescenta que as perdas no Cáucaso restauraram temores de interferência turca, enquanto na Ásia Central geraram um senso de privação pela perda dos recursos energéticos, assim como ansiedade pelo desafio islâmico. No Ocidente, a independência ucraniana contestou a própria essência da Rússia como porta-voz de uma identidade pan-eslávica.²⁵⁹

²⁵⁷ BRZEZINSKI, 1997, p. 87.

²⁵⁸ Ibid., p. 87-88.

²⁵⁹ Ibid., p. 88-89.

O antigo espaço soviético passou a ser ocupado por cerca de uma dúzia de Estados de diversos tamanhos, a maioria despreparada para serem verdadeiramente soberanos. Ele atesta que sua viabilidade parecia incerta e a disposição russa de aceitar permanentemente a nova realidade era igualmente imprevisível. Além disso, ele destaca que cerca de 20 milhões de russófonos passaram a habitar Estados estrangeiros determinados a consolidar suas próprias identidades após décadas de russificação coercitiva. O status internacional da Rússia havia se deteriorado terrivelmente, passando a ser vista apenas como uma potência regional de terceiro mundo, detentora de um arsenal nuclear significativo, porém ultrapassado. Sua situação geopolítica também havia se degradado, com seu acesso ao Mar Báltico severamente limitado e sujeito ao congelamento no inverno. E embora tenha conseguido manter uma posição dominante sobre uma Bielorrússia fortemente russificada, Brzezinski indaga sobre as incertezas de um contágio nacionalista no país. O fim do Pacto de Varsóvia também significou a perda dos Estados-satélites da Europa Central, que rapidamente gravitariam para a União Europeia.²⁶⁰

Contudo, ele ressalta que o mais preocupante foi a perda da Ucrânia, que representou o repúdio a mais de três séculos de história comum, privou a Rússia de sua posição dominante no Mar Negro e limitou drasticamente suas opções geopolíticas. A autodeterminação ucraniana chocou os russos e estabeleceu um exemplo a outras repúblicas soviéticas. Segundo Brzezinski, mesmo sem os Estados Bálticos e a Polônia, uma Rússia com controle sobre a Ucrânia ainda poderia buscar a liderança de um império eurasiático, no qual poderia dominar os não eslavos a sul e sudeste da antiga URSS. Contudo, sem a Ucrânia, a Rússia tenderia a se tornar cada vez mais asiática e menos europeia, devido à queda na taxa de natalidade russa e aumento na região da Ásia

²⁶⁰ BRZEZINSKI, 1997, p. 89, 91-92.

Central. Se antes o Mar Negro era o ponto de partida para a projeção de poder naval russo no Mediterrâneo, posteriormente restou-lhe apenas uma pequena faixa litorânea e discussões sobre os direitos de bases na Crimeia pelos restos da frota soviética, enquanto observava manobras navais ucranianas com a OTAN e um crescente papel turco.²⁶¹

Ele prossegue indicando que a sudeste também houve mudanças significativas no Mar Cáspio e na Ásia Central. Antes praticamente um lago russo com um pequeno perímetro iraniano, a presença de um Azerbaijão independente e nacionalista reforçou o fluxo de investidores petrolíferos ocidentais, de modo que a Rússia reduziu-se a apenas um de cinco Estados que passaram a reivindicar as riquezas da bacia do Mar Cáspio. Os novos Estados, agora detentores de vastos depósitos de minérios e recursos energéticos, certamente atrairiam interesses estrangeiros, fazendo com que suas elites, e consequentemente seus povos, se tornassem mais nacionalistas e com um perfil cada vez mais islâmico. Apoiados por Turquia, Irã, Paquistão e Arábia Saudita, os países da Ásia Central não se sentiram inclinados a trocar suas recém-conquistadas soberanias por uma integração econômica benéfica com a Rússia, conforme muitos russos esperavam. Brzezinski adverte que ao menos alguma tensão e hostilidade com a Rússia são esperadas, enquanto precedentes na Chechênia e Tajiquistão sugerem que cenários piores não podem ser excluídos. Ele alerta que, para os russos, o espectro de um potencial conflito com Estados muçulmanos que somam cerca de 300 milhões de habitantes ao longo de suas fronteiras meridionais também deveria ser uma grave fonte de preocupação.²⁶²

Por fim, Brzezinski atesta que no Extremo Oriente a Rússia também enfrenta ameaças geopolíticas, apesar de não terem ocorrido modificações territoriais. Durante

²⁶¹ BRZEZINSKI, 1997, p. 92-93.

²⁶² Ibid., p. 93, 95.

séculos mais fraca e atrasada, a China vem se tornando muito mais avançada e dinâmica, fazendo com que os vastos territórios vazios da Sibéria despertem anseios de uma colonização chinesa. Ele adverte que essa desconcertante nova realidade russa tende a afetar sua segurança no Extremo Oriente, assim como seus interesses na Ásia Central, fazendo com que em pouco tempo, os desenvolvimentos nessas regiões possam superar a perda da Ucrânia em relevância geopolítica.²⁶³

Brzezinski conclui constatando que a Rússia passou de um grande império territorial e líder de um bloco ideológico de Estados-satélites a um Estado nacional instável, sem fácil acesso geográfico para o mundo exterior e vulnerável a conflitos com seus vizinhos nos flancos oeste, leste e sul. Para ele, somente os espaços setentrionais desabitados e inacessíveis e quase permanentemente congelados parecem geopoliticamente seguros.²⁶⁴

Com todas essas mudanças e perdas, Brzezinski afirma que um período de confusão estratégica foi inevitável, levando a reflexões e debates sobre autodefinição da identidade russa, não apenas teóricos, mas repletos de conteúdo geopolítico. De modo geral, ele define três amplas abordagens geoestratégicas que surgiram em relação ao colapso soviético, cada uma preocupada com o status russo *vis-à-vis* os EUA e contendo variações internas. Brzezinski as classifica da seguinte maneira:²⁶⁵

1. Prioridade por uma “parceria estratégica madura” com os EUA, que para alguns de seus adeptos era um termo para uma coabitação global.

2. Ênfase no “exterior próximo”, com alguns defendendo uma integração econômica dominada por Moscou e outros esperando uma restauração de algum controle imperial, criando uma potência capaz de contrabalançar os EUA e a Europa.

²⁶³ BRZEZINSKI, 1997, p. 95.

²⁶⁴ Ibid., p. 96.

²⁶⁵ Ibid., p. 98-99.

3. Uma contra-aliança envolvendo algum tipo de coalizão eurásiana anti-EUA destinada a reduzir a preponderância norte-americana na Eurásia.

Ele constata que embora a primeira opção tenha sido dominante inicialmente entre a equipe do Presidente Yeltsin, a segunda aflorou posteriormente em oposição às prioridades geopolíticas de seu governo. A terceira surgiu por volta de meados dos anos 1990, em reação à sensação difundida de que a geoestratégia russa era incerta e fracassada. Brzezinski considera que no final das contas todas as três opções se mostraram historicamente incapazes e derivadas de visões fantasmagóricas do poder, potencial e interesses russos.²⁶⁶

Em relação à primeira abordagem, ele considera que não havia condições para uma parceria global efetiva, com os pró-Occidentais simplesmente querendo demais e entregando muito pouco. Afirma que desejavam uma parceria equitativa ou coabitação com os EUA, liberdade de ação na CEI e uma “terra de ninguém” geopolítica na Ásia Central. Contudo, a ambivalência sobre a história soviética, falta de realismo quanto ao poder mundial e a profundidade da crise econômica, além da ausência de apoio social representou uma incapacidade de oferecer uma Rússia estável e democrática que essa parceria exigia. Brzezinski constata que a Rússia primeiramente devia passar por um prolongado processo de reforma política e estabilização democrática e um processo ainda mais longo de modernização socioeconômica e então gerenciar uma profunda alteração de mentalidade imperial quanto às novas realidades geopolíticas antes que uma parceria com os EUA se tornasse uma opção viável.²⁶⁷

Com isso, a opção do “exterior próximo” se tornou uma grande crítica aos pró-Occidentais, com a ideia de que essas políticas eram muito custosas, rendiam poucos

²⁶⁶ BRZEZINSKI, 1997, p. 99.

²⁶⁷ Ibid., p. 105.

resultados, e o Ocidente buscava tirar vantagens das oportunidades criadas pelo colapso soviético. Essa segunda abordagem, por outro lado, se baseava no argumento de que a principal prioridade da Rússia devia ser as antigas repúblicas soviéticas, através da reconstrução de uma estrutura com Moscou no centro de um espaço geopolítico equivalente ao da antiga URSS. No entanto, Brzezinski ressalta que a escola do “exterior próximo” era um conceito guarda-chuva que compreendia várias concepções geopolíticas, incluindo funcionalistas e deterministas econômicos que acreditavam que a CEI poderia evoluir para uma versão da União Europeia liderada por Moscou, outros que defendiam a integração econômica como uma das ferramentas de restauração imperial, eslavófilos que defendiam uma União Eslava e por fim, proponentes de uma noção mística de eurasianismo como definição da missão histórica russa.²⁶⁸

Ele atesta que sua forma mais restrita envolvia a proposta razoável de que a Rússia deveria se concentrar primeiramente nas relações com os novos Estados independentes, sobretudo devido à interdependência econômica criada pela antiga URSS entre eles e a Rússia. O “espaço econômico comum” citado por alguns líderes russo era uma realidade que não podia ser ignorada. Cooperação e alguma integração seriam uma necessidade econômica desejável como forma de reverter as rupturas e fragmentações econômicas causadas pelo colapso soviético, com as analogias à UE muitas vezes citadas como pertinentes, além de uma rejeição de restauração imperial pelos defensores mais moderados.²⁶⁹

Contudo, ele nota que as políticas práticas dessa visão não possuíam meros contornos benignos de cooperação econômica regional, com seu conteúdo geopolítico repleto de tons imperiais. Mesmo um relatório moderado falava em uma Rússia recuperada que eventualmente assumiria o papel regulador da situação na Europa

²⁶⁸ BRZEZINSKI, 1997, p. 105-106.

²⁶⁹ Ibid., p. 106.

Oriental, Ásia Central e Extremo Oriente. Outros defensores falavam explicitamente de um papel exclusivo no espaço pós-soviético, acusando o Ocidente de se envolver em políticas antirrussas ao fornecer auxílio à Ucrânia e outros Estados pós-soviéticos. Assim, a ênfase do “exterior próximo” combinava determinismo econômico com uma forte dose de determinação imperial subjetiva, sem, contudo, fornecer uma resposta mais filosófica e geopolítica para a questão sobre o que deveria ser a Rússia e qual seria sua missão.²⁷⁰

Brzezinski então mostra que essa resposta foi buscada pela doutrina do eurasianismo, a partir da premissa de que, de um ponto de vista geopolítico e cultural, a Rússia não seria nem europeia, nem asiática, possuindo uma identidade eurásiana distinta. Essa identidade seria o legado do controle espacial único da Rússia sobre um enorme território continental entre a Europa Central e o litoral do Oceano Pacífico, gerando uma singular personalidade política e cultural eurásiana. Ele salienta que essa doutrina não nasceu no período pós-soviético, tendo surgido no século XIX e se difundido no XX como alternativa ao comunismo soviético e em reação à suposta decadência do Ocidente, ecoando posteriormente de forma simplificada por vários políticos nacionalistas russos. Ele considera que uma das versões mais pragmáticas e sóbrias do eurasianismo foi defendida pelo líder do Cazaquistão, Nursultan Nazarbayev. Com uma população dividida entre cazaques e russos, ele buscou uma fórmula que diluísse as pressões de Moscou por integração política através do conceito de uma “União Eurásiana” como alternativa à ineficaz CEI. Embora sem o conteúdo místico do pensamento eurásiano mais tradicional e sem propor uma missão especial dos russos

²⁷⁰ BRZEZINSKI, 1997, p. 107, 109.

como líderes eurásianos, essa ideia reiterava a concepção de que a Eurásia constituía um todo orgânico que também deveria compreender uma dimensão política.²⁷¹

Os novos Estados, no entanto, estavam inclinados a desconfiar até de formas legítimas e necessárias de integração econômica com a Rússia, temendo suas possíveis consequências. Ao mesmo tempo, Brzezinski considera que as noções de uma suposta missão eurásiana russa e mística eslava somente isolaram mais a Rússia da Europa e do Ocidente, perpetuando a crise pós-soviética e atrasando a necessária modernização e ocidentalização da sociedade russa em linhas análogas ao que Kemal Atatürk fez na Turquia após o colapso do Império Otomano. Assim, ele conclui que a abordagem do “exterior próximo” ofereceu não uma solução, e sim uma mera ilusão geopolítica.²⁷²

Assim, o fracasso da orientação ocidental em produzir uma Rússia democrática em nível de igualdade com os EUA e a relutância em reconhecer que uma reintegração com o antigo império era uma possibilidade remota seduziram os russos a sonhar com a ideia de uma contra-aliança à hegemonia dos EUA na Eurásia. Segundo Brzezinski, essa abordagem concebia a formação de uma coalizão anti-hegemônica composta por ao menos três potências interessadas em reduzir a supremacia norte-americana na Eurásia. Durante algum tempo, isso pareceu incluir teoricamente uma poderosa coalizão formada por Rússia, Irã e China, embora Brzezinski só considerasse possível tal coalizão se os EUA antagonizassem simultaneamente a China e o Irã. Por outro lado, ele avalia que a China e o Irã também não teriam interesse em se arriscar em uma aventura estratégica com uma Rússia instável e fraca, devido às graves perdas políticas, econômicas e tecnológicas. A Rússia tinha muito pouco a oferecer para formar uma coalizão anti-hegemônica, possivelmente condenando os três a um isolamento e atraso prolongados. Além disso, seria a China provavelmente o líder dessa coalizão, relegando a Rússia a

²⁷¹ BRZEZINSKI, 1997, p. 109-111.

²⁷² Ibid., p. 115.

um papel subalterno e possivelmente subserviente, transformando-a em um grande Estado-tampão entre uma Europa e uma China em expansão.²⁷³

Brzezinski constata que, em outra tentativa, os especialistas russos em política externa continuaram a ansiar por uma paralisação da integração europeia, para que se criassem oportunidades táticas de um flerte russo-germânico ou franco-russo capaz de deteriorar os laços transatlânticos. Todavia, Brzezinski avalia que isso não passaria de meras opções táticas temporárias, com pouca probabilidade de algum dos dois países europeus romper definitivamente os laços com os EUA. Desta forma, nenhuma das opções de contra-aliança oferecia uma alternativa viável. A solução para os dilemas geopolíticos russos não seria encontrada em uma aliança anti-hegemonica, nem na ilusão de uma parceria estratégica equitativa com os EUA ou no esforço de criar uma estrutura política e econômica integradora no espaço pós-soviético. Para ele, todas essas abordagens se esquivam da única escolha que está de fato aberta à Rússia.²⁷⁴

De acordo com Brzezinski, a única alternativa geopolítica que poderia conferir à Rússia um verdadeiro papel internacional e maximizar a oportunidade de se transformar e modernizar seria seguir um caminho europeu, em direção a uma Europa transatlântica da UE e da OTAN, que muito provavelmente permaneceria aliada aos EUA. Para ele, essa é a Europa com quem a Rússia deveria se relacionar, de modo a evitar um perigoso isolamento geopolítico. Para os EUA, a Rússia pode se tornar um problema, a menos que promova uma configuração que convença os russos que a melhor escolha é uma ligação orgânica cada vez maior com uma Europa transatlântica. Embora uma aliança russa de longo prazo com China ou Irã fosse improvável, ele recomenda aos EUA que evitem políticas que perpetuem ilusões de grandes opções geoestratégicas que apenas retardariam a decisão capaz de dar fim ao profundo mal-estar russo. Caso a Rússia siga

²⁷³ BRZEZINSKI, 1997, p. 115-117.

²⁷⁴ Ibid., p. 117-118.

por esse caminho, ele propõe um paralelo com o caso da Turquia pós-otomana, que abandonou suas ambições imperiais de modo a se modernizar, europeizar e democratizar. Ele reitera que, desta forma, a Europa e os EUA não representariam uma ameaça a uma Rússia democrática por não possuírem ambições sobre os territórios russos, ao contrário de potenciais ambições chinesas, nem compartilhariam fronteiras inseguras e potencialmente violentas, como no caso das nações muçulmanas confinantes ao sul.²⁷⁵

A Rússia enfrentaria desta forma um dilema que pressupõe uma renúncia imperial e a aceitação dos laços de uma Europa expandida com os EUA. O primeiro requisito significaria uma acomodação com o pluralismo geopolítico que tende a prevalecer no espaço pós-soviético, incluindo cooperação econômica, porém sem limites à soberania dos novos Estados, sobretudo a identidade nacional ucraniana. O segundo requisito, provavelmente mais difícil de ser aceito, pressupõe que uma relação cooperativa com a comunidade transatlântica não pode ser baseada na noção de que aqueles Estados europeus que desejam participar possam ser excluídos por causa de um veto russo. Brzezinski defende que a expansão dessa comunidade não deve ser apressada e certamente não deve ser promovida de maneira antirrusa. Por outro lado, também não pode, nem deve ser, paralisada por sanções políticas que reflitam uma noção antiquada de segurança europeia. Para ele, uma Europa democrática e expandida deve ser um processo histórico aberto, não sujeito a limites geográficos politicamente arbitrários.²⁷⁶

Ele considera que para muitos russos o dilema da alternativa única pode, a princípio, parecer difícil de resolver, sendo necessário um grande ato de vontade política e provavelmente uma liderança perspicaz e excepcional capaz de articular a visão de

²⁷⁵ BRZEZINSKI, 1997, 118-119.

²⁷⁶ Ibid., p. 119-120.

uma Rússia europeia moderna e democrática. Ele avalia que isso provavelmente levará ainda bastante tempo, mas que os russos em algum momento deverão reconhecer que uma redefinição nacional não seria um ato de capitulação, e sim de liberação. Além disso, ele reitera que uma Rússia não imperial ainda seria uma grande potência de proporções continentais, sendo a maior unidade política territorial do mundo.²⁷⁷

Ele defende que os EUA e a Europa também deveriam ajudar a Rússia nesse caminho, oferecendo não apenas um tratado especial com a OTAN, mas também iniciando um processo para um sistema de segurança transcontinental. E caso a Rússia consolide suas instituições internas democráticas e avance seu desenvolvimento econômico, uma associação mais próxima com a OTAN e a UE também deveria ser considerada. Ele considera igualmente importante para o Ocidente seguir políticas que estimulem a Rússia na direção europeia, como a estabilização e consolidação dos novos Estados pós-soviéticos. Desses Estados, ele estima que Azerbaijão, Uzbequistão e Ucrânia seriam os de maior importância geopolítica. Para ele, um Azerbaijão independente poderia servir como acesso para as regiões ricas em recursos energéticos do Mar Cáspio e Ásia Central, enquanto um Azerbaijão subjugado poderia representar uma Ásia Central isolada do mundo e mais vulnerável à Rússia. Com grande vitalidade nacional e população, e menos sujeito a pressões, o Uzbequistão representa um grande obstáculo às ambições imperiais russas, sendo crucial para a sobrevivência de seus vizinhos.²⁷⁸

Contudo, ele considera a Ucrânia como a mais importante. Conforme a UE e a OTAN se expandirem e ela própria atingir os pré-requisitos para a adesão, caberá a ela decidir se deseja participar dessas organizações. E embora isso leve tempo, ele defende que a Europa deixe claras indicações de que a expansão não será interrompida ao atingir

²⁷⁷ BRZEZINSKI, 1997, p. 120.

²⁷⁸ Ibid., p. 120-121.

a fronteira entre Polônia e Ucrânia. Ele avalia que embora a Rússia deva aceitar com ressalvas a expansão da OTAN a países da Europa Central, será muito mais difícil sua aquiescência na adesão ucraniana, pois isso representaria aceitar a ruptura de um destino comum ligado à Rússia. Para ele, essa aceitação definiria a própria decisão russa de participar da Europa, enquanto uma rejeição levaria a uma existência e identidade eurásiana solitária. O ponto crucial para Brzezinski é que a Rússia não pode fazer parte de uma Europa sem a Ucrânia, enquanto a Ucrânia pode estar em uma Europa sem a Rússia. A decisão russa, portanto, é se deseja também se tornar europeu ou um pária eurásiano, nem verdadeiramente europeu, nem asiático e mergulhado em conflitos adjacentes a seu exterior próximo. Brzezinski supõe que uma cooperação entre Europa e Rússia poderia passar de acordos bilaterais formais para laços políticos, militares e econômicos mais orgânicos. Assim, ele conjectura que ao longo das próximas décadas a Rússia poderia se tornar parte integral de uma Europa que se estende para a Ucrânia e para além dos Urais. Ele prossegue presumindo que uma associação ou adesão às estruturas europeias e transatlânticas poderia abrir as portas para a inclusão dos Estados caucasianos, que aspiram a uma conexão europeia. Ele admite que não é possível prever a velocidade desse processo, porém tenderia a se acelerar se um contexto geopolítico impulsionasse a Rússia nessa direção enquanto barrasse outras tentações. Ele reitera que quanto antes a Rússia se encaminhar para a Europa, mais rápido o buraco negro da Eurásia seria preenchido por uma sociedade moderna e democrática. Ele conclui que o dilema russo da alternativa única não se trata mais de tomar uma decisão geopolítica, mas sim de enfrentar os imperativos de sobrevivência.²⁷⁹

4.7. Os Principais Objetivos Geoestratégicos dos EUA no pós Guerra Fria

²⁷⁹ BRZEZINSKI, 1997, p. 121-122.

Brzezinski finaliza reiterando a urgência de os EUA formularem uma geoestratégia integrada e abrangente para toda a Eurásia. Para ele, essa necessidade advém da realidade de que os EUA é a única superpotência global e a Eurásia é a arena central do mundo, logo a distribuição de poder no continente eurasiático pode afetar de maneira decisiva a supremacia norte-americana. Por sua vez, os EUA são também o árbitro da Eurásia, não havendo solução às questões eurasiáticas sem sua participação.²⁸⁰

Ele defende que a estabilidade do pluralismo geopolítico da Eurásia depende de um equilíbrio de poder continental sem o aparecimento de uma única potência dominante, e que seria fortalecido pelo futuro surgimento do que ele denomina de Sistema Trans-Eurasiático de Segurança. Ele reitera que esse pacto de segurança transcontinental deveria incorporar uma OTAN expandida conectada por um acordo cooperativo com a Rússia, assim como a China e o Japão. Contudo, para realizar essa visão, a OTAN precisaria se expandir ao mesmo tempo em que envolve a Rússia em uma estrutura de cooperação e de segurança regional mais ampla. Na outra ponta, os EUA também devem atuar com o Japão para implementar um diálogo político triangular de segurança com a China. Ele avalia que isso poderia eventualmente incluir outros participantes asiáticos e mais tarde levar a diálogos com a Organização para Segurança e Cooperação na Europa (OSCE). Ele conjectura que esse diálogo pavimentaria o caminho para uma série de conferências entre todos os Estados europeus e asiáticos, iniciando um sistema de segurança transcontinental. EUA, Europa, China, Japão, Índia, uma Rússia confederada e talvez alguns outros países poderiam servir de núcleo para um sistema mais estruturado, gradualmente reduzindo algumas das responsabilidades

²⁸⁰ BRZEZINSKI, 1997, p. 194.

dos EUA ao mesmo tempo em que perpetua seu papel decisivo como estabilizador e árbitro da Eurásia.²⁸¹

No longo prazo, Brzezinski considera que a política mundial tende a se tornar menos tolerante com o poder hegemônico concentrado em um único Estado, de modo que os EUA acabarão sendo não somente a primeira e única superpotência global, mas provavelmente também a última. Com a permeabilidade dos Estados e a difusão de conhecimento, é provável que o poder econômico também se torne mais disperso. Além disso, o caráter multinacional dos EUA facilitou a universalização de sua hegemonia sem parecer estritamente nacional, ao contrário, por exemplo, da China, que deixaria a impressão de querer impor uma hegemonia nacional. Brzezinski exemplifica com a afirmação de qualquer um pode se tornar norte-americano, mas só um chinês pode ser chinês. Assim, quando a liderança dos EUA se enfraquecer, é improvável que sua predominância global seja replicada por qualquer outro Estado. Desta maneira, ele considera como algo crucial o legado que os EUA deixarão para o mundo como resultado de sua supremacia.²⁸²

Para ele, a resposta a essa questão depende em parte do tempo que durará essa hegemonia e da perspicácia para moldar uma estrutura de parcerias a serem institucionalizadas ao longo do tempo. Ele estima que os EUA atravessam uma breve janela de oportunidade histórica, na qual a relativa paz mundial pode ter curta duração, o que requer envolvimento no aprimoramento da estabilidade geopolítica internacional e capacidade de reviver no Ocidente um senso de otimismo. Infelizmente, ele avalia que tais esforços se mostraram limitados e unidimensionais, fracassando em aliar a

²⁸¹ BRZEZINSKI, 1997, p. 208-209.

²⁸² Ibid., p. 209-210.

necessidade de melhorar a condição humana com o imperativo de preservar a centralidade do poder norte-americano nas questões mundiais.²⁸³

Deste modo, Brzezinski conclui que o objetivo dos EUA deve ser duplo ao buscar perpetuar sua posição dominante por ao menos uma geração e de preferência por mais tempo, e criar uma estrutura geopolítica capaz de absorver os inevitáveis choques das mudanças político-sociais ao mesmo tempo em que evolui no núcleo geopolítico de responsabilidade compartilhada para um gerenciamento global pacífico. Uma fase prolongada de cooperação estimulada e arbitrada gradualmente pelos EUA com parceiros eurásianos poderia fornecer condições para uma atualização das estruturas cada vez mais antiquadas da ONU. Uma nova distribuição de responsabilidades e privilégios poderia então levar em conta as realidades do poder global. Ele conjectura que no curso das próximas décadas, uma estrutura de cooperação global baseada nas realidades geopolíticas poderia surgir e gradualmente assumir a função de “regente”, com responsabilidades pela paz e estabilidade mundial. Para ele, o sucesso geoestratégico dessa causa representaria um legado apropriado para o papel dos EUA como a primeira, única e última superpotência global.²⁸⁴

5. O Período após os Atentados de 11 de Setembro (2001 até a Atualidade)

Com a chegada do novo milênio, a abrupta ascensão do terrorismo para o centro das preocupações de segurança global levantou diversas reflexões e questionamentos de ordem estratégica. Após um breve período de comoção e empatia internacional com os EUA devido aos atentados terroristas de 11 de setembro, certas concepções adotadas pela política externa dos EUA durante a administração Bush, como as de “guerra

²⁸³ BRZEZINSKI, 1997, p. 210, 213-214.

²⁸⁴ Ibid., p. 215.

preventiva” e “guerra ao terror” chegaram a ser muito criticadas por diversos analistas, incluindo Brzezinski. Durante esse período, os arriscados e dispendiosos esforços de combate a organizações terroristas internacionais e aos supostos Estados que as financiavam deixaram impressão da pujança da supremacia norte-americana e de seu unilateralismo em alegadas questões de segurança nacional. Após a eclosão de uma atribulada crise econômica mundial que atingiu, em 2008, sobretudo os EUA e a Europa, começaram a se fortalecer diversas posições em torno de um quadro de progressivo declínio econômico e político do Ocidente.

Em suas análises do período, Brzezinski, por um lado, apoiou o direito dos EUA de se defenderem, mesmo que unilateralmente, contra ameaças reais a sua segurança e à estabilidade internacional, embora, por outro, também tenha criticado as ações militares norte-americanas do período do governo de Bush, que segundo ele contribuíram para o aumento do antiamericanismo no mundo e o declínio dos EUA como superpotência global devido, sobretudo, às guerras improdutivas no Oriente Médio e ao combate ao terrorismo global realizado de maneira pouco eficaz. Baseado nesse enfraquecimento, ele busca reavaliar a posição dos EUA e da aliança transatlântica no mundo e traçar novas estratégias que visem resgatar a capacidade estabilizadora do Ocidente no mundo, inclusive por meio de sua expansão a países como Rússia e Turquia, ao mesmo tempo em que procura contrabalançar a ascensão de potências orientais como China, Índia, Irã e gerenciar diplomaticamente as relações entre esses aspirantes a potências globais.

5.1. As Preocupações com a Guerra ao Terror e a Relação com Outras Potências

Em seu livro, *The Choice*, de 2005, Brzezinski demonstra preocupação com a ascensão do terrorismo internacional como uma nova forma de ameaça à segurança global e dos EUA após os atentados de 11 de setembro. Embora defendesse uma

combinação estratégica de unilateralismo e internacionalismo na defesa dos interesses vitais de segurança norte-americanos,²⁸⁵ ele também alertou contra o mau uso do poder dos EUA e a possibilidade de aumento do antiamericanismo no mundo, podendo resultar na perda de legitimidade de seu papel global, além de um possível isolamento internacional.²⁸⁶

Em relação à questão das alianças internacionais, apesar das sérias divergências na aliança atlântica, especificamente entre os EUA e países europeus centrados no eixo franco-germânico sobre a intervenção militar no Iraque, Brzezinski segue afirmando que a aliança transatlântica ocidental ainda é de suprema importância para a segurança e a estabilidade mundial. Ele ressalta como interesses comuns ainda tornam a manutenção dessa coalizão muito atraente e como ela colabora de maneira decisiva para a sustentação da estabilidade mundial:

As intensas discordâncias transatlânticas que emergiram sobre o Iraque não devem obscurecer o fato que um multilateralismo europeu e um relativo unilateralismo norte-americano produzem um perfeito casamento global de conveniência. Agindo separadamente, os EUA podem ser preponderantes, mas não onipotentes; a Europa pode ser rica, porém impotente. Ambos os lados do Atlântico sabem disso... Em conjunto, eles são o núcleo da estabilidade global.²⁸⁷

Ele também reitera a importância do papel da OTAN e da União Europeia como fortes polos de segurança militar e econômica com grande poder de atração, capazes de expandir a concepção de Ocidente para áreas além das tradicionais e, assim, ajudar a fortalecer esse núcleo estabilizador do mundo. Mais uma vez, Brzezinski enfatiza a importância da inclusão da Rússia nesse processo de expansão do Ocidente:

²⁸⁵ BRZEZINSKI, 2005, p. 18.

²⁸⁶ Ibid., p. 4.

²⁸⁷ Ibid., p. 96.

A ampliação (da UE e da OTAN) é a melhor garantia de que a visão de segurança europeia continuará a evoluir de modo a expandir a zona central de paz, promover a absorção da Rússia em um Ocidente maior e envolver a Europa e EUA em esforços conjuntos para avançar a segurança global.²⁸⁸

Continuando com sua abordagem geopolítica de longo prazo para a Rússia pós-soviética, Brzezinski reafirma a necessidade geoestratégica de se trazer a Rússia cada vez mais para o lado do Ocidente. Desde o fim da União Soviética, ele vem enfatizando em seus livros a necessidade de se trazer a Rússia em direção à esfera ocidental, ao mesmo tempo em que se devem despender esforços para afastá-la de possíveis tentações eurasianistas e imperiais ligadas a seu passado de superpotência mundial. Ele defende o imperativo de a Rússia seguir um caminho que a leve a se tornar um Estado plenamente democrático e com valores próximos aos do Ocidente:

Condições geoestratégicas devem ser criadas de modo a convencer os russos que é do interesse da própria Rússia tornar-se um Estado nacional pós-imperial verdadeiramente democrático – um Estado intimamente engajado com a comunidade transatlântica.²⁸⁹

Ele afirma também que, apesar das atuais lideranças ainda estarem ancoradas no passado imperial e de status mundial da Rússia, eventualmente surgirá uma nova geração de russos que formará uma elite cada vez mais interessada nos benefícios democráticos e econômicos estabilizadores das sociedades ocidentais e que demonstrará anseios por fazer parte dessa comunidade de países:

Uma geração virá em um período quando o status internacional do passado imperial da Rússia terá se tornado uma memória distante, em vez de uma prerrogativa. Isso levará inevitavelmente a uma configuração global diferente. A próxima geração de líderes muito mais provavelmente será composta de graduados em universidades ocidentais e executivos com exposição internacional autêntica (mas

²⁸⁸ BRZEZINSKI, 2005, p. 96-97.

²⁸⁹ Id., 2000, p. 31.

não criminosa), compartilhando um desejo mais amplo de a Rússia não apenas ser como o Ocidente, mas também fazer parte dele. Não menos importante, a população russa passará a exigir cada vez mais que seu estilo de vida comece a se equiparar pelo menos ao da Europa Central e que os russos não se privem do acesso facilitado à Europa em expansão logo a seu lado. Em resumo, está em processo de formação uma massa crítica que apoia uma autêntica ruptura com o passado.²⁹⁰

Ele adverte, no entanto, para o risco das atuais lideranças seguirem em um caminho eurasiático e imperial caso percebam vantagens e ausência de obstáculos a essas aspirações. De modo a impedir que a Rússia siga por essa orientação, Brzezinski insiste na importância de se formar parcerias que incluam a Rússia, além de apoio ao fortalecimento de alguns antigos países soviéticos chave:

Contudo, a reorientação da configuração da Rússia pode ser adiada caso as lideranças atuais da Rússia obtiverem a impressão que suas prioridades podem ser seguidas, especialmente no espaço da antiga URSS. O fato de que tais ilusões e nostalgia tendem a se autoperpetuar torna ainda mais importante que as políticas ocidentais incluam a Rússia e afastem a necessidade de uma redefinição básica do papel russo na Eurásia. A fim de facilitar a transformação histórica da Rússia, deve-se sustentar o apoio ocidental à consolidação dos novos Estados, especialmente Ucrânia, Geórgia, Azerbaijão e Uzbequistão.²⁹¹

Além disso, ele salienta que a busca por possíveis alternativas estratégicas trariam resultados infrutíferos e muito pouco práticos à Rússia. A perseguição de um passado imperial e eurasiático levaria a conflitos prolongados e desnecessários, voltando a isolar a Rússia internacionalmente e trazendo de volta uma rivalidade indesejada com os EUA. Uma possível aliança com a China dificilmente ocorreria em grau de igualdade na prática, com a Rússia sendo obrigada a assumir um papel subalterno indesejável, devido ao grande desequilíbrio de poder entre os dois atores:

²⁹⁰ BRZEZINSKI, 2000, p. 36.

²⁹¹ Ibid., p. 37.

A rivalidade com os EUA seria sem sentido, e uma aliança com a China levaria à subordinação.²⁹²

Por fim, ele destaca que a inclusão plena da Rússia no espaço europeu e transatlântico fortaleceria a zona central de segurança e potencializaria a capacidade de estabilização de regiões mais conturbadas localizadas na Eurásia:

A eventual inclusão da Rússia como um Estado europeu normal de médio porte (embora não mais uma Terceira Roma imperial) no sistema euroatlântico criaria uma base muito mais sólida e abrangente para lidar com os conflitos dos Bálcãs globais da Ásia Central e Ocidental. A consequente primazia mundial das instituições euroatlânticas finalmente encerraria longas disputas de grande intensidade destrutiva por supremacia entre as nações europeias.²⁹³

5.2. O Declínio do Ocidente e a Necessidade de Novas Alianças na Eurásia

Em *Strategic Vision*, seu livro mais recente, publicado em 2012, Brzezinski reconhece uma forte redistribuição de poder ocorrida ao longo da última década, com um processo progressivo de declínio do Ocidente e a ascensão militar e econômica do Oriente, além de uma grande dispersão do poder mundial entre potências regionais de médio porte. Ele admite a possibilidade de um cenário futuro sem os EUA como a única superpotência mundial, porém levanta dúvidas de que afloraria automaticamente um sistema internacional dominado pela China como sucessora legítima, considerando, por outro lado, o surgimento de um sistema menos democrático e mais caótico, baseado principalmente na lei do mais forte. Ele também lamenta as oportunidades perdidas pelos EUA de moldar um sistema internacional mais estável, democrático e próspero enquanto estiveram em seu auge durante a última década do século XX e início do século XXI. Contudo, ele ainda concebe uma capacidade de recuperação dos EUA e

²⁹² BRZEZINSKI, 2005, p. 101.

²⁹³ Ibid., p. 103-104.

aconselha que se utilize dos recursos e da influência que ainda possui para restaurar um ambiente de relativa estabilidade e prosperidade, além da possibilidade de propagação de valores mais democráticos e igualitários.²⁹⁴

A primeira parte do livro pode ser descrita como bastante cautelosa e ligeiramente pessimista. Ele explica o processo de recuo do Ocidente, decorrente da crise econômica e política da União Europeia e o desgaste político, militar e econômico dos EUA frente ao mundo, além da atual incapacidade do Ocidente de agir em relativa consonância frente aos principais desafios globais.²⁹⁵ Ele também destaca o ágil desenvolvimento econômico em países da Ásia Oriental como China e Índia, o que vem ocasionando um deslocamento do centro de poder mundial do Ocidente para o Oriente.²⁹⁶ No entanto, apesar dessa redistribuição de poder em favor do Extremo Oriente, ele vê também um despertar político de diversas regiões do mundo que se percebem como politicamente dominadas e limitadas pelo Ocidente, o que resulta em uma grande dispersão do poder mundial, tornando-o menos concentrado e restrito a regiões tradicionais e fazendo com que diversas potências regionais médias adquiram aspirações mais ambiciosas.

Na segunda parte do livro, Brzezinski se concentra no declínio dos EUA, atribuindo-o em parte aos problemas internos que levaram à crise de 2008, mas em parte também ao que ele denomina de “longa guerra imperial”. Observando as guerras do Afeganistão e do Iraque como as mais longas já travadas pelos EUA, ele aponta a última como uma perda de foco e critica os erros de cálculo advindos desse empreendimento. Além disso, os esforços desperdiçados no que ele denomina de “guerras intermináveis” deram a possibilidade de ascensão do Irã, o maior beneficiário das instabilidades

²⁹⁴ BRZEZINSKI, 2012, p. 9-18.

²⁹⁵ Ibid., p. 19-20.

²⁹⁶ Ibid., p. 40-42.

políticas de seus rivais no Oriente Médio, além do declínio do status mundial dos EUA e perda de legitimidade e credibilidade internacional pelo aumento do antiamericanismo.²⁹⁷ Ele discorda que o desaparecimento dos EUA como superpotência automaticamente levaria a um sistema internacional dominado pela China como nova superpotência global estabilizadora, prevendo um cenário de relativa anarquia, com potências regionais atuando com mais vigor e menos restrição sobre suas alegadas esferas de influência, prevalecendo a “lei do mais forte”, com mais competição entre os principais atores e uma menor cooperação global.²⁹⁸ Ao citar o conflito ocorrido entre Rússia e Geórgia em 2008, conjectura um possível cenário de menor restrição militar de potências regionais em conflitos territoriais no caso de os EUA deixarem de atuar como uma força estabilizadora no mundo:

Embora as grandes potências regionais existentes possam deplorar o papel norte-americano, elas se preocupam em não causar uma reação em cadeia que provoque uma deterioração do sistema internacional. Foi essa possibilidade que impediu a Rússia em 2008 de subjugar a Geórgia (durante a breve colisão russo-georgiana em relação à Ossétia e Abcásia). A Rússia percebeu que suas contínuas operações militares poderiam desgastar as relações Leste-Oeste em geral e provavelmente levar a algum tipo de confronto com os EUA. Dada sua relativa fraqueza e a atuação relativamente insatisfatória de suas forças convencionais, decidiu suspender o que poderia ter sido uma vitória de Pirro e se conformar com um sucesso territorial menor. Porém, um sério declínio dos EUA por razões domésticas ou externas quase automaticamente reduziria tal restrição inerente. O resultado cumulativo seria uma tendência de larga escala em direção a uma realidade internacional caracterizada pela sobrevivência dos mais fortes.²⁹⁹

Apesar de realizar diversas conjecturas a partir da ideia do fim da primazia mundial dos Estados Unidos, Brzezinski salienta a grande vitalidade e capacidade de recuperação da sociedade e economia norte-americanas, por diversas vezes evidenciadas

²⁹⁷ BRZEZINSKI, 2012, p. 155, 168-169.

²⁹⁸ Ibid., p. 179-180.

²⁹⁹ Ibid., p. 212.

ao longo de sua história recente. Ele aponta que, apesar das recentes crises, os EUA e a aliança atlântica ainda possuem vigor político suficiente para gerenciar as redistribuições de poder na Eurásia e as relações entre potências regionais, evitando a eclosão de um caos generalizado e disputas de poder entre os mais fortes. Ele adverte que se os EUA souberem utilizar com prudência o poder e influência que ainda lhes restam, pode ser capaz de rearticular e expandir suas alianças, de modo a reequilibrar o poder na Eurásia e voltar a ser o principal árbitro do continente. Embora um futuro sem os EUA como a única superpotência mundial seja possível, argumenta que isso ainda não é uma realidade e ainda pode ser revertido. Segundo suas palavras:

Dada a ascensão de uma Ásia dinâmica, complexa e vivaz, a nova realidade é que nenhuma potência pode mais buscar – nas palavras de Mackinder – “dominar” a Eurásia e assim, “controlar” o mundo. O papel dos EUA, sobretudo após ter desperdiçado vinte anos, deve agora ser mais sutil e em reação às novas realidades de poder na Eurásia. O domínio por um único Estado, independentemente de seu poder, não é mais possível, sobretudo devido à emergência de novos atores regionais. Desta forma, o objetivo oportuno e necessário de esforços deliberados de longo prazo dos EUA deve ser de uma ampla estabilidade transeurásiana geopolítica baseada em acomodação crescente entre as antigas potências do Ocidente e as novas potências do Oriente.³⁰⁰

Desta forma, ele apresenta avaliações para que os EUA recuperem credibilidade e reconquistem sua capacidade, junto ao Ocidente, de diminuir a volatilidade geopolítica da Eurásia e restabelecer uma ordem internacional mais segura, estável, próspera e democrática. Para tanto, ele propõe, por um lado, que os EUA despendam esforços para gerenciar a nova configuração de forças que surge no Extremo Oriente, administrando e participando de um equilíbrio cooperativo entre China, Índia e Japão. Por outro lado, ele defende uma expansão do Ocidente, com a possível e desejável incorporação de Turquia e Rússia, continuando com suas propostas apresentadas desde

³⁰⁰ BRZEZINSKI, 2012, p. 312-313.

o fim da Guerra Fria de os EUA se empenharem em integrar a Rússia e os antigos Estados soviéticos ao espaço europeu e transatlântico, e desencorajando-a de buscar um passado imperial e eurasiático, de provável rivalidade com os EUA. Ele aconselha que sejam promovidas políticas que ajudem a consolidar e integrar alguns antigos Estados soviéticos cruciais ao sistema ocidental, como forma de fazer a elites políticas russas também perceberem as vantagens de se aliar ao espaço euro-atlântico e evitar uma aliança duvidosa com uma China cada vez mais poderosa e ambiciosa:

O caso da Rússia é mais problemático no curto prazo, mas, no longo prazo, perseguir um engajamento estratégico mais amplo está se tornando oportuno. De fato, vinte anos após a queda da União Soviética, a Rússia ainda permanece indecisa sobre sua identidade, nostálgica de seu passado, e simultaneamente excedendo-se em algumas de suas aspirações. Os esforços de criar um “Espaço Econômico Comum” (sob a égide do Kremlin) na região da antiga União Soviética naturalmente preocupam os Estados pós-soviéticos recém-independentes. Elementos dominantes das elites no poder ainda manobram para diluir os laços transatlânticos, e eles ainda se ressentem dos anseios da Europa Central por uma maior integração com a União Europeia e participação defensiva na OTAN, mesmo enquanto se preocupam também com o poder crescente da China bem nas fronteiras orientais russas ricas em minérios e escassas em população.³⁰¹

Ele questiona as noções convencionais de definição do que é europeu, colocando a Rússia como europeia de um ponto de vista geográfico e de estilos de vida, contudo hesitante devido a seu passado autoritário e imperial que lhe trouxe a glória e o status de superpotência:

Mais enganosas são as noções convencionais de fronteiras culturais da Europa. Em termos de estilo de vida, arquitetura e hábitos sociais, Vladivostok no extremo oriente da Rússia é mais europeia que Kazan (capital do Tartaristão), localizada a milhares de quilômetros a oeste de Vladivostok na parte “europeia” da Federação Russa... Em última instância, a Rússia contemporânea não se distancia da Europa nem pela geografia, nem pelo estilo de vida, mas por uma ambivalência – difícil de definir com precisão –

³⁰¹ BRZEZINSKI, 2012, p. 307-308.

em relação ao que é política e culturalmente distinto do Ocidente pós-imperial: uma combinação compartilhada de crenças espirituais residuais e princípios filosóficos, sobretudo quanto à santidade do indivíduo, aliado a noções amplamente aceitas de direitos civis embasadas em um comprometimento explícito do Estado de direito democrático e constitucional. Os russos afirmam partilhar desses valores, mas seu sistema político não os reflete. Os russos enfatizam que, desde Pedro o Grande, a Rússia vem se europeizando deliberadamente, que a era comunista recente era essencialmente uma aberração e que as tradições russas ortodoxas fazem parte integral da cristandade europeia. Contudo, é verdade que a Rússia é herdeira de um passado de cultura imperial que continua a se misturar com seu “europeísmo” contemporâneo, tendo atingido sua grandeza independentemente de, e muitas vezes contra, a Europa, e subsequentemente tendo vivenciado uma grande queda. Mesmo tendo rejeitado seu passado imperial, eles não conseguem apagá-lo totalmente de suas ambições geopolíticas ou de sua consciência histórica, conforme eles, deliberada e insistentemente, se redefinem.³⁰²

Salienta por outro lado, os anseios de certos segmentos da sociedade russa em adotar instituições e estilos de vida ocidentais, como a maneira mais satisfatória de se modernizar e democratizar:

Ao mesmo tempo, contudo, a importância política crescente da classe média russa os está fazendo evidentemente adotar estilos de vida do Ocidente enquanto um número cada vez maior de intelectuais russos fala abertamente do desejo de a Rússia fazer parte de um Ocidente moderno. A questão fundamental “qual a relação certa entre modernização e democratização?” começou a permear debates informais dentro das camadas mais altas do país, incluindo alguns segmentos da alta elite política arraigada no Kremlin. Um número crescente de russos está começando a perceber que uma mudança fundamental na relação da Rússia com o Ocidente pode ser de interesse vital para um alcance mais amplo do país.³⁰³

Embora ele reforce por um lado que muitos empresários russos preferissem por questões econômicas que a Rússia fosse uma sociedade mais ocidentalizada, muitas lideranças das elites políticas arraigadas no poder possuem uma nostalgia do passado

³⁰² BRZEZINSKI, 2012, p. 316-319.

³⁰³ Ibid., p. 308-309.

imperial e eurasiático russo e do status de superpotência global, desejando ser um contrapeso aos EUA e formar uma aliança anti-hegemônica que expulse os norte-americanos do continente:

De fato, existem dentro das elites política e econômica da Rússia múltiplas interpretações sobre o seu papel global apropriado. Muitos executivos russos abastados (especialmente em São Petersburgo e Moscou) gostariam que a Rússia fosse uma sociedade moderna de tipo europeia, devido às vantagens econômicas resultantes. Enquanto isso, muitos na elite política desejam que a Rússia seja a potência europeia dominante em uma Europa sem vínculos com os EUA, ou mesmo em ser uma potência mundial em paridade com os EUA. E ainda outros russos brincam com noções aparentemente cativantes de “eurasianismo”, união eslávica, ou mesmo de uma aliança antiocidental com os chineses.³⁰⁴

Desta forma, ele coloca essas elites políticas como o principal obstáculo para que a Rússia siga por um caminho natural em direção ao Ocidente:

Assim, no curto prazo, as atuais elites russas consolidadas – conectadas com as instituições coercitivas tradicionais do Estado, nostálgicas de um passado imperial, e recorrendo a noções nacionalistas profundamente arraigadas no público – são um impedimento à gravitação pró-ocidental.³⁰⁵

Contudo, ele considera inevitável que em algum momento a Rússia se veja obrigada a se voltar em direção à Europa, independentemente da existência da aliança com os EUA, devido a seus laços comuns e a necessidades geopolíticas que tendem a se impor:

Deste modo, se é possível dizer que a Europa ainda possui assuntos pendentes se não mantiver um relacionamento mais abrangente com a Rússia, também pode ser dito que a Rússia carecerá de um futuro geopolítico seguro assim como uma identidade moderna democrática e autossatisfatória sem uma conexão mais íntima com o Ocidente em geral e com a Europa em particular... O princípio

³⁰⁴ BRZEZINSKI, 2012, p. 336.

³⁰⁵ Ibid., p. 343.

cardinal de uma política de orientação estratégica e prudência histórica precisa ser o de que uma Europa ligada aos Estados Unidos pode se estender com confiança em direção ao leste, de modo a incluir a Rússia em um relacionamento histórico de união.³⁰⁶

Ele também aponta a Ucrânia como elo crucial para envolver a Rússia no caminho do Ocidente, defendendo sua incorporação nas alianças ocidentais como forma de atrair a Rússia para o espaço europeu e atlântico. Desta maneira, a existência de um futuro Ocidente expandido poderia fortalecer ainda mais o papel da aliança transatlântica no sistema internacional:

Uma Ucrânia não hostil à Rússia, mas de certa forma adiantada em seu acesso ao Ocidente pode efetivamente ajudar a incentivar o movimento russo ao oeste, em direção a um futuro europeu recompensador. Por outro lado, uma Ucrânia isolada do Ocidente e cada vez mais subordinada politicamente à Rússia encorajaria a escolha insensata russa em favor de seu passado imperial... Uma estrutura europeia mais ampla, que envolva de variadas maneiras a Turquia e a Rússia significaria que a Europa, ainda aliada com os EUA, poderia tornar-se de fato um *player* global decisivo.³⁰⁷

Por fim, em sua conclusão, Brzezinski enfatiza a necessidade de os EUA revitalizarem e ampliarem o Ocidente como forma de contrabalançarem o deslocamento do poder mundial em direção à Ásia Oriental, assegurando assim um papel de estabilizador e mediador na Eurásia e no mundo:

Historicamente, os EUA têm demonstrado que estão à altura dos desafios. Contudo, o mundo do século XXI apresenta desafios muito diferentes daqueles do passado. O mundo está atualmente desperto politicamente em quase todos os lugares – com milhões se mobilizando irrequietamente em busca de um futuro melhor. Está também vivenciando uma dispersão de poder global – com muitos novos aspirantes rapidamente emergindo no Oriente. Consequentemente, o mundo de hoje é muito menos suscetível à dominação por uma única potência, mesmo por uma tão poderosa militar e politicamente como os EUA. Porém, como os EUA ainda

³⁰⁶ BRZEZINSKI, 2012, p. 352, 354.

³⁰⁷ Ibid., p. 356-357, 363.

não é Roma e a China ainda não é Bizâncio, uma ordem global e estável depende em última instância da habilidade dos EUA de se renovar e agir sabiamente como *promotor* e *garantidor* de um Ocidente revitalizado e como *árbitro* e *conciliador* de um novo Oriente em ascensão.³⁰⁸

³⁰⁸ BRZEZINSKI, 2012, p. 449.

CAPÍTULO 4:

BRZEZINSKI SOB O OLHAR CRÍTICO DA LITERATURA ESPECIALIZADA

Neste capítulo apresentaremos as ideias de alguns dos principais comentadores da obra brzezinskiana, a fim de estabelecermos uma base segura do estado atual desse tipo de estudo.

Primeiramente convém ressaltar que devido à sua origem polonesa e sua trajetória de vida ligada à emigração de sua terra natal, o pensamento político de Brzezinski é muitas vezes considerado por críticos como de intenso antagonismo em relação à Rússia, sendo que alguns chegaram a considerá-lo até mesmo russofóbico.³⁰⁹ Também é bastante criticado por diversos intelectuais russos, especialmente por autores eurasiânistas como Aleksandr Dugin, devido a posições antagônicas em relação ao papel ativo, e por vezes invasivo dos EUA na Eurásia. Outros ainda criticam sua defesa da supremacia norte-americana no mundo, sobretudo em relação às afirmações de que os EUA são a primeira, única e última superpotência global, sem a qual haveria haveria forte possibilidade de caos internacional e que nenhum outro país seria capaz substituir os EUA, particularmente devido ao fato destes supostamente desempenharem um papel hegemônico benigno e consensual. Por fim, em relação a sua matriz teórica geopolítica, há a crítica da ausência de citação e reconhecimento aos autores nos quais ele se baseia na formulação de suas análises estratégicas, nomeadamente Mackinder e Spykman. Por outro lado, existem também autores, sobretudo anglo-americanos e ocidentais que defendem e corroboram as ideias e os preceitos de Brzezinski, citando-o de modo a ilustrar as necessidades da política externa dos EUA na Eurásia, como, por exemplo, a importância de evitar a emergência de atores capazes de desestabilizar a hegemonia norte-americana no continente.

³⁰⁹ GATI, 2013, p. 16, 348-350.

Francis Sempa destaca como o pensamento de Brzezinski é uma atualização e contemporização das teorias de Mackinder e Spykman para o período da Guerra Fria e pós-Guerra Fria: “A visão geopolítica do mundo à qual Brzezinski adere é essencialmente a de Mackinder... atualizada para levar em conta os eventos dos últimos 50 anos”,³¹⁰ e “Brzezinski... em particular, apresenta análises geopolíticas brilhantes, aplicando as teorias e conceitos de Mackinder, Spykman e outros às relações internacionais contemporâneas”.³¹¹ Leonel Itaussu Almeida Mello também questiona, por outro lado, a quase inexistência de citações que remetam às fontes geopolíticas originais de Brzezinski em suas obras:

Embora não haja referências expressas às fontes primárias, a visão geopolítica e estratégica de Brzezinski é em grande parte oriunda de duas matrizes preexistentes. Essas matrizes remontam à primeira metade do século e estão indissoluvelmente ligadas aos presumíveis mentores intelectuais do ex-consultor de segurança nacional: Halford Mackinder e Nicholas Spykman... Não existe no *Game Plan* nenhuma referência explícita a Spykman ou nenhuma menção a seus livros capitais. Não há nele, também, nenhuma referência à obra de Mackinder, embora o geógrafo britânico seja contemplado no penúltimo capítulo com uma breve citação... Nem a completa omissão sobre Spykman, nem a menção circunstancial de Mackinder fazem justiça à real magnitude da influência e das contribuições aportadas por ambos ao pensamento de Brzezinski. Sem negar o mérito intrínseco, o valor das ideias ou o alcance das conclusões contidos no *Game Plan*, pretende-se demonstrar que Brzezinski desenvolve uma reflexão geopolítica e estratégica que em larga medida incorpora, combina e reelabora, num refinado modelo sintético, os principais aspectos das teorias do *Heartland* e do *Rimland*.³¹²

Ainda em relação a questões de definição conceitual, Vladimir Papava mostra como Brzezinski caiu em uma armadilha dos eurasianistas ao qualificar equivocadamente a instável região da Ásia Central e do Cáucaso como “Balcãs Eurasianos”, desconsiderando que os próprios Balcãs também ficam na Eurásia:

³¹⁰ SEMPA, 1998, p. 73.

³¹¹ Id., 2002, p. 107.

³¹² MELLO, 1999, p. 137-139.

Eu enfatizaria que até mesmo especialistas cujos estudos geopolíticos geralmente cobrem o inteiro continente geográfico caem na “armadilha” da escola russa de geopolítica com seu conceito truncado de Eurásia. Assim, Zbigniew Brzezinski em seu livro de problemas geopolíticos contemporâneos denomina a região suscetível a conflitos composta pela Ásia Central, Cáucaso e áreas adjacentes como os “Balcãs Eurasianos”.³¹³ Aqui temos uma clara contradição: se “eurasiano” for entendido em referência ao continente geográfico da Eurásia (de acordo com todo o contexto do livro), então isso implica erroneamente que os Balcãs estão situados fora do continente, pois em termos geográficos somente os próprios Balcãs podem ser os “Balcãs Eurasianos”. Essa contradição é removida se “eurasiano” tiver o significado dado pela escola russa de geopolítica. Desse modo, Brzezinski, sem se dar conta, acabou sendo “aprisionado” pela escola “eurasianista”.³¹⁴

Papava também destaca o desejo de Brzezinski de dividir a Rússia em três partes por meio de uma confederação como uma forma de enfraquecê-la e manter o pluralismo geopolítico entre os diversos Estados da Eurásia, apresentando em seguida a crítica e reação dos eurasianistas:

Deve-se notar que, ao contrário do otimismo dos eurasianistas em relação à perspectiva de se criar um Estado eurasiano, a tarefa mais grave que a Rússia enfrenta não é a expansão, mas a preservação de sua integridade. Em particular, essa dificuldade se manifesta no problema de conservar a Sibéria, causada pelo declínio demográfico e as tendências da China. Suspeitando que a Rússia incubasse planos de restaurar seu império, ideólogos próximos aos governos norte-americanos das décadas recentes viram a tarefa vital de fortalecer o pluralismo geopolítico na região, a modernização das sociedades pós-soviéticas, a preservação do pluralismo político, a descentralização do sistema de governança e o desenvolvimento de uma economia de mercado. Nesse caso, a Rússia poderia se tornar uma confederação composta pela parte europeia da Rússia, uma República Siberiana e uma República do Extremo Oriente.³¹⁵ Recomendações desse tipo são fundamentalmente inaceitáveis não apenas para os eurasianistas, mas também para todos aqueles que compartilham sua fé na ideia nacional pan-russa de criar uma potência imperial com um território abrangendo o antigo espaço soviético e além. De modo a promover uma “vingança moral”, o eurasianista russo Igor Panarin reagiu ao plano de Zbigniew Brzezinski com um cenário que

³¹³ BRZEZINSKI, 1997, p. 123

³¹⁴ PAPAVAL, 2013, p. 49-50.

³¹⁵ Ibid., p. 202-203.

imagina a fragmentação dos Estados Unidos em seis partes e o retorno do Alasca à Rússia.³¹⁶

Sergey Rogov é outro autor que critica as propostas de Brzezinski em dividir e enfraquecer a Rússia no cenário internacional para assegurar a hegemonia dos EUA na Eurásia:

No outono de 1997, um artigo intitulado “Uma Geoestratégia para a Eurásia”, por Zbigniew Brzezinski, o famoso analista político, foi publicado na revista *Foreign Affairs*. Isso provocou forte oposição entre muitos leitores russos após sua reimpressão pela *Nezavisimaya Gazeta*. De fato, quem na Rússia ficaria entusiasmado pela ideia de um sistema geopolítico internacional de pós-guerra (no caso, pós “Guerra Fria”) que previa a liquidação de nosso país, não apenas como uma grande potência, mas também como um Estado centralizado, fragmentando-o em três entidades (No Extremo Oriente, Sibéria e “a pequena Rússia”)? Ainda assim, não se deve permitir que protestos emocionais substituam uma análise racional das ameaças e desafios que a Rússia enfrenta atualmente.³¹⁷

Ele também cita a suposta russofobia de Brzezinski e como sua teoria geopolítica se concentra em evitar que a Rússia volte a possuir um papel de poder e influência no supercontinente:

Essa atitude no Ocidente explica o surgimento de tendências que seguem o espírito de apelo de Brzezinski por um sistema de “polcentrismo” na Eurásia no qual a Rússia seria totalmente marginalizada e a China seria o principal parceiro dos EUA na região. E isso não está relacionado meramente à notória “russofobia” do famoso analista político norte-americano, embora seja verdade que Brzezinski nunca tenha se destacado por sua simpatia pela Rússia. Sua concepção se baseia na teoria geopolítica tradicional, segundo a qual uma potência que conseguir atingir uma posição de preponderância no “*heartland*” da maior ilha do mundo, a Eurásia, pode reivindicar legitimamente o domínio mundial.³¹⁸

Na opinião de Brzezinski, e ele não está sozinho, o papel de liderança dos EUA nas questões mundiais atuais só pode ser

³¹⁶ PAPAVAL, 2013, p. 61.

³¹⁷ ROGOV, 1998, p. 3.

³¹⁸ ROGOV, 1998, p. 4.

preservado se Washington “assegurar que nenhum Estado ou coalizão de Estados” se torne predominante na Eurásia, à qual ele se refere como “um tabuleiro de xadrez geopolítico decisivo”. De acordo com essa abordagem, naturalmente a restauração da Rússia como uma grande potência eurásiana precisa ser excluída.³¹⁹

Por outro lado, ele acredita que autores como Brzezinski e Kissinger não possuam mais influência direta na definição e implementação da política externa norte-americana, sendo essa regida sobretudo por fatores pragmáticos. Por fim, ele defende a solução dos problemas internos e externos russos de modo a evitar que o projeto geopolítico de Brzezinski para a Rússia se concretize:

Seria ingênuo acreditar que os artigos de Brzezinski e alguns relatórios de analistas republicanos determinam a política norte-americana atual. Brzezinski está abertamente fazendo apelos para “acabar” com a Rússia agora que foi derrotada na Guerra Fria. Porém, assim como Henry Kissinger, ele foi há muito tempo excluído dos processos de tomada de decisão em Washington. Logicamente que todos os pensadores clássicos ortodoxos da era geopolítica da Guerra Fria garantiram posições proeminentes dentro do establishment norte-americano, contudo não foram aqueles que implementaram as diretrizes políticas dos EUA nos anos 1980 e 1990. A principal questão é que, nos assuntos internacionais atuais, assim como antes de Kissinger e Brzezinski estarem no poder, o que realmente determina o rumo dos acontecimentos são fatores de poder econômico, político e militar. Essa é a base sobre a qual as regras do jogo são feitas e ditadas a parceiros mais fracos e vulneráveis, independentemente de quaisquer declarações mais elegantes [...] No próximo século, a Rússia tem a obrigação de encontrar soluções satisfatórias para os problemas que a União Soviética não conseguiu resolver. Do contrário, a Federação Russa seguirá o mesmo destino da URSS, e o cenário de Brzezinski se tornará realidade.³²⁰

Paul Kubicek, em um artigo a respeito das linhas de pensamento que surgiram no Ocidente sobre as possíveis políticas ocidentais em relação à Rússia, destaca Brzezinski em uma delas. Kubicek ressalta o legado da política de contenção da Guerra

³¹⁹ Ibid., p. 5.

³²⁰ Ibid., p. 5 e 19.

Fria e como Brzezinski defende a assertividade dos interesses ocidentais e prevenção de tendências expansionistas e hegemônicas russas, por meio da expansão da OTAN e proteção aos Estados pós-soviéticos:

A outra linha de pensamento, ocasionalmente baseando-se nas lições (da política) de contenção, é menos otimista quanto às perspectivas de democracia na Rússia e cooperação com o Ocidente. Embora poucos vejam a Rússia como uma ameaça de segurança imediata e direta ao Ocidente em si, adeptos dessa linha de pensamento ridicularizam os esforços de Clinton em estabelecer uma parceria com a Rússia e o classificam como um caso de ‘otimismo idealista’, para usar a frase de Zbigniew Brzezinski. Os linha-dura são mais céticos sobre o progresso democrático na Rússia, cautelosos com as intenções russas e argumentam que o Ocidente pode e deve ser mais assertivo contra a Rússia. Eles tendem a acreditar, sobretudo, que as considerações geopolíticas importam mais do que mudanças políticas domésticas, e se preocupam que a Rússia ficará tentada com seus vizinhos pós-soviéticos a usar coerção econômica, política e militar como parte de um impulso imperial. Alegam que isso se colocaria claramente contra os interesses ocidentais e, portanto, o Ocidente deveria suavizar quaisquer tendências imperialistas ao negar esferas de influência a Moscou na Europa Oriental ou nos Estados pós-soviéticos. Nos termos de Brzezinski, os EUA devem estabelecer um “pluralismo político” na região pós-soviética. Quando os interesses russos e ocidentais colidirem, como necessariamente ocorre em questões como a expansão da OTAN ou reivindicações russas de hegemonia na CEI, o Ocidente não deve temer assegurar seus próprios interesses. A política russa vai, por sua vez, reagir a mudanças no poder relativo e aquiescer. Além disso, baseiam-se na história russa e soviética ao defender essa proposta, argumentando que derrotas internacionais ou o fracasso de política externa levaram de fato a uma liberalização doméstica e não à vitória de forças mais linha-dura.³²¹

Daniel Estulin faz críticas profundas ao grupo de Bilderberg, cujas reuniões são formadas por diversos integrantes da elite política e econômica do Ocidente. Para ele, o pensamento de Brzezinski em relação à Rússia e à Eurásia serve em parte como forma de justificar os interesses energéticos ocidentais na região da Ásia Central e do Cáucaso,

³²¹ KUBICEK, 1999, p. 549-550.

sendo importante minimizar a participação russa nesse espaço crucial para a realização dos interesses econômicos ocidentais na região:

No livro de 1997 de Zbigniew Brzezinski, *The Grand Chessboard*, “Rússia” e “reservas energéticas vitais” acabam sendo mencionados mais frequentemente que qualquer outro país ou assunto... De acordo com Brzezinski, a hegemonia global dos EUA e consequentemente [do grupo] de Bilderberg depende de possuir controle completo sobre as reservas energéticas vitais da Rússia na Ásia Central. Enquanto a Rússia permanecesse forte, continuaria sendo uma ameaça – um bloqueio potencial à imposição completa da vontade militar e econômica liderada por Bilderberg... A história da humanidade sempre mostrou que controlar o coração da Eurásia era a chave para controlar o mundo inteiro. O Azerbaijão, contendo as riquezas da bacia do Mar Cáspio e da Ásia Central é o caso em questão. Da perspectiva dos EUA, a independência dos Estados da Ásia Central será algo praticamente sem sentido se o Azerbaijão ficar subordinado a Moscou. Para os participantes de Bilderberg, os imperativos energéticos são o jogo final... a Rússia era o início do jogo final.³²²

Pierre Hassner ressalta a dicotomia de Brzezinski sobre o fato da Rússia poder ser um império ou uma democracia, lembrando o exemplo da Alemanha durante a República de Weimar para retratar as dificuldades e traumas decorrentes da perda de um império, sobretudo no curto prazo:

Juntos, essas duas afirmações indicam os problemas gêmeos de ressentimento e revanchismo por parte de potências pós-imperiais e os efeitos dessas paixões sobre as perspectivas para a democracia. Zbigniew Brzezinski sugeriu que foi o melhor para a Rússia perder a Ucrânia, pois a Rússia só pode ser um império ou uma democracia. Com a Ucrânia, a Rússia é um império; sem a Ucrânia, não é um império e pode assim tornar-se uma democracia. Isso pode até ser verdadeiro no longo prazo, mas no futuro próximo, perder um império não é o prelúdio mais promissor à tarefa de construir uma democracia. A síndrome de Weimar inevitavelmente vem à mente.³²³

³²² ESTULIN, 2007, p. 21.

³²³ HASSNER, 2008, p. 11.

David Rivera discute as diferentes análises de Brzezinski sobre a orientação da política externa russa no pós Guerra Fria, exemplificando com evidências que indicam uma continuidade de tentativas de imperialismo e expansionismo e contrapondo com outras que indicam intenções de não perseguir objetivos hegemônicos no antigo espaço soviético:

Ao longo dos anos 1990, muitas ações e políticas de Moscou em relação a seu exterior próximo foram interpretadas por ambos os lados do Atlântico como evidência do retorno da Rússia às orientações imperialistas de seu passado. Essas acusações continham dois componentes chave. O primeiro é que logo após a dissolução da União Soviética, o governo russo perseguiu ativamente o objetivo de restaurar sua hegemonia política e militar sobre o restante da antiga URSS. Conforme Zbigniew Brzezinski resume, “Poucos meses após a dissolução da União Soviética, uma série de iniciativas espontâneas originaram-se de Moscou, destinadas a reavivar e aprofundar o escopo da cooperação da CEI, aprimorar seu status, criar condições sob as quais a CEI se transformaria, desde seu princípio, em mais do que a Comunidade Britânica, para então se aproximar da União Europeia e se mover para além de uma confederação ou até uma federação para enfim se tornar talvez mais uma vez um Estado multinacional dominado por sua maior nação” [...] Deste modo, eles eram críticos à abordagem do governo Clinton para a região e defendeu que Washington impulsionasse a tênue independência dos Estados não russos e contivesse a expansão russa. Por exemplo, Zbigniew Brzezinski escreve, “É mais provável que a Rússia rompa com seu passado imperial se os recentes Estados pós-soviéticos independentes se mantiverem vitais e estáveis... Apoio político e econômico aos novos Estados deve ser parte integrante de uma estratégia mais ampla para integrar a Rússia em um sistema transcontinental cooperativo” [...] A predominância de uma orientação não imperialista da política externa russa é reiterada pelo fato de a previsão central feita por analistas que percebiam a política russa como imperialista não ter se concretizado. O governo Yeltsin continuou a ignorar os russos étnicos insurgentes mesmo após a Ucrânia ter se desnuclearizado. Zbigniew Brzezinski de maneira análoga alertou que “A Ucrânia está à beira do desastre: a economia está em queda livre, enquanto a Crimeia está próxima de uma explosão étnica incitada pela Rússia. Ambas as crises podem ser exploradas para promover um rompimento ou a reintegração da Ucrânia em uma estrutura mais ampla dominada por Moscou”. Agora com o fim da década, fica evidente que a Rússia sob Yeltsin não estava interessada em explorar tais oportunidades. O Kremlin passou, portanto, no teste que foi amplamente considerado como “o estudo de caso sobre se a Rússia permanecerá como um Estado

nacional ou perseguirá novamente um império multinacional” [...] Como poderia ser esperado à luz de tais sentimentos, alguns analistas relataram um aumento do imperialismo russo desde a renúncia de Yeltsin. Ecoando debates do passado, Brzezinski advertiu que “O objetivo central de Putin é a restauração de um poderoso Estado russo. Para os governantes atuais, a aparência de cerca de uma dúzia de novos Estados independentes após o colapso da União Soviética é uma aberração histórica que deveria ser gradualmente corrigida conforme a Rússia recupera seu poder” [...] Entretanto, há fundamentos para otimismo de que uma orientação pacífica e não imperialista continue durante o reino de Putin. Em resposta a Brzezinski, Sestanovich aponta que quando Putin fala de “fortalecer o Estado russo”, a linguagem utilizada indica que ele possui em mente essencialmente as dimensões domésticas do poder estatal, e não internacionais. Mais genericamente, Boris Yeltsin renunciou a presidência em dezembro de 1999 na expectativa de que seu primeiro ministro e sucessor favorecido prosseguiria com suas políticas internacionais. Essa expectativa tem sido até o momento cumprida, uma vez que o Kremlin de Putin manteve o Ministro de Exterior Ivanov, e mais importante, não fez uso de força militar contra nenhum dos novos Estados independentes. Na verdade, as políticas de Putin tem sido moderadas o bastante para até mesmo Brzezinski começar a concluir que “a elite Rússia está gradualmente abandonando sua nostalgia imperial”.³²⁴

Jacob Kipp defendeu que as origens polonesas de Brzezinski influenciam, em parte, suas posições política em relação à Rússia e à Europa Ocidental:

Zbigniew Brzezinski, um dos principais apoiadores de Obama, se não conselheiro, possui uma reputação como estudioso de profundos *insights* geoestratégicos. Sua obra, *The Grand Chessboard*, é bem conhecida pela elite russa de política externa e contribuiu para o debate russo da década de 1990 em geopolítica. Sua primeira crítica abrangente das políticas externa e de segurança do governo Bush apareceu em 2005, enfatizando uma escolha estratégica clara entre impor um domínio global ou restaurar a liderança norte-americana com Estados de posições semelhantes. Brzezinski tem sido um crítico ferrenho da extensão excessiva da superpotência, que ele advertiu estar criando condições geopolíticas para um eixo na Eurásia que se oporia aos interesses norte-americanos. Tendo atuado como Conselheiro de Segurança Nacional do Presidente Jimmy Carter, Brzezinski é associado a um segmento do Partido Democrata com perspectiva distinta da Europa Central na geopolítica do pós Guerra Fria. Nessa visão, a ligação da Europa Central e Oriental à Europa Ocidental serve para contrabalançar a influência russa, assim como um “Ocidente

³²⁴ RIVERA, 2003, p. 81,83, 101-104.

próximo” forte e independente na Europa Oriental e no Cáucaso. Uma crucial Ucrânia independente serve como ponte para uma Rússia que age diferentemente como Estado. Essa é uma visão mais comum atualmente em Varsóvia do que em Berlim.³²⁵

Roy Allison analisou a posição de Brzezinski na crise da Crimeia em 2014, mostrando como tanto ele quanto Kissinger defenderam uma situação de neutralidade da Ucrânia semelhante à da Finlândia como forma de trazer um meio-termo à Rússia e impedir a anexação russa permanente da península da Crimeia:

Um acordo em torno de algum tipo de condição de Estado-tampão para a Ucrânia pode ser atraente para praticantes da *Realpolitik* e até mesmo trazer, para muitos políticos europeus, um rápido alívio das tensões Leste-Oeste em relação à Ucrânia. Logo que a Rússia iniciou sua operação na Crimeia, Zbigniew Brzezinski argumentou a favor de um modelo finlandês de “relações econômicas abrangentes tanto com a Rússia quanto com a União Europeia, mas sem participação em qualquer aliança militar vista por Moscou como direcionada a si próprio – ao mesmo tempo em que expande sua conectividade europeia”, mas aplicada em uma Ucrânia indivisa territorialmente. Conforme a operação da Crimeia se desenrolava, Henry Kissinger afirmava de maneira análoga que a Ucrânia não deveria se unir à OTAN, e sim buscar uma postura internacional comparável à Finlândia, a qual “coopera com o Ocidente na maioria dos campos, mas cuidadosamente evita hostilidades institucionais com a Rússia”. Mais uma vez a suposição era de que a Rússia reconheceria a soberania da Ucrânia sobre a Crimeia, uma esperança que agora parece perdida.³²⁶

Andrei Tsygankov evidenciou um suposto lobby anti-Rússia no Ocidente, do qual Brzezinski seria um defensor, alegando a necessidade de conter prováveis expansionismos russos assegurando a independência dos antigos Estados soviéticos, forjando parcerias com a China e buscando descentralizar o governo russo, ao mesmo tempo em que diminui a importância das relações com a Rússia em favor da aliança atlântica:

³²⁵ KIPP, 2008, p. 52-53.

³²⁶ ALLISON, 2014, p. 1274-1275.

O lobby [anti-Rússia] tem visto a política externa da Rússia como reflexo dos instintos imperialistas da nação, não como uma proteção dos interesses nacionais e vê a expansão da OTAN como uma ferramenta chave para conter o expansionismo do Kremlin. Por exemplo, Brzezinski – antigo Conselheiro de Segurança Nacional do Presidente Jimmy Carter e emigrante polonês – falou em nome do lobby quando escreveu sobre os instintos imperialistas ainda potentes da Rússia. Embora a Rússia pós-soviética nos anos 1990 representasse um Estado lastimável – uma população empobrecida, uma economia em frangalhos e líderes desesperados por conselhos e assistência do Ocidente – o lobby se preocupava com o ressurgimento da Rússia. Conforme a OTAN se expandia para o leste, a Rússia foi acusada de “intenções imperialistas” na antiga região soviética. Brzezinski então prosseguiu argumentando em favor do controle dos EUA sobre todo o continente eurasiático por possuir a maior parte dos recursos do mundo e porque “todos os pretendentes históricos a potências globais originaram da Eurásia”. Isso tinha que ser realizado consolidando a independência de Estados não russos, promovendo os laços com a China e trabalhando para descentralizar o Estado russo. Prevendo possíveis objeções de apoiadores de uma parceria com a Rússia, o analista deixou claro que “se uma decisão tiver que ser tomada entre um sistema europeu-atlântico mais amplo e relações melhores com a Rússia, o primeiro deve ter precedência”.³²⁷

Tsygankov também mostra como Brzezinski utilizou argumentos de uma histórica cultura expansionista russa para defender a proibição de arbitragem e intermediação da Rússia nos assuntos do antigo espaço soviético:

Após a Guerra Fria, o pensamento ocidental sobre a Rússia e a Eurásia seguiu distintas trajetórias. Na metade dos anos 1990, autores geopolíticos norte-americanos, como Brzezinski, recomendaram aos EUA, em sua capacidade como potência hegemônica mundial, buscar uma política de substituir a Rússia como árbitra e protetora dos recém-estabelecidos Estados não russos na região. Reciclando argumentos seculares sobre o “expansionismo” e “imperialismo” cultural da Rússia, eles insistiram em sua inaptidão de desempenhar um papel construtivo e estabilizador e foram habilmente auxiliados nisso pelos próprios pensadores pró-ocidentais da Rússia.³²⁸

³²⁷ TSYGANKOV, 2013, p. 184.

³²⁸ TSYGANKOV, 2012, p. 6.

Ao longo da década de 1990, outros autores também apresentaram Brzezinski como defensor de uma corrente de “continuismo histórico” como justificativa para a persistência de uma cultura política autocrática no campo doméstico e expansionista e imperialista no âmbito internacional, mesmo após o processo de abertura e democratização do início dos anos 1990. Leon Aron apresenta Brzezinski e Kissinger como defensores dessa linha de pensamento:

Aqueles que nesse país realizaram especulações em público quase instantaneamente se dividiram em dois campos. Todos se espalharam por diversas afiliações partidárias e por entre a divisão conservadora-liberal e rapidamente adquiriram aliados na grande mídia e entre formuladores de políticas. Uma linha de pensamento (que denominaremos de “histórica”) defendia de maneira muito simplificada, que a história de uma nação é o seu destino. Genes históricos garantiriam que, mais cedo ou mais tarde e *mutatis mutandis*, a Rússia retornaria à sua orientação autoritária e imperialista de longa data. Os expoentes mais bem conhecidos dessa visão foram Henry Kissinger e Zbigniew Brzezinski.³²⁹

Owen Harries segue na mesma classificação:

O argumento realista é baseado amplamente na convicção de que a Rússia é inerente e incorrigivelmente expansionista, independentemente de como e por quem é governada. Henry Kissinger alertou sobre “o ritmo inexorável da história russa”. Zbigniew Brzezinski enfatiza a centralidade na história da Rússia do “impulso imperial” e afirma que na Rússia pós-comunista esse impulso “permanece forte e parece até mesmo estar se intensificando”. Assim, Brzezinski enxerga uma “infeliz continuidade” entre a era soviética e a atual quanto à definição dos interesses nacionais e a formulação da política externa.³³⁰

Jeffrey Hahn também reforçou essa visão de Brzezinski, exemplificando com as dificuldades de Gorbachev e Khrushchev em tentar romper com a cultura política do passado, levando a Rússia a um constante retorno às suas tendências tradicionais:

³²⁹ ARON, 1995, p. 27.

³³⁰ HARRIES, 1997/1998, p. 5.

Um grande número de cientistas políticos especializados no estudo da política soviética também considerou persuasivo o argumento da continuidade histórica. Talvez o mais inequívoco endosso a essa visão venha de Zbigniew Brzezinski, que afirma que “a política soviética não pode ser separada da história russa” e que “a realidade central e significativa da política russa tem sido seu caráter predominantemente autocrático”. Ele identifica oito diferentes características desse legado histórico, das quais todas são antitéticas à emergência das instituições democráticas na Rússia. A cultura política soviética, ele argumenta, combina as características do totalitarismo moderno e da autocracia tradicional [...] Brzezinski reconhece que, como um “revisionista”, Gorbachev procurou mudar a cultura política soviética e acomodar a emergência de novos grupos políticos. Mas Brzezinski está convencido que Gorbachev fracassará porque “tanto a história russa quanto a realidade soviética conspiram contra uma reestruturação”. Seu prognóstico é pessimista. As alternativas ao sucesso de Gorbachev, que ele considera “duvidosas”, são: “turbulências inconclusivas”, estagnação renovada, um golpe ou fragmentação da União Soviética resultantes de alguma combinação destas. A conclusão a ser tirada aqui é que aqueles que defendem a visão de que há uma forte continuidade na cultura política russa possuem maior probabilidade que outros de desmentar a possibilidade de mudanças políticas na Rússia em direção a um regime mais democrático [...] Não surpreende que os proponentes da visão de que há mais continuidade do que mudança na cultura política russa são fortemente críticos a explicações de mudança embasadas em alguma variante da teoria de desenvolvimento. Keenan e Brzezinski apontam o “fracasso” das tentativas de reforma de Khrushchev como evidência da persistência de valores políticos tradicionais, enquanto Brzezinski e White rejeitam a hipótese de modernização reforçando que desenvolvimento e “modernidade” nem sempre resultaram na emergência de instituições democráticas. De forma semelhante, esses autores rejeitam a noção de que diferenças geracionais resultarão em reformas políticas, White mais cauteloso que os demais. As diferenças entre os proponentes e críticos da tese de “continuidade cultural” são significativas porque eles condicionam fortemente as expectativas sobre se as reformas democráticas na União Soviética serão ou não bem-sucedidas.³³¹

Stephen Sestanovich apresenta a estratégia de Brzezinski de buscar criar condições para uma ocidentalização da Rússia. Ele mostra como Brzezinski enfatiza que em última instância essa decisão pertence à Rússia, contudo oferece certas táticas para tentar mostrar aos russos como essa seria a “única alternativa possível”. No entanto, ele

³³¹ HAHN, 1991, p. 398, 399 e 401.

também aponta que tal estratégia se contrapõe à própria afirmação de que essa escolha só pode ser feita pelos próprios russos:

Mensurado contra essas expectativas reduzidas, duas recentes análises das relações EUA-Rússia – o artigo de Zbigniew Brzezinski, *Living with Russia*, da edição de outono de 2000 de *The National Interest*, e o relatório de um grupo republicano liderado pelo deputado Chris Cox, intitulado *Russia's Road to Corruption* – parecem bastante promissoras. Brzezinski aconselha uma política de “paciência e persistência estratégica” e se concentra na questão de como, ao longo do tempo, a Rússia poderia ser aceita na OTAN e na União Europeia. [...] Ambas avaliações começam com a suposição de que a Rússia pertence ao Ocidente, e que – por todas as dificuldades que estão em nosso caminho – o Ocidente tem um grande interesse em se ancorar lá. Logo na primeira frase de seu artigo, que endossa “a inclusão da Rússia em expandir a comunidade transatlântica”, Brzezinski toma para si o objetivo que tem guiado a política em relação à Rússia ao longo do governo Clinton. Ele não está feliz com os meios do governo de buscar esse objetivo, rotulando-a de um “galanteio unilateral” que fracassou em reconhecer a falta de comprometimento da Rússia ao mesmo resultado e sua contínua meta de readquirir controle sobre os antigos Estados soviéticos. Ainda assim, o debate de que ele participa trata de como promover a integração da Rússia no Ocidente, não do objetivo em si. [...] Integração é de fato o objetivo que encapsula todos os outros, e exatamente porque pode ser facilmente esquecido nas polêmicas diárias sobre problemas de política que soam mais sensacionais, é útil olhar cuidadosamente para o que foi ou não realizado na última década, e ao que nós – e os russos – podemos aspirar de maneira realista no que vier em seguida. Para Brzezinski, a política correta para os EUA será uma que ofereça à Rússia um lugar nas instituições ocidentais, mas faz total repúdio ao império, em favor da “única opção viável da Rússia”. Ele possui um grande projeto, sem pontas soltas, e precisa reagir às objeções colocadas a todas essas grandes concepções. [...] A participação estagnada da Rússia na OTAN e sua abordagem lenta em relação ao acesso à OMC confirmam o *insight* de Brzezinski de que a integração não será bem-sucedida a menos que o país envolvido tenha um comprometimento real de fazer parte do processo [...] Esses eventos claramente representarão um desafio para o projeto estratégico de Brzezinski. Ele está certo que sedução não funcionará como forma de fazer a Rússia tomar as decisões corretas: não podemos, e não devemos, querer a integração internacional da Rússia mais do que seu próprio governo. Mas se a sedução está descartada, então como exatamente devemos atingir nossos interesses? [...] Brzezinski oferece, de fato, três respostas diferentes, porém sobrepostas a essa questão. A primeira abordagem envolve persuasão: apresentar aos russos todas as desvantagens de sua presente e futura fraqueza e isolamento. A

segunda enfatiza o unilateralismo diplomático: manobras que deixam aos russos uma única “opção viável”. Por fim, ele confia na mudança geracional, confiantemente prevendo que, conforme a atual safra de líderes russos der espaço à próxima, seus sucessores farão a escolha certa por questões pragmáticas. Essas abordagens podem ser, e têm sido parte de uma estratégia efetiva do Ocidente. Ainda assim, quando observadas de perto, elas servem tanto para sublinhar a dificuldade da iniciativa quanto para identificar uma solução. [...] As figuras que Brzezinski cita – as estatísticas desanimadoras sobre a defasagem de competitividade econômica e padrões de vida, instituições corruptas e assim por diante – são inteiramente familiares aos russos. [...] Eles também não se iludem sobre sua situação internacional. O quadro sombrio que Brzezinski pinta – muçulmanos instáveis a sul, chineses se multiplicando a leste – é algo padrão para os apreensivos analistas geopolíticos russos (que claramente ainda tornam o cenário mais hostil ao acrescentar poloneses, alemães e norte-americanos agressivos a oeste). A única maneira de conseguir começar uma discussão em Moscou com a análise de Brzezinski seria tentando convencer as pessoas que ele na verdade oferece uma saída de sua sina. Ele prevê uma “epifania” – uma repentina, cegante consciência das vantagens de ser uma nação ocidental normal – isso irá, ele diz, “libertar a Rússia de seu nefasto contexto político. [...] Brzezinski propõe seguir em frente com firmeza – porém com uma mão estendida. Seu programa combina a expansão da OTAN e da UE com declarações formais visando algum tipo de eventual participação russa em ambas as organizações. Ao propor incorporar novos membros enquanto aprofunda laços com aqueles deixados de fora, ele recapitula a abordagem básica realizada pela aliança na primeira rodada de expansão. Ele sugere claramente que uma segunda rodada exigirá o mesmo tipo de equilíbrio.³³²

Ele também cita a aposta e confiança de Brzezinski em uma futura mudança geracional capaz de modificar a orientação externa russa em favor do Ocidente.

A próxima rodada de decisões sobre admissão na OTAN provavelmente terá um enorme impacto na opinião da elite russa – e por sua vez, nas perspectivas da terceira abordagem de Brzezinski de levar a Rússia a fazer uma escolha sem hesitação a favor de plena integração ao Ocidente. Da maneira que ele enxerga, a próxima geração de líderes russos possuirá uma mentalidade fundamentalmente diferente da atual, refletindo um entendimento maior de como é o mundo e do que os modos ocidentais têm a oferecer. Com esses indivíduos no poder, a orientação da Rússia em direção ao Ocidente deve ocorrer de maneira quase automática. [...] Ao promover a integração da Rússia no Ocidente, nós devemos

³³² SESTANOVICH, 2000/2001, p. 5-6, 8-10.

certamente buscar criar o que Brzezinski denomina de um “contexto persuasivo” no qual os russos provavelmente tomarão a decisão certa. A declaração recente de Putin aprovando a expansão da UE pode ser visto como um sinal de que essa abordagem está funcionando. Contudo, é uma ilusão pensar que podemos restringir o espaço de manobra da Rússia a tal ponto que a escolha certa seja sua “única opção viável”. Além disso, esse objetivo se contrapõe ao próprio *insight* de Brzezinski que diz que uma decisão duradoura terá que ser a que os russos tomarem por conta própria.³³³

Por fim, ele concorda com Brzezinski que uma ocidentalização e modernização da Rússia deveria ser feita nos mesmos moldes do processo ocorrido na Turquia após o fim do império otomano.

Quanto à Turquia, o artigo de Brzezinski [...] argumenta convincentemente que qualquer um interessado em promover uma mudança histórica na mentalidade da elite russa precisa estudar o sucesso de Atatürk em dar a seu país uma identidade europeia pós-imperial após a dissolução do império otomano. A importância da estratégia de modernização da Turquia como modelo não apenas para a Rússia, mas também para outros antigos Estados soviéticos é inegável. Brzezinski também tem razão em afirmar que seu sucesso definitivo foi mais provavelmente realizado pelo acolhimento que a Turquia recebeu no Ocidente. Meio século na OTAN serviu como um tipo de antecâmara para sua atual candidatura à UE [...] Há um fator que poderia parecer tornar irrelevante qualquer conversa de compromissos conforme consideramos como lidar com a Rússia, e isso é o que Brzezinski percebe como a mentalidade neoimperialista da elite russa. Para ele, é óbvio que Putin já identificou seu “objetivo central” e não é uma “reforma democrática”, e sim “a restauração de um poderoso Estado russo”. É evidente que ele pode buscar boas relações com o Ocidente por motivos táticos, mas ele não tomou a decisão histórica de adotar um modelo ocidental para superar as muitas enfermidades da Rússia. Longe disso, ele deseja apenas “obter carta branca para lidar com os novos Estados do antigo espaço soviético.”³³⁴

Sergey Markov mostra como a posição de Brzezinski sobre pluralismo geopolítico na Eurásia implicava em um papel subordinado para a Rússia:

³³³ SESTANOVICH, 2000/2001, p. 10-11.

³³⁴ Ibid., p. 11 e 13.

A definição de Zbigniew Brzezinski de um novo conceito, “a consolidação do pluralismo geopolítico”, surpreendeu e frustrou muitos democratas russos porque eles a viam como se assemelhando de alguma forma às declarações de Vladimir Zhirinovsky, só que na direção oposta. De um ponto de vista geopolítico, o colapso da União Soviética significava a capitulação da Rússia e a vitória sobre os russos em geral, implicando uma nova ordem mundial com a Rússia em um papel subordinado. O Ocidente *pode* (Zhirinovsky) e *deve* (Brzezinski) se aproveitar da fraqueza temporária da Rússia. Dessa premissa, a expansão da OTAN constituiria a legitimação da derrota da Rússia na Guerra Fria.³³⁵

William Odom também cita a oposição de Brzezinski e Kissinger ao ingresso da Rússia na OTAN, reforçando a própria falta de interesse da Rússia em tornar-se membro da organização:

E a Rússia? Kissinger e Brzezinski elaboraram argumentos sólidos contra sua participação, dizendo que isso destruiria o caráter europeu dessa aliança e enfraqueceria sua estrutura interna. Ademais, a Rússia não demonstra nenhum interesse sério em ingressar. A tarefa de acomodar a Rússia em uma estrutura de segurança do pós Guerra fria é global, e não apenas uma questão de segurança europeia.³³⁶

Mariateresa Gammone faz uma breve apresentação e comparação de Brzezinski com Kissinger, destacando os aspectos realistas de ambos:

Embora venham de diferentes lados do espectro partidário (Kissinger é republicano, Brzezinski democrata), ambos são realistas da política externa que acreditam que os Estados Unidos devem se engajar cuidadosamente em um mundo inseguro. E embora discordem em aspectos geopolíticos passados e presentes, concordam em um notável número de princípios realistas. Brzezinski disse que as guerras do Presidente Bush tornaram os EUA “mais suscetíveis à demagogia” e a “uma paranoia temível de que o mundo externo está conspirando através de suas forças terroristas maciças para nos destruir”. Zbigniew Brzezinski é muito competente ao considerar o realismo e a necessidade de se evitar uma caixa de pandora: ele inspirou a primeira diretriz secreta do Presidente Carter em 3 de julho de 1979, de modo a apoiar os

³³⁵ MARKOV, 1995, p. 3-4.

³³⁶ ODOM, 1995, p. 46.

Mujahedin no Afeganistão (a intervenção soviética ocorreu depois, em dezembro de 1979). A ideia inicial era atrair a URSS para guerra, de modo a acelerar o enfraquecimento de seu poder e sua capacidade de controlar a Europa Oriental. O objetivo foi mantido, mas as consequências relacionadas são claríssimas, em termos de ideologia muçulmana, militância, orgulho, autoconfiança, visibilidade e inevitáveis aliados inusitados.³³⁷

Alexander Lurkin também faz uma breve comparação entre os pensamentos de Brzezinski e Kissinger, destacando um caráter antirrusso em Brzezinski em busca de políticas que formem uma coalizão contra a Rússia na Eurásia:

Dois especialistas em política externa, Zbigniew Brzezinski e Henry Kissinger, recentemente desenvolveram programas para resolver os problemas globais na nova situação. Na verdade, eles propuseram ao presidente recém-eleito dos EUA, Barack Obama, uma mudança na política externa. As posições dos dois formuladores de política não coincidem integralmente; ainda assim, concordam em um ponto: um futuro estável do mundo depende da capacidade de EUA e China colocarem de lado suas diferenças e lançar uma cooperação construtiva entre ambos. [...] Os dois formuladores veteranos constroem seus raciocínios sob lógicas diferentes. Kissinger prossegue em seus próprios conceitos geopolíticos, enquanto Brzezinski aparentemente permanece comprometido com o sonho predominante de sua vida – criar uma coalizão antirrusa a mais ampla possível. Ainda assim, por vários motivos, há muito em comum em suas recomendações. [...] Por que o desenvolvimento de Rússia e China resultou em Moscou não mais visto como um parceiro privilegiado de Washington? Por que não foi oferecida uma nova parceria transatlântica à Rússia democrática após o colapso da União Soviética, que agora é de fato oferecida à China autoritária? E como a emergente reaproximação entre EUA e China pode afetar os interesses russos? [...] Os artigos de Brzezinski e Kissinger não fizeram nenhuma menção à Rússia. Embora Brzezinski aparentemente não tenha desejado falar abertamente sobre uma natureza antirrusa da união proposta, Kissinger procedeu a partir do real papel da China no mundo presente. Washington, que agora está seriamente discutindo a necessidade de estabelecer uma cooperação sobre questões globais com diversos países, incluindo a Rússia, dificilmente desejará construir relações com Pequim em bases antirussas. Nem mesmo a China, uma vez que enxerga a Rússia como um importante parceiro em muitas áreas. Ainda assim, esse fator não é razão para complacência.³³⁸

³³⁷ GAMMONE, 2015, p. 152-153.

³³⁸ LURKIN, 2009, p. 86-87, 93-94.

Emad El-Din Aysha é um autor que em sua dissertação de doutorado é particularmente crítico a Brzezinski, sobretudo em relação à defesa da hegemonia norte-americana e a uma suposta visão holística e determinista da geopolítica da Rússia, que ele define como “essencialista”. Em relação à supremacia dos EUA, Aysha descreve Brzezinski como um teórico da primazia (assim como Huntington e Kissinger), defendendo seu status de superpotência e liderança para moldar um sistema eurasiático de segurança, estabilidade e cooperação. Ele destaca um aspecto comum entre muitos autores realistas de relações internacionais, que colocam pouca ênfase em organizações internacionais, como a ONU, enquanto dão maior destaque às relações de poder entre os Estados e a distribuição de poder como um dos principais aspectos que regem o sistema internacional:

Para manter a ordem em todo o mundo, e na Eurásia em particular, os EUA devem expandir sua esfera de influência para essas regiões. Contudo, o que é particularmente interessante sobre a maneira como Brzezinski fala sobre essas realidades, e a reação apropriada dos EUA, é o que ele deixa de fora de seus escritos. O que ele negligencia é [...] o que os teóricos da primazia como ele geralmente menosprezam ou ignoram o máximo possível, ou seja, as Nações Unidas [...] Brzezinski é, afinal de contas, um teórico da primazia; alguém que acredita que os EUA são uma potência unipolar, possuem a capacidade de se manter uma potência unipolar e devem continuar se mantendo como uma potência unipolar.³³⁹

Ele prossegue, ressaltando como Brzezinski apenas considera importante a formação de um sistema de segurança transeurasiático, sempre promovido e coordenado pelos EUA, enquanto diminui o papel da ONU:

...Ele apenas diz que um sistema de segurança transeurasiático pode ajudar a promover as condições para um eventual aperfeiçoamento das estruturas existentes e cada vez mais

³³⁹ AYSHA, 2001, p. 267-268.

antiquadas da ONU. Ele apenas diz que esse sistema pode (e não que irá, ou que precisa) fazer isso, mas não explica como isso será feito e não dá nenhum indício de que formato a ONU possuirá uma vez que esse sistema surja. Ele nem lida com o que ele acha que está errado com a ONU, nem fornece um relato da ONU ideal que ele gostaria de ver. Seu uso da palavra “também” indica que a ONU e tudo o que representa é secundário para Brzezinski, em contraste com o sistema de segurança transeurasiano. Isso dificilmente corrobora com o que ele diz sobre sua crença na emergência da comunidade política global e como promovê-la deveria ser o objetivo final dos EUA. Contudo, isso foi um grande problema com seu primeiro livro e não surpreende que deve prosseguir nos seguintes.³⁴⁰

Ele também cita a crítica de Benjamin Schwarz, que descreve o plano de Brzezinski como uma “fórmula de oxímoro”, devido ao fato de que “toda a lógica do argumento de Brzezinski repousa na declaração de que os fundamentos indispensáveis de cooperação e integração... era – e permanece sendo – a hegemonia norte-americana”.³⁴¹

Sobre o suposto pensamento holístico e determinístico de Brzezinski, Aysha escreve:

Brzezinski é um ‘essencialista’, uma atitude mental característica de muitos outros renomados combatentes da Guerra Fria que dominaram a política externa dos EUA. A “abordagem essencialista” é uma corrente de pensamento dos EUA que “considera a natureza do sistema soviético”. É focada “não no que a URSS fez, mas sim no que ela é” ou foi, no contexto atual. Embora os essencialistas diverjam sobre se a razão é sua essência russa, comunista ou totalitária, eles enxergam a URSS como “substancialmente imutável”. Brzezinski lida com esses temas e preocupações através de um instrumento conceitual de “eurasianidade”, a questão sobre com qual parte do continente eurasiático os russos mais se identificam. Eles enxergam seu país primariamente como uma potência europeia, com suas raízes na civilização europeia, ou uma potência asiática com um componente europeu?³⁴²

³⁴⁰ AYSHA, 2001, p. 268.

³⁴¹ SCHWARZ, 1998, p. 55-56.

³⁴² AYSHA, 2001, p. 270-276.

Seguindo nessa lógica, Aysha mostra como Brzezinski perceberia a Rússia como fadada ao autoritarismo e ao expansionismo imperial:

O peso da história russa e as realidades da geografia russa foram vistas como tendo um papel muito mais significativo em determinar a política externa do que a ideologia do marxismo... A crise pós-soviética do Estado russo é uma crise em torno da “essência” do país [...] As causas desse debate sobre identidade também são geopolíticas. Foi especialmente a perda da Ucrânia que levou a essa fase existencial mais recente... Em um nível político mais restrito, a história russa pós-soviética representa uma batalha pela alma da Rússia, entre os “ocidentalistas democráticos” de Yeltsin e os comunistas e nacionalistas que acreditam em um grupo de ideias que poderia ser vagamente categorizado como eurasianismo... A lógica de Brzezinski aparece da seguinte forma: é razoável pensar na Rússia como antiocidental e uma ameaça ao Ocidente, pois até mesmo os emigrados russos que se opunham ao comunismo vivendo no Ocidente também se recusavam a se ocidentalizar, assim como os comunistas na Rússia. Brzezinski possui tanta convicção nessa linha de pensamento que não concede que a transição da Rússia para a democracia interfira com seu instinto imperial inerente. Pelo contrário, ele vê a democracia como uma causa muito provável de uma “restauração imperial”, dado que uma “Rússia democrática teria que aceitar um alto grau de descentralização” que criaria mais pressões por “autonomia” para os vários grupos étnicos. Se os russos abandonarem suas “ambições imperiais”, o país arrisca “mais dispersões geopolíticas”. Para “muitos” russos, “a reconstrução do império... representa uma opção mais atraente”, mesmo que isso signifique condenar a Rússia a um “conflito sem fim” e a “se tornar novamente um Estado autocrático”.³⁴³

Aysha ainda enfatiza uma suposta visão holística e determinista de Brzezinski quando ele se refere à suposta vontade de todo o povo russo e sua insatisfação com o colapso do império soviético, reforçando a propensão natural russa de restaurar seu império, a menos que os EUA e o Ocidente se empenhem em políticas que promovam uma imobilização e bloqueio de políticas externas russas que visem o expansionismo e imperialismo, até que a Rússia se veja forçada a se voltar para o Ocidente como única alternativa:

³⁴³ Ibid., p. 270-276.

Mesmo quando discute o colapso da União Soviética, ele também enfatiza o papel do povo, ou neste caso, sua ausência... Suas palavras insinuam que o povo russo não ficou satisfeito com a destruição de “seu” império e que, se eles tivessem influência nas questões do país, nunca teriam se conformado com esse arranjo. Brzezinski está atacando a própria entidade que é a Rússia, culpando a totalidade da Rússia pelos crimes do passado e pelos crimes futuros ainda a vir. Isso é, na verdade, uma característica comum do pensamento essencialista, mesmo na variedade que vê a essência comunista (ideológica e não cultural) da União Soviética como a causa de sua agressividade. Os essencialistas frequentemente tomam uma interpretação “irracional/determinista” do comportamento russo, se recusando a acreditar que o comunismo era um “sistema de crenças sujeito a mudanças e abandono em certas condições”. Baseado nessa interpretação da Rússia e seu povo, Brzezinski defende uma Rússia confederada que seja altamente descentralizada por dentro, dificultando a mobilização de seus recursos e vontade política por trás de uma postura imperialista. Ele também defende expandir progressivamente a OTAN até que “chegue de fato às fronteiras da Rússia”, protegendo os Estados do exterior próximo e impossibilitando a expansão russa nesses territórios. Somente então, após estar paralisada interna e externamente, a Rússia poderá ter permissão de ingressar na OTAN, e assim ser incluída – no longo prazo – no sistema de segurança transeurasiático.³⁴⁴

Algumas correntes geopolíticas russas, sobretudo o eurasianismo, também são bastante críticas a respeito de Brzezinski e dos defensores das correntes atlantistas em geral. Aleksandr Dugin, um dos principais expoentes do eurasianismo russo, desenvolve suas teorias geopolíticas a partir de autores ocidentais, sobretudo Mackinder, porém com uma visão “espelhada” à dos atlantistas, considerando a Rússia como detentora de um papel hegemônico na Eurásia e portadora da missão de proteger os povos do continente eurasiático contra potências hegemônicas do mar. Dugin cita algumas vezes Brzezinski em suas obras como um dos principais expoentes da geopolítica atlantista, à qual os eurasianistas se opõem:

O eurasianismo pode ser aplicado ao campo da geopolítica, onde representa o resumo definitivo da perspectiva das civilizações da Terra, em oposição àquela das civilizações do Mar, que é o

³⁴⁴ AYSHA, 2001, p. 270-276.

ponto de vista das políticas atlantistas dos Estados Unidos no presente e de seus pensadores geopolíticos estratégicos, como Zbigniew Brzezinski.³⁴⁵

Todo estrategista americano que recebeu uma boa educação não pode deixar de compreender as leis da geopolítica; não pode deixar de conhecer Mahan, Mackinder, Spykman e Bowman, e não pode ignorar Brzezinski ou Kissinger. *A elite americana têm perfeita consciência de sua natureza atlantista*, e se lembra da importante fórmula dos geopolíticos sobre como alcançar a dominância global: “Quem controla a Eurásia, controla o mundo inteiro”.³⁴⁶

Tsygankov também ressalta que Dugin menciona Brzezinski como um dos intelectuais ocidentais que buscam “tirar a Rússia da história”, citando a metáfora de Brzezinski sobre a Rússia como um “buraco negro” no meio da Eurásia, referindo-se ao colapso da URSS e às consequentes crises políticas e econômicas russas que se seguiram ao evento.³⁴⁷

Alan Ingram mostra como Dugin defende a criação de um bloco continental eurasiático para contrabalançar o bloco atlantista e suas principais instituições de tomada de decisão, além da influência de Brzezinski na formulação das principais estratégias do bloco ocidental.

A construção do bloco continental [eurasiático] também levaria a uma reorganização da economia mundial. Dugin atribui grande importância à Comissão Trilateral, o Conselho de Relações Exteriores e o Clube de Bilderberg (sobre essas três organizações, ver Gill, 1990), e em particular Zbigniew Brzezinski (que, considerando a Eurásia como um “Grande Tabuleiro de Xadrez”, favorece o “pluralismo geopolítico”), vendo neles os “verdadeiros centros de tomada de decisão do Ocidente” (entrevista com o autor). Tais instituições têm sido cruciais em promover o “mundialismo” (um termo tomado da Nova Direita francesa), a ideia de um único mundo sob um governo (também um alvo do movimento Patriota Norte-Americano, e inúmeras teorias

³⁴⁵ DUGIN, 2014a, p. 13.

³⁴⁶ Id., 2015, p. 144.

³⁴⁷ TSYGANKOV, 2003, p. 124.

conspiratórias). Assim, de acordo com Dugin, foram aberturas da Comissão Trilateral para Moscou que prenunciaram o início do “Novo Pensamento Político” e da Perestroika de Gorbachev, que levou à formulação de Dugin da autoliquidação geopolítica do *heartland*”. O que é necessário é um “trilateral eurasiático”. Isso deve ser construído com a indução de um guarda-chuva estratégico nuclear russo, a promessa de matérias-primas e a independência do atlantismo, e portanto, uma verdadeira soberania.³⁴⁸

Dmitry Shlapentokh, autor que também escreve sobre as visões de Dugin e outros eurasianistas, concentra-se, por outro lado, em enfatizar algumas das semelhanças teóricas entre Dugin e Brzezinski, embora se encontrem em partes opostas de mesmo espectro geopolítico. Ele inicia mostrando como Dugin faz uso de autores ocidentais para corroborar suas teorias geopolíticas:

Elaborando sobre suas visões dos EUA, Dugin e outros eurasianistas muitas vezes recorrem à autoridade de escritores ocidentais. A razão é clara: demonstra que Dugin e seus seguidores não estão isolados em sua visão dos desenvolvimentos globais. Esses observadores estrangeiros confirmam o principal argumento de Dugin, de que os EUA estão de fato ambicionando o domínio global. Os especialistas estrangeiros são geralmente divididos em dois tipos. O primeiro pode ser denominado de “inimigos-amigos”. São inimigos porque justificam o engrandecimento imperial dos EUA. Mas pela própria natureza de sua hostilidade, eles fornecem a Dugin e outros eurasianistas razão para declarar os EUA como inimigos mortais da Rússia/Eurásia. E como as ideias desses escritores ocidentais fornecem a justificativa para a abordagem de Dugin com os EUA, ele tende a transformá-los na verdadeira força por trás da política externa norte-americana. O segundo grupo é composto pelos reais amigos do movimento. Não apenas compartilham com Dugin do pressuposto de que os EUA são o inimigo mortal da Eurásia, mas também acreditam que os EUA, apesar de sua posição formidável, podem ser derrotados. Ao colocar artigos de especialistas estrangeiros em sua página de internet, Dugin transformou-os de certa forma em seus porta-vozes.³⁴⁹

³⁴⁸ INGRAM, 2001, p. 1041.

³⁴⁹ SHLAPENTOKH, 2007b, p. 225-226.

No primeiro grupo, Shlapentokh destaca Brzezinski, apontando tanto seu antagonismo em relação à Rússia quanto as semelhanças geopolíticas com Dugin, o qual o considera tanto seu opositor quanto seu semelhante:

Os “inimigos-amigos” são geralmente pessoas que acreditam que os EUA irão conservar o predomínio global e ao mesmo tempo enxergam a Rússia como o grande obstáculo para atingir esse objetivo. Esse é, por exemplo, o caso de Zbigniew Brzezinski, cujas políticas claramente antirrussas e suposição de que os EUA devem manter uma forte presença na Eurásia, sempre atraiu a atenção de Dugin. Brzezinski proclamou abertamente que os EUA conservarão o predomínio global e isso agradou a Dugin de uma maneira um tanto distorcida. A visão de Brzezinski justifica a importante ideia que aparece nos escritos de Dugin, apesar de alguns desvios ocasionais – o conflito inconciliável entre os EUA, da assim chamada civilização do mar, e a Rússia, uma civilização eurásiana por sua própria natureza.

Brzezinski também atraiu a atenção de Dugin por causa de sua forte atitude antirrussa. Ele definitivamente não enxerga a Rússia atual como uma grande potência. Ainda assim, ele ao menos considerava o território da antiga URSS, com a Rússia em seu centro, como importante para a política global. Nesse aspecto, Brzezinski claramente difere dos neoconservadores que, embora partilhem da ideia da preponderância global dos EUA, não o fazem em relação a sua apreensão de antagonizar os aliados europeus. E – especialmente importante, ao menos da perspectiva de Dugin – eles não prestam muita atenção à Rússia ou à antiga URSS em geral. Assim, eles foram marginalizados pela narrativa de Dugin ao ignorar implicitamente a Rússia e enxergá-la como uma força apagada. A visão de Brzezinski é diferente e isso o torna especialmente atraente para Dugin e dezenas de outros. Brzezinski claramente justifica a percepção geopolítica deles.

Por essa razão, a abordagem de Dugin e outros em relação a Brzezinski tornou-se não tanto de amor/ódio, e sim de um amor distorcido. Dugin proclama que Brzezinski é o homem de maior influência em Washington ou o homem que mais que qualquer outro, apresentou o impulso autêntico para a postura externa norte-americana. A informação que indica que Brzezinski dificilmente é a pessoa mais influente no governo Bush e na verdade, está em desacordo com o presidente por causa de sua política externa é convenientemente ignorada. Dugin não tem dúvidas de que ninguém mais que Brzezinski representa o real fundamento da política externa norte-americana.

Em uma conversa com o autor desse artigo, Dugin especificamente elogiou Brzezinski por ser franco sobre a verdadeira motivação da política externa dos EUA. E, nesse aspecto, Dugin declarou que Brzezinski e ele são muito

semelhantes. Ambos, Dugin disse, escreveram “pornografia política”. O objetivo da pornografia não é tanto explicitar os desejos dos homens e sim enviar uma mensagem às mulheres: qualquer que seja a razão alegada para um homem se aproximar de uma mulher, ela não deveria considerá-la por seu valor nominal. Um homem possui apenas uma razão para se aproximar de uma mulher atraente – sexo – e a pornografia revela isso. Brzezinski e Dugin ambos desnudam a política, despindo-a de sutilezas diplomáticas e revelando a verdade nua: o desejo bruto por domínio e o conflito irreconciliável entre a Eurásia/Rússia e a civilização atlântica representada pelos EUA.

Contudo, por mais que Brzezinski e outros políticos possam receber elogios distorcidos por apresentar abertamente as intenções dos EUA, eles não são aqueles que Dugin e outros nacionalistas russos gostam de citar. Na maioria das vezes são intelectuais europeus simpáticos às ideias de que os EUA são uma potência imperial que utilizou a desculpa de uma campanha antiterrorista para se empenhar na construção de um império mundial. Os especialistas estrangeiros no segundo grupo não são “amigos-inimigos”, mas amigos verdadeiros. Não apenas revelam os verdadeiros objetivos na política externa norte-americana, mas a condenam abertamente e afirmam que os EUA definitivamente fracassarão em sua arrogância imperial.³⁵⁰

Por fim, em relação às revoluções democráticas nos antigos países soviéticos, como a Revolução Laranja na Ucrânia, Shlapentokh ainda mostra como Dugin as percebe como orquestradas pelo Ocidente para desestabilizar a Rússia e como isso já tinha sido apontado por Brzezinski em sua obra:

Dugin reduziu “as revoluções laranjas” na Ásia Central exclusivamente a uma conspiração dos EUA, não vendo razões objetivas para revoltas sociais. Em uma discussão pública após a revolução na Ucrânia, um certo Iakovenko apontou que seria simplista considerar a “Revolução Laranja” apenas como um produto de um Ocidente conivente. Dugin discordou, insinuando que somente alguém ingênuo não conseguiria enxergar a manipulação estrangeira direta, e que o objetivo dos EUA de separar a Ucrânia da Rússia é facilmente visto na obra de Zbigniew Brzezinski (1997).³⁵¹

³⁵⁰ SHLAPENTOKH, 2007b, p. 225-226.

³⁵¹ SHLAPENTOKH, 2007a, p. 146.

CONCLUSÃO

Para concluir este trabalho, pretende-se realizar uma análise crítica das principais ideias e posicionamentos de Brzezinski sobre a Rússia, com base em suas próprias obras e nas perspectivas da literatura especializada.

Primeiramente é necessário ressaltar que uma das questões norteadoras que essa conclusão visa a investigar concentra-se em torno da visão geral que Brzezinski possui sobre a Rússia como Estado e nação. Ou seja, se ele a consideraria primariamente com uma identidade europeia, eslava, asiática ou um amálgama de todas que tenham vindo a produzir um perfil eurasiático distinto e próprio. Outra indagação derivada seria se essa posição permaneceu a mesma ao longo de toda a sua carreira ou foi se modificando com as progressivas mudanças na conjuntura internacional. Por fim, como e em que medida seus posicionamentos sobre a identidade nacional russa podem ter influenciado em suas análises sobre as estratégias dos EUA em relação a esse país no cenário da Eurásia.

Para atingir o objetivo de buscar responder a essas questões, a análise crítica dos posicionamentos de Brzezinski será dividida em três fases distintas: a primeira durante o período da Guerra Fria, na qual o conflito entre as duas superpotências mundiais, EUA e URSS, era uma constante da conjuntura política internacional do período que ditava o pensamento e as ações de cada uma das partes envolvidas; a segunda, entre a dissolução da União Soviética e os atentados de 11 de setembro de 2001 aos Estados Unidos, que resultou no surgimento de uma Rússia enfraquecida e na peculiaridade dos EUA como a primeira superpotência de alcance verdadeiramente global dominante no sistema internacional vigente; e a terceira, entre os ataques aos EUA em 2001 e a atualidade, passando pela grave crise econômica iniciada em 2008, que resultou em um forte

enfraquecimento dos EUA e do Ocidente em geral em relação a outras potências, possibilitando uma atuação mais assertiva de outros países em ascensão no cenário internacional. Além de sua experiência e formação, esses três períodos influenciaram fortemente no desenvolvimento e adaptação do pensamento geopolítico de Brzezinski em relação à atuação do Ocidente, e particularmente dos EUA sobre o resto do mundo e especificamente sobre a Eurásia, considerada como o continente de suma importância pelo autor em suas obras.

A seguir será feita uma avaliação crítica da evolução do pensamento geopolítico teórico e estratégico de Brzezinski em cada uma das diferentes conjunturas políticas internacionais ocorridas em sua carreira, sobretudo em relação ao papel e conduta da Rússia no mundo em cada um desses períodos, sempre levando em consideração a questão principal levantada nesta conclusão, além de suas respectivas ramificações.

1. O período da Guerra Fria: o conflito mundial entre EUA e URSS (1945-1989)

Durante o período da Guerra Fria, é possível afirmar que as análises geopolíticas de Brzezinski baseavam-se em uma estrutura internacional relativamente estável e previsível, conforme outros autores realistas também haviam esquematizado. Estas explicações fortemente estruturais descreviam um sistema bipolar rígido, no qual as duas superpotências mundiais esforçavam-se em manter alianças, áreas de influência e domínio, baseado na ideia de um jogo de soma zero, no qual qualquer ganho por parte de um dos lados implicaria necessariamente em perdas por parte do outro. Nesse sentido, para Brzezinski, o grande campo de batalha, ou segundo ele, tabuleiro de xadrez dessa disputa, era a Eurásia.

Embora ele tenha constatado em algumas de suas obras e teses as contradições internas do sistema soviético e do totalitarismo e tenha reiterado em seu livro de 1989, *The Grand Failure*, o fim iminente do bloco soviético, essas suas observações não pareciam ser assim tão assertivas há apenas 3 anos antes, quando ele afirmou em *Game Plan*, de 1986: “Esse livro é baseado em uma proposição central: a disputa americano-soviética não é alguma aberração temporária, mas uma rivalidade histórica que persistirá por muito tempo”.³⁵² Isso evidencia uma nítida percepção sua de que o sistema soviético e o conflito prosseguiriam ainda por tempo indeterminado, mesmo que ele pudesse ocasionalmente conceber indícios de um eventual colapso. A aparente resiliência e tenacidade do sistema soviético deixava incerto o futuro do conflito, mesmo que se identificassem alguns sinais de exaustão e fragilidade interna do sistema.

Durante esse período, a URSS era claramente o principal adversário dos EUA, contrapondo-se diretamente aos interesses e valores norte-americanos. Deste modo, mostra-se bastante nítido que para Brzezinski durante a Guerra Fria, uma União Soviética e um bloco soviético dominado pelo Estado russo possuía uma identidade claramente antiocidental e, em decorrência disso, com claras aspirações eurásianas de expansão, domínio e influência sobre todo o continente, por meio da expulsão de qualquer participação e influência de potências externas, sobretudo os EUA. Dessa forma, o conjunto de análises estratégicas de Brzezinski se baseava nessa visão de mundo eurásiana do Estado soviético, buscando um expansionismo e imperialismo sobre o restante do continente que resultasse em uma supremacia mundial.

2. A Pax Americana e a hegemonia global dos EUA (1989-2001)

³⁵² BRZEZINSKI, 1986, p. xii.

Com o fim da Guerra Fria devido ao colapso da URSS, os EUA emergiram no novo cenário internacional como a única superpotência de alcance global. Brzezinski viu essa situação como uma oportunidade histórica ímpar na qual os EUA estariam em uma posição de moldar o sistema internacional segundo seus interesses e valores. De modo a garantir essa liberdade de ação e influência dos EUA no mundo, Brzezinski considerava vital aos EUA o papel de árbitro global e garantidor do equilíbrio de poder, sobretudo na Eurásia, pois somente uma união estratégica de potências nesse continente seria capaz de ameaçar a hegemonia norte-americana, o equilíbrio de poder na Eurásia e no mundo e podendo potencialmente alterar toda a ordem mundial estruturada de acordo com as aspirações dos EUA ao longo de meio século. Nesse período, Brzezinski alertou sobre possibilidade de a Rússia buscar alianças com uma China em ascensão, ou com outras potências médias do continente, ou ainda restaurar ambições imperiais eurásianas em relação a seu “exterior próximo”. Segundo suas análises, a única estratégia plausível para a Rússia seria a de seguir pelo caminho de um Estado democrático e sem aspirações de restauração imperial ou de alianças anti-hegemônicas, além de uma maior cooperação com os EUA.

Durante esse período, apesar do enfraquecimento do poder russo e de um momento relativamente aberto e democrático no país, Brzezinski seguiu com temores de que ocorressem retrocessos na elite russa devido a saudosismos imperiais e eurásianos do status da União Soviética, podendo levar a Rússia de volta às mesmas tendências expansionistas dos últimos séculos. Ao mesmo tempo, ele também receava a possibilidade da formação de uma aliança eurásiana contra os EUA, sobretudo entre Rússia e China, ou com a possível inclusão de outras potências do Oriente Médio. Devido à importância da Rússia no continente, Brzezinski percebeu que para manter o equilíbrio de poder na Eurásia, os EUA teriam que encontrar maneiras de afastar a

Rússia de possíveis anseios de restauração imperial e dominação eurásiana, assim como a formação de uma aliança que tivesse como objetivo a diminuição do poder e influência política, econômica e militar dos EUA no continente. Assim, sua proposta incluía por um lado a possibilidade de uma aproximação e cooperação dos EUA com a Rússia, ao mesmo tempo em que recomendava manobras que a desencorajassem de perseguir alternativas imperiais ou anti-hegemônicas na Eurásia.

Desse modo, embora ele sugerisse uma maior aproximação com a Rússia, também aconselhava que sanções fossem aplicadas por tentativas que pudessem pôr em cheque a hegemonia dos EUA na Eurásia. Nesse período, apesar dos apelos por mais cooperação e aproximação, é possível que Brzezinski ainda enxergasse a Rússia com aspirações imperiais e revanchistas que visassem a restaurar o *status quo ante* que desfrutava a URSS. Brzezinski também considerava possivelmente que com a queda da União soviética, a Rússia se encontrava em uma crise de identidade na qual as possibilidades estavam abertas entre um futuro mais democrático e europeu, uma restauração imperial eurásiana ou a busca de um caminho mais asiático que renegasse seus vínculos europeus e ocidentais.³⁵³ Com isso, Brzezinski não via a Rússia mais como um bastião de oposição aos valores e princípios ocidentais como a União Soviética, mas em um momento de encruzilhada no qual ela poderia seguir diferentes opções, das quais apenas uma seguia os interesses dos EUA e deveria ser encorajada.

3. O progressivo enfraquecimento da hegemonia dos EUA e do Ocidente e aumento da multipolaridade mundial (2001-atualidade)

Os atentados de 11 de setembro de 2001 nos EUA formam um importante ponto de inflexão por terem apresentado tanto a pujança de seu poderio quanto sua própria

³⁵³ Brzezinski, 2012, p. 329-367

fragilidade. As políticas que foram implementadas após esse momento levaram a uma grave crise que afetou fortemente o Ocidente e particularmente, os EUA. Deste modo, embora ainda seja a maior superpotência global, os EUA perderam muito de seu poder relativo e foram sofrendo durante a última década uma diminuição gradual de sua hegemonia global frente a outros atores importantes do cenário internacional. Brzezinski avaliou os erros estratégicos dos EUA e formulou algumas possíveis maneiras de manterem ainda alguma liderança e influência, embora não mais uma hegemonia como no início dos anos 1990. Para ele, isso seria possível por meio de uma eventual incorporação de outros atores à aliança ocidental, em particular a Rússia. Mais uma vez, ele insiste na tentativa de atrair a Rússia e integrá-la ao Ocidente, porém agora como forma de ajudar a restaurar e fortalecer a posição dos EUA na Eurásia e no mundo.³⁵⁴

Com isso, percebe-se que a visão de Brzezinski passou de um antagonismo insuperável com uma União Soviética autocrática e eurásiana durante a Guerra Fria, para uma desejável aliança com uma Rússia democrática e ocidentalizada como forma de recuperar uma hegemonia global norte-americana debilitada. Embora ele acredite que seja possível que a Rússia siga um caminho de ocidentalização que leve a uma maior integração com a Europa e os EUA, Brzezinski segue advertindo contra movimentos internos de elites políticas que possam levar a tentações autoritárias e imperiais, além do desejo de alianças anti-hegemônicas com outras potências eurásianas. Desta maneira, ele recomenda que os EUA adotem estratégias que levem a Rússia a “perceber” que a única alternativa viável e benéfica seria seguir o caminho de uma aliança com o Ocidente, por meio de modernização, democratização e ocidentalização. Isso ocorreria ao se evidenciar que uma aliança com a China levaria a

³⁵⁴ BRZEZINSKI, 2012, p. 329-367

uma subordinação a um aliado mais poderoso, enquanto as tentativas de seguir um caminho imperial e autocrático se mostraria retrógrado e pouco frutífero, pois poderia levar a um novo isolamento internacional custoso demais para se sustentar.

Desta maneira, com as mudanças de posicionamento de Brzezinski sobre a Rússia do período da Guerra Fria e o período recente, seria possível fazer alguns questionamentos importantes, como por exemplo:

1) Sobre se Brzezinski consideraria a Rússia como um país predominantemente europeu, eslavo ou mais asiático ou eurasiático. Se ele acredita que essa identidade poderia ser modificada ou remodelada.

2) Sobre se a real intenção da proposta de Brzezinski em aproximar a Rússia do Ocidente, além de fortalecer e reestabelecer o poder dos EUA na Eurásia, poderia ser também de prosseguir enfraquecendo a posição da Rússia como potência eurasiática, além de ser uma forma mais eficaz e direta de controlá-la e influenciá-la.

3) Sobre se mesmo com a aplicação de incentivos e punições à Rússia para buscar aproximá-la do Ocidente, Brzezinski realmente acreditaria que a Rússia enxergaria uma parceria com os EUA e a Europa como um cenário mais benéfico que outras alternativas, mesmo se isso também pudesse representar uma visível subordinação ao Ocidente.

4) Por fim, se ele realmente acreditaria que essas possíveis opções estratégicas da Rússia seriam mutuamente excludentes e não se poderia buscar uma combinação de estratégias, ou mesmo outras possibilidades.

Em relação à primeira questão, é possível notar que a obra de Brzezinski durante o período da Guerra Fria retrata a Rússia e a União Soviética como um Estado muito diferente do Ocidente e da Europa Ocidental, sobretudo em termos de conduta, valores e

ideologia. Contudo, após o término da Guerra Fria, sua posição passou a se colocar no sentido de ocidentalizar e europeizar a Rússia, de modo a convencê-la a abandonar antigas pretensões imperiais e eurásianas. A partir de então, apesar de prever inúmeras dificuldades e possíveis retrocessos, ele passou a defender que a Rússia se tornasse em um parceiro que cooperasse com a Europa e o Ocidente, por meio da ênfase e resgate de valores e condutas ocidentais comuns, em detrimento do passado imperial e eurásiano da Rússia. Em sua obra mais recente, ele destaca uma antítese e contraste entre uma sociedade civil e empresarial com desejos de ocidentalização e modernização e uma elite política retrógrada e saudosista que ansiaria por uma restauração imperial em moldes eurásianos.³⁵⁵ Assim, para ele, a Rússia sofreria um embate interno entre uma sociedade que deseja ser ocidental e uma elite política que desejaria o retorno de um império multinacional continental. Isso contrastaria com o período de Pedro, o Grande, em que a elite política desejava a europeização enquanto a sociedade russa estava alheia a esses costumes. Desse modo, a Rússia sofreria de uma contradição interna entre seu povo e as elites que estão no poder, só podendo haver mudanças mais significativas quando essas elites comessem a agir de acordo com os anseios populares pró-Ocidente e abandonassem os ideais de grandeza de restabelecer seu antigo império eurásiano e hegemonia global. Assim, Brzezinski ainda enxerga tendências não ocidentais na Rússia, além de um conflito interno entre uma sociedade e elite empresarial com anseios de se ocidentalizar, modernizar e democratizar, e elites políticas autoritárias com correntes imperialistas, nacionalistas e eurásianistas. Contudo, ele também considera a possibilidade de uma ocidentalização a partir do momento em que as elites políticas perceberem as vantagens e benesses de uma parceria mais

³⁵⁵ BRZEZINSKI, 2012, p. 336.

cooperativa e integradora com o Ocidente, sobretudo por meio da assimilação de seus valores e princípios.

O segundo ponto coloca em questão o aparente desacordo entre a própria teoria geopolítica defendida por Brzezinski com sua aparente intenção de incorporar a Rússia ao Ocidente. Embora a teoria defendida por Brzezinski estabeleça a necessidade de isolar e enfraquecer progressivamente a Rússia, ele aparentemente modificou sua posição ao considerar frutífera uma aliança de cooperação e até uma eventual incorporação da Rússia como membro integrante do Ocidente. Contudo, ele enxerga com pouca convicção essa alternativa, sempre lembrando a forte possibilidade de um retrocesso imperialista e nacionalista por parte das elites políticas russas, de modo que enquanto estas não modificarem suas visões políticas, haverá pouca chance de a Rússia se aproximar de maneira mais convicta em relação ao Ocidente. Segundo Brzezinski, a incorporação de uma Rússia democrática e europeizada fortaleceria a aliança ocidental e ampliaria um bloco de segurança global. Ele, no entanto, não define qual seria a amplitude da participação da Rússia nessa aliança, nem considera como poderiam ficar suas relações com os demais países da Eurásia com os quais a Rússia já possui alianças ou litígios, uma vez que a Rússia se decidisse por seguir com firmeza o caminho do Ocidente.

Essa aparente contradição entre a estratégia histórica de isolamento da Rússia e a defesa de uma aliança benéfica do Ocidente com a Rússia poderia ser explicada pelo fato de Brzezinski propor que essa via seja incentivada pelos EUA enquanto as demais, sobretudo a imperialista e eurásiana, deveriam ser desencorajadas, condenadas e punidas, coagindo a Rússia ou a se juntar ao Ocidente ou voltar a ser isolada pelos EUA e seus aliados. Assim, a incorporação de uma Rússia dócil e pró-Ocidente seria vital para os EUA, pois permitiria um controle e influência mais diretos e efetivos sobre o

Heartland e seus recursos, ajudando a garantir e ampliar a supremacia global dos EUA no longo prazo.

A terceira e a quarta questões levam em consideração as avaliações estratégicas da própria Rússia em relação ao caminho geopolítico mais favorável a ser tomado, ou seja, se é uma aproximação mais enfática com a Europa e o Ocidente, se seria uma aliança com um Oriente em ascensão ou se caberia à Rússia tornar-se ela própria um polo de poder regional ao liderar um bloco eurasiático que se colocasse como contrapeso às potências ocidentais e orientais. Nesse sentido, Brzezinski aponta como uma aliança com o Ocidente seria a única alternativa benéfica para a Rússia por ser capaz de propiciar-lhe maior progresso, desenvolvimento, democracia e segurança.

Para ele, ideias alternativas vigentes entre as elites políticas russas como imperialismo, pan-eslavismo e eurasiatismo seriam retrógradas por retornarem ao autoritarismo tradicional russo e soviético dos séculos anteriores, além da dominação forçada sobre outros povos, as quais se mostraram repetidamente equivocadas e ineficazes, possuindo como única serventia aos russos proporcionar um senso de orgulho nacional, hegemonia regional e internacional, além de uma suposta percepção de missão da Rússia no mundo como guia e redentora dos demais povos da Eurásia, sobretudo os demais povos eslavos. Mesmo uma União Eurasiática, sobretudo com outros países da antiga URSS, seria pouco eficaz pela assimetria de poder da Rússia com seus vizinhos, evidenciando um claro domínio e hegemonia russa que poderia levar a novos conflitos devido aos anseios de reafirmação de identidade nacional e independência política dos países da antiga URSS.³⁵⁶ Brzezinski também indica como uma possível aliança com China também se mostraria pouco proveitosa para a Rússia, devido ao poderio econômico, militar e populacional chinês, que levariam a uma

³⁵⁶ BRZEZINSKI, 2012, p. 337-338.

condição subordinada da Rússia nessa parceria, além de ameaçar as imensas áreas escassamente povoadas da Sibéria, que segundo ele, poderiam acabar sendo colonizadas e exploradas por empresas chinesas, e eventualmente até mesmo reivindicadas ou anexadas pela China.³⁵⁷ Nesse mesmo sentido, apesar da aparente cooperação entre Rússia e China, ele cita um exercício militar em 2010 que simulou um possível ataque de uma potência oriental não identificada que punha em risco a integridade territorial russa na Sibéria.³⁵⁸

Deste modo, Brzezinski enxerga a ocidentalização e europeização russa como a única estratégia política aceitável para trazê-la a um caminho de modernização e democratização, além de uma parceria em um espaço comum de segurança transeurasiático com o Ocidente que possa ajudá-la a assegurar sua soberania sobre os recursos de suas imensas regiões orientais pouco povoadas. Pensando criticamente, contudo, notamos que ele não considera que essa própria parceria e aproximação com o Ocidente também poderia levar a uma condição de subordinação política, econômica e cultural, sobretudo em relação aos EUA, podendo acabar se tornando tão ou mais prejudicial que uma possível parceria subordinada à China. Ele desconsidera que uma sujeição da Rússia por um governo completamente pró-ocidental e uma plena abertura econômica com o Ocidente também poderia levar à exploração e competição dos recursos naturais siberianos por empresas norte-americanas e europeias, transformando a Rússia em mais uma área de domínio e exploração do Ocidente, além de totalmente cercada e controlada por forças militares ocidentais em suas adjacências.

Portanto, Brzezinski ignora as possíveis desvantagens de uma ocidentalização plena da Rússia e de um alinhamento com a Europa e os EUA, apontando somente seus possíveis benefícios e comparando apenas com os possíveis malefícios das demais

³⁵⁷ BRZEZINSKI, 2012, p. 337.

³⁵⁸ Ibid., p. 525.

alternativas. Além disso, ele trata as alternativas estratégicas russas como mutuamente excludentes, como se a Rússia tivesse que se decidir por um desses caminhos e segui-lo até suas últimas consequências, desconsiderando a possibilidade de a Rússia adotar uma estratégia mista, ao mesclar todas as abordagens em diferentes níveis de acordo com seus interesses com cada região, de modo a evitar uma subordinação russa por outras potências, além de assegurar seus interesses com países vizinhos.

4. Considerações finais

Após ter realizado esses questionamentos sobre as posições de Brzezinski e seu pensamento estratégico em relação à Rússia, pretende-se concluir este estudo tecendo-se algumas considerações finais e conclusões sobre Brzezinski de uma forma geral, além de seu foco particular na Rússia e na Eurásia.

Primeiramente, é possível afirmar que Brzezinski foi uma figura ambiciosa e controversa, sobretudo devido a seu posicionamento linha-dura em relação à União Soviética e seus jogos de poder durante sua passagem pelo governo de Jimmy Carter. De certa forma inspirado por suas origens polonesas, por seus antepassados terem sido parte de uma pequena nobreza e por seu pai ter sido diplomata, ele se interessou desde cedo a estudar e participar das análises de relações internacionais e política externa, e sua vinda aos EUA o ajudou a se aproximar do maior centro de poder mundial. Assim, ávido em influenciar a política externa da maior potência do planeta, buscou desde cedo mesclar-se em grupos de influência como forma de ascender politicamente e aproximar-se dos centros de poder, almejando tornar-se “conselheiro do príncipe”, segundo Mello o descreve em seu livro.³⁵⁹ Posteriormente, voltaria à posição de “observador

³⁵⁹ MELLO, 1999, p. 136.

engajado”,³⁶⁰ conforme uma definição e título de um dos livros de Raymond Aron, continuando a influenciar indiretamente de muitas formas a política externa norte-americana por meio de seus conhecimentos e prestígio acadêmico, mesmo que estivesse a partir de então mais afastado dos grandes centros de poder e de cargos de liderança.

Em relação a seu pensamento, embora tenha se amparado fortemente nas teorias geopolíticas, que previam um mundo largamente sujeito às constâncias geográficas de longo prazo e ao determinismo geográfico, e na teoria realista de relações internacionais, que enxerga um mundo baseado nas relações de poder entre potências, Brzezinski também levava em conta outros fatores em suas análises. Isso ocorreu com a evolução de seu pensamento durante e (especialmente) após o final da Guerra Fria, baseando-se também na *agency* de determinados atores políticos, na ideologia, na tecnologia e nas mudanças sociais. O fato de Brzezinski se amparar nas teorias geopolíticas clássicas também o diferencia de outros autores de relações internacionais, que muitas vezes negligenciam ou anulam totalmente o fator geográfico, que ainda possui um forte papel na definição de políticas e estratégias no sistema internacional.

Além disso, Brzezinski também é lembrado por alguns analistas por suas observações estratégicas precisas e aprofundadas e é elogiado sobretudo pelos atlantistas e ocidentalistas pela defesa da hegemonia e liderança norte-americana e do Ocidente como moderadores do equilíbrio de forças globais, sobretudo na Eurásia, cuja importância em conjunto supera a de outros continentes do mundo. Isso se deve ao fato dos defensores dessa posição considerarem que os EUA se colocam frente ao mundo com a missão de guardião e difusor dos valores democráticos, além de portadores de avanço econômico e tecnológico, sendo a única potência capaz de levar o mundo a uma ordem mundial de relativa estabilidade, segurança, liberdade, justiça e prosperidade.

³⁶⁰ ARON, 1982.

Justin Vaïsse, autor que escreveu uma biografia recente sobre Brzezinski intitulada *Brzezinski: Stratège de l'Empire*, citou em uma entrevista alguns aspectos importantes da vida e das posições de Brzezinski, além de comparações interessantes com Henry Kissinger, que por vezes são vistos tanto como antagônicos como semelhantes. Em um trecho da entrevista, ele mostra o foco de Brzezinski sempre no futuro, ao mesmo tempo em que considerava sempre o contexto e os diversos fatores em questão na realização de suas análises:

Em relações internacionais, Kissinger enxerga um embate de grandes potências segundo padrões imutáveis. Ele encontra modelos no passado e enfatiza o papel de grandes líderes como Stalin, Mao, ou ele mesmo. Brzezinski também prestava atenção à história, mas ele dava sempre mais foco a outros atores, à mudança social e forças profundas como tecnologia, ideologia ou opinião pública. Isso possibilitou uma visão mais texturizada e complexa da democracia e geopolítica, mais sintonizada com as transformações do sistema internacional desde a 2ª Guerra Mundial. Isso também explica porque ele se preocupava mais com o futuro do que com o passado.³⁶¹

Ele também cita as semelhanças entre Brzezinski e Kissinger, como duas figuras ambiciosas ávidas por influenciar a política externa e se sobrepor à atuação estabelecida dos políticos tradicionais:

Ambos desejavam uma posição proeminente através da conexão direta com o presidente, de modo a informá-lo com uma visão abrangente das questões mundiais, o que agradava a cada um dos presidentes, apesar das implicações negativas com seus secretários de Estado. Contudo, para além da ambição, também se tecia um embate de estilos e visões entre uma classe mais antiga e tradicional de estadistas do *establishment* – os advogados de Nova York William Rogers e Cyrus Vance – e uma classe mais jovem de profissionais de assuntos internacionais representados por Kissinger e Brzezinski, que gradualmente tomaram controle da política externa norte-americana.³⁶²

³⁶¹ BLOOMBERG, 2017.

³⁶² Ibid.

Ele também avalia a posição de Brzezinski em relação aos soviéticos, considerando certo exagero de sua parte, mas também uma compreensão de suas atitudes no período:

Em retrospecto, ele provavelmente estava sendo um pouco paranoico com as intenções soviéticas, seja na África Oriental ou no Afeganistão, em que arquivos revelaram que em grande parte um movimento defensivo feito para impedir que o país se perdesse para Moscou, em vez de o início de uma grande expansão em direção ao sul. Muitos observadores culpavam Brzezinski por criar uma profecia auto-realizadora: Como ele adotou uma linha dura em relação aos soviéticos, Moscou não teve outra escolha a não ser reciprocitar. Contudo, continua sendo verdade que a URSS se sentiu encorajada pelas dificuldades após o Vietnã e a adoção da *détente* no início dos anos 1970, e forçou sua vantagem geopolítica em diversos lugares, enquanto atingia uma paridade nuclear. Se Brzezinski não tivesse sido firme, falcões da esquerda e da direita – os neoconservadores e nacionalistas – teriam atacado muito mais o governo. A elaboração de políticas nos EUA em última instância refletiu tempos de oscilação geopolítica, com um Brzezinski mais linha-dura encantoando o mais pacato Vance.³⁶³

Por fim, ele tece comentários sobre o estilo de Brzezinski, além de seus últimos desalentos em relação ao governo atual pouco antes de sua morte:

Talvez a mensagem mais importante de Brzezinski não seja de substância, mas de método. Brzezinski adorava debater, porém ele não tolerava desconhecimento. Ele queria que seus interlocutores pensassem estrategicamente, fossem eles estudantes ou formuladores de política. Isso significava algumas coisas bastante simples, porém cruciais: saber do que se tratava (começando com história e geografia), considerar todos os aspectos de um problema e avaliar corretamente as relações de poder, ser rigoroso em seus argumentos, ser realista e coerente em suas recomendações e sempre colocá-las em um contexto mais amplo que incluísse previsões para o futuro. Porque como se pode formular políticas sem suposições explícitas sobre o contexto geral? Dadas essas lições, pode-se compreender facilmente porque ele estava consternado pelo desempenho da atual Casa Branca. Deixe-me apenas citar seu último *tweet*, enviado poucas semanas antes de ele falecer: “Uma liderança norte-americana sofisticada é o *sine qua*

³⁶³ BLOOMBERG, 2017.

non de uma ordem mundial estável. Contudo, nos falta a primeira enquanto a segunda está se deteriorando”.³⁶⁴

Contudo, por outro lado, também é possível tecer críticas a seu pensamento. Embora a Eurásia possua inegável importância na política mundial por suas dimensões e recursos, e os EUA sejam a maior superpotência marítima da atualidade, as análises de Brzezinski praticamente não abordam outras potências dos demais continentes, a não ser que sejam pontos de pressão e disputa entre as grandes potências eurásianas e os EUA. Assim, potências regionais como o Egito, África do Sul, Austrália e Brasil, além de outras potências menores sempre ficaram à margem de suas análises, muitas vezes como potências subordinadas ou alinhadas aos grandes focos do poder mundial.

Também conforme citado no capítulo anterior, russos eurasianistas e observadores e analistas anti-imperialistas criticam as análises de Brzezinski por sua defesa da supremacia norte-americana no mundo, que busca impor sua visão de mundo e modo de vida ao resto do planeta, além da defesa dos interesses dos EUA por meio de constante manipulação e interferência direta e indireta no equilíbrio de forças externas, sobretudo na Eurásia, como forma de garantir a manutenção e consolidação dessa hegemonia, mantendo a fragmentação de seus adversários e uma união e cooperação sadia com seus aliados, além de desestimular o surgimento de novos focos de poder alternativos capazes de ameaçar a liderança global dos EUA. Particularmente em relação à Rússia, há aqueles que alegam sua russofobia, que o faria defender constantemente um enfraquecimento e subordinação da Rússia. Isso se daria não apenas pelas possíveis ameaças do Heartland eurásiano, mas também devido à dominação soviética da Polônia e do Leste Europeu, pelo embate da Guerra Fria e pelo autoritarismo histórico e persistente na política russa. Nesse sentido, apesar da mudança

³⁶⁴ BLOOMBERG, 2017.

de posição de Brzezinski após o fim da Guerra Fria, quando passou a defender uma integração da Rússia ao Ocidente, desde que condicionada a uma mudança de comportamento desta, alguns analistas citados no capítulo anterior afirmam que Brzezinski enxerga o autoritarismo russo como imutável, sendo necessário em última instância controlá-la, enfraquecê-la, isolá-la e se necessário, fragmentá-la e subjugar-la, de modo a impedir que ela volte a se tornar uma potência imperial eurásiana capaz de ameaçar a hegemonia norte-americana. Autores eurásianistas, como Dugin, também enxergam em autores atlantistas como Brzezinski uma tentativa de sufocar a Rússia e impedir o surgimento de um caminho alternativo na Eurásia, com a Rússia liderando os povos eurásianos em direção a valores mais coletivistas, cooperativos e hierarquicamente bem definidos, além de expulsar as potências marítimas invasoras, como os EUA.

De qualquer maneira, é inegável a contribuição do pensamento de Brzezinski para a geopolítica e as relações internacionais, auxiliando a compreender melhor os motivos e possíveis consequências dos conflitos e disputas atuais, sobretudo na Eurásia, segundo o próprio Brzezinski, o grande tabuleiro de xadrez onde os grandes embates mundiais foram e continuam a ser travados. Suas visões sobre o papel, missão e estratégias tanto dos EUA quanto da União Soviética/Rússia pós-soviética podem ser questionadas e debatidas, porém suas teorias e análises possuem importância no debate teórico conceitual e estratégico dos grandes conflitos globais, ao mesmo tempo em que busca também apontar possíveis soluções, compromissos e acordos que levem a uma maior estabilidade e segurança global.

Para concluir o questionamento sobre as posições de Brzezinski sobre a Rússia, consideramos que seja possível afirmar que Brzezinski sempre possuiu uma relação de amor e ódio com a URSS/Rússia. Ele aceita e respeita sua grandeza e importância,

porém a enxerga como uma constante ameaça a ser contida, combatida, ou então incorporada e assimilada ao Ocidente, desde que em uma posição subordinada que seja útil aos interesses ocidentais e norte-americanos. Embora durante a Guerra Fria considerasse a URSS como uma superpotência cultural e ideologicamente incompatível com os valores ocidentais, após o seu colapso ele passou a defender uma estratégia de ocidentalização e europeização da Rússia, com respectivos isolamentos e punições em caso de reafirmações nacionalistas e revides imperialistas.

Por fim, julgamos possível concluir que Brzezinski, embora inicialmente considerasse a URSS culturalmente eurásiana, com poucos pontos de contato e praticamente inconciliável com o Ocidente, posteriormente passou a crer, mesmo que ainda com muita desconfiança e reservas, na possibilidade de ocidentalizar a Rússia, torná-la em um Estado nacional europeu pleno, com os mesmos valores e princípios democráticos e capitalistas do Ocidente, fazendo-a superar seu passado imperial eurásiano coletivista e hierarquizado. Essa estratégia visaria trazer mais robustez ao Ocidente e maior controle dos EUA sobre o equilíbrio de poder na Eurásia. Desta forma, ele concebe como incompatível que a Rússia possa ser uma mistura e ponte entre o Ocidente e o Oriente, uma mescla de elementos entre as duas culturas que produza uma síntese própria, se vendo obrigada, segundo ele, a fazer uma escolha de soma zero inevitável e irreconciliável entre uma ou outra, sendo impossível acomodar um meio termo. Esse pensamento também leva à conclusão que a Rússia só teria a escolha entre se tornar um Estado europeu padrão subordinado ao Ocidente ou um parceiro subordinado à China, com o alinhamento a um dos dois e sem protagonismo próprio. Nesse sentido, a intenção de Brzezinski ao desejar uma Rússia incorporada ao Ocidente é a de anulá-la política e culturalmente, levando-a a abandonar sua identidade própria e distinta, formada por uma síntese híbrida e heterogênea entre o Ocidente e o Oriente.

FONTES E BIBLIOGRAFIA

ALLISON, Roy. Russian ‘deniable’ intervention in Ukraine: how and why Russia broke the rules. In: *International Affairs*, Vol. 90, No. 6, p. 1255-1297, November 2014.

AL JAZEERA ENGLISH. One on One - Zbigniew Brzezinski. Publicado em 11/12/2010. Disponível em : <<https://www.youtube.com/watch?v=03ApSE6mgHE>>. Acesso em: 03/10/2015.

ANCEL, Jacques. Géopolitique. Paris : Delagrave, 1936.

ASSOCIATED PRESS NEWS ARCHIVE. Tadeusz Brzezinski, former Polish Consul-General, dies. 09/01/1990. Disponível em : <<http://www.apnewsarchive.com/1990/Tadeusz-Brzezinski-Former-Polish-Consul-General-Dies/id-84b996f2e4a3f5e8ad52fffd5e8591b3>>. Acesso em: 03/10/2015.

ARON, Leon. A Different Dance – from Tango to Minuet. In: *The National Interest*, No. 39 (Spring 1995), pp. 27-37.

ARON, Raymond. O Espectador Engajado. Rio de Janeiro : Ed. Nova Fronteira, 1982.

ARON, Raymond. Paz e Guerra entre as Nações. Brasília : Editora UNB, 1986.

ARON, Raymond. Os Últimos Anos do Século. Rio de Janeiro : Guanabara, 1987.

ATENCIO, Jorge E. ¿Qué es la Geopolítica?. Buenos Aires : Pleamar, 1965.

AYSHA, Emad El-Din. The changing place of globalism in the American post-Cold War foreign policy debate : a perspective in the neo-Gramscian approach. PhD thesis, University of Sheffield, 2001.

BLOOMBERG. The U.S. Could Use a Few More Brzezinskis. Entrevista de James Gibney com Justin Vaïsse. Publicado em 02/06/2017. Disponível em : < <https://www.bloomberg.com/view/articles/2017-06-02/the-u-s-could-use-a-few-more-brzezinskis>>. Acesso em: 26/06/2017.

BRAUDEL, Fernand. La Méditerranée et le Monde Méditerranéen a l'Époque de Philippe II. Paris : A. Colin, 1949.

BRAUDEL, Fernand. La Méditerranée, l'Espace et l'Histoire. Tomo I. Paris : Arts et Métiers Graphiques, 1977.

BRAUDEL, Fernand, MATTHEWS, Sarah. On History. Chicago : The University of Chicago Press, 1982.

BRZEZINSKI, Zbigniew K., GRIFFITH, William. Peaceful Engagement in Eastern Europe. In: Foreign Affairs, July 1961.

BRZEZINSKI, Zbigniew K, FRIEDRICH, Carl J. Totalitarian Dictatorship and Autocracy. Cambridge, MA : Harvard University Press, 1965.

BRZEZINSKI, Zbigniew K., HUNTINGTON, Samuel P. Political Power: USA-URSS. New York : The Viking Press, 1965.

BRZEZINSKI, Zbigniew K., SULLIVAN, Paige. Russia and Commonwealth of Independent States. New York : M.E. Sharpe, 1997.

BRZEZINSKI, Zbigniew K., SCOWCROFT, Brent, IGNATIUS, David (org.). America and the World: Conversations on the Future of American Foreign Policy. New York : Basic Books, 2008.

BRZEZINSKI, Zbigniew K. The Permanent Purge: Politics in Soviet Totalitarianism. Cambridge : Harvard University Press, 1956.

BRZEZINSKI, Zbigniew K. Ideology and Power in Soviet Politics. New York : Frederick A. Praeger, 1962.

BRZEZINSKI, Zbigniew K. Alternative to Partition: For a Broader Conception of America's Role in Europe. New York : McGraw-Hill, 1965.

BRZEZINSKI, Zbigniew K. The Soviet Bloc: Unity and Conflict. Cambridge, MA : Harvard University Press, 1967.

BRZEZINSKI, Zbigniew K. Between Two Ages: America's Role in the Technetronic Era. New York : Viking Press, 1970.

BRZEZINSKI, Zbigniew K. Power and Principle: Memoirs of the National Security Adviser, 1977–1981. London : Weidenfeld and Nicolson, 1983.

BRZEZINSKI, Zbigniew K. Game Plan: A Geostrategic Framework for the Conduct of the U.S.-Soviet Contest. New York : Atlantic Monthly Press, 1986.

BRZEZINSKI, Zbigniew K. From Eastern Europe Back to Central Europe. In: Centre for Policy Studies, A Year in the Life of Glasnost: The Hugh Seton-Watson Memorial Lecture and Other Essays, Policy Study No. 94. London : CPS, 1988.

BRZEZINSKI, Zbigniew K. The Grand Failure: The Birth and Death of Communism in the Twentieth Century. New York : Macmillan Publishing Company, 1989.

BRZEZINSKI, Zbigniew K. Out of Control: Global Turmoil on the Eve of the 21st Century. New York : Macmillan Publishing Company, 1993.

BRZEZINSKI, Zbigniew K. The Grand Chessboard: American Primacy and Its Geostrategic Imperatives. New York : Basic Books, 1997.

BRZEZINSKI, Zbigniew K. The Geostrategic Triad: Living with China, Europe and Russia. New York : Washington D.C. : Center for Strategic & International Studies, 2000.

BRZEZINSKI, Zbigniew K. The Choice: Global Domination or Global Leadership. New York : Basic Books, 2005.

BRZEZINSKI, Zbigniew K. Second Chance: Three Presidents and the Crisis of American Superpower. Basic Books. 2007.

BRZEZINSKI, Zbigniew K. Strategic Vision: America and the Crisis of Global Power. Basic Books. 2012.

BRZEZINSKI, Zbigniew K. Russia needs to be offered a “Finland option” for Ukraine. In: Financial Times, 22 February 2014.

CARTER, Jimmy. Keeping Faith: Memoirs of a President. Fayetteville : University of Arkansas Press, 1995.

CARTER, Jimmy. White House Diary. New York : Picador/Farrar, Straus and Giroux, 2010.

CARTER, Jimmy. Foreword. In: GATI, Charles (Ed.). Zbig: The Strategy and Statecraft of Zbigniew Brzezinski. Baltimore, MD : The John Hopkins University Press, 2013. Prólogo, p. 9-12.

CHAUPRADE, Aymeric. Géopolitique: Constantes et Changements dans l'Histoire. 2^a ed. Paris : Ellipses, 2007.

COSTA, Wanderley Messias da. Geografia Política e Geopolítica: Discursos sobre o Território e o Poder. 2^a ed. São Paulo : Editora da Universidade de São Paulo, 2013.

DONALDSON, Robert H., NOGEE, Joseph L., NADKARNI, Vidya. The Foreign Policy of Russia: Changing Systems, Enduring Interests. 4^a ed. New York : M.E. Sharpe, 2009.

DONALDSON, Robert H., NOGEE, Joseph L., NADKARNI, Vidya. The Foreign Policy of Russia: Changing Systems, Enduring Interests. 5a ed. New York : M.E. Sharpe, 2014.

DUGIN, Aleksandr. A Grande Guerra dos Continentes. Lisboa : Antagonista, 2011.

DUGIN, Aleksandr. Eurasianismo: Ensaios Seleccionados. João Pessoa : Sal da Terra, 2012a.

DUGIN, Aleksandr. Teoria do Mundo Multipolar. Lisboa : IAEG, 2012b.

DUGIN, Alexander. Eurasian Mission: An Introduction to Neo-Eurasianism. United Kingdom : Arktos, 2014a.

DUGIN, Alexander. Putin vs Putin: Vladimir Putin Viewed from the Right. United Kingdom : Arktos, 2014b.

DUGIN, Alexander. Last War of the World Island: The Geopolitics of Contemporary Russia. Reino Unido : Arktos, 2015.

ESTULIN, Daniel. Bilderberg 2007: Towards a One World Empire? In: Nexus Magazine, Vol. 14, N. 5, August-September 2007, p. 19-25.

GAMMONE, Mariateresa. Crime and Religious Concerns in Russia. In: Nauka I Društvo (Science and Society), Issue 2, 2015 (Winter), p. 149-169.

GATI, Charles (Ed.). Zbig: The Strategy and Statecraft of Zbigniew Brzezinski. Baltimore, MD : The John Hopkins University Press, 2013.

GLAD, Betty. An Outsider in the White House: Jimmy Carter, his Advisors, and the Making of American Foreign Policy. Ithaca, NY : Cornell University Press, 2009.

GRAVENOR, Kristian. Zbigniew Brzezinski's Montreal recollections. Coolopolis, February 13, 2007. Disponível em: <

<http://coolopolis.blogspot.com.br/2007/02/zbigniew-brzezinskis-montreal.html>>.

Acesso em 04/10/2015.

GOULD, Jack. TV: Preview of International Affairs. New York Times, March 26, 1962.

HAHN, Jeffrey W. Continuity and Change in Russian Political Culture. In: British Journal of Political Science, Vol. 21, No. 4 (Oct., 1991), pp. 393-421.

HARRIES Owen. The Dangers of Expansive Realism. In: The National Interest, No. 50 (Winter 1997/98), pp. 3-7.

HASSNER, Pierre. Russia's Transition to Autocracy. In: Journal of Democracy, Vol. 19, No 2, April 2008, p. 5-15.

HAUSHOFER, Karl. Weltpolitik von Heute. Berlin : Zeitgeschichte Verlag, 1934.

HUNTINGTON, Samuel P. Why International Primacy Matters. In International Security, Spring 1993, p. 68-83.

HUNTINGTON, Samuel P. The Clash of Civilizations. New York : Simon & Schuster, 1996.

INGRAM, Alan. Alexander Dugin: geopolitics and neo-fascism in post-Soviet Russia. In: Political Geography 20, 2001, p. 1029–1051

KENNAN, George F. The Sources of Soviet Conduct. In Foreign Affairs, July 1947.

KJELLÉN, Johan Rudolf. Der Staat als Lebensform. Leipzig, 1917.

KIPP, Jacob W. Presidential Elections and the Future of U.S.-Russian Relations: a Time for Reflection. In: BLANK, Stephen J., ed., Prospects for U.S.-Russian Security Cooperation. Strategic Studies Institute, U.S. Army War College, 2008, p. 45-95.

- KISSINGER, Henry. Diplomacy. New York : Simon & Schuster, 1994.
- KISSINGER, Henry. World Order: Reflections on the Character of Nations and the Course of History. New York : The Penguin Press, 2014.
- KISSINGER, Henry. How the Ukraine crisis ends. In: Washington Post, 5 March 2014.
- KUBICEK, Paul. Russian Foreign Policy and the West. In Political Science Quarterly, Vol. 114, No. 4, 1999-2000, pp. 547-568.
- LACOSTE, Yves. A Geografia - Isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra. 10^a ed. Campinas : Papirus, 1988.
- LOHAUSEN, Heinrich Jordis von. Les Empires et la Puissance: La Géopolitique Aujourd'hui. Paris : Le Labyrinthe, 1985.
- LOS ANGELES TIMES. Tadeusz Brzezinski; former Polish Consul General. 13/01/1990. Disponível em: <http://articles.latimes.com/1990-01-13/news/mn-145_1_consul-general>. Acesso em: 03/10/2015.
- LUKIN, Alexander. Russia to Reinforce the Asian Vector: Some Priorities of Russian Foreign Policy after the Crisis. In: Russia in Global Affairs Vol. 7, No. 2, April-June 2009 p. 85-99.
- MACKENZIE, David, CURRAN, Michael W. A History of Russia, the Soviet Union, and Beyond. 6^a ed. Belmont, CA : Wadsworth/Thompson Learning, 2002.
- MACKINDER, Halford J. The Geographical Pivot of History. Geographical Journal, n° 23, 1904.
- MACKINDER, Halford J. Democratic Ideals and Reality: A Study in the Politics of Reconstruction. Washington, DC : National Defense University Press, 1996. [Original de London : Constable Publishers, 1942].

MACKINDER, Halford J. The Round World and The Winning of the Peace. Washington, DC : National Defense University Press, 1996. [Original de Foreign Affairs, 21, July 1943].

MAHAN, Alfred T. The Influence of Sea Power upon History, 1660-1783. Boston : Little, Brown and Company, 1890.

MAHAN, Alfred T. The Influence of Sea Power upon the French Revolution and Empire, 1793-1812. London : Sampson Low, Marston & Company, 1892.

MANKOFF, Jeffrey. Russian Foreign Policy: The Return of Great Power Politics. 2ª ed. Lanham, MD : Rowman & Littlefield Publishers, 2011.

MARKOV, Sergey. In Defense of Moscow's Anti-Western Tilt. In: Perspective, Vol. VI, No. 2, November-December 1995, p. 1-7.

MARX, Karl. Der achtzehnte Brumaire des Louis Bonaparte. Hamburg : Otto Meißner, 1869.

MELLO, Leonel Itaussu Almeida. Quem tem Medo da Geopolítica?. São Paulo : Hucitec/Edusp, 1999.

MELLO, Leonel Itaussu Almeida. Quem tem Medo da Geopolítica?. São Paulo : Hucitec/Edusp, 1999.

MORNING EDITON. Zbigniew Brzezinski on Trump's Foreign Policy. Entrevista com Rachel Maring. Publicado em 17/03/2017. Disponível em : < <http://www.npr.org/2017/03/17/520498618/zbigniew-brzezinski-on-trumps-foreign-policy>>. Acesso em: 26/06/2017.

NATION, R. Craig. U.S. and Russian Perspectives. In: NATION, R. Craig, TRENIN, Dmitri. Russian Security Strategy Under Putin. Carlisle PA : Strategic Studies Institute, 2007. 1º artigo, p. 1-34.

ODOM, William E. NATO's Expansion: Why the Critics Are Wrong. In: The National Interest, No. 39 (Spring 1995), pp. 38-49.

OSBORN, Andrew. As if Things Weren't Bad Enough, Russian Professor Predicts End of U.S.: In Moscow, Igor Panarin's Forecasts Are All the Rage; America 'Disintegrates' in 2010. In: Wall Street Journal, 29 December 2008.

PAPAVA, Vladimer. The Eurasianism of Russian Anti-Westernism and the Concept of "Central Caucaso-Asia". In: Russian Politics and Law, vol. 51, No. 6, November-December 2013, p. 45-86.

PLOKHY, Serhii. The Last Empire: The Final Days of the Soviet Union. New York : Basic Books, 2014.

RATZEL, Friedrich. La Géographie Politique. Paris : Fayard, 1987.

RECLUS, Élisée. Nouvelle Géographie Universelle: La Terre et les Hommes. Paris : Librairie Hachette et Cie, 1885.

RECLUS, Élisée. L'Homme et la Terre. Paris : Librairie Universelle, 1905.

RIVERA, David W. Engagement, Containment, and the International Politics of Eurasia. In: Political Science Quarterly, Vol. 118, No 1, 2003, p. 81-106.

ROTHKOPF, David J. Running the World: The Inside Story of the National Security Council and the Architects of American Power. New York : PublicAffairs, 2009.

ROGOV, Sergey. Russia as the Eurasian Bridge: Challenges of Russia's Integration into the World Community. Alexandria, Virginia : Center for Naval Analyses, November 1998.

SAXON, Wolfgang. Tadeusz Brzezinski, ex-Polish diplomat dies at 93 in Canada. In: The New York Times, 09/01/1990. Disponível em:

<<http://www.nytimes.com/1990/01/09/obituaries/tadeusz-brzezinski-ex-polish-diplomat-dies-at-93-in-canada.html?pagewanted=1>>. Acesso em: 03/10/2015.

SCHWARZ, Benjamin. An Oxymoronic Strategy. In: Political Booknotes, Review of The Grand Chessboard, by Zbigniew Brzezinski, Washington Monthly, Vol. 30, No. 1-2, January-February 1998, p. 55-56.

SEMPA, Francis P. The Grand Chessboard: American Primacy and its Geostrategic Imperatives. In Strategic Review, Vol. XXVI, No. 2, 1998, p. 71-74.

SEMPA, Francis P. Geopolitics: From the Cold War to the 21st Century. New Brunswick : Transaction Publishers, 2002.

SESTANOVICH, Stephen. Where does Russia Belong?. In: The National Interest, No 62 (Winter 2000-2001), p. 5-16.

SHLAPENTOKH, Dmitry. Dugin, Eurasianism and Central Asia. In: Communist and Post-Communist Studies 40, May 2007a, p. 143-156.

SHLAPENTOKH, Dmitry. Dugin Eurasianism: a window on the minds of the Russian elite or an intellectual ploy? In: Studies in East European Thought Vol. 59, No. 3, Sep. 2007b, p. 215-236.

SLUSSER, Robert M. Review of The Permanent Purge, by Zbigniew Brzezinski. In: American Slavic and East European Review 15, no. 4, dezembro de 1956.

SPYKMAN, Nicholas J. Estados Unidos Frente al Mundo. México : Fondo de Cultura Económica, 1944a.

SPYKMAN, Nicholas J. The Geography of the Peace. Nova York : Harcourt, Brace and Company, 1944b.

SPYKMAN, Nicholas J. America's Strategy in World Politics: The United States and the Balance of Power. New Brunswick : Transaction Publishers, 2008.

SZABO, Stephen F. The Professor. In: GATI, Charles (Ed.). Zbig: The Strategy and Statecraft of Zbigniew Brzezinski. Baltimore, MD : The John Hopkins University Press, 2013. Cap. 15, p. 316-326.

TRENIN, Dmitri V. The End of Eurasia: Russia on the Border between Geopolitics and Globalization. Washington D.C. : Carnegie Endowment for International Peace, 2001.

TRENIN, Dmitri. GOODBY, James E, BUWALDA, Petrus. A Strategy for a Stable Peace: Toward a Euroatlantic Security Community. Washington D.C. : United States Institute of Peace Press, 2002.

TRENIN, Dmitri. Russia's Threat Perception and Strategic Posture. In: NATION, R. Craig, TRENIN, Dmitri. Russian Security Strategy Under Putin. Carlisle PA : Strategic Studies Institute, 2007. 2º artigo, p. 35-47.

TRENIN, Dmitri. Post-Imperium: A Eurasian Story. Washington D.C. : Carnegie Endowment for International Peace, 2011.

TSYGANKOV, A. P. Mastering space in Eurasia: Russia's geopolitical thinking after the Soviet break-up. In Communist and Post-Communist Studies 36, 2003, p. 101-127.

TSYGANKOV, A. P. The Heartland no more: Russia's weakness and Eurasia's meltdown. In Journal of Eurasian Studies, Vol. 3, January 2012, p. 1-9.

TSYGANKOV, A. P. The Russia-NATO mistrust: Ethnophobia and the double expansion to contain "the Russian Bear". In Communist and Post-Communist Studies 46, 2013, p. 179-188.

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE. Pró-Reitoria de Assuntos Acadêmicos. Apresentação de Trabalhos Monográficos de Conclusão de Curso. Niterói : Pró-reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação, 1992.

VANCE, Cyrus R. Hard Choices: Critical Years in America's Foreign Policy. New York : Simon & Schuster, 1983.

VAUGHAN, Patrick. Brzezinski, the Pope, and the "Plot" to Free Poland. In: GATI, Charles (Ed.). Zbig: The Strategy and Statecraft of Zbigniew Brzezinski. Baltimore, MD : The John Hopkins University Press, 2013. Cap. 10, p. 204-228.

YONG, Tang. Agenda for constructive American-Chinese dialogue huge: Brzezinski. People's Daily, March 20, 2006. Disponível em: <http://en.people.cn/200603/20/eng20060320_251953.html>. Acesso em 04/10/2015.

ZANOTELLI, Cláudio Luiz. Transcrição de ZANOTELLI, Florence Baltz. Yves Lacoste: Entrevistas. São Paulo : Annablume, 2005.

ZIOLKOWSKA-BOEHM, Aleksandra. The Roots are Polish. Toronto : Canadian-Polish Institute, 2004. Disponível em: <<http://freepages.genealogy.rootsweb.ancestry.com/~atpc/heritage/articles/aleksandra/roots-brzezinski.html>>. Acesso em: 03/10/2015.